

Ana Beatriz Gonçalves de Assis

*Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do
Inglês por falantes de Português Brasileiro*

Araraquara
2007

Ana Beatriz Gonçalves de Assis

*Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do
Inglês por falantes de Português Brasileiro*

Orientadora: Profa. Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Araraquara
2007

Assis, Ana Beatriz Gonçalves de

Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de português brasileiro / Ana Beatriz Gonçalves de Assis – 2007
266 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Lingüística. 2. Língua Portuguesa -- Fonética.
3. Língua Portuguesa -- Estrangeirismos.
4. Língua Portuguesa – Pronúncia estrangeira. I. Título.

Ao meu amor, Everton

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

À dedicação, paciência e compreensão de minha orientadora, Prof^a Dra. Gladis Massini-Cagliari, que me guiou como um verdadeiro anjo ao longo desses dois anos de estudos, e que me apoiou e me iluminou nos momentos difíceis por que passei durante nossa convivência;

Ao meu marido, Everton, pelo amor incondicional, que soube tudo entender e tudo perdoar;

Aos meus pais, Antonio Carlos e Ana Maria, por todos os sacrifícios feitos para que eu e meus irmãos pudéssemos completar nossos estudos, sempre nos apoiando e nos incentivando;

Aos meus irmãos, Antonio e Paulinho, pelo companheirismo;

Aos demais familiares pelo apoio;

Às verdadeiras amigas, muitas vezes sacrificadas diante das obrigações cotidianas, em especial Taísa, Fernanda, Tatiana e Daniel, companheiros que sempre me “socorreram” e muito me ajudaram durante o curso de mestrado, e Mariana e Fernando, por sempre tornarem a vida mais leve;

À Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Arararaquara, pelo incentivo dado à pesquisa;

Ao CNPq, que financiou parte deste projeto;

Aos professores da Faculdade de Ciências e Letras dos quais fui aluna e que deram grandes contribuições para o desenvolvimento deste trabalho, em especial o Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari;

Aos funcionários do Departamento de Linguística e da Seção de Pós-Graduação, que sempre foram tão prestativos ao atenderem minhas solicitações;

Às risadas, que fortaleceram os ânimos e trouxeram leveza ao dia-a-dia, tornando as tarefas menos árduas. Obrigada a todos que me fizeram rir;

Às dificuldades, que não foram poucas, pois elas me fizeram ter determinação;

Às mudanças, ainda não sei bem o porquê.

Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, venha provar!

Eu tenho *savoir-faire* meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*, toda hora rola um *insight*
Já fui fã do Jethro Tull, hoje me amarro no Slash
Minha vida agora é *cool*, meu passado já foi *trash*

Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, *beautiful*!

Fica ligado no *link* que eu vou confessar *my love*
Depois do décimo *drink*, só um bom e velho engov
Eu tirei meu *green card* e fui para Miami Beach
Posso não ser *pop star*, mas já sou um *nouveau riche*

Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, venha provar!

Eu tenho *sex-appeal* saca só meu *background*
Veloz como Damon Hill, tenaz com Fittipaldi
Não dispenso um *happy end*, quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man* e de noite uma *drag queen*

(Zeca Balero, *Samba do approach*, *Perfil*, CD 3105-2, Som Livre, 2003)

Resumo

O objetivo principal desta Dissertação de Mestrado é analisar a pronúncia de anglicismos - palavras ou expressões inglesas usadas em outras línguas - por falantes de Português Brasileiro (doravante PB), com vistas à exploração da questão da adaptação destas palavras à língua de chegada, no nível fonológico, para uma posterior discussão da naturalidade de tais palavras ou expressões quando pronunciadas no contexto de PB.

Como *cópus*, foram considerados anglicismos ainda não adaptados graficamente ao PB. A fonte é uma coletânea de textos extraídos de seções da popular revista *Veja*, do período de janeiro a junho de 2005. Nesse *cópus*, 290 diferentes termos foram encontrados, totalizando 1326 ocorrências.

Pediu-se a dois falantes de PB que lessem em voz alta 50 frases selecionadas dentre os artigos considerados. Cada frase selecionada contém um dos 50 anglicismos mais recorrentes no *cópus*, retiradas dos artigos da revista em questão. A leitura foi gravada, e a partir das gravações foram feitas as transcrições fonética e fonológica da realização dos sujeitos para os anglicismos selecionados. A partir das transcrições realizadas, foi possível fazer análises fonológicas dos padrões fonéticos produzidos em uma perspectiva não-linear, comparando a pronúncia padrão das palavras em Inglês Americano (IA) com as pronúncias produzidas pelos dois sujeitos em PB.

Após essa análise comparativa, foi feito um levantamento dos processos fonológicos utilizados pelos falantes de PB ao pronunciar tais palavras e adaptá-las ao seu sistema fonológico: inserção de vogal epentética /e/ (realizada como [i]) para desfazer *onsets* complexos e codas simples ou complexas não licenciadas em PB e conseqüente mudança da estrutura silábica da palavra; alteração do posicionamento do acento; vocalização de /l/ em posição de coda; nasalização de vogais seguidas de consoantes nasais; apagamento de consoantes oclusivas em posição de coda no final de palavras; ressilabação de consoantes oclusivas em coda seguidas de sílabas com *onset* vazio; substituição de segmentos específicos por segmentos do PB de configuração de traços próxima ao segmento na língua de origem.

Conclui-se que os sujeitos utilizam a estrutura fonológica do PB para pronunciar os anglicismos em questão, confirmando o que já foi apresentado em trabalhos anteriores (Freitas, 1992; Freitas; Neiva, 2006). Isso é um indício seguro de que o primeiro nível de adaptação dos estrangeirismos é o fonológico. Posteriores adaptações gráficas vêm comprovar que a adaptação no nível fonológico já está consolidada.

Essa constatação traz conseqüências para questões de política lingüística, pois as palavras de origem inglesa, ainda que com sua grafia estrangeira, já estão adaptadas à estrutura fonológica do PB. Este sendo o caso, o argumento encontrado em iniciativas governamentais de regular o uso de palavras de origem estrangeira no PB de que as palavras com grafias estrangeiras, no caso inglesas, devem necessariamente ser consideradas estranhas ao sistema do PB é inválido. Na verdade, por causa de sua adaptação fonológica, elas já estão genuinamente integradas ao PB.

Palavras-chave: Adaptações fonético-fonológicas, estrangeirismos, empréstimos, sílaba, processos fonológicos, Português Brasileiro.

Abstract

The aim of this dissertation is to analyze Brazilian Portuguese (hereafter BP) speakers' pronunciation of Anglicisms, i.e. English words or expressions used in other languages, in order to study how these words are adapted to the target language at a phonological level. Such analysis will serve to discuss the nature of these words or phrases when they are pronounced in the BP context.

The corpus comprises Anglicisms which have not yet been graphically adapted to BP. The source is a collection of text extracts from the popular magazine, '*Veja*', covering the period January to June, 2005. Within this corpus, 290 terms were identified, accounting for a total of 1,326 occurrences.

Two speakers of BP were requested to read aloud some 50 sentences, each of which was selected from the sample magazine texts. The samples were selected on the basis that they contained 50 of the most frequently occurring Anglicisms. The reading was recorded so that the subjects' pronunciation might be transcribed, both phonetically and phonologically. Based on these same transcriptions, it was possible to analyze phonologically the phonetic patterns in a non-linear approach, comparing the standard American pronunciation of such words with the subjects' BP pronunciation.

Following this comparative analysis, it was possible to identify the phonological processes employed by the BP speakers when pronouncing the said words and adapting them to their phonological system. Notable elements included the following: the addition of an epenthetic vowel /e/, (pronounced [i]), in order to break down complex onsets or simple or complex codas which are non-licensed in BP and the consequent change in the syllabic structure of the word; change in the position of word stress; vocalization of /l/ in the coda of syllables; nasalization of vowels followed by nasal consonants; deletion of plosive consonants in the coda of the end of words; resyllabification of plosive consonants in the coda, followed by syllables with empty onset and substitution of specific segments by BP segments, with features similar to those in the source language.

The conclusion reached was that subjects used the BP phonological structure to pronounce the chosen Anglicisms. This confirms the results shown in previous papers (Freitas, 1992; Freitas; Neiva, 2006), i.e. that the first level of adaptation of foreign words into a source language is the phonological one. Subsequent graphic adaptations reveal that it is the phonological one which is embedded.

The outcome of this research demonstrates that foreign words, such as those of English origin, though they retain their original spelling, are intrinsically adapted to the phonological structure of BP. This being the case, the argument advanced by the government that foreign words imported into the BP system must necessarily be deemed alien, is invalid. Indeed, because of their phonological adaptation, they are genuinely integrated into the BP language.

Key words: Phonetic-phonological adaptations, foreign words, loan words, syllable, phonological processes, Brazilian Portuguese.

Lista de Gráficos

Gráfico 3.1.	Porcentagem de anglicismos dicionarizados.	117
Gráfico 3.2.	Porcentagem de itens lexicais de origem inglesa distribuídos pelas diferentes áreas de conhecimento. Total de itens lexicais: 290.	129
Gráfico 3.3.	Porcentagem de ocorrência dos itens lexicais de origem inglesa distribuídos pelas diferentes áreas de conhecimento em relação ao total de ocorrências (1326).	130
Gráfico 3.4.	Porcentagem de anglicismos dicionarizados no cópua considerado para gravação.	135

Lista de Quadros

Quadro 2.1.	Vogais do PB em posições tônicas.	71
Quadro 2.2.	Vogais do PB em posição pretônica.	71
Quadro 2.3.	Vogais do PB em posição postônica não-final.	72
Quadro 2.4.	Vogais do PB em posição postônica final.	72
Quadro 2.5.	Vogais do PB em posição tônica diante de nasal.	73
Quadro 2.6.	Exemplos de vogais do PB em posição tônica diante de nasal.	74
Quadro 2.7.	As vogais do inglês.	74
Quadro 2.8.	As consoantes do PB.	76
Quadro 2.9.	As consoantes do inglês.	77
Quadro 2.10.	Hierarquia de sonoridade.	87
Quadro 2.11.	Molde silábico do inglês.	88
Quadro 2.12.	Molde silábico do PB.	90
Quadro 2.13.	Os ditongos decrescentes do PB.	91
Quadro 2.14.	Os ditongos crescentes do PB.	92
Quadro 2.15.	Os ditongos nasalizados do PB.	93
Quadro 2.16.	Os ditongos do inglês.	93
Quadro 2.17.	Estrutura máxima do <i>onset</i> em início de palavra em inglês.	95
Quadro 2.18.	Combinações de três consoantes em <i>onset</i> no IA.	95
Quadro 2.19.	Combinações de duas consoantes em <i>onset</i> no IA.	96
Quadro 2.20.	<i>Onsets</i> simples do PB.	97
Quadro 2.21.	<i>Onsets</i> complexos do PB.	98
Quadro 2.22.	Consoantes possíveis em posição de coda no PB.	99
Quadro 2.23.	Pés métricos limitados.	105
Quadro 3.1.	Anglicismos do cópuz que já possuem grafia adaptada ao português.	132
Quadro 3.2.	Transcrições fonética, fonológica e padrões silábicos dos anglicismos do cópuz.	139
Quadro 3.3.	Transcrições fonéticas, fonológicas e padrões silábicos dos anglicismos de acordo com a realização dos sujeitos nas gravações.	142

Quadro 4.1.	Comparação entre as transcrições fonológicas e padrões silábicos dos anglicismos conforme a pronúncia na língua de origem e de acordo com a realização dos sujeitos nas gravações.	146
Quadro 5.1.	Resumo dos processos fonológicos desencadeados pelos sujeitos ao pronunciarem os anglicismos.	201

Lista de Tabelas

Tabela 3.1.	Estrangeirismos encontrados no cópuz e número de ocorrências.	120
Tabela 3.2.	Anglicismos mais recorrentes no cópuz (I).	133
Tabela 3.3.	Anglicismos mais recorrentes no cópuz (II).	135

Lista de abreviaturas

Aurélio	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa
C	Consoante
CEP	<i>Cambridge English Pronouncing Dictionary</i> (versão em CD-ROM)
CIDE	<i>Cambridge International Dictionary of English</i>
Co	Coda
DUNESP	Dicionário UNESP do Português Contemporâneo
Houaiss	Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (versão em CD-ROM)
IA	Inglês Americano
IB	Inglês Britânico
Michaelis	Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa (versão online)
Macmillan	<i>Macmillan English Dictionary for advanced learners</i> (versão em CD-ROM)
Nu	Núcleo
PE	Português Europeu
PB	Português Brasileiro
O	<i>Onset</i>
R	Rima
V	Vogal

Lista de símbolos

Símbolo	Classificação do segmento	Exemplo	transcrição fonética
p	consoante oclusiva bilabial desvozeada	pata	[ˈpata]
b	consoante oclusiva bilabial vozeada	bala	[ˈbala]
t	consoante oclusiva alveolar desvozeada	tapa	[ˈtapa]
d	consoante oclusiva alveolar vozeada	data	[ˈdata]
k	consoante oclusiva velar desvozeada	capa	[ˈkapa]
g	consoante oclusiva velar vozeada	gata	[ˈgata]
tʃ	consoante alveopalatal desvozeada	tia	[ˈtʃia]
dʒ	consoante alveopalatal vozeada	dia	[ˈdʒia]
f	consoante fricativa labiodental desvozeada	faca	[ˈfaka]
v	consoante fricativa labiodental vozeada	vaca	[ˈvaka]
s	consoante fricativa alveolar desvozeada	sala	[ˈsala]
z	consoante fricativa alveolar vozeada	casa	[ˈkaza]
ʃ	fricativa alveopalatal desvozeada	chá	[ˈʃa]
ʒ	fricativa alveopalatal vozeada	já	[ˈʒa]
m	nasal bilabial vozeada	mala	[ˈmala]
n	nasal alveolar vozeada	nada	[ˈnada]
ɲ	nasal palatal vozeada	banha	[ˈbãɲa]
l	lateral alveolar vozeada	lata	[ˈlata]
ʎ	lateral palatal vozeada	malha	[ˈmaʎa]
θ	fricativa dental desvozeada	thin	[ˈθɪn]
ð	fricativa dental vozeada	they	[ˈðeɪ]
ŋ	nasal velar vozeada	king	[ˈkɪŋ]
ɹ	retroflexa alveolar vozeada *	mar	[ˈmaɹ]
h	fricativa glotal desvozeada	rata	[ˈhata]
r	tepe alveolar vozeado	cara	[ˈkara]
j	vogal anterior alta não-arredondada não-silábica	you	[ˈjʊ]
w	vogal posterior alta arredondada não-silábica	wear	[ˈwer]
a	vogal central baixa não-arredondada	saco	[ˈsaku]
e	vogal anterior média-alta não-arredondada	seco	[ˈseku]
ɛ	vogal anterior média-baixa não-arredondada **	seco	[ˈseku]

* Nos dicionários de inglês consultados, o símbolo utilizado para transcrever a retroflexa alveolar vozeada é /r/.

** Nos dicionários de inglês consultados, o símbolo utilizado para transcreve a vogal anterior média-baixa não arredondada é /e/.

i	vogal anterior alta não-arredondada	sil	['silʊ]
o	vogal posterior média-alta arredondada	soco	['sokʊ]
ɔ	vogal posterior média-baixa arredondada	soco	['sɔkʊ]
u	vogal posterior alta arredondada	suco	['sukʊ]
ɪ	vogal anterior meio-alta não-arredondada	bit	['bit]
æ	vogal anterior baixa não-arredondada	bad	['bæd]
ɑ	vogal posterior baixa não-arredondada	hot	['hɑt]
ʌ	vogal posterior média-baixa não-arredondada	cut	['kʌt]
ʊ	vogal posterior meio-alta arredondada	book	['bʊk]
ə	vogal média central não-arredondada	about	[ə'baʊt]
σ	sílaba		
h	aspirada		
'	acento primário		
ˌ	acento secundário		
l	vogal longa		
~	marca de nasalização		
˘	vogal assilábica em um ditongo		

Sumário

Introdução, 18

1 Estrangeirismos, 26

1.1 Neologismos, 27

1.2 Estrangeirismos e empréstimos, 36

1.3 Os estrangeirismos e os empréstimos na história do português, 42

1.4 Adaptação de estrangeirismos, 50

1.5 Os estrangeirismos e a questão do preconceito lingüístico, 62

1.6 Considerações finais, 68

2 Aspectos da Fonologia do PB e do IA, 69

2.1 O inventário de fonemas do PB e do IA, 70

2.1.1 As vogais do PB e do IA, 70

2.1.2 As consoantes do PB e do IA, 76

2.2 A sílaba, 80

2.2.1 As possibilidades silábicas do PB e do IA, 86

2.2.2 Os ditongos do PB e do IA, 90

2.2.3 Possibilidades de *onset* e coda do PB e do IA, 94

2.3 Acento, 100

2.3.1 O padrão acentual do PB e do IA, 106

2.4 Considerações finais, 110

3 Procedimentos Metodológicos, 111

3.1 Coleta dos dados, 111

3.2. Delimitação do *cópus*, 113

3.3 Referência do *cópus*, 115

3.4. Descrição e quantificação dos dados, 116

3.4.1 Anglicismos categorizados por área de conhecimento, 129

3.4.2 Anglicismos do *cópus* adaptados graficamente, 132

3.4.3 Os anglicismos mais recorrentes no *cópus*, 133

3.5 Gravações, 136

3.6 Transcrições dos dados, 138

3.7 Considerações finais, 145

4 Análise dos dados, 146

4.1 Comparações entre a pronúncia e o padrão silábico dos anglicismos no IA e no PB, 146

4.2 Levantamento dos processos fonológicos sofridos pelos 50 anglicismos considerados para análise na passagem do sistema fonológico do IA para o sistema fonológico do PB, 149

4.2.1 Epêntese, 150

4.2.1.1 Casos de epêntese motivada por *onsets* complexos não licenciados no PB, 152

4.2.1.2 Casos de epêntese motivada por codas não licenciadas no PB, 155

4.2.1.2.1 Consoante oclusiva alveolar desvozeada /t/ na coda da sílaba, 155

4.2.1.2.2 Consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ na coda da sílaba, 158

4.2.1.2.3 Consoante oclusiva velar vozeada /g/ na coda da sílaba, 160

4.2.1.2.4 Consoante oclusiva bilabial desvozeada /p/ na coda da sílaba, 161

4.2.1.2.5 Consoante oclusiva velar desvozeada /k/ na coda, 162

4.2.1.3 Coda complexa não licenciada em PB, 163

4.2.2 Nasalização, 164

4.2.2.1 Casos em que não ocorre nasalização da vogal diante de consoante nasal alveolar vozeada /n/ e da consoante nasal bilabial vozeada /m/ em posição de coda, 169

4.2.3 Acento, 172

4.2.3.1 Casos de adaptação da posição do acento, 172

4.2.3.2 O acento em palavras compostas, 175

4.2.3.3 Acento não adaptado, 176

4.2.4 Palatalização, 178

4.2.5 Vocalização de /l/ em posição de coda silábica, 180

4.2.6 Apagamento, 181

4.2.7 Ambissilabidade, 183

4.2.8 A pronúncia de siglas, 186

4.3 Levantamento das adaptações segmentais sofridas pelos 50 anglicismos considerados para análise na passagem do sistema fonológico do IA para o sistema fonológico do PB, 188

4.3.1 /ɑ/, 188

4.3.2 /æ/, 189

4.3.3 /θ/, 189

4.3.4 Substituição de /tʃ/ por /ʃ/, 190

4.3.5 /ɪ/, 191

4.3.6 *Schwa* (/ə/), 191

4.3.7 /ʌ/, 192

4.3.8 Fechamento de /o/, 193

4.3.9 Grafema <R>, 193

4.3.10 Fricativização de <R>, 194

4.3.11 Influência da grafia na leitura, 194

4.3.12 Formas plurais, 196
4.4 Considerações finais, 197

Conclusão, 198

Referências, 210

Referência do *córpus*, 218

Apêndice A – Frases para gravação, 225

Apêndice B – *Córpus*, 229

Apêndice C – Estrangeirismos distribuídos por diferentes
áreas de conhecimento, 257

Anexo – Alfabeto Fonético Internacional (IPA), 265

Introdução

O objetivo desta Dissertação de Mestrado é estudar a adaptação dos estrangeirismos de origem inglesa no nível fonético-fonológico, no caminho em direção à incorporação ao léxico da Língua Portuguesa.

Considerando-se que “o léxico de uma língua é o conjunto estruturado de todas as unidades lexicais dessa língua” (ASSIRATI, 1998, p. 121), há diferentes maneiras para uma língua ampliar seu léxico. “Uma das formas de as línguas ampliarem seu estoque lexical é o empréstimo lingüístico” (SANDMANN, 1997, p. 72). Os empréstimos ocorrem quando diferentes línguas e culturas entram em contato, pois é natural que aconteça um intercâmbio entre elas, sendo que umas dessas culturas e línguas podem exercer mais influência do que receber.

No caso do léxico do português, pode-se perceber a influência de diversas outras línguas com que esteve em contato, ao logo do tempo, como o francês, o italiano, o árabe, o inglês.¹

Em diferentes épocas uma determinada língua pode ser mais influente que outras como fonte de estrangeirismos. A influência francesa sobre o léxico do Português Brasileiro (de agora em diante, PB), por exemplo, de acordo com Alves (2004, p. 6),

manifesta-se desde o século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como consequência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como “puristas”, que se insurgiram contra o emprego de tantos francicismos em nosso idioma.

¹ Sobre o papel dos empréstimos na constituição do léxico português veja-se seção 1.3.

Conforme explica Bagno (2004b, p. 60), “durante quase duzentos anos, até o início do século XX, o grande ‘inimigo’, o terrível ‘invasor’, o cruel ‘destruidor’ da língua portuguesa foi o francês”.

Contemporaneamente, conforme Alves (2004, p. 6) explica, “é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico”.

A língua inglesa tem sido usada por diversos países como *lingua franca*², ou seja, uma língua de domínio comum predominantemente usada na comunicação entre povos que falam línguas diferentes. O inglês tem obtido grande importância na área diplomática e é também usado em negociações entre países e no comércio internacional. No meio acadêmico, é hoje considerada como a principal língua para a produção científica.

À palavra, construção ou locução da língua inglesa tomada como empréstimo por outra língua dá-se o nome de “anglicismo” (cf. DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2004, versão em CD-ROM, de agora em diante, HOUAISS). Câmara Jr. (2002[1973], p. 52) assim define anglicismos: “qualquer fato da língua inglesa que aparece no português falado ou escrito”.

O termo anglicismo carrega um ranço preconceituoso, pois é tratado por alguns autores, como Cegalla (1973, p. 453), na seção sobre vícios de linguagem. Ali (1965, p. 308-310) também trata dos estrangeirismos em um capítulo sobre vícios de linguagem. No entanto, o autor diferencia os estrangeirismos de necessidade absoluta para dar nomes a invenções e descobertas e a novos conceitos (estrangeirismos cuja adoção, segundo o autor,

² Carvalho (1989, p. 34) assim descreve o termo: “esta denominação engloba todas as mesclas lingüísticas de contato para intercomunicação em situações bilíngües e plurilíngües. O termo *lingua franca* teria sido usado pelos árabes e turcos (povos invadidos) para designar a língua do povo invasor, designando inicialmente a língua de intercurso usada pelos cruzados. Atualmente designa qualquer língua de intercurso, como o tupi ou língua geral o foi nas costas brasileiras”.

Garcez e Zilles (2004, p. 22) acrescentam que “se o inglês é a língua franca do contato internacional, isso se deve ao sucesso da empresa imperial britânica e norte-americana, da qual o Brasil sempre foi cliente servil”.

Bagno (2004b, p. 79) diz que “cada período histórico teve (e tem) sua língua franca, isto é, uma língua internacional que serviu (serve) como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoas de lugares e culturas (e línguas) diferentes”.

fez-se em todas as épocas), das expressões cujo emprego é decididamente condenável por serem usos exagerados, como *adresse*, por “endereço”, *distingué*, por “distinto”, *rendez-vous*, por “entrevista”. Percebe-se uma visão ponderada do autor em relação ao assunto, ao defender usos necessários dos estrangeirismos e condenar abusos desnecessários.

Os anglicismos também são vistos por muitos falantes como uma forma de invasão ao idioma e uma tentativa de imposição cultural por parte de outros países; na opinião desses falantes, deveriam, por isso, ser combatidos. Esse posicionamento demonstra uma visão purista³ da língua. Neste trabalho, o termo “anglicismo” refere-se às palavras e expressões de origem inglesa que são usadas no português, sem qualquer juízo de valoração quanto ao seu uso.

Pode-se observar a contribuição do inglês no PB nas propagandas escritas e faladas, na televisão, nos nomes e embalagens de produtos, na *internet*, e em jornais e revistas de circulação nacional. O dia-a-dia dos brasileiros está repleto de termos vindos do inglês: o refrigerante é *light* ou *diet*; no banho, usa-se *shampoo*; ao navegar na *internet* entra-se no *chat* e manda-se um *e-mail* para os amigos, visita-se uma *homepage* e um *blog*; até a hora de lazer virou *happy hour*; nas revistas de negócios, termos como *marketing*, *business*, *royalties*, *joint venture*, *franchising*, *leasing*, *CEO* e *trading* são recorrentes; as inovações tecnológicas recentes quase sempre são rotuladas a partir de nomes de origem inglesa: *mouse*, *home theater*, *chip*, *byte*, *software*, *game* e *scanner*; quanto à música, pode-se gostar de *rap*, *rock*, *dance*, *pop*, *blues*, *swing*, *funk*, *reggae* ou *country*. No ramo do Direito, temos o *common law* e o *copyright*; em política faz-se um *lobby* e promove-se o *impeachment* de um presidente.⁴

Devido à influência do inglês no PB como fonte fornecedora de estrangeirismos - sobretudo o inglês americano (de agora em diante, IA), como consequência da importância

³ De acordo com Câmara Jr. (2002 [1973], p. 202), “purismo” é uma “atitude de extremado respeito às formas lingüísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água cristalina e pura, que não deve ser contaminada. Daí a hostilidade aos estrangeirismos, aos neologismos e a todas as formas lingüísticas não autorizadas pelo uso literário”.

⁴ Para mais exemplos de anglicismos, ver tabela 3.1.

dos EUA no cenário mundial atual -, neste trabalho optou-se por analisar apenas os anglicismos, e não estrangeirismos provenientes de outras línguas. No entanto, espera-se que as conclusões advindas deste trabalho sejam também aplicáveis à descrição da adaptação fonológica dos estrangeirismos de outra proveniência, dado o fato de que as alterações são ditadas pela língua de chegada sobre as estruturas sonoras da língua de partida (anômalas, excepcionais, do ponto de vista da língua de chegada e não, do ponto de vista da língua de partida).

Vários anglicismos usados no PB já foram naturalizados ou, como se costuma dizer, “aportuguesados”, através de processos que tentam transcrever as palavras com uma grafia adequada ao português. Temos como exemplos: *futebol*, *boxe*, *clube* e *tênis*, que vieram de *football*, *box*, *club* e *tennis*, respectivamente. Muitos outros ainda mantêm a grafia estrangeira, mas neste caso, na maioria das vezes, a pronúncia já é adaptada, como em *outdoor*. Neste trabalho enfatizam-se apenas os anglicismos deste último caso, isto é, aqueles que ainda mantêm sua grafia alienígena.

Apesar de esses serem termos originariamente de língua inglesa, nem sempre eles são pronunciados pelos falantes de PB da forma como seriam falados por ingleses, americanos, australianos, canadenses e outros falantes nativos de inglês. Isto porque os falantes de PB “adaptam”, no nível fonético-fonológico, a pronúncia desses termos para adequá-los à estrutura fonológica do PB. É isto que esta Dissertação de Mestrado propõe-se a discutir: a questão da adaptação dos estrangeirismos no nível fonético-fonológico.

Embora freqüentemente seja alvo de ataques nacionalistas, o uso de estrangeirismos não é um fenômeno novo para a língua. Desta forma, o objeto desta dissertação de mestrado é estudar um fenômeno lingüístico que sempre ocorreu na Língua Portuguesa e que é uma das fontes de neologismos nesta língua (cf. SANDMANN, 1997; ALVES, 2004).⁵ Por este motivo, a presente dissertação vem contribuir para uma melhor compreensão da história da

⁵ Ver subseção 1.1.

formação do léxico da Língua Portuguesa, ao explorar a questão dos estrangeirismos em seu momento de ingresso na língua, investigando seu primeiro nível possível de adaptação. Desta maneira, este trabalho visa a tratar uma questão polêmica, que é o uso de estrangeirismos, de um ponto de vista ainda pouco estudado, eminentemente técnico, que vai além de questões de políticas lingüísticas, mas cuja exploração pode trazer bases para uma discussão posterior dessa natureza.

A presente dissertação encontra-se estruturada a partir de quatro seções. A primeira seção traz uma revisão bibliográfica sobre o assunto estudado, mostrando a importância dos estrangeirismos como fonte de neologismos (GUILBERT, 1975; BOULANGER, 1979; ALVES, 2004). Em seguida, são apresentadas as diferenças e as semelhanças entre as definições de “estrangeirismo” e “empréstimo” de acordo com diversos autores, para possibilitar a escolha da melhor definição para os fins desta pesquisa, bem como discutir se, da forma considerada por tais autores, faz sentido a diferenciação entre os dois termos. Apresentam-se também alguns dos poucos trabalhos que abordam a questão das adaptações de estrangeirismos no nível fonológico (DEROY, 1956; FREITAS, 1992; FREITAS, NEIVA, 2006). Como o uso de anglicismos e de estrangeirismos provenientes de outras origens no PB e também em outras línguas não raro provoca reações negativas por parte de puristas e de falantes “comuns”, a primeira seção desta dissertação aborda ainda a questão do preconceito lingüístico e sua relação com as reformas e leis a respeito dos estrangeirismos (BAGNO, 2004b; GARCEZ; ZILLES, 2004; FARACO, 2004; MASSINI-CAGLIARI, 2004).

A segunda seção trata comparativamente dos sistemas fonológicos do IA e do PB, focalizando a descrição das vogais, das consoantes e dos ditongos nessas duas línguas, bem como as possibilidades de ambas as línguas quanto à estruturação das sílabas e ao posicionamento do acento lexical.

Nessa mesma seção apresenta-se um levantamento das possibilidades silábicas do PB e do IA, ou seja, quais e quantas consoantes podem ocupar a posição de *onset* (ataque, início) e de coda silábica (travamento) em cada uma das línguas, uma vez que as diferenças entre as estruturas silábicas das duas línguas podem motivar a ocorrência de processos de adaptação, para adequar a palavra à estrutura silábica do PB. Também nessa seção discute-se a colocação do acento nessas duas línguas, com a finalidade de apontar as semelhanças e, mais importante, as diferenças, que normalmente motivam as adaptações na língua-alvo.

A terceira seção apresenta a metodologia usada para a coleta e a análise dos dados. O *córpus* utilizado é constituído de palavras de origem inglesa, ainda não adaptadas morfológica ou graficamente ao português, coletadas nas edições da revista *Veja*, de janeiro a julho de 2005, totalizando 26 edições. São, portanto, palavras de uso freqüente, tanto em textos como na fala do PB. Como o objetivo do trabalho é investigar o nível fonético-fonológico, o *córpus* não pode ser apenas escrito. Assim sendo, após o levantamento desses termos e sua quantificação, foram selecionados os 50 termos mais freqüentes e os contextos em que ocorreram no *córpus*. Foram escolhidos, então, dois sujeitos, falantes nativos de PB, e foram feitas gravações de suas pronúncias para as palavras selecionadas. Após as gravações, as palavras foram transcritas fonética e fonologicamente conforme as realizações dos sujeitos e foram comparadas à pronúncia padrão do IA⁶, com a finalidade de proceder à análise dos dados.

Na quarta seção, faz-se um levantamento dos tipos de adaptações fonológicas observados no *córpus* coletado. Pode-se observar a ocorrência de inserção de vogal /e/, realizada no nível fonético como [i], motivada pela ocorrência de consoantes não licenciadas na posição de coda ou de *onset* em PB, resultando na mudança da estrutura silábica da palavra. Observam-se também a mudança da posição do acento em algumas palavras, já que

⁶ Neste trabalho, considera-se a pronúncia do IA como base para as comparações que serão feitas entre o inglês e o português. O IA foi escolhido como referencial para as análises pelo fato de os Estados Unidos serem a fonte principal dos anglicismos que ingressam no PB atualmente.

as regras de atribuição do acento em IA e em PB são diferentes; a vocalização de /l/ em posição de coda; a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/; a fricativização; entre outros processos.

A observação da realização fonética dos estrangeirismos pelos sujeitos desta pesquisa mostra que, mesmo com relação a palavras geralmente consideradas “não-adaptadas” por especialistas por manterem sua grafia original, a ocorrência de processos fonológicos de adaptação pode tornar a sua pronúncia bem diferente da verificada na língua de partida - e, às vezes, até irreconhecível nessa língua.

O acompanhamento da ocorrência de processos fonológicos de adaptação permite observar de que modo os estrangeirismos começam a ser incorporados na língua, evidenciando a importância da consideração de dados fonológicos na determinação da constituição do léxico do português. Isto possibilita investigar a força do sistema fonológico da língua de chegada no processo de incorporação de palavras estranhas a esse sistema. A verificação da ocorrência de processos fonológicos de adaptação dos estrangeirismos mostra que o primeiro processo de adaptação sofrido pelos estrangeirismos ocorre no nível fonológico e que são essas adaptações que motivam outros tipos de adaptação, como a gráfica, por exemplo.

Por fim, esta dissertação propõe uma discussão sobre a “adaptação” (e, conseqüentemente, “não-adaptação”) de estrangeirismos, ou seja, sobre o momento a partir do qual já se pode considerar uma palavra estrangeira adaptada à língua de chegada. Trata-se de uma questão muito relevante, pois, nos estudos anteriormente empreendidos por especialistas sobre a definição de “estrangeirismo” e “empréstimo” (DEROY, 1956; CÂMARA JR., 2002[1973]; GUILBERT, 1975; CAMPOS, 1986; GARCEZ; ILARI, 2002; GARCEZ; ZILLES, 2004; BARBOSA, 2004), levam-se em conta apenas critérios gráficos ou morfológicos para diferenciar um estrangeirismo “adaptado” de um “não-adaptado” e,

conseqüentemente, classificar os termos advindos de línguas estrangeiras entre empréstimos e estrangeirismos.⁷ A pronúncia - ou seja, o nível fonético, e conseqüentemente o fonológico - é quase sempre desconsiderada.

A partir da análise do cópuz, esta dissertação propõe que, por terem uma pronúncia em tudo condizente com o sistema fonológico do PB, as palavras estrangeiras graficamente não-naturalizadas, ainda que com suas grafias estranhas ao sistema do português, já podem ser classificadas como portuguesas do ponto de vista fonológico, porque já perderam as características da língua de partida e incorporaram as regras fonológicas da língua de chegada. As adaptações gráficas posteriormente sofridas pelas palavras estrangeiras, quando ocorrem, e que supostamente representam a pronúncia aportuguesada dessas palavras, vêm apenas confirmar este argumento.

Quanto à “identidade” das palavras estudadas, pode-se dizer que, da forma como são pronunciadas por falantes do PB, elas têm o mesmo padrão fonológico das demais palavras do PB, o que torna incorreto tratá-las como “estrangeirismos” deste ponto de vista. Fonologicamente, só ocorrem “estrangeirismos não-adaptados” propriamente ditos quando se faz uma “citação” em língua estrangeira, ou seja, quando se tenta imitar o padrão fonológico da língua de partida, o que não ocorre normalmente na pronúncia de falantes monolíngües de PB, mas apenas na fala de pessoas que conhecem ou estudaram a língua de origem como segunda língua.

⁷ Esta questão terminológica será discutida na subseção 1.2.

1 Estrangeirismos

Nesta seção, discute-se a questão dos estrangeirismos e dos empréstimos, na perspectiva da formação de neologismos, destacando seu papel como formas de ampliação do léxico. Apresentam-se definições para os termos “estrangeirismo” e “empréstimo” segundo vários autores, na tentativa de encontrar a melhor definição para os fins desta pesquisa. Esta seção mostra também que os estrangeirismos sempre estiveram presentes na língua portuguesa, e que o português recebeu termos e expressões de diversas línguas diferentes, ao longo de sua história.

Uma outra questão relevante quando se abordam os estrangeirismos é a adaptação que esses termos sofrem quando são adotados pela língua de chegada. As adaptações podem ocorrer em níveis diferentes, como o morfológico, o fonológico, o semântico, sendo o interesse do presente trabalho o nível fonético-fonológico. Foram encontrados alguns poucos trabalhos que tratam das adaptações fonológicas dos estrangeirismos (cf. DERROY, 1956; FREITAS, 1992; FREITAS; NEIVA, 2006), o que mostra que ainda há a necessidade de aprofundar os estudos neste campo. Desta forma, o presente trabalho propõe-se como uma contribuição ao preenchimento desta lacuna, em termos do conhecimento a respeito dos processos de adaptação por que passam os termos estrangeiros no caminho à sua incorporação à língua de chegada, ao focalizar o início da “jornada”, ou seja, a adaptação ao nível do “som”.

No Brasil, assim como em outros países, o acolhimento de termos de origem estrangeira não é bem visto por todos; conseqüentemente, acabam por acontecer discussões e polêmicas acerca do uso dos estrangeirismos na língua, sobretudo dos anglicismos, nos dias atuais. Tais manifestações contrárias ao uso de termos estrangeiros no PB serão também alvo desta seção (cf. subseção 1.5).

1.1 Neologismos

Diferentes autores apresentam definições bastante semelhantes para o termo “neologismo”. Boulanger (1979, p. 65-66), por exemplo, define o neologismo como “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua.”

Essa definição proposta por Boulanger é bem parecida com a de dicionaristas. Houaiss (2004, versão em CD-ROM), por exemplo, define neologismo como o “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua”.

A neologia⁸ pode provocar mudança no léxico das línguas. Diversos autores (citados adiante) defendem que as mudanças são necessárias às línguas e que estas mudam para se adaptarem a novas situações.

Boulanger (1979, p. 11) defende que as mudanças na língua garantem sua sobrevivência e mostra-se contrário ao purismo excessivo, que tenta evitar que as línguas se modifiquem: “Só permanecem vivas as línguas que se modificam, seguindo o curso do tempo, que se adaptam às circunstâncias e às novas necessidades, sem serem mumificadas por um conservantismo e um purismo excessivo”.⁹

Quanto à necessidade de as línguas mudarem, Crystal (1987, p. 5) é bastante sucinto ao dizer que a “língua muda porque a sociedade muda”, ou seja, a língua acompanha a evolução de seus falantes e da sociedade em que vivem.

Carvalho (1989, p. 22) compara o léxico de uma língua a uma galáxia, que “vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais e sociais da comunidade que a

⁸ Segundo Alves (2004, p. 5), “neologia” é o processo de expressar novos conceitos através de unidades lexicais novas ou importadas.

⁹ A questão do purismo lingüístico será discutida mais adiante nesta dissertação.

fala”. Carvalho (1989, p. 23) acrescenta que a criação de novas palavras e termos é reflexo do surgimento de novas coisas e tecnologias:¹⁰

Os termos novos, como resultantes da criatividade lingüística, são também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana.

Cagliari (2002a, p. 10) aprofunda-se na questão ao dizer que devido às ampliações lexicais as línguas às vezes são obrigadas a re-organizar suas estruturas para incorporar novas regras que consigam explicar esses novos elementos:

o léxico incorpora facilmente elementos novos, oriundos de fatores externos (outras línguas) e internos (modificações nas regras do sistema). Ao fazer isso, estruturas que eram pouco representativas, (mas possíveis) na língua, podem passar a ter um volume grande de itens lexicais, criando embaraços para o sistema de regras de um determinado aspecto da língua.¹¹

Como consequência dessas ampliações no léxico, as regras antigas deixam de ser completamente satisfatórias e o sistema precisa ser alterado.¹²

Garcez e Zilles (2004, p. 28-29) também defendem a idéia de constante mudança por que passam as línguas e acreditam que a influência de outras línguas pode contribuir para o processo de mudança de uma determinada língua: “as línguas humanas estão em constante movimento, por variação e mudança dentro da comunidade lingüística, de uma geração para

¹⁰ Como será mostrado adiante, denominar ou rotular coisas é uma das funções da criação de novas palavras, cf. Basilio (1989), Sandmann (1997), Rocha (1999).

¹¹ Cagliari (2002, p. 10) acrescenta que “o léxico é uma das principais portas, pela qual entram muitos elementos que vão constituir fatores de variação e de mudanças de uma língua, re-organizando a ordem e a arquitetura do sistema. Em geral, tais elementos intrusos vão se infiltrando aos poucos e de muitas maneiras. As modificações não começam refazendo as regras, mas aceitando o novo ao lado do velho, no começo. Depois, o novo passa a ter o mesmo status do velho e as regras da língua precisam ser refeitas. As mudanças estão sempre dentro do possível, mas raramente dentro da lógica anterior do sistema. O sistema modifica-se para recuperar a situação de equilíbrio necessário, e oferecer às novas gerações de falantes nativos um modelo novo”.

¹² Massini-Cagliari (1999a) exemplifica como o sistema acentual do Português Arcaico se alterou quando a língua incorporou palavras proparoxítons, oriundas do Latim, no Português Clássico.

outra, sendo o contato entre os dialetos e línguas uma força motriz comum e de grande relevância nesse processo”.

Alves (2004, p. 5) acredita que haja uma dinâmica no léxico das línguas, sendo que alguns termos e palavras são criados, enquanto outros caem em desuso: “o acervo lexical de todas as línguas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística”.

As mudanças são importantes para a própria definição da natureza das línguas e ocorrem em diversos níveis, entre eles, o lexical.

O léxico pode ser ampliado de várias formas. Diferentes autores subdividem os neologismos em diferentes tipos, geralmente de acordo com o seu processo de formação, sendo os empréstimos e os estrangeirismos uma das fontes possíveis de neologismos.

Guilbert (1975, p. 59-102) define quatro tipos de neologismos, que serão sucintamente apresentados a seguir.

- Neologismos fonológicos: formados pela combinação de fonemas específicos à língua, formando um significante novo. Estes neologismos devem seguir as restrições que proíbem determinadas combinações, de acordo com a estrutura fonética da língua. Entre os neologismos fonológicos podem-se citar, as onomatopéias, como “tititi” e “blábláblá”, no PB, e as transformações morfofonológicas, que ocorrem quando a junção dos elementos constituintes em uma seqüência lexical única é acompanhada da transformação ou da junção de consoantes (*caoutchouc – caoutchouter*) ou de vogais (*sexe - sexologie*).¹³
- Neologismos semânticos: correspondem à aparição de um significado novo no quadro de um mesmo segmento fonológico. Podem ser vistos como uma nova

¹³ Os exemplos citados do francês são os mesmos usados por Guilbert (1975, p. 63).

união entre um significante e um significado. Um exemplo do PB é “legal”, que tem o significado (mais antigo) de “relativo à lei jurídica” e (mais recente) de “pessoas e coisas com atributos positivos”.

- Neologismos sintagmáticos: combinação de vários segmentos reconhecidos como signos diferentes, como “vídeo-monitoramento”.
- Neologismos por empréstimos: termos estrangeiros usados em um novo sistema lingüístico, como *design*, *download* e *internet*.

Boulangier (1979, p. 158) define três tipos de neologismos, sendo dois deles (o semântico e o neologismo por empréstimo) os mesmos propostos anteriormente por Guilbert (1975):

- Neologismo formal, que é criado pela derivação (“atingimento”), composição (“funcionário-fantasma”), siglas (“UNESP”), redução de palavras (“foto”, de “fotografia”; “moto”, de “motocicleta”) ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem valor significativo inédito (“tititi”);
- Neologismo semântico, que é aquele criado pela associação de um novo significado a um mesmo segmento fonológico. Exemplo: “legal”;
- Neologismo por empréstimo, que é proveniente da adoção de um lexema estrangeiro. Exemplos: *download*, *business*.

Para Carvalho (1989, p. 24), há dois processos pelos quais toda língua viva amplia seu léxico, sendo que a autora também considera os termos provenientes de outras línguas:

- o processo de criação dentro da própria língua, que pode ser dividido em neologismo formal (inovação na forma), como “vídeo-monitoramento”, ou neologismo conceitual (inovação no significado), como “legal”;
- o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira. Exemplos: *outdoor*, *shampoo* ou “xampu”.

Sandmann (1997, p. 22) descreve três recursos de ampliação do léxico de uma língua, sendo, na opinião do autor, dois marginais e um outro, central. Para esse autor, o recurso principal é a formação de palavras a partir de palavras e morfemas preexistentes, que ocorre por derivação, composição e outros processos (que ele denomina de “especiais”, entre os quais as abreviações). A derivação ocorre por prefixação e sufixação, como em “achismo” e “hiperinflação”. Quando se utilizam mais de uma palavra base, tem-se o processo de composição: “político-galã”. Este recurso é o mesmo que Boulanger (1979) chama de neologismo formal.

Sandmann (1997, p. 22) afirma que um dos recursos secundários é a “criação do nada”, que ocorre quando a palavra é criada apenas a partir de fonemas ou sílabas e não de palavras ou morfemas que já existem na língua, como as palavras “tititi” e “blabláblá”. O termo por ele cunhado parece ser inadequado, pois ou a fonte dessas palavras é onomatopéica, ou seja, uma tentativa de mimetização de sons do mundo, ou é apoiada nas possibilidades fonológicas da língua de formar sílabas. Portanto, as criações deste tipo nunca surgem “do nada”, mas são limitadas pelas possibilidades fonológicas da língua.

Para Sandmann (1997, p. 22), o outro recurso secundário de enriquecimento de uma língua, e que é de interesse para este estudo, são os empréstimos de outras línguas. Os empréstimos, para o referido autor, ocorrem quando uma língua sofre influência de outras línguas com que entra em contato e, com isso, incorpora alguns de seus termos.

Biderman (2001, p. 158) distingue os neologismos em apenas dois tipos. Para a autora, há neologismos formais, que consistem em palavras novas que são introduzidas no idioma, podendo ser termos vernáculos ou empréstimos estrangeiros (exemplos: “atingimento”, *internet*). O segundo tipo, segundo a autora, é o neologismo conceptual, que é “uma aceção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer” (BIDERMAN,

2001, p. 161) (exemplos: “legal”, “digital”). Este processo é equivalente ao neologismo semântico descrito por Boulanger (1979).

De acordo com Alves (2004, p. 5), os neologismos podem ser formados por “mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, como a derivação e a composição (mecanismos que também foram descritos por Sandmann, 1997), ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos”, que seriam os estrangeirismos e empréstimos. A autora acrescenta que no português ambos os recursos têm sido amplamente usados, diacrônica e sincronicamente.

Alves (2004, p. 11-83) utiliza uma classificação semelhante à já adotada por outros autores e considera os seguintes tipos de neologismos:

- fonológicos: que supõem a “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (Alves, 2004, p. 11). A autora acrescenta que esse tipo de neologismo é raro em todas as línguas. Ela dá como exemplo “tchurma” (Alves, 2004, p. 12), mas como este termo vem de “turma”, palavra já existente no PB, a exemplificação não fica muito clara.
- sintáticos: que englobam neologismos formados por (i) derivação prefixal: quando se acrescenta um prefixo à palavra, como “desideologização”; (ii) derivação sufixal: quando se acrescenta um sufixo à palavra, como “brizolismo”; (iii) composição: quando há justaposição de bases autônomas ou não-autônomas, como em “enredo-denúncia”; (iv) conversão: também denominada derivação imprópria, que ocorre quando uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. São exemplos deste tipo de neologismo os adjetivos usados substantivamente (ex: “o belo”);

- semânticos: que ocorrem quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade lexical, como “surfista ferroviário”.
- por empréstimo, que se manifesta em diferentes níveis. Numa primeira etapa, o termo emprestado é sentido como externo ao vernáculo da língua tomadora, como *pole-position*, sendo considerado um “estrangeirismo”. O estrangeirismo, segundo Alves (2004, p. 72), “ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. A partir do momento em que o termo estrangeiro se adapta à língua receptora, ele passa a ser um empréstimo. Para Alves (2004, p. 77), a integração pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica.
- outros processos: (i) truncação: consiste em um tipo de abreviação em que uma parte da seqüência lexical é eliminada, como “euro” para “europeu”; (ii) palavra-valise: processo através do qual duas bases, ou apenas uma delas, são privadas de seus elementos para constituírem um novo item lexical: “brasileiro” e “paraguaio” resulta em “brasiguai”¹⁴; (iii) reduplicação, que, segundo Alves (2004, p. 70-71), é pouco produtiva no português contemporâneo. Esse processo refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes para constituir um novo item léxico. Para citar um exemplo de reduplicação, tem-se “trança-trança”; (iv) derivação regressiva: ocorre quando a criação de uma nova unidade léxica deve-se à supressão de elemento considerado de caráter sufixal. Exemplo: “amasso”, forma substantiva relativa ao verbo “amassar”.

¹⁴ Sandmann (1997, p. 58) denomina este processo de “cruzamento vocabular”: “um tipo de composição, diferenciando-se desta, porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação de nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou regular, de seu corpo fônico”. Lapa (1973) denomina o fenômeno de “amalgama”.

Os neologismos são categorizados em diferentes tipos, de acordo com os diversos autores citados, sendo importante para este estudo focalizar, dentre os diversos tipos possíveis de criação de palavras novas, apenas um subconjunto: os neologismos por empréstimo ou estrangeirismo, mais especificamente, os estrangeirismos de origem inglesa empregados no PB.

É importante lembrar que, conforme Basilio (1989, p. 66), “as palavras têm basicamente a função de nomear ou categorizar, seja seres ou eventos específicos, seja tipos resultantes de classificações”. E segundo a autora, as palavras são formadas para exercer diferentes funções. A autora descreve três funções para a formação de palavras: a função de denominação (necessidades semânticas), a função de adequação sintática e a função de adequação discursiva. Sandmann (1997, p. 24-29) também descreve as três funções para a formação de palavras apresentadas por Basilio (1989). Rocha (1999, p. 79-81) descreve as mesmas funções, mas as nomeia diferentemente: função de rotulação, função de mudança categorial e função expressiva de avaliação, respectivamente.

A criação das palavras a partir da função semântica se refere à denominação de coisas ou seres, de novos objetos, fatos culturais, fenômenos da natureza, ações e qualidades. Um exemplo disso é a palavra *xerox*, que surgiu com a criação dessa tecnologia com a finalidade de “rotular” a máquina produtora de fotocópias.¹⁵ Segundo Basilio (1989), a função semântica engloba ocorrências de derivação e composição, conforme os exemplos vistos anteriormente (“desideologização”, “brizolismo”, “nacionalizar”, “enredo-denúncia”).

A função sintática, por sua vez, ocorre sempre que um processo de formação de palavra opera mudança de classe de palavra. Exemplos: “atingir” – “atingimento”.

¹⁵ Muitos estrangeirismos entram em uma língua para satisfazer essa necessidade de denominar coisas, **ações ou qualidades** quando ainda não há um termo equivalente na língua de chegada.

As funções semântica e sintática estão no domínio da “necessidade” do sistema diante de fatos sócio-culturais novos, enquanto a terceira função, a discursiva, está no domínio do desejo individual de cada falante. Ela engloba dois aspectos:

- a função de expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado, como a pejoratividade: “O vestido era de um algodãozinho ordinário” (exemplo citado por Basilio, 1989, p. 75) e o uso do diminutivo na linguagem afetiva: “Vem, filhinho, a sopinha está pronta” (exemplo de Basilio, 1989, p. 75).
- a função de adequação à estrutura do texto como um todo, que aparece sobretudo através da nominalização. O exemplo dado por Basilio (1989, p. 77) é o seguinte: “A constatação de efetividade da declaração de independência levou à certeza da objetividade da luta contra a proliferação de reuniões de revoltosos”.

Com relação à função discursiva da criação de neologismos, Alves (2004, p. 86) acrescenta que “a unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais – estranhamento, ironia, cor local... – em uma mensagem”. Isso explica a opção pelo uso de estrangeirismos em uma língua em detrimento dos termos vernáculos equivalentes, pois a escolha do uso dos estrangeirismos pelos falantes pode denotar estilo ou prestígio. É o que ocorre quando se utilizam *sale* e *off*, para os quais existem os termos em português: “promoção”, “liquidação”, “redução de preços” (para *sale*) e “desconto” (para *off*). Neste caso, o anglicismo se presta para marcar a “diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora” (GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 25).

1.2 Estrangeirismos e empréstimos

Como se verá a seguir, alguns autores apresentam definições conflitantes para os termos “empréstimo” e “estrangeirismo”. É necessário apresentar essas diferentes visões, para que se possa escolher e justificar a definição a ser usada no presente trabalho, bem como discutir em que medida essa diferenciação leva em conta (ou não) aspectos fonológicos.

Dubois et al. (1973, p. 209) acredita que o empréstimo é integrado à língua de chegada. Os autores usam o termo empréstimo para denominar tanto a ação de emprestar, assim como a unidade emprestada: “Há *empréstimo lingüístico* quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de *empréstimos*”. Os autores acreditam que haja diferentes graus de integração da palavra estrangeira à língua de chegada e acrescentam que o empréstimo “implica sempre, pelo menos de início, uma tentativa de repetir a forma ou o traço estrangeiro” (Dubois et al., 1973, p. 211). Essa tentativa de imitar a forma estrangeira pode ser entendida como uma forma de denotar conhecimento da língua estrangeira em detrimento daqueles que não possuem tal conhecimento (uso estilístico).

Câmara Jr. (2002[1973], p. 111) constata que o estrangeirismo vem a ser um empréstimo vocabular não integrado¹⁶ à língua que o toma, conservando da outra os fonemas,

¹⁶ Câmara Jr. (2002[1973]) usa o termo “integrado” para a mesma situação em que outros autores usam o termo “adaptado”. A “adaptação” normalmente se refere aos processos sofridos por uma palavra para se adequar aos padrões da língua tomadora e inclui adaptações gráficas, semânticas, fonético-fonológicas. Já o termo “integração” pode ser usado com o mesmo sentido de adaptação por alguns autores, como Câmara Jr. (2002[1973]), mas também pode se referir ao fato de uma palavra fazer ou não parte do léxico da língua de chegada. Não há uma conclusão clara de quando um termo passa a estar integrado ou incorporado ao léxico de uma língua. Pode-se adotar o critério da frequência de uso do termo estrangeiro pelos falantes, por exemplo, ou ainda o critério de dicionarização, que não deixa de considerar a frequência de uso. Alves (1984, p. 125) afirma que “uma vez consagrado pelo uso, o elemento neológico é geralmente inserido num dicionário”. A autora continua dizendo que “constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua. Atribui-se assim, ao lexicógrafo, o poder de decidir sobre a aceitabilidade ou não de um novo termo ou expressão e sobre sua incorporação à língua” (ALVES, 1984, p. 125). Essa é uma das possíveis visões sobre o assunto, mas que exclui como pertencentes ao léxico do PB qualquer palavra que não esteja dicionarizada, sendo

a flexão e a grafia, ou vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Desta forma, em sua visão, o estrangeirismo não seria adaptado à língua tomadora. Embora esta seja uma boa definição do termo “estrangeirismo”, ainda deixa por ser respondida a questão da possibilidade de um termo estrangeiro poder não ser adaptado fonética e fonologicamente à língua de chegada – questão central a ser discutida no presente trabalho¹⁷.

O empréstimo lingüístico, para Campos (1986, p. 34), ocorre quando uma palavra ou expressão da língua-fonte não tem correspondente ou equivalente na língua-meta, cujos falantes utilizam-se do recurso de “transcrevê-la” com todas as letras, ou com o que seria a “pronúncia figurada”¹⁸ dela. Para Campos, no caso do português, ocorre um “aportuguesamento”¹⁹ das palavras e a padronização da escrita. Já o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou, segundo o autor.

Garcez e Zilles (2002, p. 39) inicialmente não distinguem os termos ao se referirem ao estrangeirismo como um “fenômeno constante no contato entre comunidades lingüísticas, também chamado de empréstimo”. No entanto, acrescentam posteriormente que a noção de estrangeirismo confere ao empréstimo uma “suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo”, podendo-se concluir que o estrangeirismo seria a palavra que mantém sua forma original, enquanto que o empréstimo é aquele que já sofreu adaptações.

ela de origem estrangeira ou não, como no caso de gírias e regionalismos. A dicionarização é um critério utilizado para muitos estudos, inclusive este, por convencionalidade, para facilitar a delimitação do *cópus*, mas determinar o que está integrado a uma língua é mais complexo do que isso. Em um trabalho mais recente, Alves (2004) reconhece o uso como um critério para determinar se uma palavra já faz parte do léxico de uma língua: “O emprego freqüente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português” (ALVES, 2004, p. 79).

¹⁷ Em hipótese, pode haver estrangeirismos não-adaptados à língua de chegada, no caso de a estrutura fonológica dessa língua, com relação à palavra específica que está sendo utilizada, ser equivalente à estrutura fonológica da língua de partida, ou em casos em que o falante tenta imitar a pronúncia dessa palavra da língua de partida (citação); no entanto, a realização da pronúncia em língua estrangeira depende do nível de proficiência de cada falante na língua estrangeira, para reproduzir os sons inexistentes na língua de chegada.

¹⁸ “Pronúncia figurada” é o termo utilizado pelo autor, que não o define claramente.

¹⁹ Segundo Câmara Jr. (2002[1973], p. 57), o aportuguesamento é um “fenômeno que consiste em adaptar, fonológica e morfologicamente, os estrangeirismos lexicais ao português”. Esse processo também é chamado de “nativização”, conforme Freitas e Neiva (2006), por exemplo, “naturalização” ou simplesmente “adaptação”.

Para Barbosa (2004, p. 71-72), o estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para a língua-alvo vocábulos ou expressões da língua-fonte que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado na língua-fonte que seja desconhecido para falantes da língua-alvo. Barbosa também toca na questão do estranhamento causado pelo uso de estrangeirismos, quando acrescenta que é comum que o vocábulo ou expressão estrangeira apareça na língua-alvo entre aspas ou em itálico, para marcá-lo como estranho à língua-alvo.

O estranhamento também é a base do comentário de Alves (2004, p. 72), que afirma que o estrangeirismo ainda não faz parte do léxico da língua de chegada: “Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”.

Faraco (2004, p. 9), por sua vez, não entra na questão da reprodução ou da adaptação dos padrões existentes em outras línguas, atendo-se apenas à adoção dos termos, ao definir estrangeirismos como “as palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano”.

Rocha (1999, p. 71-72) considera os aspectos fonéticos e fonológicos em sua definição de empréstimo. Ele diferencia o empréstimo sincrônico do diacrônico. Para o autor, na sincronia atual, o termo é um empréstimo se “essa forma apresentar um fonema ou uma seqüência de fonemas estranhos ao sistema fonológico do português. São exemplos de empréstimos: *out-door, best-seller, marketing, shopping-center* [...]” (ROCHA, 1999, p.71). Os exemplos que Rocha usa para ilustrar o que ele chama de “empréstimo” correspondem, como foi visto anteriormente, à noção à qual diversos outros autores denominam “estrangeirismo”. Os exemplos citados apresentam de fato fonemas estranhos ao sistema fonológico do português na língua de origem; no entanto, eles são adaptados no momento da fala, sendo substituídos por segmentos do PB que se aproximam dos segmentos originais

quanto à configuração de traços, deixando de ser “estranhos”, neste sentido. Segundo Rocha (1999, p. 72), diacronicamente, as palavras “alegre”, “anel”, “jogral”, “açúcar”, para citar apenas alguns exemplos, são consideradas empréstimos, pois entraram para o português a partir de outras fontes que não o latim. “Sob o ponto de vista sincrônico, porém, pelo fato de terem se adaptado integralmente ao sistema fonológico (e ortográfico) do português, não são consideradas como empréstimos pela competência lexical dos falantes do português atual”.

Os termos “estrangeirismo” e “empréstimo” também encontram-se definidos em dicionários gerais, e não apenas em trabalhos técnicos sobre o idioma. Desta forma, em Houaiss (2004, versão em CD-ROM) encontra-se a seguinte definição para estrangeirismo: “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora”.

Assim, Houaiss é mais específico que o *Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa* (2006, versão online) (de agora em diante, *Michaelis*), pois considera que os estrangeirismos não são adaptados ou incorporados à língua de chegada. *Michaelis* apenas define estrangeirismo como o “emprego de palavra ou frase estrangeira”, sem maiores explicações.

Quanto à definição de empréstimo, em Houaiss (2004, versão em CD-ROM) encontra-se: “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua [Dá-se por diferentes processos, tais como a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e/ou grafia (*know-how*), ou com adaptação fonológica e ortográfica (*garçom, futebol*)]”.²⁰

A definição de empréstimo, de acordo com *Michaelis* (2006, versão online) não considera, como a de outros autores, a questão de os empréstimos sofrerem algum tipo de adaptação à língua de chegada: “Adoção de traços lingüísticos (fonemas, afixos, vocábulos e

²⁰ O exemplo dado por Houaiss (2004, versão em CD-ROM), em que, segundo o autor, não há adaptação de pronúncia, é questionável, pois, como nativa de PB, pronuncio [noʊˈhaʊ] e não [ˈnoʊhaʊ], como em inglês, ou seja, já há pelo menos a adaptação da posição do acento.

construções sintáticas) diversos dos do sistema tradicional, em virtude do contato de uma nação com nações de outras línguas. O empréstimo mais comum é o de vocábulos”.

Como se pode observar, na opinião da maioria dos autores citados, o empréstimo já está adaptado à língua de chegada, enquanto que o estrangeirismo, não. No entanto, em sua maioria, quando consideram os termos adaptados à língua de chegada, levam em conta apenas aspectos gráficos, e não os fonético-fonológicos. Além disso, como foi visto anteriormente, mesmo os poucos autores que consideram os aspectos fonético-fonológicos acabam por citar exemplos com relação aos quais afirmam não haver adaptação fonético-fonológica, mas que consistem em casos em que, na verdade, essa adaptação ocorre (como em *know-how*, citado por Houaiss, 2004). Assim, a definição de empréstimo como sendo uma palavra ou expressão estrangeira adaptada à língua tomadora deve incluir todos os aspectos de adaptação, inclusive o fonológico.

No presente trabalho, considera-se, como definição “operacional” de “estrangeirismo”, para possibilitar a delimitação do corpúsculo a ser coletado e estudado, a palavra de origem estrangeira “não-adaptada graficamente” ao PB. Como a questão a ser discutida é se os termos coletados para a presente pesquisa – anglicismos não-adaptados graficamente ao PB - já estão adaptados ao PB quanto à sua pronúncia, utilizando-se o critério de adaptação/não-adaptação (proposto pelos diversos autores citados) para distinguir o que é estrangeirismo e o que é empréstimo, em caso de adaptação de pronúncia pode-se dizer que os termos considerados já perderam sua condição estrangeira, no que concerne o aspecto fonológico.

É possível classificar os empréstimos em subcategorias. Câmara Jr. (2002[1973], p. 105) diferencia os empréstimos externos, ou seja, aqueles feitos de língua a língua, e os internos, que ocorrem quando traços peculiares de um dialeto passam a outro dialeto ou se integram na língua comum.

O autor (CÂMARA JR., 2002[1973], p. 105) acredita que o empréstimo lingüístico pode ser, em princípio, de fonemas, afixos flexionais, afixos derivacionais, vocábulos e tipos frasais. Conforme explica, o empréstimo de fonemas é esporádico, pois o que costuma acontecer é a substituição dos fonemas estranhos pelos fonemas nativos a que são assimilados. O empréstimo de afixos flexionais é raro e não se encontra em português. O empréstimo de afixos derivacionais pode ser raramente encontrado. Talvez ocorra apenas em brincadeiras (uso estilístico) - exemplos: derivados como “**embromation**” (do programa humorístico televisivo *Casseta & Planeta*) e nomes (fictícios ou reais) de produtos: “**rejuvenator**”, “**creme Giannechinator Tabajara**”. O empréstimo de tipos frasais, ou decalque²¹, também é encontrado. Os empréstimos lexicais são abundantes, e é sobre eles que recai o interesse deste trabalho.

Quanto aos anglicismos, Câmara Jr. (2002[1973], p. 52) afirma que eles são de ordem sintática ou lexical. Os anglicismos sintáticos podem ser por:

- antecipação de um adjunto adjetivo ao seu substantivo, sem o intuito que essa colocação tem em português, mas com valor descritivo. Ex: “Majestozo Hotel”;
- emprego de um substantivo com função de adjetivo porque anteposto assim. Ex: “Rio Hotel”;
- emprego de uma preposição isolada do nome a que rege. Ex: “capas com e sem forro”.

Os anglicismos lexicais podem ser formais, como *sport*, *tank*, ou semânticos, como

²¹ Dubois et al. (1973, p. 165-166) dizem que “há um *decalque lingüístico* quando, para denominar uma noção nova ou para um objeto novo, uma língua A (o português, p. ex) traduz uma palavra simples ou composta, pertencente a uma língua B (francês, alemão, inglês, p. ex) pela palavra simples correspondente que já existe na língua com outro sentido, ou por um termo composto, neologismo, formado dos elementos correspondentes aos da língua A. O decalque distingue-se do empréstimo propriamente dito, em que o termo estrangeiro é integrado tal qual à língua que o toma emprestado. Quando se trata de uma palavra simples, o decalque se manifesta por adicionar-se ao sentido corrente do termo um “sentido” tomado à língua A pela língua B; assim, a palavra *realizar*, cujo sentido é ‘tornar real, efetivar’, vem sendo usada também no de ‘compreender, perceber bem’ (Ele *realizou* a situação) por decalque do inglês *to realize*. Quando se trata de uma palavra composta, a língua A conserva muitas vezes a ordem dos elementos da língua B, mesmo quando essa ordem é contrária à que se observa no uso da língua; assim, *quartier-maître*, ‘cabo’, é formado pelas palavras francesas *quartier* e *maître*, mas é um decalque do al. *Quartier-meister*, cuja ordem conserva, a passo que em francês o determinante *quartier* deveria seguir o determinado *maître*. Igualmente, os compostos franceses *Est-Allemend*, *Nord-Coréen*, *Sud-Africain*, assim como os portugueses Norte-coreano e Sul-africano são decalques do inglês. Esse tipo de formação tornou-se produtiva em francês, português, etc.”.

“realizar”, no sentido de “compreender”, e “assumir”, no sentido de “supor”. Neste trabalho, serão considerados e analisados apenas os anglicismos lexicais formais.²²

Sandmann (1997, p. 72-73) descreve três tipos de empréstimos: o lexical, o semântico e o estrutural. Para o autor, os empréstimos lexicais são aqueles em que não há tradução ou substituição de morfemas/palavras (“esputinique”, “videoteipe”, “pulôver”), com alteração de estrutura. Há empréstimos adaptados, como “líder” (do inglês *leader*), e empréstimos não-adaptados. Os empréstimos não-adaptados podem ser:

- só ortograficamente não-adaptados, como *show*;
- fonológica e ortograficamente não-adaptados, como *joint venture*²³;
- morfossintaticamente não-adaptados, como *campi*, plural de *campus*.

Para Sandmann (1997, p. 73), ocorrem empréstimos semânticos quando há tradução/substituição de morfemas/palavras, com alteração da estrutura (*spaceship* = “nave espacial”) e sem alteração da estrutura (*spaceship* = “espaçonave”); há também os empréstimos estruturais, que são formados com recursos do português, mas segundo modelo estrutural estrangeiro: “cineclube”.

1.3 Os estrangeirismos e os empréstimos na história do português

O estudo dos estrangeirismos e dos empréstimos é relevante para uma perspectiva histórica porque eles podem levar a mudanças no sistema de uma língua. Segundo Câmara Jr. (2002[1973], p. 105), o empréstimo lingüístico gera um tipo de mudança lingüística diferente daquele que resulta da evolução. Segundo o autor, “o condicionamento social para os

²² Para Câmara Jr. (2002[1973]), anglicismo lexical formal é aquele em que se adota a palavra estrangeira tal como ela é nessa língua, mantendo-se o sentido e a forma (na medida em que isto é possível) originais, em oposição ao anglicismo semântico, em que se cria um novo sentido para uma palavra já existente na língua de chegada para incorporar o sentido da palavra parecida na língua de partida.

²³ O exemplo dado por Sandmann (1997) de empréstimo não-adaptado fonologicamente é discutível, pois muitos falantes já desencadeiam processos de adaptação fonológica ao pronunciá-lo, como palatalização, epêntese ou mudança do acento (ex: [ˈdʒɔ̃tʃivẽˈturi]).

empréstimos é o contacto entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contigüidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato” (CÂMARA JR., 2002[1973], p. 104).²⁴

Carvalho (1989, p. 36) reconhece a necessidade do condicionamento social do empréstimo já apontada por Câmara Jr. (2002[1973]), descrevendo duas causas para os empréstimos. A primeira se deveria ao contato interpessoal, à convivência entre os falantes por proximidade territorial. A segunda causa é devida aos contatos à distância, mediatizados por canais artificiais, como a influência e intervenção política e cultural (colonização cultural). O empréstimo, ainda segundo Carvalho (1989, p. 42), “tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”.

Muitas palavras estrangeiras têm equivalência em português, como *sale* (“liquidação”, “venda”). Mas, como bem argumenta Schimtz (2002, p. 93), alguns “termos”, como *tie-break*, *match point*, entre outros, geralmente não têm equivalentes na língua e, por isso, os falantes acabam adotando o termo estrangeiro. Assim, para esse autor, a falta de equivalentes para um termo na língua de chegada pode ser entendida como uma das causas do uso dos estrangeirismos.

Segundo Dubois et al. (1973, p. 210), contrariamente a uma opinião bastante divulgada, a tendência ao empréstimo não constitui apanágio exclusivo dos tempos modernos.²⁵ O ato de emprestar palavras é um fenômeno que está intimamente relacionado à história da formação de uma língua. Isso é o que também afirma Guilbert (1975, p. 89):

²⁴ Aos empréstimos por contigüidade geográfica dá-se o nome de “empréstimos íntimos” e os empréstimos à distância são denominados “empréstimos culturais” (CÂMARA JR., 2002[1973]), p. 104).

²⁵ Dubois et al. (1973, p. 110) exemplificam isso usando o caso do francês: “[...] o francês, em certas épocas, fez empréstimos, tanto quanto em nossos dias, mas ao latim ou ao grego: a partir do século XIV, os eclesiásticos e os sábios, que usavam tanto o latim quanto o francês, deram a esta última, a partir das línguas antigas, grande parte de seu vocabulário. A medicina forjou para si um léxico a partir das raízes gregas. O vocabulário político desenvolveu-se, em meados do século XVIII, a partir do inglês, nos meios anglófilos; da mesma forma, parte do léxico inglês dos esportes introduziu-se na França no fim do século XIX pelos meios aristocráticos, que provocaram também a penetração das palavras do turfê. No domínio econômico e comercial, importa-se muitas

L'emprunt est un phénomène linguistique dont l'étude va de pair avec l'histoire de la formation d'une langue. Aucun peuple, en effet, n'a pu développer une culture entièrement autochtone, à l'abri de tout contact avec d'autres peuple, qu'il s'agisse de guerres ou de relations économiques, si bien que, nécessairement, sa langue s'est trouvée en rapport avec une ou d'autres langues, et en a reçu une influence quelconque, si minime soit-elle.

Assim, também o Português, ao longo de sua história e de sua formação, recebeu palavras de diversas línguas, que contribuíram para a constituição de seu léxico.

É sabido, conforme relembra Carvalho (1989, p. 13), que “o acervo lexical da língua portuguesa é formado a partir do latim popular ou latim vulgar, como é mais conhecido”. Mas nem só do acervo latino se valeu a língua portuguesa, uma vez que nenhuma língua escapa de sofrer influências externas, pois as línguas estão sempre em contato umas com as outras, seja por causa de guerras ou relações econômicas. É por isso que ao longo de sua história o português sofreu influência das diversas línguas com que esteve em contato, e, conseqüentemente, incorporou palavras e construções dessas línguas, o que representa um enriquecimento. Podem-se destacar: o árabe, o francês, o italiano, o alemão, e, mais especificamente no caso do PB, línguas africanas e indígenas e, contemporaneamente, o inglês.

Acerca da constituição do léxico do PB, Câmara Jr. (2002[1973], p. 41) afirma que

No Brasil temos como adstratos²⁶ do português línguas como o alemão, o italiano, o sírio, o japonês [...] e no Amazonas, o NHEENGATU, que é um

vezes do país estrangeiro o objeto e a palavra. Em sentido inverso, no século XIX, as palavras introduzidas por grupos sociais cuja língua de origem não era o francês comum (bretões, picardos, etc.) tomaram valor pejorativo”.

²⁶ Adstrato é “toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos” (CÂMARA JR., 2002[1973], p. 42). O referido autor comenta também em seu dicionário as idéias de superstrato – “o nome que se dá à língua de um povo conquistador, quando ele a abandona para adotar a língua do povo vencido. O superstrato persiste no léxico da língua adotada, que se enriquece com termos referentes a traços específicos da cultura do povo conquistador” (CÂMARA JR. (2002 [1973], p. 230) - e de substrato – “o nome que se dá à língua de um povo que é abandonada e esquecida em proveito de outra que a ele se impõe, em regra como conseqüência de conquista política. O substrato persiste no léxico da nova língua, que se enriquece com um resíduo de palavras, especialmente topônimos, e pode ainda aí

aspecto moderno do TUPI, ou língua indígena da costa brasileira, tal como o usaram, para fins de catequese, os missionários jesuítas em forma normalizada e disciplinada a que chamaram LÍNGUA GERAL. Pode-se considerar, aliás, essa língua geral, ou tupi jesuítico, como um adstrato do português no período do Brasil colonial, determinando a maior parte dos tupinismos.

Quanto ao córpus lexical do português, Carvalho (1989, p. 15) afirma que podem-se observar elementos:

- aloglóticos²⁷ pré-romanos e pós-romanos, introduzidos na fase de formação da língua;
- aloglóticos das modernas línguas européias, latinas e não-latinas;
- de línguas extra-européias, resultado dos descobrimentos.

Sobre as influências de outras línguas no português, assim se expressa Ilari (2002, p. 73):

[...] no patrimônio lexical mais antigo da língua portuguesa já se encontram palavras criadas em outras línguas, em particular o provençal, o espanhol e o árabe. Outras línguas que exerceram influência sobre o português são o francês, o italiano e o alemão, além é claro, das línguas africanas e das línguas indígenas brasileiras.

Alves (2004, p. 5-6) também reconhece a influência de outras línguas para a formação do léxico do português e afirma que, além dos recursos que utilizam elementos da própria língua para formação de neologismos,

o português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas lingüísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana).

introduzir traços morfológicos e fonéticos, estabelecendo-se assim uma modalidade *sui generis* de empréstimo lingüístico” (CÂMARA JR. (2002[1973], p. 227).

²⁷ Aloglota diz-se de um “indivíduo de língua ou de base lingüística outra que a dos indivíduos de determinada área em causa” (HOUAISS, 2004, versão em CD-ROM).

Os empréstimos lexicais cobrem campos semânticos determinados, de maneira coerente. No português do Brasil, há empréstimos de origem indígena, africana e das diversas línguas dos colonos imigrantes. Já os empréstimos culturais do português são de origem oriental, devido à expansão ultramarina de Portugal, e de línguas européias, especialmente o francês e o inglês e os vindos do latim clássico e do grego erudito (CÂMARA JR., 2002 [1973], p. 105).

De acordo com Câmara Jr. (2002[1973], p. 154), as formas e construções de origem latina que não se adaptaram ao gênio da língua portuguesa são conhecidas por latinismos. O autor acrescenta que os “latinismos lexicais se distinguem dos vocábulos eruditos por se manterem dentro da estrutura mórfica latina inteiramente”. O autor acrescenta que na língua escrita são usuais termos e frases feitas latinos. Tem-se as indicações convencionais, geralmente em abreviaturas, como *etc. (et cetera)*, *NB (Nota Bene)*, *PS (Post Scriptum)* e as citações tradicionais, como *sui generis*, *lato sensu*, *a fortiori*, *a posteriori*, *a priori*, *ad hoc*, *ipsis litteris*, *data venia*, *summa cum laude*, *ex-officio*. Alguns outros exemplos de latinismos utilizados no PB atual são *habitat*, *déficit*, *sic*, *ibidem*, *idem*, *habeas corpus*, *fac-simile*.

Ilari (2002, p. 78) retoma as idéias advindas da tradição filológica oitocentista de que o latim falado pelo povo se modificou até transformar-se nas línguas românicas faladas hoje, inclusive o português. Já o latim erudito, língua de cultura, não chegou, por este motivo, a modificar-se tanto ao longo do tempo. Desse latim, o português recebeu várias palavras por empréstimo. Um exemplo de empréstimo do latim erudito é a palavra “cátedra”, que, conforme explica Cagliari (2002a, p. 10), “do Latim *catedra* veio a palavra *cadeira*; mas, depois, voltou a aparecer a palavra *cátedra*, a qual trouxe mais um item lexical proparoxítono, porém, aceito com novo significado”.

Uma outra língua que, em determinado momento da história, forneceu empréstimos lingüísticos ao português foi o árabe. Arabismos são palavras, construções ou expressões

próprias da língua árabe numa outra língua. De acordo com Câmara Jr. (2002[1973], p. 42), “na história do português é particularmente importante o adstrato árabe, decorrente da ocupação moura da península ibérica, a partir do séc. VIII [...] É desse adstrato que provém a grande massa dos arabismos em português”. No português, muitas palavras que começam por *al-* remontam a antigos empréstimos que o português recebeu do árabe, principalmente durante a invasão árabe da península ibérica. Alguns exemplos de arabismos presentes no léxico do PB são: “álgebra”, “alfinete”, “algarismo”, “algodão”, “almofada”, “algema”, “algibeira”, “algazarra”.²⁸

O termo africanismo se refere às palavras, construções ou expressões tomadas de empréstimo de qualquer das línguas africanas. Muitos termos de línguas africanas foram incorporados ao PB por influência dos escravos para cá trazidos. Muitos africanismos aparecem em nomes referentes à culinária: “tutu”, “vatapá”, “dendê”; a cultos religiosos: “exu”, “orixá”, “ilê”, “egu”; a partes do corpo: “bunda” (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 11); e também em nomes de uso cotidiano: “moleque”, “cafuné”, “quitanda”, “marimbondo”.

No PB temos termos provenientes de uma variedade de línguas indígenas, que entraram na língua, em grande parte, durante a colonização, muitos deles referentes a animais, comidas, plantas e frutas típicas do país, pois os portugueses entraram em contato com as “coisas” para as quais não existiam equivalentes em português e emprestaram as palavras indígenas para nomeá-las. Também são muitos os termos indígenas referentes a nomes de lugares (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 11). Do tupi, por exemplo, vieram palavras como “abacaxi”, “açai”, “açú”, “amendoim”, “anhangüera”, “arara”, “babaçu”, “buriti”, “caatinga”, “caičara”, “cajá”, “caju”, “capivara”, “jabuti”, “jabuticaba”, “jacaré”, “jatobá”, “jenipapo”, “jibóia”, “mandioca”, “suçuarana”, “sucuri”, entre outros, e nomes de lugares como Araraquara, Ibitinga, Ubatuba, etc.

²⁸ Exemplos citados por Ilari (2002, p. 78).

No início do século XVI, durante o Renascimento, a língua italiana exerceu grande influência na Europa. Do italiano, o português tem muitos termos, por exemplo, no campo da música (“piano”, “violoncelo”) e de comidas (“pizza”, “salame”, “mortadela”, “macarrão”) (ILARI, 2002, p. 77).

Japonismos são palavras e expressões provenientes do japonês. Englobam vários termos relacionados a comidas: “sukiaki”, “sushi”, “shoyo”, “tofu”, “sashimi”, “hashi” (ILARI, 2002, p. 76).

A partir do século XVIII e já no século XIX, iniciou-se uma grande corrida em busca dos padrões europeus, no qual a língua francesa – muito difundida com as conquistas do Império Napoleônico – ganhou destaque na arte, na literatura e na cultura em geral. Aqui no Brasil, esse fenômeno fez com que as escolas passassem a ensinar o francês para os seus alunos: era muito “chique” falar francês, já que esta era a língua mais valorizada pela sociedade daquele século. Nesse período houve a entrada de um grande número de palavras e expressões de origem francesa no português e, de maneira geral, a tudo o que aparece em português por influência francesa dá-se o nome de galicismo.²⁹ Podem ser citados vários exemplos de galicismos não-adaptados graficamente no PB: *déjà vu*, *frisson*, *noir*, *nouvelle vague*, *nouvelle cuisine*, *menu*. Muitos galicismos já estão graficamente adaptados ao português: “buquê” (*bouquet*), “greve” (*grève*), “abajur” (*abat-jour*), “bibelô” (*bibelot*).³⁰

Câmara Jr. (2002[1973], p. 66-67) descreve também o fenômeno do brasileirismo, que é causado pela separação geográfica da língua portuguesa. Trata-se de “qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente ao português usado em Portugal ou lusitanismo”. Alguns exemplos de

²⁹ O francês já teve grande importância no mundo: “No século XIX [...], a aristocracia de todo o mundo só falava francês, ficando as línguas nacionais relegadas ao resto da população” (BAGNO, 2004b, p. 58).

³⁰ Segundo Houaiss (2004, versão em CD-ROM), esses termos, ainda que adaptados graficamente ao PB, foram considerados “galicismos” pelos puristas, os quais propuseram termos para substituí-los: “ramalhete”, “parede”, “lucívelo” (entre outros tantos) e “tetéia”, respectivamente.

brasileirismos citados pelo autor, no nível lexical, são tupinismos, como “aipim” e africanismos, como “cochilar” (CÂMARA JR. (2002[1973], p. 67).

Apesar de ter começado a se difundir na época das navegações e colonizações inglesas, o inglês atingiu seu apogeu como língua internacional com a ascensão dos Estados Unidos e com a era da globalização. Assim, devido ao poder político e econômico exercido pelos Estados Unidos, no século XX, o Brasil deixou as formas dos padrões europeus e passou à “americanização”.³¹

O inglês foi tomando cada vez mais espaço entre quase todas as culturas do mundo e hoje é a língua principal para a comunicação e comércio entre os povos. É a língua franca³² da atualidade e tornou-se a principal fonte de estrangeirismos para o português.³³

Os anglicismos mais recentes no português geralmente estão ligados às áreas de tecnologia, esporte, música e entretenimento.³⁴

Há casos em que os anglicismos são incorporados pelo português e usados no dia-a-dia das pessoas e entram para o léxico da língua. Há, por outro lado, o uso estilístico - portanto, efêmero - dos anglicismos, que muitas vezes nem chegam a ser incorporados pela língua. No entanto, independentemente de entrarem ou não formalmente (através da dicionarização) para o léxico (“oficial”) da língua, os estrangeirismos sofrem vários processos de adaptação para adequá-los aos padrões da língua de chegada, sendo essas adaptações motivadas pelas diferenças entre as estruturas das línguas de partida e de chegada.

³¹ “Devido ao contato entre culturas de línguas diferentes, é natural que haja um comércio de palavras entre os diversos países. Do mesmo modo como se dá com o poderio sócio-cultural e econômico, na balança comercial do léxico, as nações mais fortes são, via de regra, as que mais exportam palavras. A língua portuguesa está sendo invadida por palavras e expressões oriundas do inglês, por causa do poderio sócio-econômico dos Estados Unidos” (ROCHA, 1999, p. 71).

³² Para uma definição de “língua franca”, ver Introdução.

³³ Segundo Freitas et al. (2003, não paginado), no cópua REDIP (do Português Europeu), por eles analisado, oitenta por cento dos neologismos estrangeiros encontrados têm origem inglesa.

³⁴ Ver Apêndice C para mais exemplos de anglicismos em diferentes áreas de conhecimento.

1.4 Adaptação de estrangeirismos

Os termos estrangeiros que entram na língua portuguesa podem sofrer diferentes tipos de adaptações: gráficas, fonológicas, morfológicas, semânticas. As adaptações ocorrem para adequar as palavras de origem estrangeira à estrutura do português. Algumas dessas adaptações podem tornar as origens de certos empréstimos irreconhecíveis para o falante comum.

Deroy (1956, p. 239) afirma *“qu’il y a des mots étrangers qui gardent leur air étranger, et d’autres, surtout empruntés par la voie orale et populaire, qui s’adaptent plus ou moins parfaitement aux habitudes et aux cadres de la langue preneuse”*. O autor acredita que a adaptação dos empréstimos pode ser fonética, gráfica, morfológica e semântica. Essas formas de adaptações serão explicitadas a seguir, com maior ênfase para as adaptações fonético-fonológicas, que são o objeto de estudo deste trabalho.

Para Deroy (1956, p. 236), *“l’adaptation articulatoire varie selon la forme du mot, selon la différence de structure des idiomes et selon la voie suivi par l’empunt”*. Ele acrescenta que, às vezes, a forma da palavra estrangeira provoca uma tal dificuldade de pronúncia, que a assimilação é quase irrealizável. Quando a estrutura das línguas envolvidas é muito diferente, a alteração é maior do que quando as línguas são relativamente semelhantes.

Deroy (1956, p. 236-237) trata da via de entrada dos estrangeirismos, que segundo ele pode ser a via erudita ou a via popular, e que pode influenciar a forma como o estrangeirismo será pronunciado:

La prononciation de l’emprunt s’écarte plus ou moins du modèle étranger selon qu’il a suivi, à l’origine, la voie savante ou la voie populaire. En effet, si l’emprunteur est un homme cultivé qui connaît la langue étrangère, il reproduit fidèlement les sons qu’il a entendus ou prononce correctement les graphies qu’il a lues. Si l’autorité de cet homme est grande ou s’il s’adresse d’abord à un cercle nombreux de gens cultivé

comme lui, l'emprunt a une certaine chance d'être introduit dans l'usage commun avec une prononciation exacte. C'est assez le cas aujourd'hui pour les anglicismes.

Mais si l'emprunteur n'est pas cultivé, s'il est un homme du peuple qui ne connaît pas la langue étrangère, il reproduit à sa guise ce qu'il a cru entendre ou prononce à sa façon ce qu'il a lu.

Deroy (1956, p. 237) conclui que “*ce ne sont pas, à proprement parler, les emprunts oraux, mais les emprunts « populaires » qui sont les plus sujets à s'alterer*”. Segundo o autor, quando um grande número de pessoas se familiariza com a língua de partida e adquire um certo bilingüismo³⁵, constata-se a tendência a conservar a grafia original, a reduzir a adaptação articulatória e a manter a pronúncia o mais próxima possível da estrangeira.

Deroy (1956) descreve quatro modos de adaptar a pronúncia de um termo estrangeiro. O primeiro processo descrito por Deroy é omitir fonemas desconhecidos ou impronunciáveis - exemplos: *hiperlink*, *hipertexto* (em que o <h> inicial não é pronunciado). O segundo processo, de acordo com o autor, seria substituir um fonema de difícil pronúncia por um fonema comum da língua de adoção. Pode-se ilustrar esta situação com o termo *home theater*, que tem sido tão empregado atualmente. O som do <th>, /θ/, em inglês, não tem um equivalente em português, então a tendência é substituí-lo por um som parecido e comum na língua de chegada - neste caso, o /t/. Esse tipo de adaptação fonética foi observado no corpus coletado. O terceiro modo de adaptação seria introduzir fonemas novos para atribuir à palavra um “ar familiar”. Uma explicação mais apropriada para esse fenômeno é adequar a pronúncia à estrutura da língua de chegada. Isso pode ocorrer, por exemplo, acrescentando-se uma vogal protética ou epentética à palavra, como em *chip*, *link*, *scanner*, pronunciados [ʃipi, ʎĩŋki, is'kẽner]. E um quarto recurso seria deslocar o acento de acordo com as regras da língua de adoção. Exemplos: *internet*, *interface* (em inglês: *internet*, *interface*; em

³⁵ O autor não se refere ao bilingüismo propriamente dito, mas sim a uma exposição considerável à segunda língua.

português : “internet” ; “interface”). Em relação à adaptação do acento, Derooy (1956, p. 243) afirma que “*ce transfert aux emprunts de la manière d’accentuer les mots indigènes est un phénomène tout spontané*”. Isso quer dizer que pode acontecer também de não haver adaptação quanto à posição acentual e o empréstimo conservar o acento estrangeiro da palavra. Neste caso, os empréstimos se distinguem das palavras vernáculas por uma acentuação especial. Para ilustrar este fenômeno, pode-se citar “revólver”, que mantém o padrão acentual do inglês *revolver*. Caso se adaptasse ao padrão acentual do PB, essa palavra seria pronunciada da mesma forma que o verbo “revolver”, cuja sílaba tônica é *-ver* (por ser uma sílaba pesada e atrair para si o acento, cf. Massini-Cagliari, 1999a).

O autor conclui que quando vários termos são emprestados de uma determinada língua, o falante pode reconhecer certas correspondências que ele estende a outros empréstimos. Mas trata-se de tendências, e não de regras, de adaptação (DEROY, 1956, p. 244).

Quanto à adaptação gráfica, Derooy (1956, p. 248) acredita que as palavras emprestadas recebem uma forma escrita diferente da ortografia estrangeira quando as duas línguas têm escritas de tipos diferentes. Isto ocorre, por exemplo, quando se adaptam para o português palavras do russo que contêm letras inexistentes na língua de chegada.

As adaptações morfológicas, de acordo com o autor, podem ser feitas acrescentando-se sufixos e prefixos à palavra emprestada (DEROY, 1956, p. 254). Um outro tipo de adaptação morfológica descrita pelo autor é a adaptação de gênero. Isso ocorre, por exemplo, quando o inglês empresta do francês o termo *naïve* (feminino de *naïf*), que passa a ser empregado tanto para o feminino quanto para o masculino (DEROY, 1956, p. 257).

Ao se referir às adaptações semânticas, Derooy (1956, p. 261) assim se expressa: “*les emprunts sont souvent de faux amis parce qu’ils n’ont pas, dans la langue emprunteuse, le même sens que dans la langue donneuse*”. O autor acrescenta que, freqüentemente, as

palavras são emprestadas com um único sentido, enquanto elas tinham dois ou mais na língua de partida.

Guilbert (1975, p. 95) utiliza a adaptação dos estrangeirismos à língua de chegada como critério para determinar quando os termos deixam de ser neológicos: *“Un terme d’origine étrangère cesse d’être néologique à partir du moment où il est entré dans le système linguistique de la langue d’accueil, c’est-à-dire quand, précisément, il cesse d’être perçu comme terme étranger”*.

Em relação às formas de integração dos termos de origem estrangeira a uma língua, Guilbert (1975, p. 96-98) descreve três critérios por meio dos quais isso pode ocorrer: fonológico (que engloba o nível fonético, ou seja, a pronúncia das palavras), morfossintático e semântico. Sobre o critério fonológico, o autor afirma para o francês, mas acreditando que isso possa ser estendido a outras línguas, que *“Le critère de la prononciation selon le système phonétique français n’est pas décisif pour apprécier le degré d’intégration”* (GUILBERT, 1975, p. 96). Com os resultados deste trabalho, porém, pretende-se mostrar o contrário: que a adaptação fonético-fonológica pode e deve ser levada em consideração ao tratar da integração de termos estrangeiros na língua de chegada, mesmo porque ela é normalmente a primeira a ocorrer e é ela que geralmente serve de base para a ocorrência de outros tipos de adaptações, como a gráfica.

O critério morfossintático, segundo Guilbert, é o mais pertinente para decidir sobre a instalação do estrangeirismo no léxico: *“un mot étranger, dès le moment où il sert de base a une dérivation selon le système morpho-syntaxique français est véritablement intégré à notre langue”* (GUILBERT, 1975, p. 97). Essa idéia é semelhante às de Sandmann (1997) e de Rebello d’Andrade (1995), para o português.

Quanto ao terceiro critério, o semântico, Guilbert (1975, p. 97) considera que este seja o indicador de inserção definitiva da palavra estrangeira na língua de chegada:

On a vu que le processus d'entrée d'un terme étranger dans une langue se réalisait sémantiquement avec un signifié monosémique. Le fait que le terme, une fois introduit, puisse recouvrer une disponibilité sémantique que lui permet d'assumer le rôle de signifiant de plusieurs signifiés, témoigne de son insertion définitive dans le système lexical de la langue d'accueil.

Dubois et al. (1973, p. 210-211) afirmam que a integração da palavra na língua que a toma de empréstimo se faz das mais diversas maneiras, de acordo com os termos e as circunstâncias. Assim, a mesma palavra estrangeira, tomada de empréstimo em épocas diferentes, passará a ter formas diferentes. Os autores descrevem diferentes graus de integração dos estrangeirismos:

A integração, mais ou menos completa, comporta graus diversos: a palavra pode ser reproduzida quase como se pronuncia (e se escreve) na língua B; todavia, em geral, mesmo nesse caso, há assimilação dos fonemas da língua B aos fonemas mais próximos da língua A: assim, o italiano *paparazzo*, que designa certos fotógrafos da imprensa, será usada em francês com a pronúncia [papaRatso] e o plural [paparatsi]; não há integração para o plural, mas muitas vezes há integração para o [R] (em italiano, temos o [r] rolado) e eventualmente para o acento tônico, colocado, em francês, geralmente sobre a última sílaba [-tso], e não sobre a penúltima [-Ra], como no italiana. A ausência de integração fonética e morfológica implica o domínio dos dois sistemas (o de A e o de B) e certa afetação por parte do falante; ela pode produzir-se também quando o falar A é submergido por B. A um nível mais avançado de integração, só alguns traços muito frequentes da língua B são conservados: por exemplo, os afixos ingleses *-ing* (*camping*) ou *-er* (*docker*). Enfim, a integração é total quando todos os traços estranhos a A desaparecem e são substituídos por traços mais ou menos vizinhos ou não de B, às vezes com aproximações com certas palavras de B: assim, o inglês *football* foi integrado ao português sob a forma *futebol*.

O empréstimo, contrariamente ao decalque, implica sempre, pelo menos de início, uma tentativa de repetir a forma ou o traço estrangeiro.

Alves (1984, p. 124) argumenta que, segundo o critério fonológico, os termos estrangeiros começam a fazer parte do léxico de uma língua à medida que se integram fonologicamente a ele. A autora faz a ressalva de que a integração fonológica do empréstimo pode ser posterior à sua introdução por via escrita, “assim, o termo emprestado não é adaptado fonologicamente à língua importadora; ao contrário, recebe uma pronúncia de acordo com o

sistema fonológico desse idioma”. Alves (1984, p. 124) alega que a adaptação fonológica do termo estrangeiro revela-se por uma adaptação ortográfica, como por exemplo, “birô”, do francês *bureau*. E afirma também que mesmo que uma unidade lexical já tenha sido dicionarizada e aportuguesada graficamente, pode ser encontrada grafada de acordo com a língua de origem, o que ocorreu no cópua coletado, como em *rock* - “roque”, *stress* - “estresse”, *check-up* - “checape”.³⁶ Alves afirma que “nem sempre a expressão estrangeira empregada na língua portuguesa adapta-se às suas fonologia e ortografia. Em alguns casos, a forma original permanece” (ALVES, 1984, p. 124-125). Esse comentário é discutível. A ortografia estrangeira é muito freqüente no cópua coletado para esta pesquisa. No entanto, a fonologia é sempre adaptada, salvo nos casos em que o falante possui conhecimento suficiente da fonologia da língua estrangeira para reproduzir fielmente seus traços, o que geralmente não ocorre na fala natural em contexto de PB. Há a possibilidade teórica de não-adaptação, ou seja, manutenção da pronúncia exata da língua de partida, mas na prática não é isso o que se observa na grande maioria dos casos, já que a coincidência da fonologia das línguas de chegada e de partida com relação a palavras específicas é bastante rara.

O esquema abaixo, proposto por Carvalho (1989, p. 43), mostra o processo de entrada de um termo estrangeiro na língua, que consta de quatro fases:

³⁶ Veja-se Quadro 3.1.

forma gráfica e não a pronúncia na língua original (ex: *Aids* - /^lejdz/, em inglês e /^laj.diS / em PB). Os fonemas que ocorrem em ambas as línguas são normalmente mantidos.

Carvalho continua dizendo que “enquanto fonologicamente é difícil provar a adaptação de um termo, o mesmo não ocorre em relação à morfologia, pois neste caso a adaptação reflete-se na grafia e o termo passa a integrar a língua” (CARVALHO, 1989, p. 45). No entanto, a adaptação fonológica não é difícil de comprovar, quando estão disponíveis registros gravados, como será mostrado na seção deste trabalho que trata da análise dos dados. A dificuldade a que se refere Carvalho (1989) surge apenas quando se considera somente a representação escrita da língua como horizonte.

Quanto à forma de adoção dos empréstimos, Carvalho (1989, p. 49) classifica-os em:

- decalque (ex: “fim de semana”, “alta costura”);
- adaptação fonética, morfológica e ortográfica (ex: “chá”, “escrete”, “godê”);
- incorporação na forma original, com adaptações fonéticas necessárias (ex: *show*, *shopping*).

Freitas (1992) trata exclusivamente das adaptações fonológicas de anglicismos. A autora descreve alguns processos – epêntese, nasalização, abertura vocálica – que ocorrem na passagem do estrangeirismo para a língua de chegada, o português.³⁷ Freitas conclui que não há nenhum procedimento exclusivo à adaptação dos estrangeirismos, isto é, os processos utilizados pelos falantes de PB na adaptação da pronúncia de palavras estrangeiras são os mesmos que se aplicam às demais palavras da língua, estando previstos no sistema fonológico do português.

Sandmann (1997, p. 73), assim como Guilbert (1975), observa que um indício seguro de que o empréstimo está bem adaptado à língua de chegada é a existência de palavras

³⁷ Alguns desses processos serão considerados na seção 4 do presente trabalho.

derivadas do mesmo. Exemplos de empréstimos vindos do inglês e que já possuem palavras derivadas no português são: *snob* (“esnobar”, “esnobação”, “esnobada”); *bluff* (“blefe”, “blefar”).³⁸

Uma importante observação feita por Assirati (1998, p. 124) é a de que o neologismo por empréstimo deve estar em conformidade com as regras morfosintáticas da língua de chegada e adaptar-se a seus sistemas fonológico e ortográfico. Deve também estar em conformidade com a política lingüística do idioma.

Garcez e Zilles (2004, p. 19) acreditam que os “elementos estrangeiros que surgem do contato lingüístico muitas vezes têm vida curta, como as gírias, ou são incorporados de modo tão íntimo à língua que os acolhe, pelos processos normais de mudança lingüística, que em duas gerações nem sequer são percebidos como estrangeiros”. Os autores acrescentam que os empréstimos recentes podem ser mais facilmente identificáveis porque ainda não completaram o processo de incorporação à língua pela padronização da escrita. Garcez e Zilles (2004, p. 24) dizem que “grande parte dos estrangeirismos são percebidos porque conservam sua identidade estrangeira na grafia, mesmo depois de incorporação à fonologia da língua, como no caso de *software*, dito *sófter* ou *sófiter*”.

A tendência de as palavras recebidas de outras línguas serem reconhecidas, num primeiro momento, como palavras estrangeiras, porque soam diferentes e se escrevem segundo a grafia da língua de origem, também é reconhecida por Ilari (2002, p. 19). Segundo o autor, aos poucos, acontece uma “adaptação” tanto da pronúncia como da grafia; com isso, as palavras “importadas” acabam por confundir-se com as palavras mais antigas da língua.³⁹ É importante ressaltar, no entanto, que, muitas vezes, as adaptações da pronúncia não ocorrem aos poucos, como afirma o autor, mas logo que a palavra começa a ser usada na língua de

³⁸ Sobre a produtividade lexical a partir de empréstimos, veja-se Sandmann (1991, p. 46-47).

³⁹ Ainda segundo o mesmo autor, “paulatinamente, as formas estrangeiras adotam pronúncia e grafia mais “vernáculos”, e começam a dar origem a novas palavras e expressões com feições também vernáculos. Nesse ponto do processo, já é quase impossível distingui-las das formas criadas dentro da própria língua” (ILARI, 2002, p. 73).

chegada, dada a impossibilidade de reproduzir a pronúncia original na língua que faz o empréstimo.

A fase neológica do item estrangeiro ocorre quando ele está integrado à língua receptora gráfica, morfológica ou semanticamente, segundo Alves (2004, p. 77): “o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma”. Isso é o contrário do que o que afirma Guilbert (1975), já citado anteriormente.

Para Alves (2004, p. 77), a adaptação ortográfica do estrangeirismo não é uma regra, pois muitos termos revelam tal adaptação, enquanto outros continuam a ser grafados de acordo com a língua de origem. Para a autora, morfossintaticamente, a integração à língua receptora manifesta-se quando o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos, como em “new-jeca”. A adaptação semântica do termo estrangeiro faz com que, introduzido no sistema lingüístico com um único significado, seu uso constante leve à polissemia. Isto é o que ocorre na expressão “a *skin-head* do samba”, em que o termo que se refere a “integrante de uma associação de jovens que usam a cabeça raspada” se refere a uma “integrante do samba que usa a cabeça raspada”.

Freitas et al. (2003, não paginado) tratam do processo de integração dos estrangeirismos no Português Europeu (PE), sendo que suas conclusões poderiam ser válidas também para o PB. Eles consideram que o fenômeno ocorre em três fases distintas, que serão brevemente descritas abaixo.

1. transformações imediatas, que podem ocorrer em diferentes níveis:

- i) adaptação fonética imediata, como ocorre, por exemplo, quando pronunciamos as vogais nasais do francês, por natureza [+baixas], em PE e elas se tornam [-baixas].
- ii) adaptação morfossintática imediata, que engloba a atribuição de gênero às palavras e sua integração numa classe de palavras.

- iii) monossemia, isto é, manutenção do mesmo sentido da palavra na língua de partida.
 - iv) grafia da língua de origem é mantida.
 - v) hesitação nos tipos gráficos, ou seja, os estrangeirismos geralmente ocorrem entre aspas ou em itálico.
2. transformações progressivas, que decorrem do tempo e da frequência de uso de uma determinada palavra estrangeira:
- i) adaptação fonética progressiva, através da fixação do acento e da simplificação de alguns segmentos consoânticos.
 - ii) adaptação morfossintática progressiva, através da fixação da forma do plural dos nomes e adjetivos.
 - iii) possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação.
3. integração no léxico, que, segundo os autores, é a fase em que o estrangeirismo deixa de ser estrangeirismo:
- i) estabilização fonológica: fixação do acento.
 - ii) plena integração morfossintática: fixação do gênero e da forma de plural.
 - iii) integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação.
 - iv) polissemia.
 - v) atestação lexicográfica normativizada.

Um outro trabalho recente acerca de adaptações fonológicas de estrangeirismos é o de Freitas e Neiva (2006), sendo que sua abordagem se restringe aos casos em que as estratégias

de adaptação advêm da necessidade de lidar com as diferenças do inglês e do português em relação à estruturação silábica.

Para Freitas e Neiva (2006, p. 17), o empréstimo é primeiramente introduzido por um falante bilíngüe (aquele com domínio da língua estrangeira), que tenderá a utilizar a forma fonética original mesmo em contexto nativo, sendo que às vezes ele evita a mudança constante de código, dando origem desta forma à substituição fonética em graus variáveis, conforme o contexto da enunciação. Uma vez introduzido por um bilíngüe, o empréstimo cai no domínio geral.

As autoras reconhecem a dificuldade de estabelecer por qual via penetraram os empréstimos na língua. No entanto, a via de entrada do empréstimo, seja ela oral ou escrita, é relevante, segundo as autoras, porque, diferentemente das palavras introduzidas oralmente, as que entram pela escrita tendem a manter menos inalterada sua configuração original. Já quando o empréstimo entra de modo simultâneo pela escrita e pela fala, temos duas tendências co-existentes de adaptação: uma resultante de pronúncia “viciada” (ortográfica) e outra de aproximação fonética (baseada no modelo oral). No caso de entrada por via escrita, registra-se uma pronúncia “ortográfica” baseada nas regras de decifração da escrita para a língua de chegada.

Quanto à nativização dos anglicismos, Freitas e Neiva (2006, p. 19) constatam a ocorrência de dois procedimentos sempre que sua constituição silábica de origem não se enquadra nos padrões canônicos do português: (a) inserção de vogal anterior alta ou (b) queda de um segmento consoântico marginal. Na presente pesquisa observou-se a ocorrência desses dois procedimentos, sendo a queda do segmento consonantal não muito utilizada pelos sujeitos aqui considerados.⁴⁰

Na visão das autoras, os empréstimos não excluem os falantes que não dominam o idioma estrangeiro, ao contrário do que alegam os puristas, porque, segundo elas, o

⁴⁰ O assunto é discutido e exemplificado na seção 4.

empréstimo plenamente nativizado é aquele que já foi incorporado ao léxico do falante comum:

embora a nativização de empréstimos possa ocorrer tanto por via oral como por via escrita, em ambas as situações pressupondo um falante bilíngüe como aquele que introduz a forma estrangeira no seu sistema nativo, uma forma só poderá ser considerada como incorporada à língua importadora, isto é, como plenamente nativizada, se seu uso não está mais restrito a falantes bilíngües, mas já ganhou domínio geral e incorporou-se ao vocabulário de domínio de falantes que desconhecem ou têm escasso domínio da língua de origem da referida forma (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 17).

A esse respeito, as autoras acrescentam que “um empréstimo pode ser considerado totalmente adaptado se sujeito às mesmas mudanças e analogias que qualquer outra palavra nativa” (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 18), assim como afirmam Guilbert (1975, p. 97) e Sandmann (1997, p. 73).

1.5 Os estrangeirismos e a questão do preconceito lingüístico

No Brasil há uma falsa percepção generalizada de que se fala uma única variedade da língua portuguesa em todo território. É o que Bagno (2004a, p. 15) descreve como seu mito número 1: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”.

De acordo com Massini-Cagliari (2004, p. 3), esta percepção dos brasileiros pode ser considerada correta somente no sentido de que quase todos podem se comunicar através do português por toda parte ao longo do território brasileiro. Tem-se esta impressão pelo fato de uma variedade ser priorizada pelos meios de comunicação em massa em detrimento de outras. No entanto, não se deve confundir a idéia de “monolingüismo” com a de “homogeneidade lingüística” (BAGNO, 2004a, p. 18).

Além do mais, o português não é a única língua falada no Brasil. O Brasil é um país multilíngüe, sendo que há cerca de 200 línguas diferentes que são faladas aqui, das quais, aproximadamente, 170 são indígenas (cf. OLIVEIRA, 2002, p. 83 e MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 4).

Mas devido à falsa idéia de que no Brasil se fala apenas uma língua, o Português, ressurgiu recentemente a discussão sobre os estrangeirismos na língua, através da tentativa de impor uma lei que proíba seu uso. Trata-se do Projeto de Lei número 1676 de 1999, proposto pelo então deputado Aldo Rebelo⁴¹, e alterado pelo Projeto de Lei da Câmara número 50 (substitutivo) de 2002⁴², de Amir Lando. A nova versão do projeto foi proposta em 28 de maio de 2003.

O projeto restringe o uso de palavras estrangeiras e obriga o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados e pelos estrangeiros residentes no Brasil há mais de um ano. O projeto pretende fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e atualizar as normas do Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa, para que sejam incluídos e aportuguesados vocábulos de origem estrangeira, incentivando a reversão espontânea para o português de palavras e expressões estrangeiras correntemente usadas através da adoção de sanções premiais.

O Projeto de Lei define como prática abusiva os casos de uso de estrangeirismos em que a palavra ou expressão em língua estrangeira utilizada tiver equivalente em língua portuguesa, desconsiderando seu papel como recurso estilístico utilizado pelos falantes (função discursiva da formação de palavras, cf. Basilio, 1989, Sandmann, 1997, e Rocha, 1999). Além disso, o projeto define como prática enganosa o uso de palavra ou expressão em língua estrangeira que puder induzir qualquer pessoa a erro ou ilusão de qualquer espécie; e

⁴¹ O texto completo da versão original da lei foi publicado em Faraco (2004, p. 177-185).

⁴² Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=183>>, acesso em 08 abr. 2006.

prática danosa ao patrimônio cultural o uso de palavra ou expressão em língua estrangeira que puder descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

Um dos pontos polêmicos do projeto é o uso constante de termos estrangeiros na literatura científica e técnica. Segundo o então deputado Rebelo, os neologismos da nomenclatura técnica e científica devem ser aportuguesados para adquirir “a feição e a sonoridade de um verso de Camões”.

O Brasil já sofreu tentativas anteriores de homogeneização lingüística, como o “Diretório dos Índios” do Marquês de Pombal em 1757, que instituiu o português como única língua do Brasil, proibindo o ensino e o uso de qualquer outra língua, sobretudo o nheengatu, de base tupi (BAGNO, 2004b, p. 54). Já no século XX, a ditadura de Getúlio Vargas proibiu o ensino do alemão e do italiano nas regiões do Sul do país, nas quais era intenso o uso dessas línguas em virtude das imigrações ocorridas no século anterior (BAGNO, 2004b, p. 54).⁴³

Ilari (2002, p. 73) comenta que, de tempos em tempos, a incorporação de palavras estrangeiras foi vista como um problema por gramáticos, escritores e políticos: “os mesmos argumentos foram então usados (de maneira pouco convincente, e, afinal, sem resultados práticos) para provar que as palavras estrangeiras “corrompem” a língua portuguesa e constituem um vício de linguagem – o barbarismo⁴⁴ – que deve ser combatido a todo preço”.

Não faltaram, no meio acadêmico e na sociedade, críticas ao Projeto de Lei supra mencionado.

⁴³ Em outros países também houve tentativas semelhantes. Na França, houve a tentativa de defesa do idioma através da lei Toubon e hoje há no país o *Haut comité pour la défense et l'expansion de langue française*, que zela pela promoção da língua francesa no mundo. Na Itália, foram criadas as leis de defesa do italiano durante o período fascista (cf. RUZZA, 2002), e, durante a ditadura franquista na Espanha, foram propostas leis de defesa do castelhano (FIORIN, 2004, p. 122). Nos EUA “a militância fundamentalista e o movimento *English Only* – recorrem ao mesmo tipo de ideário, alegando haver ameaça ao inglês nos Estados Unidos; com base nessa alegação, propõem legislação de “proteção e defesa” do inglês, coibindo o uso de outras línguas, notadamente o espanhol” (GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 27).

⁴⁴ “A evolução da palavra “bárbaro” é reveladora. Originalmente, ela designava o grito de um pássaro e depois foi usada pejorativamente, para referir àqueles que não falavam grego. Passou a significar “estrangeiro” ou “ignorante”, devido à idéia dos gregos de que sua língua e civilização eram superiores a todas as demais” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 287).

Para Câmara Jr. (2002[1973], p. 65), barbarismo é “vício de linguagem que consiste em erros em relação às palavras: 1) na pronúncia; 2) na grafia; 3) na forma gramatical; 4) na significação”.

Apesar de serem contrários ao projeto, Cipro Neto e Infante (1997, p. 109-110) condenam os “usos abusivos” dos estrangeirismos:

Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os *teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Fiorin (2004, p. 115) refuta o argumento do projeto de lei de que os termos estrangeiros causam dificuldades de comunicação já que o “léxico é aprendido em função das experiências de vida e qualquer pessoa é capaz de aprender qualquer setor do vocabulário, se ele fizer algum sentido para ela”.

Possenti (2004, p. 166) também acredita que as palavras estrangeiras não sejam a causa de problemas de entendimento. O autor exemplifica que um camponês não entenderá a palavra “printar”, por exemplo, não porque ela venha do inglês, mas sim porque ele não usa computadores, ou seja, o termo não faz parte do seu léxico de uso.

Fiorin (2004, p. 120) acredita ainda que o projeto labora em erro ao afirmar que o português possui expressões perfeitamente utilizáveis no lugar das estrangeiras, pois, “do ponto de vista do sistema, certas formas estrangeiras têm correspondentes exatos em português, do ponto de vista do uso, a língua não tem formas vernáculas ou emprestadas que sejam correspondentes perfeitos”. O uso das expressões estrangeiras pode denotar “modernidade”, “requisite”. Possenti (2004, p. 170) também coloca esta questão de que não há sinonímia perfeita nem mesmo dentro da própria língua, quanto mais entre línguas diferentes.

Rajagopalan (2003, p. 61) enfatiza que nunca, na história da humanidade, a identidade lingüística das pessoas esteve tão sujeita às influências estrangeiras, como nos dias de hoje. O

autor ressalta que “o traço mais visível da identidade lingüística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia”.

Alguns autores buscam explicações para o temor ao uso das palavras estrangeiras, afirmando que este talvez se deva ao fato de que, como Bagno (2004a, p. 150): “o novo assusta, o novo subverte as certezas, compromete as estruturas de poder e dominação vigentes”.

Para Bakhtin (1995, p. 87), a palavra estrangeira está relacionada com a idéia de poder e força, possivelmente associada a subordinação e subjugação:

A palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política [...] Fez com que, na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a idéia de poder, de força, de santidade, de verdade, e obrigou a reflexão lingüística a voltar-se de maneira privilegiada para seu estudo.

Yaguello (2001, p. 280) acredita que o medo da corrupção da língua disfarça o ancestral medo da morte: “língua envelhece, aparentemente, com aquele que a fala e que se identifica com ela. Mas o homem não quer envelhecer; ele lê na evolução da língua sua própria decadência. Assim, ele deseja conservar a língua na pureza, na integridade de sua juventude”.

A rejeição aos estrangeirismos, sobretudo os anglicismos, é reflexo da idéia de nacionalismo cultural que tenta evitar a influência dos grandes centros hegemônicos - no caso atual, os Estados Unidos. Há um crescente sentimento anti-americano, que pode até degradar em xenofobia cultural. Tal sentimento rejeita inclusive o uso da língua desse país, o inglês, língua esta que vem sendo usada há algumas décadas como língua franca. Lacoste (2005, p. 11) coloca esta questão como um paradoxo⁴⁵:

⁴⁵ Dubois et al. 1973, p. 110) acrescentam que “o empréstimo liga-se necessariamente ao prestígio de que goza uma língua ou povo que a fala (caráter melhorativo) ou então ao desprezo no qual ambos são tidos (caráter piorativo)”.

A mundialização do inglês americano se faz também indiretamente por meio de uma série de fenômenos culturais mais ou menos associados uns aos outros: pelo cinema americano, apesar de a maior parte dos filmes exportados pelos EUA serem dublados na língua do país de importação, e especialmente pela enorme massa de produções musicais que são, dia e noite, difundidas por emissoras de rádio e de televisão do mundo inteiro. A língua do *rock* é o inglês, seja ele cantado por franceses, japoneses ou russos, e pouco importa que o sentido das palavras não seja compreendido. Ele contribui para manter na moda tudo o que é americano. E tudo isso tem conseqüências geopolíticas e participa das rivalidades de poderes e de influências em nível mundial e no quadro de todos os países. O paradoxo – que é sobretudo geopolítico – é que o papel e a influência dos Estados Unidos nunca foram tão grandes e nunca o antiamericanismo se exprimiu tão claramente na opinião pública de todos os países.

No entanto, de nada adianta tentar impedir o uso de palavras estrangeiras através de leis ou decretos, até mesmo porque vários estrangeirismos são passageiros, perdem força com o tempo e são logo esquecidos (BAGNO, 2004b, p. 81-82); outros são tão usados, que às vezes até nos esquecemos de seu caráter estrangeiro. Proibir seu uso é não respeitar a diversidade lingüística existente, criando ambiente favorável ao surgimento de preconceitos lingüísticos, e, além disso, perder uma fonte de formação de novas palavras para o léxico do português.

Bagno (2004b, p. 82) lembra que “não existe uma língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas”.

Além disso, como afirma Campos (1986, p. 35), o “empréstimo lingüístico enriquece a língua que o recebe sem tornar mais pobre a língua que o cede”. Isso está de acordo com as idéias do filósofo, diplomata e ex-ministro da Cultura Sergio Paulo Rouanet em um artigo para a revista *Veja* (5 de jan. 2005, p. 79), “para mantermos nossa identidade cultural, temos de avançar [...]. Avançar significa, entre outras coisas, incorporar o que existe de melhor na cultura estrangeira”.

Nem todas as inovações são aceitas, de acordo com Carvalho (1989, p. 27). Isso acontece porque a “adoção é uma seleção e normalmente se aceita aquilo que é funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social ou funcional da comunidade.”⁴⁶ Este aspecto é válido no caso da adoção de termos estrangeiros, pois eles podem entrar e sair de uso, ao tornarem-se desnecessários, ou motivarem a formação de termos vernáculos para substituí-los. São os falantes que decidem se os termos estrangeiros permanecem na língua ou se desaparecem. E, se permanecerem, em que medida mantêm ou não as propriedades das formas originais (ZILLES, 2004, p. 157).

1.6 Considerações finais

Nesta seção, discutiram-se os tipos de neologismos e a importância dos estrangeirismos como uma fonte de neologismos. Algumas diferentes definições para os termos “estrangeirismo” e “empréstimo” foram apresentadas, com o intuito de mostrar que os autores geralmente levam em consideração apenas aspectos gráficos para diferenciar esses termos, sendo o aspecto fonológico desprezado, na maior parte das vezes. Mostrou-se, também, como os estrangeirismos sempre estiveram presentes na língua portuguesa, e que o PB recebeu termos e expressões de diversas línguas diferentes, ao longo de sua história.

Alguns trabalhos sobre a adaptação de estrangeirismos foram apresentados e discutidos, bem como a relação entre o uso de estrangeirismos e o aparecimento de manifestações de preconceito lingüístico, incluindo polêmicas propostas governamentais de controle de uso de palavras estrangeiras.

⁴⁶ Segundo Ilari (2002, p. 19) “as palavras estrangeiras são mais facilmente aceitas quando se aplicam a objetos, técnicas ou modos de viver que são em algum sentido “novos”; assim a assimilação de palavras estrangeiras acontece na maioria das vezes como parte de um processo de assimilação que não é apenas lingüístico, mas cultural”.

2 Aspectos da Fonologia do PB e do IA

Antes de proceder à análise dos dados, faz-se necessário um breve estudo a respeito da fonologia do PB e do inglês.

Como o objetivo desta dissertação é estudar as adaptações que ocorrem quando palavras de origem inglesa são utilizadas em contexto de PB, para verificar se ocorreram adaptações fonético-fonológicas, é preciso saber de antemão qual é o ponto de partida, em termos de estrutura fonológica, comparando-o ao ponto de chegada, para verificar se adaptações ocorreram de fato e quais.

Primeiramente, apresentam-se os fonemas do PB e do inglês, a fim de explicitar o que as línguas de partida e de chegada têm em comum em termos de estrutura fonêmica, bem como as diferenças entre os dois sistemas que poderiam motivar adaptações no nível segmental, por exemplo.

Em seguida, há uma breve apresentação da estrutura das sílabas no PB e no IA, conceito fundamental para a análise a ser desenvolvida nas seções seguintes. Discutem-se os tipos de sílabas possíveis em PB e em inglês, estabelecendo quais consoantes podem ocupar as posições de *onset* e de coda e quantas consoantes são aceitas nessas posições em ambas as línguas, o que justifica algumas das adaptações necessárias ao se pronunciar os anglicismos em PB.

Uma outra alteração verificada é a da posição do acento. Como será visto adiante, em PB e no IA as regras de atribuição de acento são diferentes. Por este motivo, serão apresentadas brevemente as regras de atribuição de acento em PB e no IA, uma vez que as diferenças entre o posicionamento de proeminências principais na língua de partida e na língua de chegada pode levar à adaptação da colocação do acento, ou, alternativamente, à

manutenção da posição original do acento na língua estrangeira (que, às vezes, corresponde a um padrão excepcional em PB, porém).

2.1 O inventário de fonemas do PB e do IA

O PB e o IA têm diferenças e semelhanças quanto ao seu inventário de fonemas. Cabe aqui descrever as consoantes, as vogais e os ditongos de cada uma dessas línguas, a fim de mostrar que as adaptações no nível segmental sofridas na passagem de um sistema ao outro são motivadas pelas diferenças entre as estruturas das duas línguas.

2.1.1 As vogais do PB e do IA

Cagliari (1982, p. 101) assim define as vogais: “um som é uma vogal, quando a configuração das cavidades supraglotais está aberta ao longo de todo o tubo pela linha central, de tal modo que a passagem de ar por aí é livre e não produz fricção local”.⁴⁷

Câmara Jr. (2004[1970], p. 43) prova que em português há 7 fonemas vocálicos, como apresentados no Quadro 2.1 a seguir, que podem, por sua vez, ser multiplicados em muitos alofones, dada a variação na sua realização fonética (exemplos: saco [ˈsaku], seco [ˈseku], seco [ˈseku], soco [ˈsoku], soco [ˈsoku], silo [ˈsilu], suco [ˈsuku]):

⁴⁷ Uma outra definição bem semelhante é apresentada por Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 127): “na produção dos sons vocálicos, os articuladores orais encontram-se de tal modo abertos que a corrente de ar, ao passar centralmente pela cavidade oral, não encontrando obstáculos, não produz fricção”.

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	2º grau
médias	/ɔ/		/ɛ/	1º grau
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Quadro 2.1. Vogais do PB em posição tônica (cf. CÂMARA JR. (2004[1970], p. 43).

Na posição pretônica há neutralização das vogais médias de 1º e 2º graus, que acarreta a perda das distinções entre as vogais /ɛ/ e /ɔ/ (média-baixas) e as vogais /e/ e /o/ (média-altas). Por este motivo, raízes que contêm originalmente uma vogal média-baixa no radical, ao receberem um sufixo que desloca essa vogal para a posição pretônica, têm como realização dessa vogal a média-alta - exemplos: ‘b[ɛ]lo, s[ɔ]l, mas b[e]’leza, s[o]’laço.⁴⁸ Também pode ocorrer a variação entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/, devido ao processo de harmonia vocálica, através do qual as vogais médias pretônicas assimilam a altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, como em p[e]pino ~ p[i]pino, c[o]ruja ~ c[u]ruja.⁴⁹

Desta forma, em posição pretônica no PB ocorrem apenas 5 vogais com função distintiva, como pode ser observado no Quadro 2.2 abaixo:

altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/
baixa		/a/	
	anteriores	central	posteriores

Quadro 2.2. Vogais do PB em posição pretônica (cf. CÂMARA JR. (2004[1970], p. 44).

⁴⁸ Exemplos retirados de Batisti e Vieira (2005[1996], p. 172).

⁴⁹ Exemplos retirados de Batisti e Vieira (2005[1996], p. 173).

Em posição postônica não-final, o número de possibilidades é ainda mais reduzido, pois ocorre a neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, na realização de palavras como *cômoda* e *abóbora*, pronunciadas ambas como [u] na antepenúltima sílaba, segundo Câmara Jr. (2004[1970], p. 44):

altas	/i/		/u/
médias		/e/	–
baixa			/a/
	anteriores	central	posteriores

Quadro 2.3. Vogais do PB em posição postônica não-final (cf. Câmara Jr. (2004[1970], p. 44).

Já em posição postônica final, ocorrem apenas três vogais no PB, pois há neutralização entre as médias e as altas, em favor das altas, uma vez que somente estas, ao lado de /a/, ocorrem na posição átona final (cf. Quadro 2.4, abaixo). Exemplos: mat[i], mat[u], mat[a].⁵⁰

altas	/i/		/u/
baixa			/a/
	anteriores	central	posteriores

Quadro 2.4. Vogais do PB em posição postônica final (cf. CÂMARA JR. (2004[1970], p. 44).

De acordo com Câmara Jr. (2004[1970], p. 46), “a língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes”.

Câmara Jr. (2004[1970], p. 42) entendeu que não existam vogais nasais em português, assumindo a hipótese de que haja um segmento nasal não completamente especificado após

⁵⁰ Exemplos retirados de Batisti e Vieira (2005[1996], p. 174).

algumas vogais (daí a sua representação como arquifonema nasal /N/), o que as torna nasalizadas na sua realização fonética.⁵¹ Para o autor, a nasalidade pura da vogal não existe fonologicamente porque por meio dela não se cria em PB a oposição entre a vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica, como ocorre em francês: *bon* /bõ/ e *bonne* /bon/ (cf. CÂMARA JR, 2004[1970], p. 59). Por este motivo, Câmara Jr. (2004[1970], p. 47) acredita que “a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal”, sendo representadas fonemicamente como /aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/ (cf. CÂMARA JR. (2004[1970], p. 52).⁵² Foneticamente são transcritas como [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [ũ].⁵³

Diante do arquifonema /N/, também ocorre neutralização entre as vogais médias altas e baixas, em favor das altas. Desta forma, o PB apresenta um inventário de cinco vogais, no contexto pré-nasal (Quadro 2.5), explicadas no Quadro 2.6 (exemplos de vogais tônicas nasalizadas retirados de Silva (2002, p. 91):

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixa		/a/	
	anteriores	central	posteriores

Quadro 2.5. Vogais do PB em posição tônica diante de nasal (cf. CÂMARA Jr. (2004 [1970], p. 43).

⁵¹ “As vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino permitindo que o ar penetre na cavidade nasal. O abaixamento do véu palatino altera a configuração da cavidade bucal e portanto a qualidade vocálica das vogais é diferente da qualidade vocálica das vogais orais correspondentes” (SILVA, 2002, p. 91).

⁵² Câmara Jr. (1984[1969], p. 31-32) afirma que a existência dessa consoante nasal de travamento após a vogal é comprovada por três fatos: (i) a não realização da crase ou degeminação entre vocábulos, como em *lã azul*, ao contrário do que ocorre em sequências de vogais orais, como em *casa azul*. (ii) a realização exclusiva de /r/ múltiplo após a vogal nasal, o que só acontece se a sílaba for travada por consoante: hon/r/a, como em *guel/r/a*. (iii) a inexistência de hiatos nasalizados, apontando para a presença de um elemento interveniente.

⁵³ A vogal nasalizada correspondente a [a] tem sido transcrita por diferentes autores como [ã, õ, ã, õ̃, ã̃] (cf. SILVA, 2002, p. 91). Neste trabalho utiliza-se o símbolo [ẽ].

	Final de palavra		Meio de palavra	
[ĩ]	vim	[ˈvĩ]	cinto	[ˈsĩtu]
[ẽ]	não há		cento	[ˈsẽtu]
[ã]	lã	[ˈlã]	santo	[ˈsãtu]
[õ]	tom	[ˈtõ]	conto	[ˈkõtu]
[ũ]	jejum	[ʒeˈʒũ]	assunto	[aˈsũtu]

Quadro 2.6. Exemplos de vogais do PB em posição tônica diante de nasal (cf. SILVA, 2002, p. 91).⁵⁴

Quando em inglês há a ocorrência de uma vogal seguida de consoante nasal, os falantes do PB nasalizam a vogal por influência do sistema da língua alvo.

As vogais do inglês estão relacionadas no Quadro 2.7 abaixo:⁵⁵

/ɪ/	<i>bit</i>
/e/	<i>bed</i>
/æ/	<i>bad</i>
/ɒ/	<i>hot</i>
/ʌ/	<i>cut</i>
/ʊ/	<i>book</i>
/ə/	<i>about</i>
/i/	<i>pretty</i>
/u/	<i>annual</i>
/i:/	<i>bee</i>
/ɑ:/	<i>father</i>
/ɔ:/	<i>caught</i>
/u:/	<i>boot</i>
/ɜ:/	<i>bird</i>

Quadro 2.7. As vogais do inglês (cf. MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).⁵⁶

⁵⁴ Embora Silva (2002, p. 91) não considere a existência de [ẽ] em final de palavra, esta ocorre em nomes como *imagem*, *cem* (numeral) e na preposição *sem*, além de outros exemplos. No entanto, nesses casos, sua realização fonética é invariavelmente de ditongo [ẽĩ].

⁵⁵ No IA, o som de /ɒ/ é geralmente realizado como [ɑ] e /ɜ:/ é pronunciado [ɝ].

⁵⁶ *Macmillan English Dictionary for advanced learners* (2004, versão em CD-ROM), de agora em diante Macmillan. Versão para IB.

Com relação a algumas vogais específicas do inglês, falantes de PB têm dificuldade em reproduzir fielmente o timbre de origem, por causa da ausência desse fone como opositivo a outro no componente fonológico do PB, em que eles apenas podem ser atestados como variantes do som que ocorre na palavra originariamente do inglês. Desta forma, os falantes de PB têm dificuldades em reproduzir, no nível fonético, a distinção entre o /i/ e /ɪ/, por exemplo, já que estes são percebidos como variantes de um e mesmo fonema /i/ por falantes de PB, neutralizando o contraste entre palavras como *cheap* [tʃi:p] e *chip* [tʃɪp], *heat* [hit] e *hit* [hɪt], *beat* [bit] e *bit* [bɪt]. Da mesma forma, a vogal /æ/ é geralmente percebida por brasileiros como /ɛ/, neutralizando o contraste entre palavras como *bad* [bæd] e *bed* [bed], *pan* [pæn] e *pen* [pen], *bag* [bæg] e *beg* [beg].

Pelos mesmos motivos, os falantes de PB também não percebem e reproduzem a distinção entre /u/ e /ʊ/ em palavras como *pool* [pul] e *pull* [pʊl], *fool* [ful] e *full* [fʊl]. Também /ɑ/, fonema inexistente no PB, tende a ser percebido como /ɔ/, sendo que *hot* [hat] costuma ser percebido e pronunciado por falantes brasileiros aprendizes de inglês como [hɔt].

Ao pronunciarem palavras inglesas, falantes brasileiros aprendizes de inglês costumam também desencadear um processo de substituição do *schwa*⁵⁷ (/ə/) por /e/, pelo fato de /e/ ser a vogal pré-tônica do PB com a configuração de traços mais próxima do *schwa* inglês. Além disso, enquanto o *schwa* é a vogal “neutra” – isto é, subespecificada - do inglês, para o PB a vogal “neutra” é o /e/, justamente a vogal que ocorre na epêntese (cf. LEE, 1993). Exemplo: *internet*: em inglês [ˈɪntənet]⁵⁸ e em PB [ˈiteɪˈnetʃi].

⁵⁷ O *schwa* é definido na seção de análise dos dados desta dissertação.

⁵⁸ Nos dicionários de inglês consultados, /ɛ/ é transcrito como /e/ e /ɪ/ é transcrito como /i/.

Ocorre também comumente a substituição do *schwa* do inglês, /ə/, por outras vogais no PB devido à influência da grafia da palavra de origem inglesa (exemplo: *crystal* - em inglês ['kristəl] e em PB [kris'taɹ]).

2.1.2 As consoantes de PB e do IA

Conforme Cagliari (1982, p. 101), “um som é uma consoante, quando nas cavidades supraglotais ocorre um bloqueio à corrente de ar ou um estreitamento do canal, de tal modo que a corrente de ar ao passar por ele produz fricção local”.⁵⁹

De acordo com Câmara Jr. (2004[1970], p. 48), as consoantes do PB são:

/p/	roupa	/b/	rouba		
/f/	mofo	/v/	movo		
/k/	roca	/g/	roga		
/s/	aço	/z/	azo		
/ʃ/	acho	/ʒ/	ajo		
/m/	amo	/n/	ano	/ɲ/	anho
/l/	mala	/ʎ/	malha		
/t/	rota	/d/	roda		
/R/	erra	/r/	era		

Quadro 2.8. As consoantes do PB (adaptado de CÂMARA JR, 2004[1970], p. 48).

Por sua vez, as consoantes do inglês são mostradas no Quadro 2.9 a seguir:

⁵⁹ Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 121-122) propõem uma definição bastante semelhante para as consoantes: “sons que apresentam contatos ou constricções no aparelho fonador facilmente analisáveis, sobretudo, pela repetição da articulação em comparação com gestos semelhantes e próximos”.

/p/	p ress	/ʒ/	mea sure
/b/	b ag	/h/	h ot
/t/	t ime	/x/	lo ch
/d/	car d	/tʃ/	ch air
/k/	c an	/dʒ/	j am
/g/	do g	/m/	m ore
/f/	st aff	/n/	s n ow
/v/	v ote	/ŋ/	si ng
/θ/	th in	/w/	w ater
/ð/	th at	/r/	r ing
/s/	s it	/l/	sma ll
/z/	z ebra	/j/	y ou
/ʃ/	sh ine		

Quadro 2.9. As consoantes do inglês (cf. MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).⁶⁰

Como se pode observar através da comparação entre o Quadro 2.8 e o Quadro 2.9, no PB não há com *status* fonêmico alguns sons consonantais que existem no inglês. Isso faz com que os falantes de PB adaptem esses fonemas por outros semelhantes em PB, tanto no contexto de pronúncia de estrangeirismos, como no de aprendizagem de inglês como língua estrangeira.⁶¹

Câmara Jr (2004[1970], p. 35) acredita que “o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas”.

⁶⁰ Versão para IB.

⁶¹ A dificuldade de pronunciar alguns dos fonemas do inglês não se restringe a falantes de PB. Existem vários manuais e livros didáticos de pronúncia para ajudar os falantes de outras línguas no aprendizado da pronúncia da língua inglesa. Podem ser citados Baker (1991), Celce-Murcia et al. (2002), Hewings (2004), Poedjosoedarmo (2004), entre tantos outros.

Especificamente sobre os problemas de pronúncia da língua inglesa para falantes do PB, vejam-se os trabalhos de Mascherpe (1970), que faz uma análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português; Motter (2001), sobre a interferência do sistema fonológico e das regras de decifração da escrita do PB no ensino de língua inglesa na rede pública causada pela falta de conhecimentos fonéticos e fonológicos da língua inglesa pelos professores responsáveis pelas aulas; Bollela (2002), que aborda uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica (*schwa*), uma dificuldade para os falantes de PB; Sant’Ana (2003), que aborda as interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do PB; Schumacher et al. (2002) e Silva (2005), que tratam de questões de pronúncia do inglês para falantes de PB; Silva e Silva (2003), que tratam especificamente das vogais altas frontais e do glide /j/ no inglês e no PB.

Pode-se observar essa adaptação de fonemas quando os falantes de PB se deparam com /θ/, fricativa dental desvozeada, e com /ð/, fricativa dental vozeada, por exemplo. Essas consoantes específicas costumam ser substituídos pelos falantes de PB, ao pronunciarem uma palavra inglesa por fonemas semelhantes do PB. Em *thriller* ['θɹɪlər], por exemplo, o /θ/ é geralmente substituído por /t/, uma oclusiva velar desvozeada; em *bluetooth* ['blu:tu:θ], os falantes brasileiros normalmente o substituem por /f/, uma fricativa labiodental desvozeada.

As fricativas /s/ e /z/, quando em posição de final de palavra, estão em oposição em inglês, isto é, são responsáveis por diferenciação entre palavras - exemplos: *house* (substantivo) [haus] e *house* (verbo) [hauz]. Em PB, entretanto, /s/ e /z/ não estão em oposição quando em final de palavra, sendo que a ocorrência de um ou de outro vai ser determinada pela característica fonética do meio em que ocorrerem.

Segundo Silva (2002, p. 146), pode-se afirmar que “/s, z, ʃ, ʒ/ são fonemas do português (pois estes dados são pares mínimos que demonstram o contraste fonêmico). A perda de contraste fonêmico entre /s, z, ʃ, ʒ/ em português ocorre apenas em posição final de sílabas e consiste de um caso de neutralização que justifica o fato de /S/ não constar da tabela fonêmica”.

Veja-se o exemplo da palavra “mais”, que pode ser pronunciada [maɪ̯s] ou [maɪ̯ʃ] quando pronunciado isoladamente ou diante de palavra iniciada por consoante desvozeada, mas é pronunciada [maɪ̯z] quando pronunciado diante de palavra iniciada por vogal ou por consoante vozeada.

Em PB, [tʃ] e [dʒ] não existem como fonemas, apenas como alofones de /t/ e /d/, respectivamente, quando esses se encontram diante de /i/. Trata-se do fenômeno da palatalização (cf. CAGLIARI, 2002b; SILVA, 2002, 2003), que será discutido na subseção

4.2.4. Assim, em PB esses sons geralmente são mantidos quando há o contexto apropriado já descrito, como em *jeans*. Por influência da ortografia, palavras com o som /tʃ/ grafadas com <ch> podem sofrer adaptação para /ʃ/, som grafado com <ch> em PB, como em *chip*, pronunciado [ʃipi] por falantes do PB.

O fonema /r/, no inglês, no início de palavras, realiza-se foneticamente como [ɹ], ou seja, uma consoante retroflexa. Já no português, o som representado pelo grafema <r> em início de palavra pode ter diversas realizações, na sua maioria fricativas, mas nunca a retroflexa, que, no PB, ocorre apenas em posição de coda (travamento silábico). Em *ranking* e *rock*, por exemplo, há fricativização do /r/: de [ɹ] para [h] (conforme será discutido em 4.3.10). Os sujeitos desta pesquisa, dentre todas as realizações fonéticas possíveis do fonema /r/ em início de palavra em PB, optam por [h].

As consoantes oclusivas nasais /m/ e /n/ em início de sílaba se comportam do mesmo modo em ambas as línguas. Quando ocupam a posição de coda silábica, em inglês, elas se realizam de forma plena, enquanto que em PB, pode ocorrer o contexto para a nasalização da vogal precedente (ou para a inserção de vogal epentética /i/, especificamente no caso da adaptação de palavras estrangeiras). Por sua vez, /ŋ/, consoante palatal nasal, som inexistente em PB com status fonêmico (ocorre apenas como realização fonética possível do arquifonema /N/, em posição de travamento silábico, em algumas variedades), quando em coda de sílaba é interpretado pelos falantes de PB como o arquifonema /N/, já que, nesta língua, é uma das realizações possíveis da nasalização não-especificada nesse contexto. Tal fato motiva a nasalização da vogal precedente, já que a realização fonética predominante no PB para o arquifonema nasal é a nasalização da vogal anterior, não seguida da produção de consoante nasal (cf. CAGLIARI, 1977).

2.2 A sílaba

Do ponto de vista fonético, a sílaba é considerada como o resultado dos movimentos musculares que ocorrem quando os músculos da respiração modificam o processo respiratório, adaptando-se ao processo da fala. Assim, o ar dos pulmões sai em forma de pequenos jatos, correspondentes às sílabas, que formam o suporte sobre o qual se montam os outros parâmetros da fala (CAGLIARI, 1982, p. 99).

Desta maneira, a sílaba pode ser interpretada como um esforço muscular que se intensifica até atingir um grau máximo (ápice) e depois vai se reduzindo progressivamente. Desta forma, a sílaba é estruturada como tendo três partes: duas periféricas e uma parte central ou nuclear. A parte nuclear atinge o limite máximo da força, sendo preenchida por um segmento vocálico, e as partes periféricas (uma que intensifica e outra que reduz a força) são preenchidas normalmente por segmentos consonantais (CAGLIARI, 1982, p. 100).

Na fonologia estruturalista, a sílaba é vista como organizadora da adjacência dos segmentos. Segundo Câmara Jr. (2004[1970], p. 53), a sílaba é formada por um movimento de ascensão (aclive ou crescente), culminado num ápice (o centro silábico), seguido de um movimento decrescente (declive). A vogal é o centro dessa estrutura. Segundo ele, a estrutura da sílaba depende desse centro, ou ápice, e do possível aparecimento da fase decrescente, ou de uma ou outra em volta dele, ou seja, nas suas margens ou encostas. Assim, para Câmara Jr. (2002[1973], p. 218), no PB, o ápice é preenchido por uma ou duas vogais, o aclive por até duas consoantes e o declive, por uma das seguintes consoantes: /S/, /R/, /l/ ou pelas semivogais /j, w/. Além dessas, também há a possibilidade de o declive ser preenchido pela consoante nasal, já que Câmara Jr. (2002[1973], p. 219) interpreta fonologicamente a vogal

nasalizada como vogal fechada por consoante nasal /N/. De acordo com esse critério, a estrutura da sílaba em PB pode ser descrita da seguinte maneira (cf. SILVA, 2002, p. 154):⁶²

(2.1)

$C_1 C_2 V V' C_3 C_4$ ou $C_1 C_2 V' V C_3 C_4$

As críticas quanto à falta de expressão para as generalizações presentes nos sistemas sonoros e o caráter de unidade mínima do fonema representam os dois aspectos a que a fonologia gerativa padrão propôs a oferecer um tratamento alternativo ao estruturalismo (SILVA, 2002, p. 190). Pode-se, então, dizer que as idéias gerativistas dão continuidade às estruturalistas, desenvolvendo-as e complementando-as.

A abordagem gerativa aplicada à fonologia baseou-se inicialmente na proposta de Chomsky e Halle (1968), no livro clássico intitulado *The sound pattern of English* (SPE), que descreve os princípios universais que regulam os sistemas sonoros em busca de compreender os mecanismos que regulam a gramática universal (GU).

De acordo com Silva (2002, p. 191), a fonologia gerativa padrão propõe-se principalmente a

formalizar as oposições e distribuições presentes nos sistemas sonoros de maneira a expressar as generalizações atestadas empiricamente. Assume-se que processos fonológicos expressam as alternâncias segmentais. **Processos fonológicos** são formalizados por regras fonológicas. **Regras fonológicas** são elaboradas na forma $A \rightarrow B / C _ D$ (sendo ABCD categorias opcionais). O símbolo A corresponde à descrição estrutural, o símbolo B corresponde à mudança estrutural e C e D correspondem a ambientes. Os ambientes podem preceder a mudança estrutural para C ou podem segui-la, como é o caso de D. Uma regra do tipo $A \rightarrow B / C _ D$ implica que uma seqüência do tipo CAD será transformada em CBD. As regras fonológicas geram novas estruturas por meio de transformações (SILVA, 2002, p. 191).

⁶² Os segmentos consonantais são representados por C, enquanto o núcleo da sílaba por V, conforme o padrão de Silva (2002, p.154). O símbolo V' representa as semivogais, também chamadas de glides.

Várias críticas ao modelo gerativo padrão foram surgindo, dentre elas podemos citar a falta de *status* teórico para a sílaba como domínio de aplicação de processos fonológicos, embora esta unidade seja presente nos contextos das regras fonológicas.

O lançamento de *The Sound Pattern of English* de Chomsky e Halle (1968) foi o impulso para a elaboração de várias teorias fonológicas, sendo as teorias que foram surgindo com o tempo uma reação à tradição da fonologia gerativa padrão de Chomsky e Halle, na qual as descrições fonológicas caracterizavam-se por uma organização linear dos segmentos e suas regras de aplicação tinham seus domínios definidos em termos de fronteiras contidas na estrutura superficial dos constituintes morfo-sintáticos (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 71). Não houve uma negação completa da teoria do SPE, mas um acréscimo das informações necessárias para que essa teoria se tornasse mais satisfatória (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 72). Essa reação surgiu quando se tentou incorporar à teoria gerativa fenômenos como estrutura silábica, acento e tom, os quais eram tratados de maneira linear na fonologia gerativa padrão.

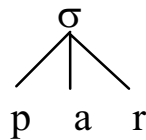
Com o desenvolvimento da fonologia nas últimas décadas do século XX surgiu a idéia de que o componente fonológico é caracterizado por um conjunto de sistemas hierarquicamente organizados e interagentes, sendo cada um governado por seus próprios princípios, o que faz, então, do componente fonológico um sistema heterogêneo. A partir desses preceitos, surgiu, então, o que se chama hoje de Fonologia Não-Linear.

A sílaba ficou em segundo plano para a Fonologia Gerativa Padrão; por isso, a Fonologia Não-Linear teve como necessidade primeira discutir o *status* da sílaba. Nos modelos fonológicos não-lineares, a sílaba passa a ser o ponto central das discussões. Diversos trabalhos passam a discutir a interação da sílaba com as representações fonológicas, dentre eles, Selkirk (1980).

O trabalho desenvolvido por Goldsmith (1976) deu origem à Teoria Auto-segmental, enquanto o de Liberman e Prince (1977) marca o início da Teoria Métrica.

Na Teoria Auto-segmental, foi apresentada a estrutura em (2.2) por Kahn (1976), que, como afirma Collischonn (2005a[1996], p. 101), “pressupõe camadas independentes, uma das quais representa as sílabas (indicadas pela letra grega σ) às quais estão ligados diretamente os segmentos”, como se pode ver no exemplo abaixo:

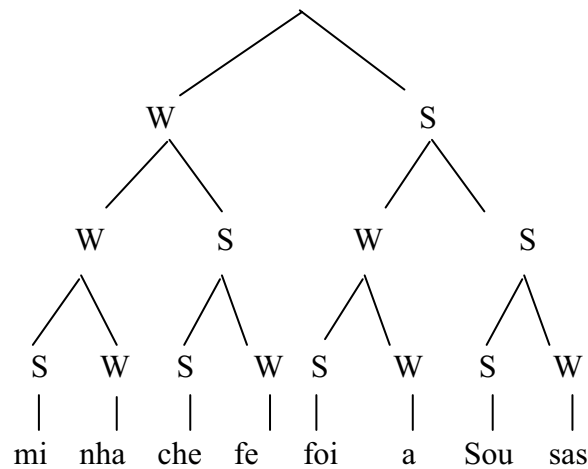
(2.2)



A Fonologia Métrica foi desenvolvida no final da década de 70 por Liberman e Prince (1977) e, depois, sofreu uma série de inovações e desenvolvimentos, conforme surgiam novas interpretações. Liberman e Prince (1977) defendem a necessidade de uma estrutura hierárquica (sílabas, pé, palavra prosódica) organizadora dos segmentos.

Através do estudo de Liberman e Prince (1977), foi possível representar a organização das sílabas em constituintes, cujos elementos são sempre binários. As saliências das sílabas de um enunciado podem ser representadas em forma de árvore a partir da rotulação das sílabas fortes como “s” (de “*strong*”) e das fracas como “w” (de “*weak*”). Em (2.3), exemplificamos este procedimento a partir da reprodução de um exemplo retirado de Cagliari (2002b, p. 120):

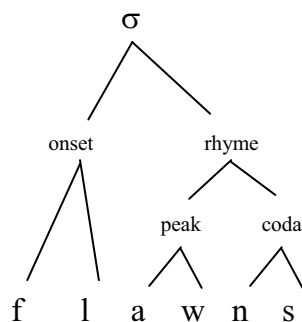
(2.3)



Selkirk (1980, p. 03) afirma que a sílaba é bipartida em *onset* (O) e rima (R). Esta, por sua vez, é dividida em duas partes: o núcleo (Nu) e a coda (Co): “*There is a first major bipartite division of the syllable – into ONSET (the initial consonant cluster) and RHYME (the rest). The rhyme in turn divides into two parts – the PEAK (containing the syllabic nucleus) and the CODA (the final consonant cluster)*”.

Esses elementos estão dispostos hierarquicamente e não se relacionam de forma linear. Nesse contexto, a estruturação da sílaba é representada através de uma planilha silábica, utilizando o diagrama em forma de árvore, segundo Selkirk (1980, p. 6), como se pode observar abaixo para a palavra inglesa *flounce*:

(2.4)



Hogg e McCully (1991[1987], p. 36) também atestam a organização hierárquica da sílaba:

[...] the syllable has an internal hierarchy of its own which determines possible CV sequences. We can claim that the syllable is composed of three parts, namely an initial consonant sequence or onset, a sequence of nonconsonantal segments, the nucleus, and a final sequence of consonantal segments which is called the coda.

Desta forma, a sílaba, do ponto de vista da teoria não-linear, segundo Blevins (1995, p. 206-207), é definida como:

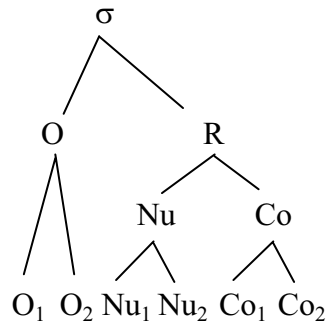
Just as the feet of metrical theory supply rhythmic organization to phonological strings, syllables can be viewed as the structural units providing melodic organization to such strings. This melodic organization is based for the most part on the inherent sonority of phonological segments, where the sonority of a sound is roughly defined as its loudness relative to other sounds produced with the same input energy (i.e., with the same length, stress, pitch, velocity of airflow, muscular tension, etc.). Hence, melodic organization of a phonological string into syllables will result in a characteristic sonority profile: segments will be organized into rising and falling sonority sequences, with each sonority peak defining a unique syllable. The syllable then is the phonological unit which organizes segmental melodies in terms of sonority; syllabic segments are equivalent to sonority peaks within these organizational units.

Blevins (1995, p. 209-210) sugere que os falantes nativos de uma língua também têm intuição de quantas sílabas uma palavra tem e alguns até têm intuições de onde a quebra da sílaba ocorre.

Mateus e d'Andrade (2000, p. 38) confirmam a relevância de sílaba para as novas teorias: “*to multilinear generative phonology the syllable is an important linguistic unit and it has an internal hierarchical structure*”.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a estruturação das sílabas será representada em forma de árvore, como se pode ver abaixo:

(2.5)



No esquema acima, o símbolo σ representa a própria sílaba enquanto unidade; O significa “*onset*”, “ataque”, que é o início da sílaba; R é a “rima”, a parte da sílaba que constitui as vogais da sílaba e todas as consoantes que a(s) segue(m); Nu é o “núcleo”, ou seja, a parte que compreende o ponto alto da sílaba, o ponto mais forte, mais *proeminente*, ou seja, a vogal, ou as vogais, no caso de ditongos; Co significa “coda”, formada pelas consoantes que vêm depois da(s) vogal(is) do núcleo, ou seja, aquelas consoantes que não pertencem ao *onset* da sílaba.

Há vários fenômenos fonológicos que podem ser melhor representados a partir de formalizações dessa natureza, como a ambissilabidade, os elementos flutuantes, o peso silábico, a extrametricidade, etc.

2.2.1 As possibilidades silábicas do PB e do IA

A vogal é, como foi descrito, o núcleo da sílaba, já que toda sílaba tem como núcleo uma vogal. Determinar as fronteiras silábicas de uma palavra é uma tarefa difícil, uma vez que o número de segmentos admissíveis nas margens, esquerda (*onset*) ou direita (coda), varia de língua para língua; e, ainda que duas línguas admitam o mesmo número de segmentos nas margens, a natureza e a seqüenciação de tais segmentos podem divergir.

A combinação de fonemas na sílaba não se dá aleatoriamente, mas segue um padrão específico de combinação conhecido como *hierarquia de sonoridade* (HOOPER, 1976). Esta hierarquia de sonoridade relaciona-se com o vozeamento. Quanto mais propenso um segmento é para o vozeamento espontâneo, maior sonoridade ele tem. Hogg e McCully (1991 [1987], p. 33) apresentam a seguinte escala de sonoridade, baseando-se em propostas de outros autores:

Sons	Valores	Exemplos
Vogais baixas	10	/a, ɑ/
Vogais médias	9	/e, o/
Vogais altas	8	/i, u/
Flepes	7	/r/
Laterais	6	/l/
Nasais	5	/m, n, ŋ, ɲ/
Fricativas sonoras	4	/v, ð, z/
Fricativas surdas	3	/f, θ, s/
Plosivas sonoras	2	/b, d, g/
Plosivas surdas	1	/p, t, k/

Quadro 2.10. Hierarquia de sonoridade (cf. HOGG; McCULLY, 1991[1987], p.33).

A escala de sonoridade traduz a tendência universal a um crescendo de sonoridade em direção ao núcleo silábico. Por esta escala, quando temos um segmento com grau de sonoridade alto, tem-se o núcleo da sílaba. E quando a escala de sonoridade for baixa, tem-se os segmentos que estão na margem da sílaba: o *onset* e a *coda*. Os segmentos soantes (nasais, líquidas e glides), que evidenciam uma sonorização espontânea, ocorrem preferencialmente mais próximos do núcleo do que os obstruintes (fricativos, oclusivos e africados) (HOGG; McCULLY (1991[1987], p.33).

As línguas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico (cf. COLLISCHONN, 2005a[1996], p. 107), sendo que algumas permitem, inclusive, sob condições específicas, contrariar a referida tendência universal.

Conforme Hogg e McCully (1991[1987], p. 35), o inglês apresenta os seguintes padrões de sílabas:⁶³

<i>id</i>	VC	<i>I</i>	VV
<i>bad</i>	CVC	<i>isle</i>	VVC
<i>bread</i>	CCVC	<i>bye</i>	CVV
<i>band</i>	CVCC	<i>bide</i>	CVVC
<i>brand</i>	CCVCC	<i>bind</i>	CVVCC
		<i>bride</i>	CCVVC
		<i>grind</i>	CCVCC

Quadro 2.11. Molde silábico do inglês (HOGG; McCULLY, 1991[1987], p. 35).

Os exemplos acima correspondem a monossílabos tônicos. Existem também outras três possibilidades expressadas pelos monossílabos átonos *a* (V), *an* (VC) e *the* (CV).⁶⁴

Assim, quanto à estrutura de suas sílabas, o inglês permite núcleo simples ou complexo, *onset* simples ou complexo, coda simples ou complexa, sendo que nem o *onset* nem a coda são obrigatórios.

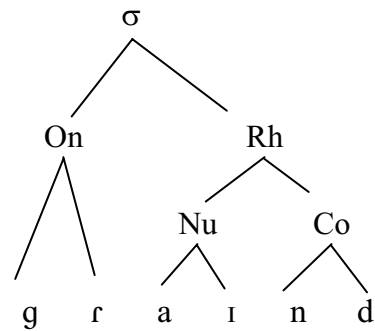
A estrutura máxima da sílaba em inglês é assim descrita por Hogg e McCully (1991 [1987], p. 42): “*English syllable appears to be organised into (maximally) a sequence of six segments, which we early stated as CCVVCC*”. Veja-se como exemplo o diagrama para a palavra inglesa *grind*, retirado de Hogg e McCully (1991[1987], p. 41):⁶⁵

⁶³ Blevins (1995, p. 217) também propõe um quadro em que exemplifica alguns dos tipos de sílabas para o inglês.

⁶⁴ Este molde prevê a existência de sílabas do tipo *gnaw*, que não fazem parte do inventário da língua. Foram, então, propostos filtros, chamados por Clements e Keyser (1983) de condições negativas da sílaba, que impõem algumas restrições quanto à formação das sílabas na língua.

⁶⁵ Na planilha silábica de Hogg e McCully (1991[1987], p. 41), σ representa a sílaba, Rh, a rima, On, o *onset*, Nu, o núcleo e Co, a coda.

(2.6)



Como pode ser visto pelo exemplo acima, para Hogg e McCully (1991 [1987]), a semivogal do ditongo está posicionada no núcleo da sílaba.

No entanto, o Quadro 2.11 não dá conta de sílabas do tipo CCCVCC, como em *strong*, por exemplo, e de algumas outras sílabas da língua. É por isso que Roach (2000, p. 71-77) acredita que o inglês tenha até três consoantes em *onset* e até quatro consoantes em coda de sílaba⁶⁶, como se pode observar no exemplo (2.7).

(2.7)

[s	t	r	e	ŋ	k	θ	s]
#C	C	C	V	C	C	C	C#

Collischonn (2005a[1996], p. 117) mostra os padrões silábicos para o PB, exemplificando-os:

⁶⁶ Roach descreve a variedade do Inglês Britânico (IB) padrão, conhecido como *Received Pronunciation* ou *BBC pronunciation*.

é	V
ar	VC
<u>instante</u>	VCC
cá	CV
lar	CVC
<u>monstro</u>	CVCC
tri	CCV
tres	CCVC
<u>transporte</u>	CCVCC
<u>aula</u>	VV
lei	CVV
grau	CCVV
<u>claustro</u>	CCVVC

Quadro 2.12. Molde silábico do PB (COLLISCHONN, 2005a[1996], p. 117).

Comparando-se os Quadros 2.11 e 2.12, nota-se que o inglês apresenta padrões silábicos do tipo CCCVCCC, que não podem ser encontrados em PB. Note-se que, não por coincidência, é um caso de sílaba travada por consoante.⁶⁷ Como o PB tem muitas restrições em relação a consoantes possíveis em posição de coda, os padrões verificados em PB são menos complexos, nesse sentido.

2.2.2 Os ditongos do PB e do IA

Do ponto de vista fonético, segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2003, p. 130), “os ditongos são vogais que mudam de qualidade durante sua produção”. Segundo Silva (2002, p. 73), ditongos são “geralmente tratados como uma seqüência de segmentos. Um dos segmentos da seqüência é interpretado como uma vogal e o outro é interpretado como ‘semivocóide, semicontóide, semivogal, vogal assilábica’ ou de ‘glide’. A vogal constitui o núcleo da sílaba e a semivogal ou *glide* é assilábica, sendo marcada com o símbolo [̥], de acordo com os padrões do IPA (*International Phonetic Alphabet*) (2007) (cf. Anexo, nesta dissertação).

⁶⁷ Quanto à sua estrutura, as sílabas podem ser classificadas em *abertas* ou *travadas*. Sílaba aberta é uma sílaba que termina em vogal (V, CV, por exemplo); sílaba travada é a sílaba que termina em consoante (CVC, CVCC, por exemplo). Exemplos: “mato” (CV.CV) e “par” (CVC). Em português há predomínio de sílabas livres sobre sílabas travadas (cf. Câmara Jr., 2004[1970], p. 38).

Os ditongos do PB podem ser classificados em ditongos crescentes e decrescentes (CÂMARA Jr., 2004[1970], p. 56). Os ditongos decrescentes são aqueles em que a proeminência silábica ocorre na primeira vogal e os ditongos crescentes são aqueles em que a proeminência silábica ocorre na segunda vogal. Os ditongos decrescentes do PB podem ser vistos no Quadro 2.13 abaixo, adaptado de Câmara Jr. (2004[1970], p. 56):⁶⁸

/aɪ̯/	pai
/aʊ̯/	pau
/ɛɪ̯/	papéis
/eɪ̯/	lei
/ɪʊ̯/	riu
/ɔɪ̯/	mói
/oɪ̯/	boi
/oʊ̯/	vou
/uɪ̯/	fui
/ɔʊ̯/	sol

Quadro 2.13. Os ditongos decrescentes do PB.⁶⁹

Os ditongos decrescentes são considerados verdadeiros ditongos em português, de acordo com a análise de Câmara Jr. (2004[1970], p. 54). Para o autor, os ditongos crescentes variam livremente com o hiato, como em *su.ar/suar* e *his.tó.ri.a/his.tó.ria*. Para Bisol (1989), não há ditongo crescente nas formas de base do PB. Estes seriam resultado de ressilabação

⁶⁸ “As vogais [ɪ] e [ʊ] diferem das vogais [i] e [u] pelo fato de as primeiras serem levemente mais centralizadas e articuladas com menor esforço muscular. [...] As vogais [ɪ, ʊ] ocorrem em português não apenas como glides em ditongos, mas ocorrem também como monotongos em posição átona final em palavras como ‘safari’ e ‘pato’” (SILVA, 2002, p. 74).

⁶⁹ O ditongo /ɔʊ̯/ é resultado da vocalização de /l/ posvocálico. Esse processo será melhor tratado na seção de análise dos dados (subseção 4.2.5).

pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do PB e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes.

Em Silva (2002, p. 96-97) encontram-se os seguintes exemplos de ditongos crescentes do PB, no nível fonético:

/i̯ə/ ~ /i̯a/	séria
/i̯i/ ~ /i̯e/	série
/i̯u/ ~ /i̯o/	sério
/i̯o/	estacionamento
/u̯ə/ ~ /u̯a/	árdua
/u̯i/ ~ /u̯e/	tênue
/u̯o/ ~ /u̯u/	árduo

Quadro 2.14. Os ditongos crescentes do PB (cf. SILVA, 2002, p. 96-97).

Para Câmara Jr. (2004[1970], p. 56) há um único caso de ditongo crescente em PB que nunca se realiza como hiato: a vogal assilábica /u/ depois de plosiva labial /k, g/ antes de vogal silábica, como em “qual”, que produz o que o autor chama de “tritongo”. Colischonn (2005[1996], p. 121) compartilha essa idéia dizendo que “há um tipo de ditongo crescente que não alterna com hiato. Trata-se de kw/gw, seguidos de a/o”. Bisol (1989) advoga a não ocorrência de ditongos crescentes e interpreta estes casos como fonemas velares labializados: /kw/ e /gw/.

Assim como as vogais nasalizadas, o PB também tem os ditongos nasalizados, que são sempre decrescentes, conforme o Quadro 2.15:

/ãɪ̃/	mãe
/õɪ̃/	põe
/ũɪ̃/	ruim
/ẽɪ̃/	bem
/ãʊ̃/	pão

Quadro 2.15. Os ditongos nasalizados do PB (cf. SILVA, 2002, p. 99).

Tendo apresentado os ditongos do PB, cabe aqui apresentar o inventário dos ditongos do inglês, apresentado no Quadro 2.16 abaixo:

/eɪ/	<i>b ay</i>
/aɪ/	<i>b uy</i>
/ɔɪ/	<i>b oy</i>
/əʊ/	<i>g o</i>
/aʊ/	<i>n ow</i>
/ʊə/	<i>p oo r</i>
/eə/	<i>h air</i>
/ɪə/	<i>h ear</i>

Quadro 2.16. Os ditongos do inglês (cf. MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).⁷⁰

De acordo com Câmara Jr. (2004[1970], p. 54), as semivogais funcionam como C, ou seja, ocupam posições na sílaba normalmente reservadas a consoantes, mas são de natureza V, isto é, foneticamente são articulados e percebidos como vogais. Logo, surge uma discussão acerca da representação das sílabas que contêm ditongos: CVC ou CVV? A representação CVC pressupõe uma sílaba travada, enquanto que CVV, uma sílaba livre.

⁷⁰ Versão para IB. No IA, o ditongo /əʊ/ é realizado como [ou]. Os ditongos /ʊə/, /eə/ e /ɪə/ são comuns no IB, mas não aparecem nas tabelas de sons do IA.

Embora estejamos cientes da pertinência da discussão acima para o levantamento dos tipos silábicos do PB e para outras questões que envolvem a determinação do peso e da estrutura silábica (como o posicionamento do acento lexical), neste trabalho assume-se que o glide está posicionado no núcleo, seguindo a opinião de Câmara Jr. (2004[1970]), uma vez que a diferenciação de posicionamento do *glide* no núcleo ou na coda não traz conseqüências para as análises desenvolvidas nesta dissertação. Para os argumentos contrários ao posicionamento do glide no núcleo silábico em ditongos decrescentes do PB, remetemos o leitor ao trabalho de Bisol (1989) e Zucarelli (2002).

Assim, considerando-se o *glide* no núcleo da sílaba, uma palavra como “grãos” teria a estrutura CCVVCC. Pode-se assumir que a sílaba máxima do PB é, então, CCVVCC e não CCVVC, como proposto no Quadro 2.12.

2.2.3 Possibilidades de *onset* e coda do PB e do IA

As possibilidades de consoantes que podem ocupar a posição de *onset* e de coda no inglês são diferentes das do PB.

Como visto em 2.7, o *onset* em início de palavra em inglês pode ter até três consoantes. Segundo a descrição de Freitas e Neiva (2006, p. 6), o *onset* silábico de início de palavra segue regras restritas quanto à seleção e ao ordenamento dos segmentos consonânticos: “Quando as três posições são preenchidas, C1 deve ser obrigatoriamente a fricativa alveolar surda [s]; em posição de C2 só podem ocorrer oclusivas surdas, ou seja [p,t,k]; e C3 é ocupado apenas por líquidas ou *glides*, ou seja, [l, r, j, w]”.

#C1	C2	C3
[s]	[p] ou [t] ou [k]	[l] ou [r] ou [j] ou [w]

Quadro 2.17. Estrutura máxima do *onset* em início de palavra em inglês.

Além disso, as combinações possíveis destas consoantes também são limitadas. Quando as três posições estão preenchidas, a consoante mais próxima ao núcleo (C3) é uma soante contínua e pode vir precedida imediatamente por uma obstruinte não sonora (C2); a posição C1 só pode ser ocupada, neste caso, por um segmento totalmente especificado em termos de traços: uma obstruinte, contínua, anterior, coronal e não sonora, ou seja, [s] (cf. FREITAS E NEIVA, 2006).

#C1 + C2	C3	Exemplos	
[sk]	[l]	<i>sclerosis</i>	[skli'rousis]
	[r]	<i>scrap</i>	[skræp]
	[j]	<i>skew</i>	[skju:]
	[w]	<i>skwelch</i>	[skwɛltʃ]
[sp]	[l]	<i>splash</i>	[spræʃ]
	[r]	<i>spring</i>	[sprɪŋ]
	[j]	<i>spew</i>	[spju:]
[sp]	[r]	<i>strive</i>	[straɪv]
	[j]	<i>stew</i>	[stju:]

Quadro 2.18. Combinações de três consoantes em *onset* no IA (cf. FREITAS; NEIVA, 2006, p. 6).

Quando ocorrem duas consoantes em *onset* no início de palavra, há um número maior de combinações possíveis:

#C1	C2
[s]	[t] ou [p] ou [k] ou [f] ou [l] ou [m] ou [n] ou [w]
[k] ou [g]	[l] ou [r] ou [j] ou [w]
[p] ou [b] ou [f]	[l] ou [r] ou [j]
[t] ou [d]	[l] ou [r] (ou [j])
[θ]	[r] ou [w]
[h]	[j] ou [w]
[ʃ]	[r]
[m] ou [f]	[j]
[n]	([j])

Quadro 2.19 Combinações de duas consoantes em *onset* no IA (cf. FREITAS; NEIVA, 2006, p. 7).

Em coda silábica de final de palavra em inglês, como mencionado anteriormente, podem ocorrer até quatro consoantes, multiplicando-se assim, de maneira significativa, as possibilidades de combinações entre elas.

(2.8)

#C	<i>scrap</i>
#CC	<i>soft</i>
#CCC	<i>length</i>
#CCCC	<i>strengths</i>

Todas as consoantes do PB podem ocupar a posição de *onset* silábico simples, embora, em posição inicial de palavra, as soantes não anteriores /ɲ/ e /ʎ/ não sejam produtivas e /r/ não ocorra (exemplos apresentados no quadro 2.20, adiante).

Porém, as restrições aumentam em se tratando de *onsets* complexos. Usando a matriz de traços proposta para as consoantes do português por Callou e Leite (1990, p. 72), verifica-

se que a primeira consoante terá de ser obstruinte e, se [+contínua], deverá ser [+anterior] e [-coronal]; a segunda consoante, por seu turno, terá de ser [+soante], [+contínua] e [+coronal], ou seja:

C_1C_2V onde:

$C_1 = /p t k b d g f v/$

$C_2 = /l r/$

	Início de palavra	Meio de palavra
/p/	pá	capa
/b/	bom	sabe
/f/	fim	bafo
/v/	vá	lava
/k/	cá	paca
/g/	gula	lago
/t/	tom	pata
/d/	dom	cada
/s/	sim	assa
/z/	zona	asa
/ʃ/	chá	acha
/ʒ/	já	haja
/m/	má	amor
/n/	nua	cana
/ɲ/	nhoque	banho
/l/	lá	mala
/ʎ/	lhama	alho
/R/	rata	carro
/r/	–	era

Quadro 2.20. Onsets simples do PB (adaptado de SILVA, 2002, p. 155).

É preciso destacar que, conforme Silva (2002, p. 157):

- O grupo /dl/ constitui uma lacuna no sistema;
- as formações em /vl/ são raras, pouco produtivas e, em geral, ocorrem em empréstimos de língua estrangeira;
- a seqüência /vr/ não ocorre em início de palavra.

	Início de palavra	Meio de palavra
/pr/	pr ata	ap pr eço
/pl/	pl aca	ap pl ica
/br/	br ava	ab br e
/bl/	bl oco	em bl emar
/tr/	tr ava	atr tr ás
/tl/	–	at tl as
/dr/	dr oga	ad dr o
/dl/	–	–
/kr/	kr avo	ac kr e
/kl/	kl ave	cab kl ar
/gr/	gr ave	mag gr a
/gl/	gl auco	eng gl oba
/fr/	fr aco	Á fr ica
/fl/	fl ama	af fl uir
/vr/	–	liv vr o
/vl/	vl admir	–

Quadro 2.21. *Onsets* complexos do PB (adaptado de SILVA, 2002, p. 156).

Conforme visto anteriormente, a língua inglesa permite um agrupamento de até quatro consoantes em coda de final de palavra, considerando-se a sílaba do ponto de vista fonético.

Esta característica da língua inglesa impõe enormes dificuldades para os falantes brasileiros, cuja língua materna permite a ocorrência de no máximo dois segmentos consonânticos ao final de sílabas, com restrições muito limitadas quanto à classe de consoantes possíveis em tal posição (cf. FREITAS; NEIVA, 2006).

A esse respeito, Câmara Jr. (2004[1970], p. 57) argumenta que segmentos oclusivos obstruintes não ocorrem em margem direita de sílaba (coda) em PB. Um dos argumentos utilizados pelo autor é a epêntese vocálica que ocorre em casos como: “ritmo” [ˈxi.ti.mu].

Câmara Jr (2004[1970], p.52) considera como sendo apenas quatro as consoantes portuguesas possíveis em posição posvocálica, a saber /S/, /N/, /l/ e /R/.

Foneticamente, a nasal /N/ em coda cai após a nasalização da vogal que a precede e, no dialeto estudado, o segmento /l/ sofre vocalização e é realizado como [ɥ].

	Meio de palavra		Fim de palavra	
/l/	relva	/ˈrelva/	mel	/ˈmɛl/
/N/	santa	/ˈsaNta/	lã	/ˈlaN/
/R/	carpete	/kaRˈpete/	par	/ˈpaR/
/S/	mestre	/ˈmɛStre/	mês	/ˈmɛS/

Quadro 2.22. Consoantes possíveis em posição de coda no PB.

Em PB, a seqüência consonantal /RS/, formando coda complexa, ocorre apenas em posição interna à palavra e, mesmo assim, em pouquíssimas palavras (excepcionais): “perspectiva”. /NS/ pode ocorrer em posição interna à palavra (“circunstância”) ou em final de palavra (“parabéns”).

2.3 Acento

Na Gramática Tradicional, o termo “acento” é tratado principalmente na sua dimensão gráfica (acento circunflexo, acento agudo) e são ensinadas as regras que vão determinar quando uma palavra receberá o acento gráfico ou não (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1992a. p. 9-12). Em Lingüística, a preocupação com o acento não diz respeito ao seu aspecto gráfico nas palavras, mas sim ao fenômeno que faz com que uma sílaba seja pronunciada de maneira mais forte do que outra, dentro da palavra. Essa visão da Lingüística sobre o acento está mais relacionada à noção de “tonicidade” da Gramática Tradicional, isto é, a divisão das palavras em oxítonas (“café”), paroxítonas (“casa”) e proparoxítonas (“lâmpada”), de acordo com a posição da sílaba tônica. A tonicidade depende da localização da sílaba mais proeminente, sendo a palavra oxítona, quando a sílaba mais proeminente é a última; paroxítona, quando é a penúltima; e proparoxítona, quando é a antepenúltima (MASSINI-CAGLIARI, 1992a. p. 9-12).

Para Câmara Jr. (2002[1973], p. 39) acento “é maior intensidade (acento de intensidade ou ICTO) ou a maior altura (acento de altura ou TOM) com que a emissão de uma sílaba se opõe às que lhe ficam contíguas numa enunciação”.

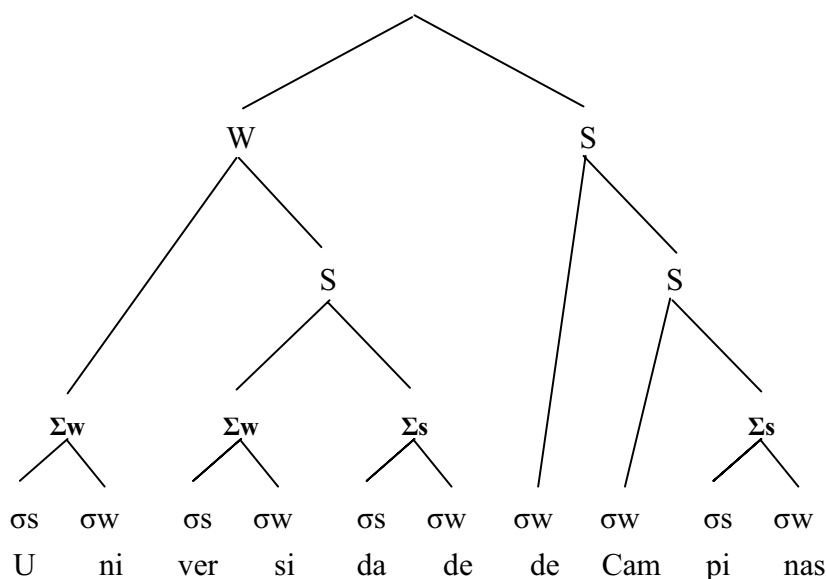
Segundo o *Dicionário de Lingüística* de Jean Dubois et al. (1973, p. 14), o acento é “um processo que permite valorizar uma unidade lingüística superior ao fonema (sílabas, morfema, palavra, sintagma, frase), para distingui-la das outras unidades lingüísticas do mesmo nível”. Isto quer dizer que o acento estabelece uma relação de proeminência dentro de um mesmo nível (da sílaba, do pé, etc.) e que é um fenômeno que ocorre em um nível acima do nível do segmento, por isso é chamado de *supra-segmental*.

O acento tônico é distintivo em português, ou seja, serve para diferenciar vocábulos, já que, dependendo da posição dessa sílaba mais forte, as palavras podem assumir significados diferentes. Alguns pares de palavras oxítonas e paroxítonas ilustram a oposição fonêmica

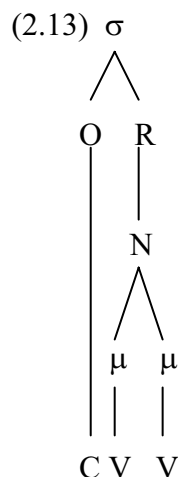
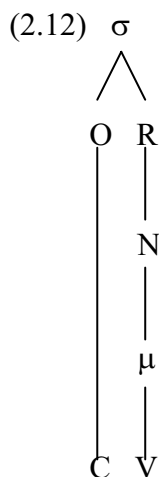
entre o acento na sílaba final (palavras oxítonas) e o acento na penúltima sílaba (palavras paroxítonas), como nos pares *cara/cará*, *cera/será*, etc., por exemplo (CÂMARA Jr., 2004 [1970], p. 64; SILVA, 2002, p. 182). Comparando-se exemplos retirados de dicionários de língua inglesa (Macmillan, 2004, versão em CD-ROM; *Cambridge English Pronouncing Dictionary*, 2003, versão em CD-ROM, a partir de agora CEP), pode-se observar que o mesmo é válido para essa língua: *record* (verbo) [rɪ'kɔrd] e *record* (substantivo) ['rekɔrd]; *present* (verbo) ['prezənt] e *present* (substantivo) [pri'zent].

Na Teoria Métrica, iniciada por Liberman e Prince em 1977, o acento é tratado como uma estrutura rítmica organizada hierarquicamente. A primeira estrutura proposta nesta teoria foi a representação do acento por meio de árvores métricas (LIBERMAN; PRINCE, 1977), que incluíam as ramificações ligadas aos nós. Abaixo, pode-se observar uma estrutura de árvore montada para a expressão “Universidade de Campinas”, retirada de Massini-Cagliari (1999a, p. 78).

(2.9)



de elementos no *núcleo* ou na *rima*, para estabelecer o peso silábico. Seguem-se os seguintes exemplos, retirados de Massini-Cagliari (1999d, p. 90):⁷¹



Em (2.12) observamos que há apenas um elemento no núcleo; por isso, a sílaba constituída é monomoraica. Já em (2.13), há dois (bimoraica). Isto ocorre porque a(s) consoante(s) do *onset* nunca licenciam uma mora e é por este motivo que as regras de acento só levam em conta os elementos da rima.

Segundo Hayes (1995), o acento lexical das línguas do mundo é determinado pelo ritmo, a partir da construção de pés sobre um domínio determinado parametricamente por cada uma das línguas. O direcionamento na construção dos pés é também determinado por cada língua específica (da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda), bem como a sensibilidade ao peso silábico. De acordo com Hayes (1995, p. 71), o inventário dos pés métricos limitados⁷² a partir dos quais é localizado o acento lexical compreende os seguintes pés:⁷³

⁷¹ A respeito de peso silábico, veja-se também Cagliari e Massini-Cagliari (1998).

⁷² Há também pés ilimitados, sem limite de quantidade de sílabas, insensíveis ao peso silábico.

⁷³ O símbolo x representa a sílaba tônica, enquanto que o ponto (.), a(s) sílaba(s) átona(s). O símbolo σ representa a sílaba, sem especificação da sua quantidade. Já os símbolos \cup e — representam, respectivamente, sílaba leve e sílaba pesada (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 84).

Pé	Característica	representação
troqueu silábico	proeminência à esquerda, insensível ao peso silábico	(x .) σ σ
troqueu moraico	proeminência à esquerda, sensível ao peso silábico	(x .) ou (x) ∪ ∪ —
iambo	proeminência à direita, sensível ao peso silábico da sílabas inicial do pé	(. x) ou (x) ∪ σ —

Quadro 2.23. Pés métricos limitados (cf. HAYES, 1995, p. 71).

Segundo Bisol (1992), Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1999a), o acento do PB é sensível ao peso das sílabas, sendo atribuído a partir da localização de troqueus moraicos, do final para o começo da palavra. Este padrão geraria todas as palavras paroxítonas terminadas em sílabas leves (o padrão mais geral do PB) e oxítonas terminadas em sílabas pesadas – exemplos em (2.14). Padrões excepcionais (proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílabas pesadas) são gerados por regras alternativas, em níveis mais profundos do léxico.⁷⁴

(2.14)

(x .)	(x)
∪ ∪	—
ca sa	a mor

Outros autores, como Lee (1995) e Mateus (1983), entre outros, consideram que o acento lexical do português (PB e PE) é dado pela construção de um pé iâmbico na borda direita do radical derivacional – exemplo (2.15). A exemplo da anterior, esta proposta também dá conta apenas da atribuição do acento aos padrões não-excepcionais, sendo que, para as proparoxítonas, Lee (1995) recorre ao padrão trocaico para explicar a localização do acento (2.16).

⁷⁴ A este respeito, vejam-se Wetzels (1992), Massini-Cagliari (1999a, p. 136-139).

(2.15)

(x)	(. x)
cas + a	a mor

(2.16)

(x .)
fo né ti c+a

Embora a controvérsia quanto ao pé básico do acento do PB continue, para as finalidades deste trabalho, o mais importante é perceber que o resultado das duas regras acima acaba por atribuir o acento na mesma posição. Como o padrão trocaico predomina nas abordagens do acento do PB, optou-se aqui pela primeira opção, por considerar que o mais importante para este trabalho é perceber que há regras que posicionam o acento tanto no PB como no IA, mas que estas são regras diferentes; sendo assim, muitas vezes a posição do acento na língua de origem IA será sentida como alienígena pelo falante de PB, provocando adaptações.

2.3.1 O padrão acentual do PB e do IA

O objetivo desta subseção é discutir em que sílaba recai o acento em PB e em IA, com a finalidade de poder comparar as semelhanças e diferenças entre ambas as línguas. Não cabe aqui discutir as regras de atribuição do acento nessas línguas, uma vez que, com relação à determinação dessas regras, há diferentes posicionamentos teóricos tanto para o PB, quanto para o IA. A opção por uma ou outra regra de atribuição do acento não influencia a análise, para os fins deste trabalho, uma vez que, embora diferentes, todas as regras anteriormente propostas, a partir de diferentes teorias, têm que, necessariamente, posicionar o acento sobre a sílaba em que ele efetivamente ocorre.

Com relação à localização do acento em PB, Cagliari (1999b, p. 57) afirma que a tendência da língua é ter palavras paroxítonas (tipo troqueu) e que o acento localiza-se em uma das três últimas sílabas das palavras. Segundo o autor, as palavras proparoxítonas atuais vieram por empréstimo tardio do Latim ou de outras línguas. A tendência sempre foi a de regularizar os empréstimos como paroxítonos ou oxítonos, como “basquete” (*basket*) e “futebol” (*football*) (CAGLIARI, 1999b, p. 57).

O acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba. Isso fica evidenciado na tendência de regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba, como acontece em “xícara”, comumente pronunciada “xicra”. (cf. COLLISCHON, 2005b[1996], p. 143).

Há dois tipos de oxítonas na língua: as que terminam em vogal e as que terminam em consoante. Há uma preferência pelo acento na última sílaba quando esta é terminada por consoante. Sendo assim, quando a palavra for terminada por consoante, ou seja, for pesada, o acento marcado é o paroxítono - exemplos: “civil” e “fácil”. O grupo de oxítonas terminadas em vogal constitui-se de um pequeno número de palavras no léxico português e de um grande número de empréstimos, principalmente do francês e de línguas indígenas e africanas, como “crochê”, “jacaré”, “urubu”, “banzé” (COLLISCHON, 2005b[1996], p. 144).

Quando a penúltima sílaba é pesada, o acento nunca recai sobre a antepenúltima sílaba, sendo esta uma característica herdada do latim (COLLISCHON, 2005b[1996], p. 144). Assim, segundo Massini-Cagliari (1999d, p. 153), o padrão acentual *default* para o português é o paroxítono. As oxítonas terminadas em vogal (ex: “sofá”), as paroxítonas terminadas em sílaba pesada (ex: “túnel”) e todas as proparoxítonas são exceções à regra, sendo que os casos

das proparoxítonas terminadas em sílaba pesada e o das proparoxítonas podem ser resolvidos aplicando-se a regra de extrametricidade.⁷⁵

Pode-se dizer que, conforme afirma Cagliari (2002b, p.121), “em Inglês, a regra de atribuição do acento diz que a última consoante da sílaba é extramétrica. A última sílaba será acentuada se for pesada, caso contrário, o acento cairá na sílaba anterior.” O autor cita como exemplos as palavras *attend* e *astonish*. Em *attend*, o <d> é considerado extramétrico e, como a sílaba *-ten* é pesada, o acento recai sobre ela. Em *astonish*, o <sh> é extramétrico. A sílaba *-ni* é leve, então o acento recai sobre a sílaba anterior *-to*.

Hogg e McCully (1991 [1987], p. 113) propõem uma versão final para a regra de acento do inglês, baseada em pés, que deve ser aplicada após a regra de extrametricidade:

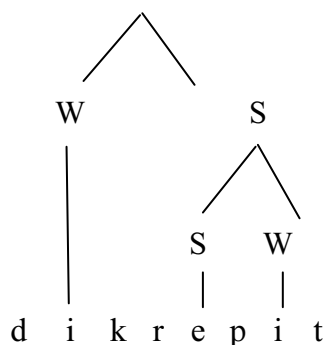
Proceeding from right to left from the edge of the domain and on the rhyme projection only:

- (i) *Assign rightmost syllable foot status if it branches.*
- (ii) *Assign every second syllable (counting from the rightmost foot or the edge of the domain if there is no rightmost foot) foot status.*
- (iii) *Assign the leftmost syllable the foot status.*

Veja-se em (2.17) o exemplo citado pelos autores - *decrepit*:

⁷⁵ Elementos extramétricos são aqueles que são temporariamente excluídos para fins de regras acentuais (cf. HOGG e McCULLY, 1991 [1987], p. 109). Segundo Hayes (1995), são duas as condições relativas à extrametricidade: a *Condição de Perifericidade*, que diz que os elementos extramétricos têm que ser periféricos e que todos os outros casos são apagados; a *Condição de Não-Exaustividade*, em que a extrametricidade deve ser bloqueada quando atingir todo o domínio. Além disso, Hayes observa que os constituintes que podem ser extramétricos devem ser segmentos, sílabas, pés, sufixos ou palavras; também ressalta que há preferência em elementos extramétricos à direita do que à esquerda na palavra.

(2.17)



Os autores concluem que essa regra funciona muito bem para a atribuição do acento em verbos, mas que quando se aplica a substantivos e adjetivos, há exceções.

O acento em palavras compostas do inglês normalmente cai sobre o primeiro elemento do composto. Hogg e McCully (1991[1987], p.1) utilizam os exemplos *blackboard* e *blackboard*. No primeiro, o acento está na primeira sílaba [ˈblækbɔːrd] e no segundo, na segunda [blækˈbɔːrd]. Celce-Murcia et al. (2002, p. 139) mostram que, nos substantivos compostos do inglês, o primeiro elemento do composto é sempre tônico, tanto em compostos simples (como *blackboard*, já mencionado), quanto em compostos complexos (como *blackbird nest*).⁷⁶

No PB, o acento dos compostos recai sobre o último elemento do composto (cf. CÂMARA Jr., 2004[1970], p. 63 e MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 141), como em “guardachuva”.

Cagliari (1999b, p. 58) exemplifica o caso de composição através dos prefixos tônicos, explicando que a sílaba tônica do prefixo pode se transformar em uma sílaba com acento secundário ou até virar uma sílaba átona. Exemplos: *Pós + graduação – pós-graduação*; *Pós + tônica – postônica*.

Cagliari (1999b, p. 40) discute a análise dos compostos em PB isoladamente e dentro de um enunciado. Para o autor, “quando uma palavra composta é pronunciada isoladamente,

⁷⁶ As autoras distinguem dois padrões principais de substantivos compostos: (1) adjetivo + substantivo (*blackboard*) e (2) substantivo + substantivo (*drugstore*) (CELCE-MURCIA et al., 2002, p.140).

comporta-se como uma sequência de duas palavras”. “Quando as palavras compostas ocorrem no meio de um enunciado, comportam-se como qualquer sequência de palavras não compostas. Porém, é muito comum que, nestes casos, a primeira palavra do composto fique átona” (CAGLIARI, 1999b, p. 40).

2.4 Considerações finais

Nesta seção foram abordados comparativamente alguns aspectos da estrutura fonológica do IA e do PB, apontando algumas semelhanças e diferenças que podem ser responsáveis pelo desencadeamento de processos fonético-fonológicos de adaptação, no processo de uso de estrangeirismos de origem inglesa em contexto de PB.

3 Procedimentos metodológicos

Esta seção apresenta e descreve os passos seguidos para a elaboração deste trabalho, envolvendo a coleta do *cópus*, a quantificação e a descrição dos dados obtidos e, por último, os procedimentos de análise fonológica dos dados.

3.1 Coleta dos dados

Com a finalidade de verificar os anglicismos mais comuns no português escrito veiculado pela mídia atualmente, fez-se um levantamento de tais termos em edições da revista *Veja*, de janeiro a julho de 2005, totalizando 26 exemplares. Utilizou-se a versão impressa da revista para a coleta de dados.

Foram coletados apenas os anglicismos ainda não-adaptados morfológica ou graficamente ao português, já que o interesse do trabalho recai justamente sobre as adaptações feitas pelos falantes de português ao adequar a pronúncia de tais palavras ao seu sistema fonológico. Os estrangeirismos adaptados graficamente já incorporam as adaptações fonético-fonológicas em sua forma gráfica, por isso não são relevantes para este estudo, que focaliza justamente o processo de adaptação nesse nível, não os itens lexicais já adaptados.

Optou-se pela revista *Veja* por uma série de razões. Primeiramente, porque ela tem grande circulação nacional e é semanal, sendo que os artigos nela publicados são lidos por milhares de brasileiros, e os anglicismos nela contidos são, ou acabam se tornando, justamente por causa de sua freqüência na mídia, de uso comum no português. Pode-se dizer que, quando se trata de algum assunto novo, a revista é uma das responsáveis pela popularização de novos conceitos, já que seu conteúdo não se dirige apenas a pessoas com conhecimentos específicos de uma determinada área. Seu público-alvo é muito variado e

engloba pessoas de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e atividades profissionais. Como afirma Alves (2004, p. 6), “é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos”.

Além do mais, essa revista específica aborda uma grande diversidade de assuntos: esportes, música, tecnologia, entretenimento, política, economia, turismo, saúde, moda, entre outros. Desta forma, o corpus não será limitado a apenas uma área de conhecimento, tornando-se possível, inclusive, verificar quais áreas são mais produtivas na incorporação de estrangeirismos.

A escolha de corpus originariamente escrito para o estudo da pronúncia de estrangeirismos alicerça-se em alguns fatores facilitadores: 1) para que não haja dificuldades de leitura de palavras que não pertençam ainda ao léxico que levem a dificuldades de pronúncia, foram escolhidos os estrangeirismos mais comuns da revista semanal de maior circulação, porque estes têm mais chance de serem conhecidos dos sujeitos da pesquisa, dada a sua frequência; 2) a adoção de procedimentos de “leitura oral” de um texto escrito para o estudo da pronúncia dos estrangeirismos objetiva verificar se os estrangeirismos não-adaptados graficamente já o são na pronúncia; a relação entre fala e escrita, neste experimento, faz-se, pois, necessária. Além disso, se na leitura pausada e controlada já puderem ser verificados processos de adaptação fonético-fonológica mais típicos de fala rápida (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1992a, p. 82-89), eles poderão mais facilmente ser verificados em corpus de fala espontânea, não-resultantes de leitura.

Schmitz (2004, p.99) afirma que “seria de grande utilidade, sem dúvida, identificar os estrangeirismos e sua frequência nos textos técnicos nas áreas de economia, informática, administração, esportes e agricultura”. Os textos de *Veja* não são propriamente técnicos, são de caráter mais generalizado, mas abordam todas essas áreas. Assim, o corpus em si já

pretende ser uma contribuição aos estudos sobre estrangeirismos no português do Brasil, pois corresponde a um retrato de um recorte dos anglicismos na mídia atualmente.

As palavras estrangeiras aparecem em praticamente todas as seções da revista e geralmente correspondem a termos para os quais ainda não há tradução ou equivalentes em português, como *home theater* e *scanner*, termos que são usados como jargão técnico, como *commodities*, *freelancer* e *broker*, termos para os quais existe uma palavra portuguesa equivalente, como *fashion*⁷⁷ (“moda”), ou ainda termos para os quais já há uma palavra adaptada graficamente ao padrão do português, mas que por questões estilísticas aparece na grafia estrangeira: *stress* (“estresse”) e *check-up* (“checape”).⁷⁸

Por se tratar de um estudo qualitativo, alguns artigos foram descartados por conterem apenas uma ocorrência de termos que já haviam aparecido por diversas vezes em outros artigos.

A quantificação foi feita apenas para ilustrar a frequência dos anglicismos na língua portuguesa do Brasil⁷⁹ e para que pudessem ser identificados os 50 termos mais recorrentes – que constituem alvo das gravações a serem analisadas.

3.2 Delimitação do corpús

O trabalho limita-se a analisar nomes (substantivos comuns e alguns adjetivos, tais como *bootylicious*, siglas (*CD-ROM*) e alguns compostos de origem inglesa, cf. *fast-food*) que aparecem nos artigos considerados em língua portuguesa. Desta forma, não foram considerados os nomes de marcas e produtos que apareceram nos artigos considerados,

⁷⁷ *Fashion* é equivalente de moda (exemplo: *São Paulo Fashion Week* – “Semana da moda de São Paulo”). Em PB *fashion* também é muito usado como adjetivo para dizer que algo está na moda: “uma roupa fashion”, “um corte de cabelo fashion”.

⁷⁸ Ver quadro 3.1.

⁷⁹ De acordo com Alves (2004, p. 79), “o emprego freqüente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical do português”.

ressaltando-se que eles sofrem adaptações no nível fonético-fonológico, mas nunca no nível gráfico. Além do mais, acredita-se que os nomes próprios sofram os mesmos tipos de adaptação fonético-fonológica dos substantivos comuns.

Dado o recorte escolhido para a constituição do *cópus*, que engloba apenas artigos assinados, foram desconsideradas as propagandas, embora estas também veiculem uma quantidade considerável de estrangeirismos. Nas propagandas há o predomínio da função discursivo-estilística⁸⁰, e nos artigos as três funções da criação de palavras são encontradas. Além do mais, a limitação do estudo aos artigos da revista também facilita as gravações, pois nos artigos é possível ver os estrangeirismos contextualizados, podendo-se usar o próprio enunciado em que a palavra aparece para realizar as gravações. Não é preciso “inventar” ou “reproduzir aproximadamente” o contexto, como seria necessário no caso das propagandas, em que as palavras muitas vezes aparecem isoladamente.

Durante o processo de coleta dos anglicismos foram encontrados estrangeirismos originados de outras línguas, como:

- do francês: *chef, gourmet, voyeur, tour, expert*⁸¹, *maître, frisson*;
- do alemão: *kitsch*;
- do italiano: *pizza*;
- do japonês: *sushi, tsunami*;
- do sueco: *ombudsmen*;
- do russo: *glasnost*.

Estes termos foram excluídos, pois neste estudo o interesse é comparar as estruturas fonológicas do português e do inglês e verificar as adaptações que acontecem na passagem de um sistema ao outro.

⁸⁰ Sobre as funções da criação de palavras, veja-se seção 1.1.

⁸¹ De acordo com Houaiss (2004, versão em CD-ROM), a origem do termo é francesa. Para Neves (2003, p. 329), trata-se de um anglicismo. O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (BORBA, 2004), de agora em diante DUNESP (2004), também traz o termo como de origem inglesa.

Também foram encontradas palavras de origem inglesa já adaptadas graficamente ao português⁸², como “videoclipe” de *videoclip*, “cibercafé”, de *cybercafé*, “nocaute”, de *knock out*; “hambúrguer”, de *hamburger*; “pôquer” de *poker*. Essas palavras também não foram consideradas na constituição do *corpus*, pois já constituem empréstimos⁸³ do inglês, ou seja, já estão “integradas” ao português, não estando mais em processo de adaptação - fato, aliás, atestado pelo padrão ortográfico nativo que apresentam.

Neste sentido, a palavra *rifle*, por exemplo, foi desconsiderada por já estar adaptada fonológica e graficamente ao português. Outro termo excluído foi *flex*, pois em expressões como *flex fuel* a origem inglesa é evidente, mas, isoladamente, como quando se diz “um carro flex”, a palavra pode ser proveniente tanto de *flexible*, como de “flexível”.

3.3 Referência do *corpus*

Para facilitar a citação dos artigos selecionados nas edições da revista *Veja* analisadas, criou-se um código. Cada uma das revistas pesquisadas é denominada por uma letra. Como são 26 revistas, cada revista é denominada por uma letra do alfabeto. Esta distribuição foi feita cronologicamente. Assim, a primeira revista utilizada, de 05 de janeiro de 2005, é referida pela letra A; a revista de 12 de janeiro de 2005, pela letra B; e assim por diante.

Os artigos de cada revista recebem a letra referente à revista em que aparecem e um número que se refere à seqüência em que aparecem na revista. Assim, o primeiro artigo considerado na revista de 05 de janeiro de 2005 é tratado por A1; o segundo, por A2 e assim por diante.

Este sistema visa a facilitar a citação dos artigos no texto e sua localização na referência do *corpus*.

⁸² Sobre empréstimos adaptados graficamente ao português, veja-se o trabalho de Borceda (2006).

⁸³ Sobre diferenciação entre as noções de estrangeirismo e empréstimo veja-se seção 1.2.

A lista dos artigos da revista *Veja* considerados para a constituição do corpus encontra-se no Apêndice B.

3.4 Descrição e quantificação dos dados

Após a coleta, os anglicismos foram organizados alfabeticamente em tabelas e quantificados. Muito embora este seja um estudo qualitativo, a quantificação dos termos coletados ajuda a constatar que os anglicismos são muito freqüentes no PB na atualidade.

Além disso, fica evidente pela freqüência com que são usados que, apesar de ainda terem grafia estrangeira, os anglicismos não impedem ou prejudicam a comunicação, e isso ajuda a desmistificar a crença de que os estrangeirismos só seriam entendidos e usados por quem conhece a língua de origem (cf. GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 29). Segundo Garcez e Zilles (2004, p. 29), o enunciado “Eu fiz o *download* de um *software* novo” não seria plenamente compreendido por todas os brasileiros da mesma forma que não o seria o enunciado “Eu baixei um programa novo de computador”. O problema de compreensão não é causado simplesmente pela falta de conhecimento do inglês, e sim pela falta de conhecimento de mundo para entender o que é “baixar um programa”.

Alguns termos coletados, como neologismos (o que inclui novas gírias) em IA, que às vezes ainda não constam nas versões impressas dos dicionários de IA, são explicados em nota quanto ao seu significado no contexto, para a melhor compreensão dos dados. Há também a explicitação do contexto em que algumas das palavras coletadas ocorreram, para facilitar a compreensão do seu sentido.

Na fase de coleta de dados, foram encontradas 1326 ocorrências de anglicismos sem adaptações gráficas, sendo um total de 290 palavras diferentes.

A quantidade de palavras encontrada evidencia a ocorrência dos estrangeirismos e empréstimos como fontes para a formação de neologismos no português, ressaltando que muitas vezes os estrangeirismos e empréstimos dão origem a outras palavras através de processos de prefixação e sufixação, por exemplo, como ocorre com “nocaute”, de *knock-out*, que formou “nocautear”, “nocauteado”.

Dos 290 termos encontrados, a maioria já se encontra dicionarizada com a grafia alienígena, ou seja, os dicionaristas consultados consideram que essas palavras já fazem parte do léxico do português⁸⁴. Como mostra o Gráfico 3.1, os termos dicionarizados totalizam 200. Apenas 90 termos, ou seja 31%, ainda não foram dicionarizados. Os dicionários consultados foram: Houaiss (2004, versão em CD-ROM), Michaelis (2006, versão online), DUNESP (2004) e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999), doravante Aurélio.

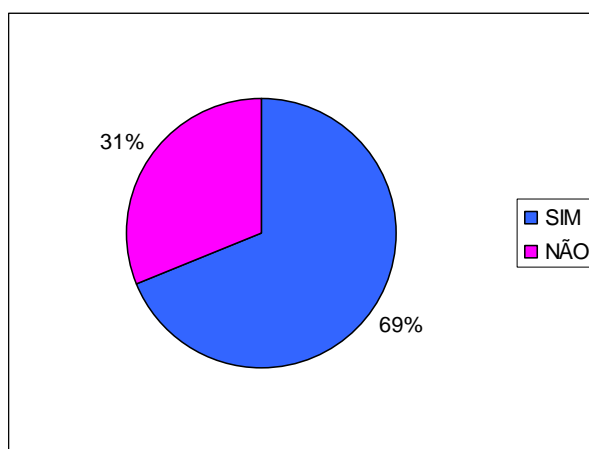


Gráfico 3.1. Porcentagem de anglicismos dicionarizados.

Esta dissertação não se limitou a estudar apenas os estrangeirismos não-dicionarizados, uma vez que o objetivo é verificar como o falante do PB reage diante de uma palavra graficamente alienígena, familiar ou não, para adaptá-la ao contexto fonológico do

⁸⁴ Ou, pelo menos, já fazem parte do conjunto de palavras que merece dicionarização.

português ao pronunciá-la. Desta forma, interessa estudar todas as palavras de origem inglesa não-adaptadas graficamente, quer estejam dicionarizadas ou não.

Foram encontrados vários acrônimos (siglas) de origem inglesa, que são explicados em notas. Os acrônimos são importantes para o cópús que está sendo analisado, pois podem ser lidos de diferentes maneiras.

Segundo Massini-Cagliari (1992b, p. 130), há duas maneiras possíveis de se ler siglas em português:

- quando é possível reconhecer na sigla uma estrutura do tipo CV ou algo semelhante, podem ser formadas novas palavras, lendo-se as seqüências de consoantes e vogais de acordo com as regras do português.
- quando a sigla é formada principalmente só por consoantes ou por vogais em uma seqüência que não pode ser reconhecida como semelhante a palavras do português, costuma-se ler os nomes das letras.

Sandmann (1997, p. 54-55) também descreve as duas possibilidades explicitadas por Massini-Cagliari (1992b). Como exemplo do primeiro tipo, o autor menciona: “CAL” (“Centro Acadêmico de Letras”); e para o segundo tipo, em que se soletram os fonemas iniciais tem-se “DCE” (“Diretório Central dos Estudantes”).

Quando utilizamos uma sigla do inglês, algumas vezes pronunciamos as letras que formam a sigla (ex: *CD*) da mesma forma como ocorre em inglês, ou pronunciamos como uma palavra comum (ex: *radar*). Mas também há casos em que em inglês se pronunciam as letras que formam a sigla e em português lê-se como uma única palavra (ex: *Vip*).

Algumas palavras mapeadas no cópús, por serem gírias ou invenções muito recentes, foram encontradas apenas em dicionários eletrônicos de língua inglesa, talvez porque esses dicionários sejam atualizados com mais frequência e incorporam mais rapidamente os

neologismos do inglês do que os dicionários impressos.⁸⁵ Este é o caso de gírias como *chav* e *bootylicious*.

Há palavras que não foram encontradas nos dicionários consultados de língua inglesa, em edição impressa ou eletrônica, talvez por se referirem a invenções e conceitos muito recentes, como, por exemplo, *wimax*. Tendo a sociedade brasileira incorporado as invenções e novas tecnologias, o português também adotou seus nomes, pois ainda não há equivalentes para eles nesta língua.

Há também o caso de anglicismos que têm significados diferentes na língua inglesa, como o caso de *outdoor*, que em inglês se refere às coisas feitas ao ar livre e em PB refere-se a um anúncio em forma de cartaz de grandes dimensões. Trata-se de um caso de adaptação semântica, segundo Deroy (1956), Guilbert (1975), Sandmann (1997) e Alves (2004).

Por sua vez, alguns termos já possuem um uso específico no PB, ou seja, já estão adaptados morfossintaticamente à língua de chegada⁸⁶, como “shopping” (de *shopping mall* ou *shopping center*), “short” (de *shorts*). Como o objetivo do trabalho não é estudar as adaptações semântica e morfossintática, termos como estes são válidos para o cópuz, que considera os termos não-adaptados graficamente, mas não faz restrições quanto às adaptações de outra natureza.

Outros termos foram encontrados no plural e no singular e foram considerados como uma única palavra (flexionada) no cópuz, como *laptop/laptops*, *hit/hits*, *hippie/hippies*, *ranking/rankings*, *reality show/reality shows*, *best-seller/best-sellers*, *CD/CDs*.⁸⁷ Foram

⁸⁵ Os dicionários impressos de língua inglesa consultados foram: *Macmillan English Dictionary for advanced learners* (2004, versão em CD-ROM), Macmillan; *Cambridge International Dictionary of English* (1996), doravante CIDE, e *Cambridge English Pronouncing Dictionary* (2003, versão em CD-ROM), CEP.

⁸⁶ Segundo Alves (2004, p. 80), “a base emprestada, em geral, mantém a classe gramatical da língua de que provém. Em certas ocasiões sofre alterações em sua categoria de origem”.

⁸⁷ De acordo com Alves (2004, p. 81) “os estrangeirismos da imprensa brasileira seguem, em geral, a flexão de número da língua de que procedem. Já os empréstimos adaptados ao português tendem a flexionar-se, quanto a essa categoria, de acordo com as regras da morfologia portuguesa”. Quanto ao número, o padrão dessas palavras específicas enquadra-se tanto na língua de partida (inglês) como no da de chegada (português). Acerca do plural de nomes estrangeiros, veja-se também Neves (1999, p. 170-171) e Cegalla (1973, p. 118).

destacados os casos em que o número se refere a usos específicos do português, como *short* e *shoppings*, ou palavras que não são comumente usadas no plural em inglês, como *trashes*.⁸⁸

A seguir apresenta-se a Tabela 3.1, que lista todos os anglicismos coletados. Na segunda coluna da tabela aparece a quantidade de ocorrências do termo; na terceira há a especificação de quais anglicismos foram encontrados nos dicionários de língua portuguesa consultados; e, por último, a porcentagem de ocorrência de tal anglicismo em relação ao total de 1326 ocorrências.

Tabela 3.1. Estrangeirismos encontrados no corpúsculo e número de ocorrências.

	ANGLICISMOS	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>AIDS</i> ⁸⁹	32	SIM	2,41
2	<i>airbag</i>	1	SIM	0,08
3	<i>apartheid</i>	1	SIM	0,08
4	<i>bagel</i>	1	SIM	0,08
5	<i>banner</i>	1	SIM	0,08
6	<i>barman</i>	1	SIM	0,08
7	<i>barmen</i> ⁹⁰	1	SIM	0,08
8	<i>bartender</i>	1	NÃO	0,08
9	<i>best-seller</i>	12	SIM	0,90
10	<i>bits</i>	1	SIM	0,08
11	<i>blends</i>	1	SIM	0,08
12	<i>blog</i> ⁹¹	63	NÃO	4,74
13	<i>blogger</i>	2	NÃO	0,15
14	<i>bluetooth</i>	3	NÃO	0,23
15	<i>board</i>	1	SIM	0,08
16	<i>bonds</i>	1	NÃO	0,08
17	<i>boom</i>	2	SIM	0,15

⁸⁸ O termo *radar* foi considerado, muito embora sua forma plural já esteja adaptada aos padrões flexionais do português: *radares* (*radars* em inglês).

⁸⁹ *AIDS*: “*Acquired Immune Deficiency Syndrome*”. Em português seria SIDA (Síndrome da Imunodeficiência adquirida), forma que é usada no Português Europeu, e que “não pegou” no PB, talvez devido à homofonia com o apelido “Cida”, de “Aparecida”, nome próprio em homenagem à padroeira do Brasil.

⁹⁰ Forma plural de *barman*, cuja flexão de número escapa à regra de formação de plural do português.

⁹¹ *Blog*: “*a biographical web log: a type of DIARY (=record of what someone does each day) on a website that is changed regularly, to give the latest news. The page usually contains someone’s personal opinions, comments, and experiences, and provides links to other places on the Internet*” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM). Ver contexto em que a palavra ocorreu no apêndice A.

18	<i>bootylicious</i> ⁹²	1	NÃO	0,08
19	<i>botox</i> ⁹³	1	NÃO	0,08
20	<i>boy</i>	1	SIM	0,08
21	<i>bridge</i>	1	SIM	0,08
22	<i>brokers</i>	1	SIM	0,08
23	<i>bunker</i>	5	SIM	0,38
24	<i>business</i>	1	NÃO	0,08
25	<i>cameraman</i>	1	SIM	0,08
26	<i>camp</i>	1	NÃO	0,08
27	<i>camping</i>	1	SIM	0,08
28	<i>cash</i>	1	SIM	0,08
29	<i>CD</i> ⁹⁴	9	SIM	0,68
30	<i>CD-ROM</i> ⁹⁵	1	SIM	0,08
31	<i>CEO</i> ⁹⁶	3	NÃO	0,23
32	<i>chat</i>	1	SIM	0,08
33	<i>chav</i>	10	NÃO	0,75
34	<i>check-in</i>	3	SIM	0,23
35	<i>check list</i>	2	SIM	0,15
36	<i>check-up</i>	3	SIM	0,23
37	<i>cheerleaders</i>	1	NÃO	0,08
38	<i>cheesecake</i>	1	NÃO	0,08
39	<i>chip</i>	30	SIM	2,26
40	<i>CIA</i> ⁹⁷	1	NÃO	0,08
41	<i>clipping</i>	1	SIM	0,08
42	<i>closet</i>	1	SIM	0,08
43	<i>cockpit</i>	1	SIM	0,08
44	<i>coffee shop</i>	3	NÃO	0,23
45	<i>cold</i>	1	NÃO	0,08
46	<i>combo</i> ⁹⁸	1	SIM	0,08
47	<i>commodities</i>	2	SIM	0,15
48	<i>cool</i>	2	SIM	0,15
49	<i>cooper</i> ⁹⁹	1	SIM	0,08
50	<i>country</i>	2	SIM	0,15

⁹² *Bootylicious*: A palavra é provavelmente um cruzamento vocabular entre *booty* e *delicious*. Contexto em que a palavra ocorreu: “Mas eu odeio que me chamem de bootylicious (traseiro delicioso)” (B1).

⁹³ *Botox*: Hoje já não é usada apenas como o nome da marca, mas também como substantivo comum que se refere a um produto feito com toxina botulínica, independentemente de sua marca.

⁹⁴ *CD*: *Compact Disc*.

⁹⁵ *CD-ROM*: *Compact Disc Read Only Memory*.

⁹⁶ *CEO*: *Chief Executive Officer*.

⁹⁷ *CIA*: *Central Intelligence Agency*.

⁹⁸ *Combo* é uma “*combination of people or things*” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM). *Combo* é uma abreviação de *combination* (cf. SANDMANN, 1997).

⁹⁹ *Cooper* é um “método de condicionamento aeróbico baseado nas propostas do médico e preparador físico norte-americano Kenneth H. Cooper” (HOUAISS, 2004, versão em CD-ROM).

51	<i>cover</i>	4	NÃO	0,30
52	<i>cowboys</i>	1	SIM	0,08
53	<i>crystal</i> ¹⁰⁰	8	NÃO	0,60
54	<i>dance music</i>	2	NÃO	0,15
55	<i>dark chocolate</i>	1	NÃO	0,08
56	<i>default</i>	1	SIM	0,08
57	<i>design</i>	6	SIM	0,45
58	<i>designer</i>	2	SIM	0,15
59	<i>dial</i> ¹⁰¹	1	SIM	0,08
60	<i>diesel</i>	4	SIM	0,30
61	<i>diet</i>	2	SIM	0,15
62	<i>DNA</i> ¹⁰²	2	SIM	0,15
63	<i>donut</i>	2	NÃO	0,15
64	<i>doping</i>	2	SIM	0,15
65	<i>download</i>	7	SIM	0,53
66	<i>duty-free</i>	2	SIM	0,15
67	<i>DVD</i> ¹⁰³	1	SIM	0,08
68	<i>e-bit</i>	1	SIM	0,08
69	<i>ecstasy</i> ¹⁰⁴	2	SIM	0,15
70	<i>e-mail</i>	20	SIM	1,50
71	<i>ex-reality shows</i> ¹⁰⁵	1	SIM	0,08
72	<i>fashion</i>	2	NÃO	0,15
73	<i>fast track</i>	2	NÃO	0,15
74	<i>fast-food</i>	5	SIM	0,38
75	<i>fax</i>	2	SIM	0,15
76	<i>feeling</i>	1	SIM	0,08
77	<i>fitness</i>	1	NÃO	0,08
78	<i>flap</i>	2	SIM	0,15
79	<i>flash</i>	3	SIM	0,23
80	<i>flash player</i>	1	NÃO	0,08
81	<i>flashes</i>	2	SIM	0,15
82	<i>flex fuel</i> ¹⁰⁶	5	NÃO	0,38

¹⁰⁰ *Crystal*: termo usado para se referir ao nome de uma droga. Ver contexto em que a palavra ocorreu no Apêndice A.

¹⁰¹ *Dial* é o “dispositivo para girar o ponteiro das sintonias nos aparelhos de rádio” (DUNESP, 2004, p. 436).

¹⁰² *DNA*: *Deoxyribonucleic acid*. Em português: ADN (Ácido Desoxirribonucléico) (HOUAISS, 2004, versão em CD-ROM).

¹⁰³ *DVD*: *Digital video disc*.

¹⁰⁴ *Ecstasy*: “an illegal drug that young people take, especially in nightclubs” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).

¹⁰⁵ *Reality show* é usado também com o sentido de participante dos programas de *reality show*. Contexto em que a palavra ocorreu: “Até filhos os ex-reality shows já produziram” (Z7).

¹⁰⁶ Em Houaiss (2004, versão em CD-ROM), encontrou-se a palavra *fuel*, mas não a expressão *flex fuel*; essa expressão refere-se aos carros bi-combustível, isto é, que funcionam tanto com álcool quanto com gasolina.

83	<i>flog</i> ¹⁰⁷	1	NÃO	0,08
84	<i>foodie</i>	1	NÃO	0,08
85	<i>fotoblog</i>	1	NÃO	0,08
86	<i>freelance</i>	1	SIM	0,08
87	<i>freelancer</i>	1	SIM	0,08
88	<i>fuel cell</i>	1	NÃO	0,08
89	<i>funk</i>	6	SIM	0,45
90	<i>gadget</i>	1	SIM	0,08
91	<i>game</i>	23	SIM	1,73
92	<i>gangsta</i>	1	NÃO	0,08
93	<i>gay</i>	41	SIM	3,09
94	<i>gigabyte</i>	2	SIM	0,15
95	<i>go-go boys</i>	2	NÃO	0,15
96	<i>gospel</i>	1	SIM	0,08
97	<i>hacker</i>	3	SIM	0,23
98	<i>hall</i>	1	SIM	0,08
99	<i>halls of residence</i>	1	NÃO	0,08
100	<i>hand-held</i>	1	NÃO	0,08
101	<i>happenings</i>	1	SIM	0,08
102	<i>hard drive</i>	1	NÃO	0,08
103	<i>hatch</i>	1	NÃO	0,08
104	<i>heavy metal</i>	4	SIM	0,30
105	<i>high society</i>	2	NÃO	0,15
106	<i>high-definition TV</i>	1	NÃO	0,08
107	<i>high-tech</i>	4	SIM	0,30
108	<i>hip hop</i>	3	SIM	0,23
109	<i>hippie</i>	5	SIM	0,38
110	<i>hit</i>	12	SIM	0,90
111	<i>HIV</i> ¹⁰⁸	18	SIM	1,35
112	<i>hobby</i>	6	SIM	0,45
113	<i>holding</i>	1	SIM	0,08
114	<i>home broker</i>	2	SIM	0,15
115	<i>home stay</i>	1	NÃO	0,08
116	<i>home theater</i>	2	NÃO	0,15
117	<i>hooligans</i>	3	SIM	0,23
118	<i>hostels</i>	2	NÃO	0,15
119	<i>impeachment</i>	7	SIM	0,53
120	<i>indoor</i>	2	SIM	0,15
121	<i>internet</i>	138	SIM	10,38

¹⁰⁷ *Flog* é explicado no próprio contexto em que apareceu com um outro sentido: um falso *blog*. Contexto em que a palavra ocorreu: “Recentemente, o MacDonal’d’s americano criou um “flog” – um falso blog – para aliviar a aceitação de um de seus anúncios” (V6).

¹⁰⁸ *HIV*: *Human immunodeficiency virus*. Em PB: Vírus da Imunodeficiência Humana.

122	<i>jazz</i>	20	SIM	1,50
123	<i>jeans</i>	15	SIM	1,13
124	<i>jet ski</i>	3	SIM	0,23
125	<i>joystick</i>	1	SIM	0,08
126	<i>jumbo</i>	3	NÃO	0,23
127	<i>kart</i>	3	SIM	0,23
128	<i>ketchup</i>	1	SIM	0,08
129	<i>kick-back</i>	1	NÃO	0,08
130	<i>Kit</i>	3	SIM	0,23
131	<i>know-how</i>	1	SIM	0,08
132	<i>lan house</i> ¹⁰⁹	6	NÃO	0,45
133	<i>laptop</i>	2	SIM	0,15
134	<i>laser</i> ¹¹⁰	16	SIM	1,20
135	<i>leggings</i> ¹¹¹	1	SIM	0,08
136	<i>leg-press</i>	1	SIM	0,08
137	<i>lifting</i> ¹¹²	1	SIM	0,08
138	<i>light</i>	10	SIM	0,75
139	<i>link</i>	3	SIM	0,23
140	<i>linker</i>	1	NÃO	0,08
141	<i>lobby</i>	7	SIM	0,53
142	<i>long-play</i>	1	SIM	0,08
143	<i>look</i>	1	SIM	0,08
144	<i>lounge</i>	2	NÃO	0,15
145	<i>low cost</i>	1	NÃO	0,08
146	<i>low fare</i>	3	NÃO	0,23
147	<i>LSD</i> ¹¹³	1	NÃO	0,08
148	<i>magazine</i>	2	SIM	0,15
149	<i>marketing</i>	23	SIM	1,73
150	<i>MBA</i> ¹¹⁴	4	NÃO	0,30
151	<i>media-training</i>	1	NÃO	0,08
152	<i>megabyte</i>	6	SIM	0,45
153	<i>megastore</i>	1	NÃO	0,08
154	<i>merchandising</i>	22	SIM	1,66

¹⁰⁹ LAN: “a local area network: a system that allows computers in the same building or group of buildings to communicate with each other” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).

¹¹⁰ Laser: sigla para *light amplification by stimulated emission of radiation*.

¹¹¹ Leg-press: nome de um aparelho ginástica.

¹¹² Em PB, *lifting* é usado para se referir a um tipo de cirurgia plástica no rosto. Em inglês, “*lifting*” seria *face lifting* ou *facelift*. Alves (1984, p. 122) trata o caso da palavra *lifting* como um “falso anglicismo”, sendo os “falsos anglicismos”, segundo a autora, “constituídos por elementos ingleses inexistentes na língua inglesa”. Contexto em que a palavra ocorreu: “O penteado é um rabo-de-cavalo tão puxado para trás, à custa de muito gel, que foi batizado de “*lifting* de conjunto habitacional” – um artifício para dar uma esticadinha na pele” (K6).

¹¹³ LSD: *Lysergic acid diethylamide*. Em português: “dietilamida do ácido lisérgico” (HOUAISS, 2004, versão em CD-ROM).

¹¹⁴ MBA: *Master of Business Administration*.

155	<i>microchip</i>	2	SIM	0,15
156	<i>milkshake</i>	1	SIM	0,08
157	<i>miss</i>	11	SIM	0,83
158	<i>mix</i>	1	SIM	0,08
159	<i>motocross</i>	2	SIM	0,15
160	<i>mouse</i>	1	SIM	0,08
161	<i>MP3</i> ¹¹⁵	2	NÃO	0,15
162	<i>napalm</i>	1	SIM	0,08
163	<i>net carbs</i>	1	NÃO	0,08
164	<i>network</i>	1	SIM	0,08
165	<i>new age</i>	3	SIM	0,23
166	<i>nonsense</i>	4	SIM	0,30
167	<i>notebook</i>	3	SIM	0,23
168	<i>nugget</i>	2	NÃO	0,15
169	<i>o.k.</i> ¹¹⁶	2	SIM	0,15
170	<i>off-road</i>	1	SIM	0,08
171	<i>off-shore</i>	1	SIM	0,08
172	<i>online</i>	28	SIM	2,11
173	<i>outdoor</i> ¹¹⁷	1	SIM	0,08
174	<i>outing</i>	1	NÃO	0,08
175	<i>outsider</i>	2	SIM	0,15
176	<i>overdose</i>	3	SIM	0,23
177	<i>pager</i>	2	SIM	0,15
178	<i>palmtop</i>	1	NÃO	0,08
179	<i>pay-per-view</i>	1	NÃO	0,08
180	<i>PC</i> ¹¹⁸	1	SIM	0,08
181	<i>peeling</i>	1	SIM	0,08
182	<i>peer-to-peer</i>	1	NÃO	0,08
183	<i>personal stylist</i>	5	NÃO	0,38
184	<i>personal trainer</i>	3	NÃO	0,23
185	<i>piercing</i>	1	SIM	0,08

¹¹⁵ *MP3*: “a method of reducing the size of a computer file that contains sound, especially music, so that it can be sent quickly by email or over the internet” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM).

¹¹⁶ “O termo OK, hoje em dia mundialmente conhecido, surgiu no século XVIII, na campanha para a reeleição do Presidente Martin Van Buren (1782-1862) nos estados Unidos. O apelido dele era *Old Kinderhook* (ele nasceu em Kinderhook, Nova York) e, em 1840, as iniciais *OK* se popularizaram como o lema de sua campanha para indicar que, com *Old Kinderhook* como presidente, tudo estaria ótimo. De forma humorística, também dizia-se que *OK* era sigla para “*orl korrekt*” – all correct -, ou seja, “tudo correto” (SCHOLES, 2003, p. 173-174).

¹¹⁷ *Outdoor* em português: “anúncio em forma de cartaz, painel múltiplo, painel luminoso etc., ger. de grandes dimensões, exposto à margem de vias urbanas ou em outros pontos ao ar livre destacados para tal” (HOUAISS, 2004). Houaiss (2004) acrescenta que a etimologia da palavra é de *outdoor advertising*, “propaganda ao ar livre” (HOUAISS, 2004). Em inglês significa “*done outside*”. A palavra para aquilo que em PB se denomina *outdoor* em inglês é *billboard* ou *hoarding*: “a large board for advertisements in an outside public place” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM). Contexto em que a palavra ocorreu: “Se a Vivo quiser poderá usar o craque da seleção em outdoors” (M2).

¹¹⁸ *PC*: *Personal Computer*.

186	<i>playback</i>	1	SIM	0,08
187	<i>playboy</i>	4	SIM	0,30
188	<i>playground</i>	1	SIM	0,08
189	<i>plus</i>	1	NÃO	0,08
190	<i>plush</i>	1	SIM	0,08
191	<i>pool</i>	3	SIM	0,23
192	<i>pop</i>	44	SIM	3,31
193	<i>pop star</i>	4	NÃO	0,30
194	<i>premium</i>	1	SIM	0,08
195	<i>pub</i>	2	SIM	0,15
196	<i>punk</i>	1	SIM	0,08
197	<i>rack</i>	1	SIM	0,08
198	<i>radar</i> ¹¹⁹	2	SIM	0,15
199	<i>rafting</i>	1	SIM	0,08
200	<i>ranking</i>	31	SIM	2,33
201	<i>rap</i>	2	SIM	0,15
202	<i>rapper</i>	8	SIM	0,60
203	<i>ready-made</i>	5	SIM	0,38
204	<i>reality show</i>	7	NÃO	0,53
205	<i>real-time</i>	1	NÃO	0,08
206	<i>reggae</i>	2	SIM	0,15
207	<i>REM</i> ¹²⁰	3	NÃO	0,23
208	<i>replay</i>	1	SIM	0,08
209	<i>resort</i>	21	SIM	1,58
210	<i>rhythm 'n' blues</i>	1	SIM	0,08
211	<i>ringtone</i> ¹²¹	5	NÃO	0,38
212	<i>roaming</i>	1	NÃO	0,08
213	<i>rock/rocks</i>	16	SIM	1,20
214	<i>rockstar</i>	1	NÃO	0,08
215	<i>round</i>	1	SIM	0,08
216	<i>royalties</i>	2	SIM	0,15
217	<i>Sars</i> ¹²²	4	NÃO	0,30
218	<i>scanner</i>	3	SIM	0,23
219	<i>script</i>	1	SIM	0,08
220	<i>self-catering</i>	1	NÃO	0,08
221	<i>serial killer</i>	1	SIM	0,08
222	<i>set</i>	1	SIM	0,08
223	<i>sexy</i>	5	SIM	0,38
224	<i>shaper</i>	1	NÃO	0,08

¹¹⁹ *Radar*: radio detection and ranging.

¹²⁰ *REM*: rapid eye movement.

¹²¹ *Ringtone* é o termo usado em PB para se referir ao toque do celular.

¹²² *Sars*: severe acute respiratory syndrome. Em português: síndrome respiratória aguda (SRAG).

225	<i>shopping</i> ¹²³ / <i>shoppings</i>	7	SIM	0,53
226	<i>shopping center</i>	3	SIM	0,23
227	<i>shorts/short</i> ¹²⁴	2	SIM	0,15
228	<i>show</i>	33	SIM	2,48
229	<i>showbiz</i>	4	SIM	0,30
230	<i>Show business</i>	1	SIM	0,08
231	<i>single</i>	1	NÃO	0,08
232	<i>site</i>	37	SIM	2,78
233	<i>slalom</i>	1	SIM	0,08
234	<i>slide</i>	2	SIM	0,15
235	<i>slogan</i>	2	SIM	0,15
236	<i>smartphone</i>	2	NÃO	0,15
237	<i>smoking</i> ¹²⁵	1	SIM	0,08
238	<i>snowmobile</i>	1	NÃO	0,08
239	<i>socialite</i>	5	SIM	0,38
240	<i>society</i>	1	NÃO	0,08
241	<i>software</i>	7	SIM	0,53
242	<i>songbook</i>	1	SIM	0,08
243	<i>soul</i>	3	SIM	0,23
244	<i>spa</i>	3	SIM	0,23
245	<i>spam</i>	7	NÃO	0,53
246	<i>sport utilities</i>	1	NÃO	0,08
247	<i>spot</i>	1	SIM	0,08
248	<i>spray</i>	2	SIM	0,15
249	<i>squash</i>	1	SIM	0,08
250	<i>staff</i>	1	SIM	0,08
251	<i>stock car</i>	1	SIM	0,08
252	<i>street dance</i>	1	NÃO	0,08
253	<i>stress</i>	33	SIM	2,48
254	<i>stripper</i>	1	SIM	0,08
255	<i>strip-tease</i>	1	SIM	0,08
256	<i>subwoofers</i>	1	SIM	0,08

¹²³ *Shopping* em português é usado como substantivo e no inglês é adjetivo de *mall* ou *center* nas expressões *shopping mall* e *shopping center*. Em inglês os adjetivos são invariáveis e não se flexionam no plural. Contexto em que as palavras ocorreram:

“Também no Coex, um shopping de Seul, milhares de adolescentes se engalfinham nos fins de semana para conseguir um autógrafo...” (G3).

“Outro problema comum em quase toda cidade grande, o excesso de camelôs, mereceu uma solução menos original: os ambulantes foram transferidos para “shoppings populares” em prédios desocupados do centro” (Q7).

¹²⁴ O termo “short” em português às vezes é usado no singular, às vezes no plural, sendo que em inglês é usada a palavra no plural, *shorts*, para se referir à peça do vestuário. Contexto em que a palavra ocorreu: “Saímos da praia de short e camiseta, fomos comer alguma coisa e resolvemos casar, assim, de repente” (B3).

¹²⁵ O termo *smoking* foi encontrado no sentido do que seria conhecido como *tuxedo* em inglês: “*dinner suit*”. *Smoking* em inglês seria “*the activity of breathing smoke from cigarettes, pipes etc into your mouth and lungs*” (MACMILLAN, 2004, versão em CD-ROM). Contexto em que a palavra ocorreu: “Agora, quase não tiro o smoking...” (F4).

257	<i>success fees</i>	1	NÃO	0,08
258	<i>superstars</i>	1	SIM	0,08
259	<i>SUV</i> ¹²⁶	1	NÃO	0,08
260	<i>swap</i>	2	SIM	0,15
261	<i>talk show</i>	2	SIM	0,15
262	<i>technicolor</i>	1	SIM	0,08
263	<i>test-drive</i>	3	NÃO	0,23
264	<i>thinker</i>	1	NÃO	0,08
265	<i>thriller</i>	7	SIM	0,53
266	<i>top</i>	2	SIM	0,15
267	<i>top tem</i>	1	NÃO	0,08
268	<i>trade</i>	1	SIM	0,08
269	<i>trailer</i>	2	SIM	0,15
270	<i>trans free</i> ¹²⁷	3	NÃO	0,23
271	<i>trash/trashes</i> ¹²⁸	2	SIM	0,15
272	<i>trekkers</i>	1	NÃO	0,08
273	<i>trekking</i>	12	SIM	0,90
274	<i>twist</i>	2	SIM	0,15
275	<i>van</i>	1	SIM	0,08
276	<i>videocassette</i>	1	SIM	0,08
277	<i>videogame</i>	12	SIM	0,90
278	<i>vip</i> ¹²⁹	5	SIM	0,38
279	<i>VoIP</i> ¹³⁰	1	NÃO	0,08
280	<i>voucher</i>	1	SIM	0,08
281	<i>wakeboarding</i>	1	NÃO	0,08
282	<i>web</i>	2	SIM	0,15
283	<i>website</i>	1	SIM	0,08
284	<i>wi-fi</i> ¹³¹	6	NÃO	0,45
285	<i>wimax</i>	2	NÃO	0,15
286	<i>windsurf</i>	1	SIM	0,08
287	<i>wireless</i>	3	NÃO	0,23
288	<i>workshop</i>	2	SIM	0,15
289	<i>wrap</i>	1	SIM	0,08
290	<i>yuppie</i>	1	SIM	0,08

¹²⁶ *SUV*: sport-utility vehicle.

¹²⁷ *Trans free* é uma expressão que indica produto sem gordura do tipo trans.

¹²⁸ *Trash*, no contexto encontrado, foi usado como adjetivo e na forma plural (o que não ocorre com os adjetivos em inglês), utilizando-se a marca de plural que seria empregada em inglês para palavras com esta terminação. Contexto em que a palavra ocorreu: “Agora, faço shows em festas bregas e trashes, enquanto levanto material para um documentário do Vicente Amorim sobre minha vida” (X1).

¹²⁹ *Vip*: Very important person.

¹³⁰ *VOIP*: Voice over IP.

¹³¹ *Wi-fi*: wireless fidelity.

3.4.1 Anglicismos categorizados por áreas de conhecimento

Após coletados, os anglicismos foram categorizados em áreas de conhecimento e foram quantificados, para verificar se, de modo geral, todas as áreas são produtivas em relação à incorporação de termos provenientes do inglês e se contribuem para a formação de neologismos em português. Os anglicismos foram subdivididos nas seguintes áreas: música, tecnologia, negócios, saúde, moda, esportes, comida, entretenimento e transportes.¹³² O Gráfico 3.2 representa a porcentagem de itens lexicais encontrados para cada uma dessas áreas de conhecimento, em relação ao total de itens encontrados (290).

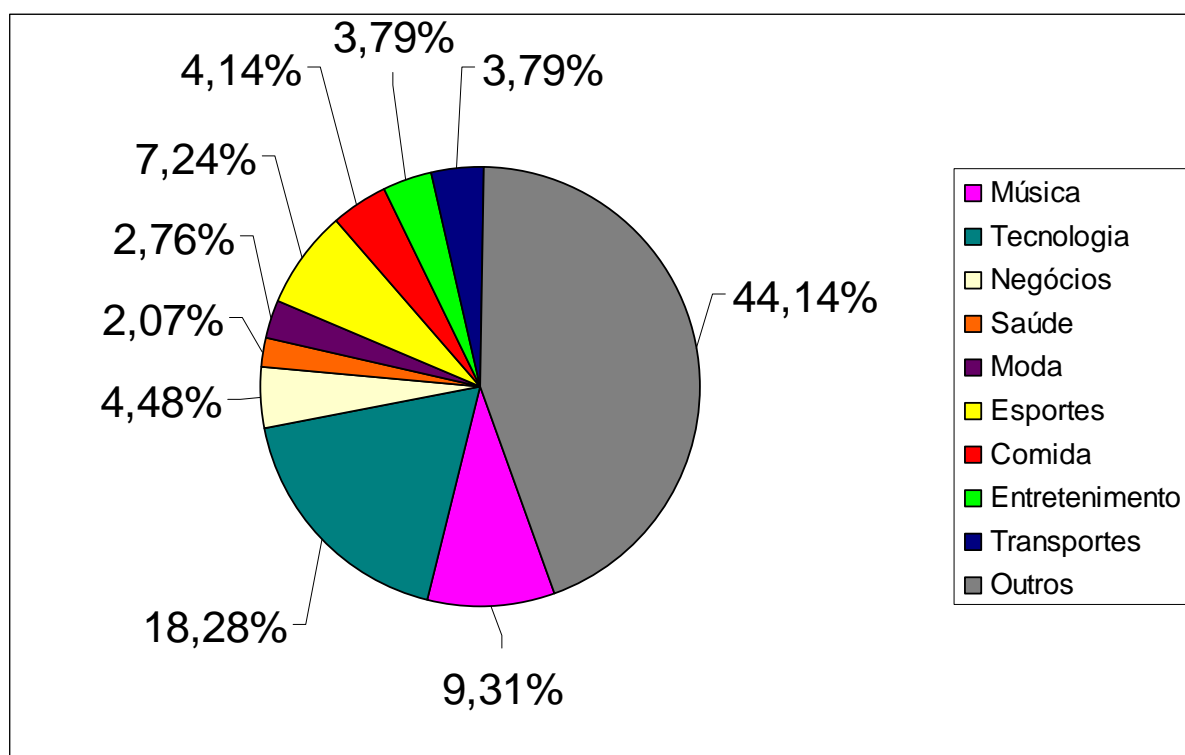


Gráfico 3.2. Porcentagem de itens lexicais de origem inglesa distribuídos pelas diferentes áreas de conhecimento. Total de itens lexicais: 290.

¹³² Ver Apêndice C. Foram consideradas apenas as principais áreas (com até 6 itens lexicais no corpus coletado) para facilitar a sua visualização nos gráficos e fornecer uma comparação ilustrativa. É possível considerar várias outras categorias: drogas e entopecentes (*ecstasy, LSD, crystal*), gírias (*chav, bootylicious*), acomodação (*check-in, halls of residence, self-catering*), lazer (*camp, camping, hobby, indoor, outdoor*), fotografia (*flash/flashes, slide*), política (*impeachment*), economia (*boom, low cost, trade*), entre outras. Os exemplos para cada uma dessas áreas ocorreram em geral apenas uma vez no corpus coletado. *Crystal* (8) e *chav* (10) tiveram um número expressivo de ocorrências, mas porque ocorreram em um artigo que tratava especificamente desses termos, ou seja, eles não são frequentes no corpus de um modo geral.

No gráfico acima, percebe-se que a área de tecnologia contribuiu com a maior quantidade de itens lexicais (18,28%), seguida da área de música (9,31%) e esportes (7,24%). Comida e negócios contribuíram com 12 itens lexicais cada. A área de transportes e entretenimento contribuíram com 11 itens lexicais cada (3,79%); moda, 8 (2,76%) e saúde 6 (2,07%).

Considerando-se a porcentagem de ocorrências dos itens lexicais dessas diversas áreas em relação ao total de ocorrências (1326), obtém-se o Gráfico 3.3:

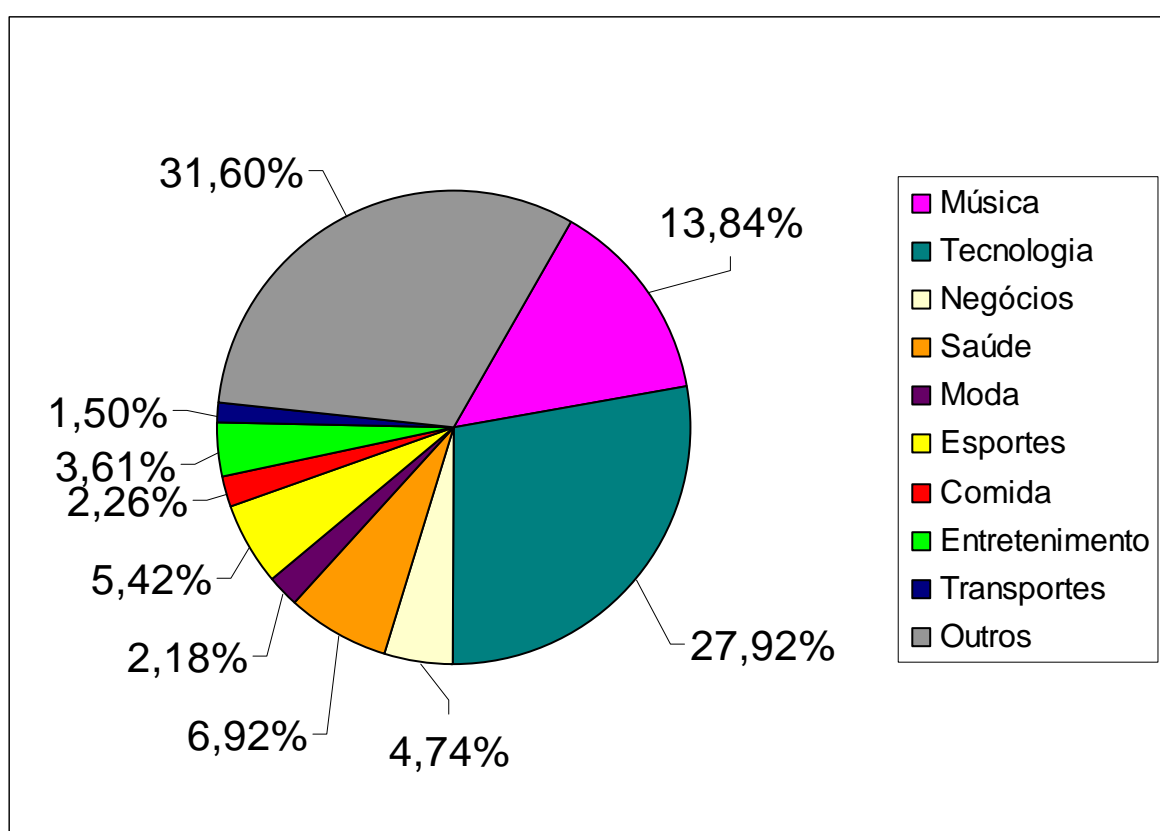


Gráfico 3.3. Porcentagem de ocorrência dos itens lexicais de origem inglesa distribuídos pelas diferentes áreas de conhecimento em relação ao total de ocorrências (1326).

O gráfico 3.3 mostra que a área de tecnologia foi a que apresentou maior número de ocorrências (27,92%), seguida da área de música (13,84%) e saúde (6,92%). Em relação à porcentagem de ocorrências, moda (2,18%) e transportes (1,5%) tiveram uma participação menos expressiva.

A partir dos Gráficos 3.2 e 3.3, pode-se verificar que, na área de **tecnologia**, foram encontradas 53 palavras, totalizando 371 ocorrências (27,92%), de um total de 290 termos e 1326 ocorrências. Os termos *internet*, *e-mail* e *online* tiveram um grande número de ocorrências: 138, 20 e 28, respectivamente.

Os anglicismos referentes à **música** somaram 27 termos, com um total de 184 ocorrências. Palavras como *pop* (44 ocorrências), *show* (33 ocorrências) e *jazz* (20 ocorrências) foram muito freqüentes no córpis coletado.

A área de **saúde** destaca-se por terem sido encontrados apenas 6 termos; entretanto, no total, a área contribuiu com 92 ocorrências. Isso se deve à grande ocorrência dos termos *aids*, *HIV* e *stress*, que são muito frequentes no córpis: 32, 18 e 33 ocorrências respectivamente. Como pode ser observado, algumas áreas podem ter uma contribuição menos expressiva em relação ao número de itens lexicais adotados, como ocorreu na área de saúde, mas ter uma grande contribuição quanto a freqüência de uso de determinados termos.

Foram contabilizadas 72 ocorrências relacionadas a **esportes**, sendo 21 termos diferentes. Os termos com freqüência expressiva nessa área foram *ranking* (31 ocorrências) e *trekking* (12 ocorrências).

Foram mapeados 13 termos relacionados a **negócios**, totalizando 63 ocorrências. Enfatizam-se nessa área as palavras *marketing* (23 ocorrências) e *merchandising* (22 ocorrências). Quanto aos termos referentes a **comida**, foram encontradas no córpis coletado 12 palavras, somando 30 ocorrências, sendo que *light* contribui com 10 dessas ocorrências. A área de entretenimento, assim como a de comida, apresentou 12 termos, mas foi mais expressiva em relação ao número de ocorrências: 96. Referente a **transportes**, tem-se 11 termos relacionados (20 ocorrências), ou seja, apesar da quantidade expressiva de termos nessa área (11), a freqüência de uso desses termos foi, no geral, baixa. Os anglicismos relacionados a **moda** são em menor número em relação a transportes: apenas oito, mas os

superam em número de ocorrências: 29. Nessa área, o termo *jeans* teve uma contribuição marcante (15 ocorrências).

Dentro das áreas especificadas, tecnologia é a que mais apresenta a ocorrência de palavras de origem inglesa no *cópus* pesquisado. Isso está de acordo com Alves (2004, p. 86), para quem o neologismo denomina novas realidades e novos conceitos, por isso, é freqüente nas terminologias científicas e técnicas, em que a designação do termo é posterior à criação do conceito ou do objeto.

É possível observar que, embora algumas áreas favoreçam mais do que outras o aparecimento de estrangeirismos, esses aparecem em todas as áreas. E, do ponto de vista do objetivo desta dissertação, não há restrições quanto à área de proveniência do estrangeirismo para a observação da sua adaptação fonético-fonológica.

3.4.2 Anglicismos do *cópus* adaptados graficamente

Algumas das palavras que ocorreram no *cópus* já possuem uma grafia aportuguesada.¹³³ Isto significa que elas já estão definitivamente adaptadas no nível fonético-fonológico. A grafia estrangeira, no entanto, ainda é muito utilizada e foi encontrada no *cópus* coletado, em detrimento da forma vernácula.

O Quadro 3.1 apresenta alguns exemplos:

Grafia Inglesa	Grafia aportuguesada	Grafia inglesa	Grafia aportuguesada
<i>stress</i>	estresse*	<i>rock</i>	roque
<i>check-up</i>	checape*	<i>scanner</i>	escâner*
<i>windsurf</i>	windsurfe*	<i>slide</i>	eslaide*

* Palavras registradas no dicionário Houaiss (2004, versão em CD-ROM).

Quadro 3.1. Anglicismos do *cópus* que já possuem grafia adaptada ao português.

¹³³ Para uma exemplificação mais extensa de anglicismos adaptados graficamente ao português, ver o trabalho de Borceda (2006).

3.4.3 Os anglicismos mais recorrentes no corpus

Após a coleta, a quantificação e a descrição dos dados, foram selecionadas as palavras mais frequentes no corpus pesquisado. A Tabela 3.2 relaciona esses termos:

Tabela 3.2 - Anglicismos mais recorrentes no corpus (I).

	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
1	<i>internet</i>	138
2	<i>blog*</i>	63
3	<i>pop</i>	44
4	<i>gay</i>	41
5	<i>site</i>	37
6	<i>show</i>	33
7	<i>stress</i>	33
8	<i>AIDS</i>	32
9	<i>ranking</i>	31
10	<i>chip</i>	30
11	<i>online</i>	28
12	<i>game</i>	23
13	<i>marketing</i>	23
14	<i>merchandising</i>	22
15	<i>resort</i>	21
16	<i>e-mail</i>	20
17	<i>jazz</i>	20
18	<i>HIV</i>	18
19	<i>laser</i>	16
20	<i>jeans</i>	15
21	<i>rock</i>	15
22	<i>best-seller</i>	12
23	<i>hit</i>	12
24	<i>trekking</i>	12
25	<i>videogame</i>	12
26	<i>miss</i>	11
27	<i>chav*</i>	10
28	<i>light</i>	10
29	<i>CD</i>	9
30	<i>crystal*</i>	8
31	<i>rapper</i>	8
32	<i>download</i>	7

33	<i>impeachment</i>	7
34	<i>lobby</i>	7
35	<i>reality show*</i>	7
36	<i>software</i>	7
37	<i>spam*</i>	7
38	<i>thriller</i>	7
39	<i>design</i>	6
40	<i>funk</i>	6
41	<i>hobby</i>	6
42	<i>lan house*</i>	6
43	<i>megabyte</i>	6
44	<i>shopping</i>	6
45	<i>wi-fi*</i>	6
46	<i>bunker</i>	5
47	<i>fast-food</i>	5
48	<i>flex fuel*</i>	5
49	<i>hippie</i>	5
50	<i>personal stylist*</i>	5

* Palavras não dicionarizadas

Ao analisar os anglicismos mais frequentes, optou-se pela exclusão de alguns termos antes da realização das gravações.

Em 27º lugar apareceu o termo *chav*, que não foi considerado, por ser uma gíria pouco conhecida e que ocorreu com muita frequência neste corpus porque havia um (único) artigo que tratava deste assunto, no qual essa palavra se repetia várias vezes. Além do mais, o termo não foi encontrado nos dicionários consultados, de forma que sua pronúncia na língua de partida poderia apenas ser suposta.

Um outro termo que não foi considerado por não ter sua pronúncia registrada nos dicionários de língua inglesa consultados, e que apareceu em 45º lugar, foi *wi-fi*. O mesmo ocorreu com *flex fuel* e *personal stylist*, respectivamente em 48º e 50º lugares. A solução foi considerar os termos que, pela ordem de frequência, aparecem na sequência e também apresentam cinco ocorrências cada no corpus coletado (Tabela 3.3):

Tabela 3.3. Anglicismos mais recorrentes no *cópus* (II).

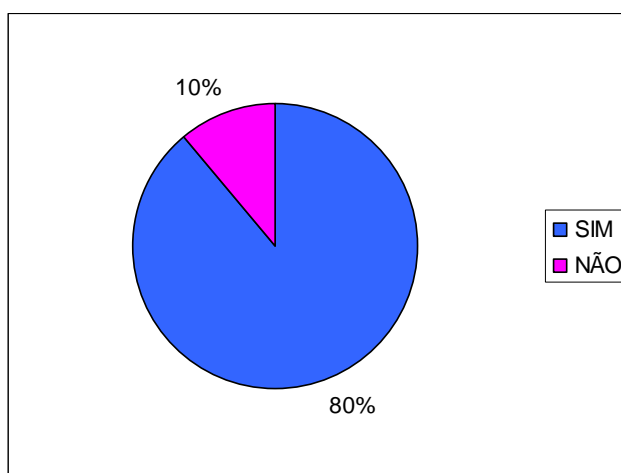
51	<i>ready-made</i>	5
52	<i>ringtone*</i>	5
53	<i>sexy</i>	5
54	<i>socialite</i>	5
55	<i>vip</i>	5

* Palavra não dicionarizada

O termo *ringtone*, que aparece em 52^a posição, também foi excluído para as gravações pelos mesmos motivos de *wi-fi*, *flex fuel* e *personal stylist*.

Desta forma, foram considerados para as gravações os itens que tiveram pelo menos cinco ocorrências, com exceção das palavras que foram excluídas, pelos motivos já explicitados.

Dessas 50 palavras consideradas, apenas cinco não estão dicionarizadas; isto representa 10% do total (Gráfico 3.4). Estando dicionarizadas, já podem ser consideradas integradas ao PB, a partir desse critério (cf. Alves, 1984); já estão “legitimadas” pelo dicionário, contrariando os argumentos de que são termos estranhos à língua, como afirmam os puristas.

**Gráfico 3.4.** Porcentagem de anglicismos dicionarizados no *cópus* considerado para gravação.

Após a seleção dessas palavras, foram selecionadas frases dos artigos coletados que contêm essas palavras, para que se pudesse proceder às gravações dos dados.

3.5 Gravações

Partiu-se de um *córpus* escrito com o intuito de fazer um levantamento das palavras de origem inglesa mais recorrentes na mídia impressa no PB na atualidade.

Pelo fato de terem sido escolhidas as palavras mais frequentes no *córpus* para a realização das gravações, espera-se que essas palavras não representem uma dificuldade para os sujeitos desta pesquisa, pois devido à sua frequência em PB tendem a ser facilmente reconhecidas pelos falantes.

A relação entre fala e escrita é relevante para este trabalho, pois pretende-se verificar se os anglicismos não-adaptados graficamente já são adaptados na pronúncia dos falantes de PB. Considera-se que, se os procedimentos de adaptação podem ser observados em situação de leitura, eles também serão observados na fala espontânea, por ser esta última o *locus* privilegiado de ocorrência de processos fonológicos identificadores da identidade fonológica do falante (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1992a). Caso o falante “fure” o “bloqueio” normativo da escrita, adaptando a pronúncia dos estrangeirismos mesmo em situação controlada de leitura, é porque essa adaptação já é um fato “consumado” em sua fala, tão solidificado que chega a ser transportado para a situação de leitura em português padrão.

De posse do *córpus* a ser analisado, foi preciso fazer gravações das pronúncias das palavras selecionadas, para poder avaliar se elas já estão adaptadas ao português no nível fonético-fonológico e de que forma essas adaptações ocorreram.

A partir da quantificação dos anglicismos coletados, foram selecionados os 50 termos mais frequentes para serem avaliados. Não foram objeto da gravação todos os estrangeirismos

mapeados no *córpus* porque mesmo focalizando apenas as 50 palavras mais freqüentes, já é possível dar conta de todos os contextos fonológicos relevantes para o estudo das adaptações fonético-fonológicas dos estrangeirismos. O estudo de todas elas, portanto, produziria redundâncias desnecessárias.

Optou-se por analisar a pronúncia dos estrangeirismos inseridos nos próprios enunciados de que foram retirados, e não apenas através de listas de palavras isoladas. Isso faz com que o falante perceba os anglicismos como parte do texto em português e realize a pronúncia que normalmente teria para estes termos na língua-alvo (e não na língua de origem)¹³⁴, ao contrário das listas de palavras isoladas, que induzem o falante a reconhecê-las como estrangeiras e a tentar pronunciá-las como tais.

Desta forma, foram selecionadas frases dos artigos utilizados para a coleta do *córpus* que contivessem as 50 palavras mais recorrentes¹³⁵, que foram utilizadas para realizar as gravações com os sujeitos selecionados.

Considerou-se como melhor opção a escolha de falantes adolescentes ou adultos, a partir do critério de familiaridade com a ocorrência de estrangeirismos nas duas modalidades da língua, oral e escrita. Crianças foram excluídas por ainda terem dificuldade com a leitura (no sentido de decifração do sistema de escrita, cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999b, p. 113-119) de algumas palavras ainda desconhecidas.

Por este motivo, optou-se por escolher, como sujeitos da gravação, apenas falantes com, no mínimo, grau de escolaridade médio, para que não houvesse dificuldades com a grafia das palavras que pudessem prejudicar uma leitura fluente. Além do mais, desta forma é mais provável que essas pessoas já tenham sido expostas, na forma escrita ou oral, às palavras

¹³⁴ Ou uma pronúncia muito próxima desta; mesmo em se considerando que se trata de uma realização obtida em situação de leitura induzida, dada a contextualização em português, o esperado, nessa situação, é uma pronúncia típica de fala monitorada, formal (mas, ainda assim, mais próxima da língua-alvo do que da de origem).

¹³⁵ A lista das frases utilizadas para as gravações encontra-se no Apêndice A.

que se pretende analisar e que utilizem, durante o experimento, a pronúncia que lhes é familiar para os estrangeirismos em questão, evitando pronúncias “artificiais”.

Por outro lado, é desejável que os sujeitos da gravação tenham um conhecimento no máximo intermediário de inglês, para que não sejam influenciados por seus conhecimentos da língua estrangeira e queiram pronunciar as palavras do modo que julgam ser o “correto”.

Foram escolhidos dois sujeitos. O sujeito 1 é do sexo feminino, tem 18 anos de idade, cursa o primeiro ano do ensino superior e possui nível intermediário de inglês.¹³⁶ O sujeito 2 é do sexo masculino, tem 29 anos, nível superior completo e nível intermediário de inglês.¹³⁷

Pediu-se que os falantes lessem as frases de maneira natural, evitando interrupções. Não se explicitou o objetivo do experimento, para não influenciar o resultado.

Para as gravações utilizou-se um gravador digital, o que garante a qualidade sonora para a realização das análises.

3.6 Transcrições dos dados

A partir das gravações foram feitas as transcrições fonéticas dos itens observados de acordo com a pronúncia realmente realizada pelos falantes. Os dados coletados foram transcritos, utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional (IPA).¹³⁸

As pronúncias dos sujeitos foram comparadas à pronúncia padrão do inglês para esses termos específicos, retirada e transcrita dos dicionários Macmillan (2004, versão em CD-ROM), CIDE (1996) e CEP (2003, versão em CD-ROM).¹³⁹

¹³⁶ Nível intermediário refere-se ao segundo nível (o primeiro é o básico) de um curso de idiomas de uma franquia de escolas de idiomas do país.

¹³⁷ Os dois sujeitos usam a variedade de PB do interior de São Paulo.

¹³⁸ Ver Anexo.

¹³⁹ É preciso notar que esses dicionários usam alguns símbolos diferentes em relação ao IPA, destaca-se o /ɛ/, que é transcrito como /e/, e o /ɪ/, que é transcrito por /r/.

Optou-se por considerar a pronúncia padrão do inglês americano, já que os anglicismos têm entrado no português atualmente mais por influência dos Estados Unidos do que da Inglaterra ou de outros países anglófonos.

O Quadro 3.2 apresenta a pronúncia (transcrição fonética) dos anglicismos de acordo com os dicionários considerados. Na terceira coluna, tem-se a transcrição fonológica dos dados, que será utilizada para as análises desenvolvidas na seção 4. Na quarta coluna, observa-se o padrão silábico dos anglicismos na língua de partida, dado que será utilizado para comparação com o padrão da língua de chegada, para que se possa verificar se o padrão é mantido ou se ocorre ressilabação no processo de adoção dos anglicismos pelo português.

Estrangeirismos selecionados do corpús (ortografia)	Pronúncia padrão do inglês conforme Dicionários consultados (transcrição fonética)	Transcrição fonológica do inglês	Padrão silábico do inglês¹⁴⁰
<i>AIDS</i>	[ˈeɪdz]	/ˈejdz/	VVCC
<i>best-sellers</i>	[ˌbest ˈselərz]	/ˌbest.ˈse.lərz/	CVCC.CV.CVCC
<i>blogs</i>	[ˈblɒgz] ¹⁴¹	/ˈblɒgz/	CCVCC
<i>bunker</i>	[ˈbʌŋkər]	/ˈbʌŋ.kər/	CVC.CVC
<i>CD</i>	[ˌsiː ˈdiː]	/ˌsi.ˈdi/	CV.CV
<i>chips</i>	[ˈtʃɪps]	/ˈtʃɪps/	CVCC
<i>crystal</i>	[ˈkrɪstəl]	/ˈkrɪs.təl/	CCVC.CVC
<i>design</i>	[dɪˈzajm]	/dɪ.ˈzajm/	CV.CVVC
<i>download</i> ¹⁴²	[ˈdaʊnˌləʊd]	/ˈdawn.ˌləʊd/	CVVC.CVVC
<i>e-mail</i>	[ˈi meɪl]	/ˈi.meɪl/	V.CVVC

¹⁴⁰ As semivogais dos ditongos decrescentes em inglês são consideradas como silabadas na segunda posição nuclear, de acordo com a proposta de Hogg e McCully (1991[1987], p. 41).

¹⁴¹ Nos dicionários de língua inglesa consultados, a posição do acento não é marcada nos monossílabos, mas optou-se por marcá-los, no caso de monossílabos tônicos.

¹⁴² No IB, a sílaba tônica da palavra *download* é [ˈləʊd], de acordo com Macmillan (2004, versão em CD-ROM).

<i>fast-food</i>	[,fæst 'fu:d]	/,fæst.'fud/	CVCC.CVC
<i>funk</i>	['fʌŋk]	/'fʌŋk/	CVCC
<i>game</i>	['geɪm]	/'geɪm/	CVVC
<i>gay</i>	['geɪ]	/'geɪ/	CVV
<i>hippie</i>	['hɪpi]	/'hɪp.i/	CVC.V
<i>hits</i>	['hɪts]	/'hɪts/	CVCC
<i>HIV</i>	[,eɪtʃaɪ 'vi:]	/,eɪtʃ.aɪ.'vi/	VVC.VV.CV
<i>hobby</i>	['hɒ:bi]	/'hɒb.i/	CVC.V
<i>impeachment</i>	[ɪm.'pi:tʃ.mənt]	/ɪm.'pɪtʃ.mənt/	VC.CVC.CVCC
<i>internet</i>	['ɪntənet]	/'ɪn.tər.net/	VC.CVC.CVC
<i>jazz</i>	['dʒæz]	/'dʒæz/	CVC
<i>jeans</i>	['dʒɪnz]	/'dʒɪnz/	CVCC
<i>lan houses</i>	[læn 'haʊsɪz]	/læn.'hau.sɪz/	CVC.CVV.CVC
<i>laser</i>	['leɪzər]	/'leɪ.zər/	CVV.CVC
<i>light</i>	['laɪt]	/'laɪt/	CVVC
<i>lobby</i>	['lɒ:bi]	/'lɒb.i/	CVC.V
<i>marketing</i>	['mɑ:rkɪtɪŋ]	/'mɑr.kɪ.tɪŋ/	CVC.CV.CVC
<i>megabytes</i>	['megəbaɪts]	/'meg.ə.baɪts/	CVC.V.CVVCC
<i>merchandising</i>	['mɜ:tʃəndaɪzɪŋ]	/'mɜr.tʃən.daj.zɪŋ/	CVC.CVC.CVV.CVC
<i>miss</i>	['mɪs]	/'mɪs/	CVC

<i>online</i>	[an'lain]	/an'lajn/	VC.CVVC
<i>pop</i>	['pɔ:p]	/'pɔp/	CVC
<i>ranking</i>	['ræŋkɪŋ]	/'ræŋ.kɪŋ/	CVC.CVC
<i>rappers</i>	['ræpərz]	/'ræ.pərz/	CV.CVCC
<i>ready-made</i>	[,red.i.'meɪd]	/,red.i.'mejd/	CVC.V.CVVC
<i>reality show</i>	[ri'ælɪti ʃəʊ]	/ri.'æl.i.ti.ʃəʊ/	CV.VC.V.CV.CV
<i>resort</i>	[ri'zɔ:rt]	/ri.'zɔrt/	CV.CVCC
<i>rock</i>	['rɔ:k]	/'rɔk/	CVC
<i>sexy</i>	['seksi]	/'sek.si/	CVC.CV
<i>shopping</i>	['ʃɔ:pɪŋ]	/'ʃɔp.iŋ/	CVC.VC
<i>show</i>	['ʃəʊ]	/'ʃəʊ/	CVV
<i>site</i>	['saɪt]	/'saɪt/	CVVC
<i>socialites</i>	['səʊʃəlɪts]	/'səʊ.ʃə.laɪts/	CVV.CV.CVCC
<i>software</i>	['sɔ:ftwɛr]	/'sɔft.wɛr/	CVCC.CVC
<i>spam</i>	['spæm]	/'spæm/	CCVC
<i>stress</i>	['stres]	/'stres/	CCCVC
<i>thriller</i>	['θrɪlər]	/'θrɪ.lər/	CCV.CVC
<i>trekking</i>	['trekɪŋ]	/'tre.kɪŋ/	CCV.CVC
<i>videogame</i>	['vɪdiəʊ ,geɪm]	/'vid.i.əʊ. ,geɪm/	CVC.V.VV.CVVC
<i>vip</i>	[,vi:ə'pi:]	/vi.əj.'pi/	CV.VV.CV

Quadro 3.2. Transcrições fonética, fonológica e padrões silábicos dos anglicismos do córpus.

A seguir, apresenta-se o Quadro 3.3, com as transcrições fonéticas correspondentes às realizações dos dois sujeitos considerados nesta pesquisa. Assim como no Quadro 3.2, tem-se uma coluna com a transcrição fonológica dos dados, que servirá de ponto de partida para as análises da seção 4, e o padrão silábico das realizações.

Estrangeirismos selecionados do corpus (ortografia)	Realização do sujeito 1	Realização do sujeito 2	Transcrição fonológica do português	Padrão silábico do português
<i>AIDS</i>	[ˈaɪdɪs]	[ˈaɪdʰɪs]	/ˈaj.diS/	VV.CVC
<i>best-sellers</i>	[ˈbestʃiˈseɪlərs]	[ˈbestʃɪˈseɪlərs]	/bɛS.ti.ˈse.leRS/	CVC.CV.CVV. CVCC/ CVC.CV.CV.CVCC
<i>blogs</i>	[ˈblɔɡɪs]	[ˈblɔɡɪs]	/ˈblɔ.giS/	CCV.CVC
<i>bunker</i>	[ˈbɛŋkeɪ]	[ˈbɛŋkeɪ]	/ˈbaN.keR/	CVC.CVC
<i>CD</i>	[seˈde]	[seˈde]	/se.ˈde/	CV.CV
<i>chips</i>	[ˈʃɪpɪs]	[ˈʃɪpɪs]	/ˈʃi.piS/	CV.CVC
<i>crystal</i>	[krisˈtaʊ]	[krisˈtaʊ]	/kriS.ˈtal/	CCVC.CVV
<i>design</i>	[diˈzajni]	[dʒiˈzajni]	/di.ˈzaj.ni/	CV.CVV.CV
<i>download</i>	[daʊˈloʊdʰɪ]	[daʊˈloʊdɪ]	/dawN.ˈlow.di/	CVCC.CVV.CV
<i>e-mail</i>	[iˈmeɪʊ]	[iˈmeɪʊ]	/i.ˈmej.u/	V.CVV.C
<i>fast-food</i>	[ˌfɛstʃɪ ˈfudɪ]	[ˌfɛstʃɪ ˈfudʒɪ]	/fɛS.ti.ˈfu.di/	CVC.CV.CV.CV
<i>funk</i>	[ˈfɛŋki]	[ˈfɛŋki]	/ˈfaN.ki/	CVC.CV
<i>game</i>	[ˈgeɪmi]	[ˈgeɪmi]	/ˈgej.mi/	CVV.CV

<i>gay</i>	[ˈgeɪ]	[ˈgeɪ]	/ˈgej/	CVV
<i>hippie</i>	[ˈhipi]	[ˈhipi]	/ˈhi.pi/	CV.CV
<i>hits</i>	[ˈhɪts]	[ˈhɪtʰɪs]	/ˈhi.tɪs/	CV.CVC
<i>HIV</i>	[a.ɡaɪˈve]	[a.ɡaɪˈve]	/a.ɡa.i.ˈve/	V.CV.V.CV
<i>hobby</i>	[ˈhɒbi]	[ˈhɒbi]	/ˈhɒ.bi/	CV.CV
<i>impeachment</i>	[ɪˈpɪtʃɪmɛ̃]	[ɪˈpɪtʃɪmɛ̃n]	/iN.ˈpi.ti.maN/	VC.CV.CV.CVC
<i>internet</i>	[ɪ̃teɪˈnetʰi]	[ɪ̃teɪˈnetʃi]	/iN.teR.ˈne.ti/	VC.CVC.CV.CV
<i>jazz</i>	[ˈdʒɛs]	[ˈdʒɛs]	/ˈdʒɛs/	CVC
<i>jeans</i>	[dʒiːns]	[dʒiːns]	/dʒiNS/	CVCC
<i>lan houses</i>	[lɛ̃ ˈhauzɪz]	[lɛ̃ ˈhauzɪz]	/laN.ˈhaw.zɪs/	CVC.CVV.CVC
<i>laser</i>	[ˈleɪzɛɪ]	[ˈleɪzɛɪ]	/ˈlej.zɛR/	CVV.CVC
<i>light</i>	[ˈlaɪtʃɪ]	[ˈlaɪtʃɪ]	/ˈlaj.ti/	CVV.CV
<i>lobby</i>	[ˈlɒbi]	[ˈlɒbi]	/ˈlɒ.bi/	CV.CV
<i>marketing</i>	[ˈmɑːkɪtɪŋ]	[ˈmɑːkɪtɪŋ]	/ˈmaR.ke.tɪN/	CVC.CV.CVC
<i>megabytes</i>	[megaˈbaɪtʃɪs]	[megaˈbaɪtʰɪs]	/me.ɡa.ˈbaj.tɪs/	CV.CV.CVV.CVC
<i>merchandising</i>	[meɪʃɛ̃ˈdaɪzɪŋ]	[meɪʃɛ̃ˈdaɪzɪŋ]	/meR.ʃaN.ˈdaj.ziN /	CVC.CVC.CVC. CVC
<i>miss</i>	[ˈmɪs]	[ˈmɪs]	/ˈmiS/	CVC
<i>online</i>	[õŋˈlaɪni]	[õŋˈlaɪni]	/oN.ˈlaj.ni/	VC.CVV.CV
<i>pop</i>	[ˈpɒpi]	[ˈpɒpi]	/ˈpɒ.pi/	CV.CV
<i>ranking</i>	[ˈhɛ̃ki]	[ˈhɛ̃ki]	/raN.kiN/	CVC.CVC

<i>rappers</i>	[ˈhɛpɛɹs]	[ˈhɛpɛɹs]	/ˈhɛ.pɛRS/	CV.CVCC
<i>ready-made</i>	[hɪdʒɪˈmeɪdʒɪ]	[hɛdʒɪˈmeɪdʒɪ]	/hɛ.di.ˈmej.di/	CV.CV.CVV.CV
<i>reality show</i>	[hiˈɛlɪtʃi ʃoʊ]	[ɹiˈɛlɪtʃi ʃoʊ]	/hi.ˈɛ.li.ti.ʃow/	CV.V.CV.CV.CVV
<i>resort</i>	[hɛˈzɔɹ]	[hɛˈzɔɹ]	/hɛ.ˈzɔR/	CV.CVC
<i>rock</i>	[ˈhɒkɪ]	[ˈhɒkɪ]	/ˈhɒ.ki/	CV.CV
<i>sexy</i>	[ˈsɛkɪsi]	[ˈsɛkɪsi]	/ˈsɛ.ki.si/	CV.CV.CV
<i>shopping</i>	[ˈʃɒpɪ]	[ˈʃɒpɪ]	/ˈʃɒ.piN/	CV.CVC
<i>show</i>	[ˈʃoʊ]	[ˈʃoʊ]	/ˈʃow/	CVV
<i>site</i>	[ˈsaɪtʃɪ]	[ˈsaɪtʰɪ]	/ˈsaj.ti/	CVV.CV
<i>socialites</i>	[soʃiəˈlaɪtʃɪs]	[soʃiəˈlɪtɪs]	/so.si.a.ˈlaj.ti/	CV.CV.V.CVV. CV
<i>software</i>	[ˈsɒftʃwɛɹ]	[ˈsɒftʰwɛɹ]	/ˈsɒ.fi.ti.weR/	CV.CV.CV.CVC
<i>spam</i>	[ɪsˈpɛ]	[ɪsˈpɛ]	/ɪs.ˈpɛN/	VC.CVC
<i>stress</i>	[ɪsˈtrɛs]	[ɪsˈtrɛs]	/ɪS.ˈtrɛS/	CC.CVC
<i>thriller</i>	[ˈtreɪləɹ]	[ˈtrɪleɹ]	/ˈtri.leR/	CCVV.CVC/ CCV.CVC
<i>trekking</i>	[ˈtreɪkɪ]	[ˈtrekɪ]	/ˈtrɛ.kɪN/	CCVV.CVC/ CCV.CVC
<i>videogame</i>	[vɪdʒɪo ˈgeɪmɪ]	[vɪdʒɪo ˈgeɪmɪ]	/vi.di.o.ˈgej.mi/	CV.CV.V.CVV. CV
<i>vip</i>	[ˈvɪpɪ]	[ˈvɪpɪ]	/ˈvi.pi/	CV.CV

Quadro 3.3. Transcrições fonéticas, fonológicas e padrões silábicos dos anglicismos de acordo com a realização dos sujeitos nas gravações.

3.7 Considerações finais

Nesta seção, foram descritos todos os passos que levaram à constituição do corpus e os procedimentos para o levantamento dos dados. Na próxima seção, apresenta-se a análise dos dados coletados.

4 Análise dos dados

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados obtidos a partir do *cópus* coletado. Após estes terem sido transcritos fonética e fonologicamente, fez-se um levantamento dos processos fonológicos que ocorreram durante a transposição da pronúncia do sistema fonológico do IA para o sistema fonológico do PB.

4.1 Comparações entre a pronúncia e o padrão silábico dos anglicismos no IA e no PB

Antes de proceder à análise dos dados, apresenta-se o Quadro 4.1, que sintetiza as transcrições fonológicas e os padrões silábicos dos anglicismos em sua pronúncia na língua de origem, IA. Em seguida, apresentam-se a transcrição fonológica obtida a partir das produções dos dois sujeitos considerados nesta pesquisa, seguida dos padrões silábicos de cada uma das palavras. Em resumo, o Quadro 4.1 retoma, agora lado a lado, os dados anteriormente apresentados nos Quadros 3.2 e 3.3 (seção 3.6). A sílaba tônica das palavras é representada na transcrição fonológica, para que se possa fazer as considerações em relação ao deslocamento ou à manutenção da posição do acento.¹⁴³

Estrangeirismos selecionados do <i>cópus</i> (ortografia)	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>AIDS</i>	/ ^l eɪdz/	VVCC	/ ^l aj.diS/	VV.CVC
<i>best-seller</i>	/ _l best. ^l se.lərz/	CVCC.CV.CVCC	/ _l bɛS.ti. ^l sɛ.ləRS/	CVC.CV.CVV.CVCC/ CVC.CV.CV.CVCC

¹⁴³ Hogg e McCully (1991[1987], p. 52) assumem que a divisão silábica de base no inglês “*is made on the Principle of Maximal Onsets, that is to say, [...] intervocalic consonants are maximally assigned to the onsets of syllables in conformity with the basic principles of syllable construction in the language*”. Desta forma, para as palavras *ranking, marketing, merchandising, trekking, rapper, thriller* e *lan houses*, optou-se por representar, no quadro 4.1, a consoante intervocálica na posição de *onset*, na transcrição fonológica do IA.

<i>blogs</i>	/ˈblɒgz/	CCVCC	/ˈblɒ.giS/	CCV.CVC
<i>bunker</i>	/ˈbʌŋ.kər/	CVC.CVC	/ˈbʌN.keR/	CVC.CVC
<i>CD</i>	/ˌsi.ˈdi/	CV.CV	/se.ˈde/	CV.CV
<i>chip</i>	/ˈtʃɪps/	CVCC	/ˈʃi.piS/	CV.CVC
<i>crystal</i>	/ˈkris.təl/	CCVC.CVC	/kriS.ˈtal/	CCVC.CVV
<i>design</i>	/di.ˈzajn/	CV.CVVC	/di.ˈzaj.ni/	CV.CVV.CV
<i>download</i>	/ˈdaʊn.ləʊd/	CVVC.CVVC	/dʌʊN.ləʊ.di/	CVCC.CVV.CV
<i>e-mail</i>	/i.meɪl/	V.CVVC	/i.ˈmeɪ.u/	V.CVV.C
<i>fast-food</i>	/ˌfæst.ˈfu:d/	CVCC.CVC	/fɛS.ti.ˈfu.di/	CVC.CV.CV.CV
<i>funk</i>	/ˈfʌŋk/	CVCC	/ˈfʌNki/	CVC.CV
<i>game</i>	/ˈgeɪm/	CVVC	/ˈgeɪ.mi/	CVV.CV
<i>gay</i>	/ˈgeɪ/	CVV	/ˈgeɪ/	CVV
<i>hippie</i>	/ˈhɪp.i/	CVC.V	/ˈhi.pi/	CV.CV
<i>hit</i>	/ˈhɪts/	CVCC	/ˈhi.tiS/	CV.CVC
<i>HIV</i>	/ˌeɪtʃ.əj.ˈvi/	VVC.VV.CV	/a.ˌgɑ.i.ˈve/	V.CV.V.CV
<i>hobby</i>	/ˈhɒb.i/	CVC.V	/ˈhɒ.bi/	CV.CV
<i>impeachment</i>	/ɪm.ˈpɪtʃ.mənt/	VC.CVC.CVCC	/iN.ˈpi.ti.məN/	VC.CV.CV.CVC
<i>internet</i>	/ˈɪn.tər.net/	VC.CVC.CVC	/iN.teR.ˈne.ti/	VC.CVC.CV.CV
<i>jazz</i>	/ˈdʒæz/	CVC	/ˈdʒeS/	CVC
<i>jeans</i>	/ˈdʒiːnz/	CVCC	/dʒiːnS/	CVCC

<i>lan houses</i>	/læn.'haw.siz/	CVC.CVV.CVC	/laN.'haw.zis/	CVC.CVV.CVC
<i>laser</i>	/'lej.zəɹ/	CVV.CVC	/'lej.zeR/	CVV.CVC
<i>light</i>	/'lajt/	CVVC	/'laj.ti/	CVV.CV
<i>lobby</i>	/'lɒb.i/	CVC.V	/'lɒ.bi/	CV.CV
<i>marketing</i>	/'mɑr.kɪ.tɪŋ/	CVC.CV.CVC	/'maR.ke.tiN/	CVC.CV.CVC
<i>megabytes</i>	/'meg.ə.bajts/	CVC.V.CVVCC	/mɛ.ga.'baj.tis/	CV.CV.CVV.CVC
<i>merchandising</i>	/'mɜr.tʃan.daj.ziŋ/	CVC.CVC.CVV.CVC	/mɛR.ʃaN.'daj.ziN/	CVC.CVC.CVC.CVC
<i>miss</i>	/'mɪs/	CVC	/'miS/	CVC
<i>online</i>	/ɒn.'lajn/	VC.CVVC	/oN.'laj.ni/	VC.CVV.CV
<i>pop</i>	/'pɒp/	CVC	/'pɒ.pi/	CV.CV
<i>ranking</i>	/'ræŋ.kɪŋ/	CVC.CVC	/'raN.kiN/	CVC.CVC
<i>rappers</i>	/'ræ.pəɹz/	CV.CVCC	/'hɛ.peRS/	CV.CVCC
<i>ready-made</i>	/,red.i.'mejd/	CVC.V.CVVC	/hɛ.di.'mej.di/	CV.CV.CVV.CV
<i>reality show</i>	/ri.'æl.i.ti.ʃəʊ/	CV.VC.V.CV.CVV	/hi.ɛ.li.ti.ʃəʊ/	CV.V.CV.CV.CVV
<i>resort</i>	/ri.'zɔrt/	CV.CVCC	/he.'zɔR/	CV.CVC
<i>rock</i>	/'rɒk/	CVC	/'hɒ.ki/	CV.CV
<i>sexy</i>	/'sek.si/	CVC.CV	/'se.ki.si/	CV.CV.CV
<i>shopping</i>	/'ʃɒp.ɪŋ/	CVC.VC	/'ʃɒ.piN/	CV.CVC
<i>show</i>	/'ʃəʊ/	CVV	/'ʃəʊ/	CVV
<i>Site</i>	/'sajt/	CVVC	/'saj.ti/	CVV.CV

<i>socialite</i>	/ˈsoʊ.ʃə.laɪtɪs/	CVV.CV.CVVCC	/so.si.a.'laj.ti/	CV.CV.V.CVV.CV
<i>software</i>	/ˈsaft.wer/	CVCC.CVC	/sə.fi.ti.weR/	CV.CV.CV.CVC
<i>spam</i>	/ˈspæm/	CCVC	/is.'pæn/	VC.CVC
<i>stress</i>	/ˈstres/	CCCVC	/iS.'trɛS/	CC.CVC
<i>thriller</i>	/ˈθri.lər/	CCV.CVC	/ˈtri.leR/	CCVV.CVC/ CCV.CVC
<i>trekking</i>	/ˈtre.kɪŋ/	CCV.CVC	/ˈtrɛ.kɪN/	CCVV.CVC/ CCV.CVC
<i>videogame</i>	/ˈvid.i.ow.,gejm/	CVC.V.VV.CVVC	/vi.di.o.'gej.mi/	CV.CV.V.CVV.CV
<i>Vip</i>	/vi.aj.'pi/	CV.VV.CV	/ˈvi.pi/	CV.CV

Quadro 4.1. Comparação entre as transcrições fonológicas e padrões silábicos dos anglicismos conforme a pronúncia na língua de origem e de acordo com a realização dos sujeitos nas gravações.

4.2 Levantamento dos processos fonológicos sofridos pelos 50 anglicismos considerados para análise na passagem do sistema fonológico do IA para o sistema fonológico do PB

A seguir, apresentam-se as análises das pronúncias dos cinquenta anglicismos mais recorrentes no corpus produzidas pelos dois sujeitos considerados.

Nas árvores que serão apresentadas a seguir, a da esquerda representa a pronúncia dos anglicismos na língua de partida, o IA, e a da direita mostra a pronúncia na língua de chegada, o PB, de acordo com a realização dos dois sujeitos desta pesquisa. Através da comparação entre ambas é possível observar alguns dos processos fonológicos sofridos na passagem de um sistema ao outro.

Ao adaptarem a pronúncia dos anglicismos ao PB, observou-se que os sujeitos desta pesquisa, em muitos casos, mudaram a estrutura silábica das palavras, geralmente através da inserção da vogal epentética /e/; a posição do acento também foi algumas vezes alterada, para

adequá-la ao padrão do PB. Outros recursos utilizados pelos sujeitos foram a nasalização de vogais seguidas de consoantes nasais; a vocalização de /l/ em posição de coda; a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, comum para a variedade de PB estudada.

Foram observadas também algumas adaptações no nível segmental, para substituir sons que não existem no PB ou para seguir as regras decifração da escrita do PB.de

4.2.1 Epêntese

Antes de proceder para a análise dos casos em que houve ocorrência de epêntese, é preciso descrever sucintamente o fenômeno.

Segundo Cagliari (1999a, p. 129), “na fonologia, há vários processos que dizem respeito à inserção de um segmento dentro de palavras. Além do termo *inserção*, o termo *epêntese* refere-se, de um modo geral, ao acréscimo de um segmento a uma palavra. Quando a adição de um segmento acontece no início de uma palavra, o termo mais específico para esse processo é *prótese*, como ocorre em *stress* [ístres]. Se ocorrer o acréscimo de um segmento no final de uma palavra, o processo de inserção tem o nome específico de *paragoge*¹⁴⁴”.

Cagliari (1999a, p. 132) explica que a inserção ou epêntese de uma vogal acontece para tornar uma sílaba canônica, desfazendo uma estrutura mal formada, sendo que essa estrutura mal formada, segundo o autor, pode aparecer no início, no meio ou no final de palavras.

¹⁴⁴ Câmara Jr. (2002[1973], p. 107) afirma que a paragoge também pode ser tratada por epítese, sendo esta o “acréscimo de um fonema no final de um vocábulo”. Para o autor, epêntese é a mudança fonética que resulta do desenvolvimento de um fonema no interior do vocábulo.

Para muitos autores, a paragoge vem sendo tratada como um subtipo de epêntese (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2005), sendo definida por esses autores, de modo geral, como um acréscimo de letra ou sílaba em posição final de palavra. Massini-Cagliari (2005, p. 275), no entanto, demonstra que esse talvez não seja “o procedimento mais apropriado, uma vez que existem dois tipos de inserção de vogais que atuam em final de palavra: um primeiro, motivado pela busca de estruturas silábicas possíveis dentro da língua (em relação ao qual será mantido o rótulo de ‘epêntese’), e um outro, de motivação rítmica (para o qual será reservado o rótulo de ‘paragoge’). Nesse sentido, o termo *paragoge* pode ser sucintamente definido como ‘epêntese rítmica’.”

Para Lee (1993, p. 847), a epêntese no PB consiste na inserção de vogal <e> e é um fenômeno que ocorre em vários processos lingüísticos no português, dentre eles a pluralização, a formação de palavras e a eufonia.¹⁴⁵

Em relação à estrutura silábica, Lee (1993, p. 847) cita cinco casos de epêntese em PB:

1) inserção de vogal nos conjuntos de três consoantes, se a segunda consoante é /r/:

abr+e; ab[e]r+ tura;

2) inserção de vogal em posição inicial, se a palavra se inicia por /s/ + consoante:

[e]special;

3) inserção de vogal antes da desinência de plural, quando a palavra termina em consoante: *rapaz[e]s;*

4) inserção de vogal entre duas consoantes que não podem co-ocorrer na posição de “onset”: *p[i]neu/p[e]neu, p[i]sicologia;*

5) inserção de vogal, na pronúncia de palavras estrangeiras e siglas, em que figura uma sílaba travada por um som [-soante]: *VARIG[i], club[i], fut[i]bol.*

Quanto aos estrangeirismos em específico, Lee (1993, p. 848) diz que “o falante nativo de português insere /e/ quando pronuncia palavras estrangeiras e siglas que têm os sons de [-soa] na posição final da sílaba”.

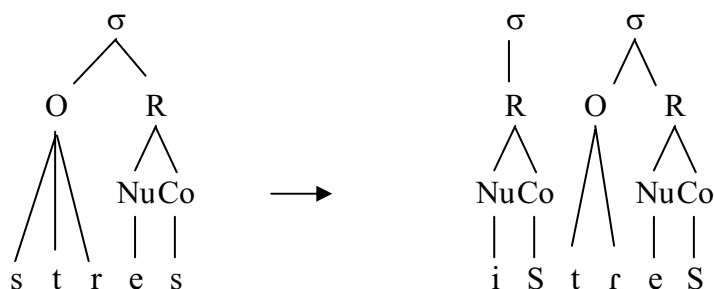
¹⁴⁵ Há discussões sobre qual é a vogal epentética do PB, se [i] ou [e]: “A vogal epentética do PB é o [i]. Essa vogal funciona de modo semelhante ao *chua* em algumas línguas. Representa uma espécie de “vogal neutra” que preenche os vazios não tolerados pelo sistema fonotático da língua. Lee (1995) acha que a vogal epentética do Português é [ε] e varia com [e] ou [i], dependendo do acento”. (CAGLIARI, 1999a, p. 132).

4.2.1.1 Casos de epêntese motivada por *onsets* complexos não licenciados no PB

Como já foi apresentado na seção 2 desta dissertação, o *onset* em inglês admite a ocorrência de até três consoantes, enquanto que, em português, o número máximo é dois, com um número bastante restrito de combinações consonantais. Assim, quando em inglês há a ocorrência de consoantes não licenciadas em posição de *onset* silábico no PB, como a fricativa [s] seguida de uma ou duas consoantes pré-vocálicas, a estratégia geral utilizada por falantes brasileiros para adaptar tais grupos consonânticos consiste na inserção da vogal anterior alta [i].

No cópús coletado, observou-se o fenômeno em (4.1) *stress*: ocorre inserção de [i] no início da palavra, pois em português um *onset* complexo do tipo CCC, no caso <str>, não é possível. Assim, o <s> inicial passa a fazer parte da coda da nova sílaba, constituída a partir da introdução de uma vogal epentética nuclear. A palavra em PB passa, então, a ter duas sílabas, ao invés de uma, como em IA.

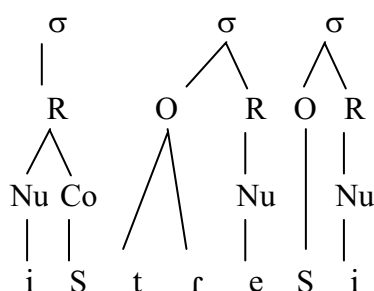
(4.1)



Essas adaptações fonológicas são evidenciadas na forma gráfica adaptada da palavra: *estresse*. Essa forma ortográfica aportuguesada pressupõe mais uma adaptação: a epêntese de /e/ final e o acréscimo de mais uma sílaba na palavra, que fica então com três, e não mais com

uma sílaba, como em inglês. Note-se que essa última adaptação não é motivada pelas proibições de consoantes em travamento silábico do sistema do PB, uma vez que /S/ é uma consoante licenciada na posição de coda em português, e não se verifica na pronúncia adotada pelos sujeitos desta pesquisa.¹⁴⁶ Este tipo de epêntese é de natureza diferente das demais, pois não é motivada pela ocorrência de uma estrutura anômala em PB.

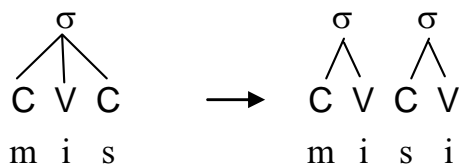
(4.2)



Segundo Freitas (1992, p. 73), em *miss* poderia ocorrer também a inserção vocálica de /i/ no final da palavra –/misi/, como já foi explicitado em (4.2), com relação à palavra *stress*.

Abaixo, pode-se observar o fenômeno, na forma descrita pela autora.

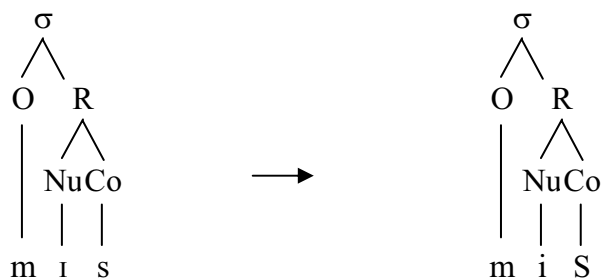
(4.3)



¹⁴⁶ Quanto à opção de ocorrer epêntese no final da palavra *stress*, Freitas (1992, p. 73) afirma que “apenas no caso de haver na coda de sílaba final um só segmento consonântico [+estridente], verificou-se com certa regularidade a alternativa de inserção vocálica e ressilabificação”. Isso contribui para comprovar o caráter pós-lexical da inserção vocálica.

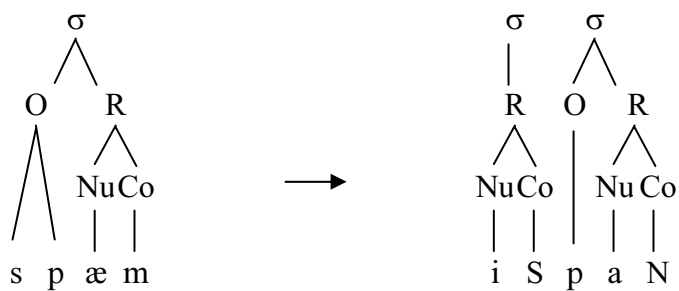
No entanto, na palavra *miss*, (4.4), na forma produzida pelos sujeitos desta pesquisa, não ocorreu o fenômeno da epêntese no final da palavra, como pode-se verificar na representação abaixo:

(4.4)



Um outro caso de *onset* complexo que não é possível no português é o *onset* formado por <sp>, como na palavra (4.5) *spam*. Assim, ocorre a inserção de [i] no início da palavra, que se torna o núcleo da nova sílaba, sendo que /s/ passa a fazer parte da coda dessa nova sílaba.

(4.5)



4.2.1.2 Casos de epêntese motivada por codas não licenciadas no PB

Semelhantemente ao que ocorre com os grupos consonantais com ataque iniciado por [s], codas silábicas possíveis no inglês, mas não licenciadas em PB, motivam a inserção de vogal epentética /i/ no final dessas sílabas.

A vogal acrescentada, [i], desencadeia um processo de ressilabação da palavra, uma vez que a vogal epentética passa a ser núcleo de uma nova sílaba, cujo *onset* é a consoante extrassilábica.

No cópuz coletado, foram identificados vários casos de consoantes que não são permitidas em posição de coda no PB e que motivam a inserção da vogal epentética, como será descrito a seguir.

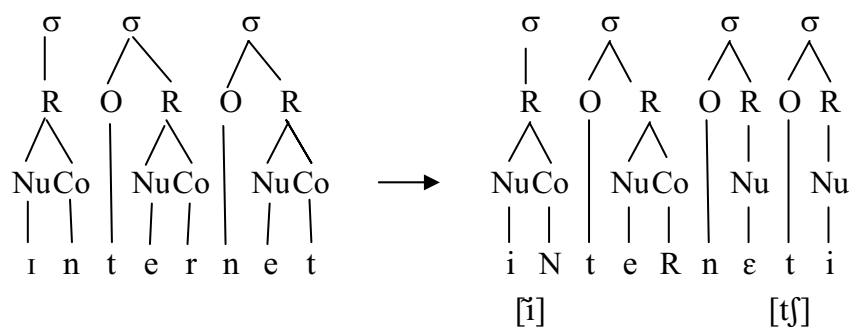
4.2.1.2.1 Consoante oclusiva alveolar desvozeada /t/ na coda da sílaba

Um dos casos de consoante não licenciada em posição de coda no PB e que por isso motiva a inserção de [i] é o da consoante oclusiva alveolar desvozeada, /t/, como em (4.6) *internet*. A oclusiva, que no IA estava na coda da sílaba, passa a ser *onset* da sílaba seguinte no PB, sendo que a vogal inserida passa a ser o núcleo da nova sílaba. Desta forma, a palavra passa a ter quatro sílabas em PB, enquanto que em IA possui apenas três.

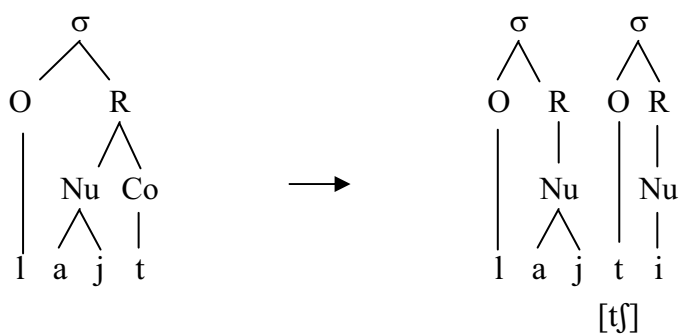
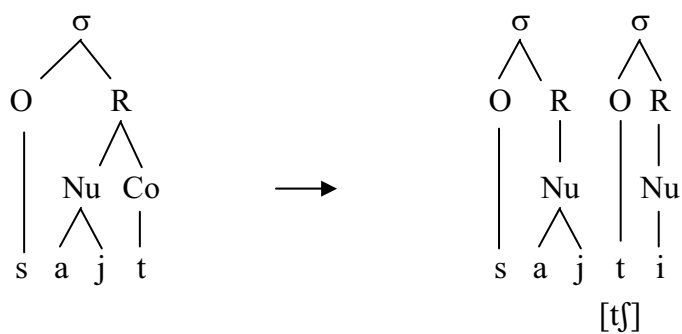
A epêntese neste caso desencadeia a palatalização da oclusiva /t/ na variedade dos sujeitos analisados, que passa a ser realizada como [tʃ], uma africada alveopalatal desvozeada, por haver contexto propício para isso: /t/ seguido de /i/.

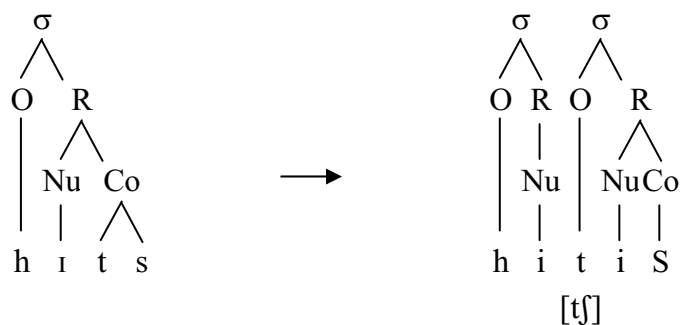
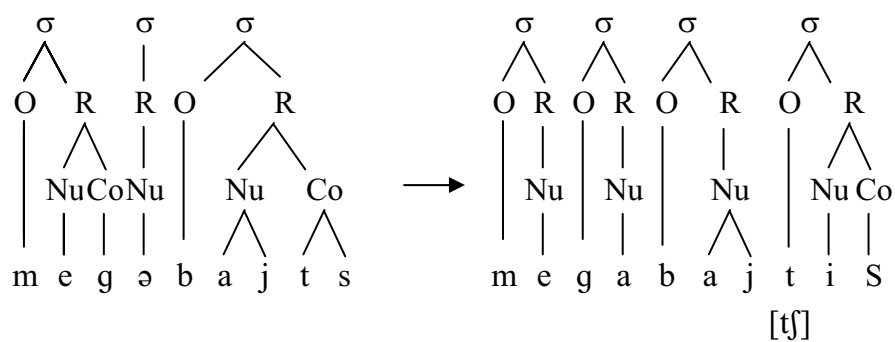
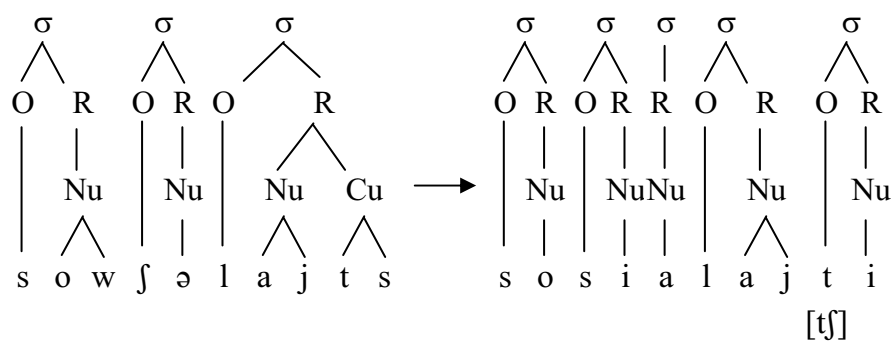
O fenômeno de ressilabação em (4.6) *internet* fica explicitado na árvore abaixo:

(4.6)



Outros casos de ocorrência de epêntese após a oclusiva alveolar desvozeada /t/ encontrados no *córpus*, com conseqüente aumento do número de sílabas em relação à língua de partida, são os seguintes:

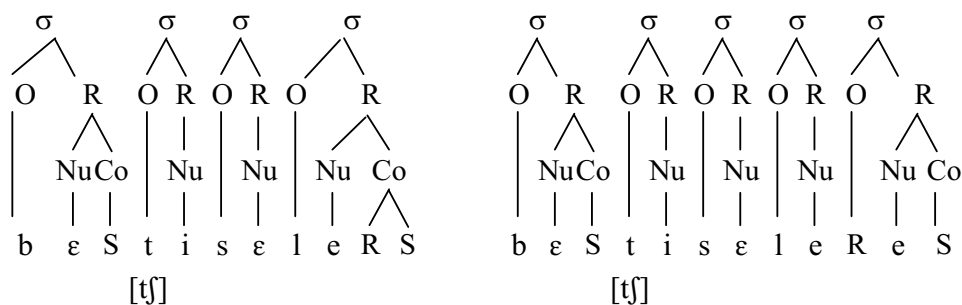
(4.7) *light*(4.8) *site*

(4.9) *hits*(4.10) *megabytes*(4.11) *socialites*

Em (4.12) *best-sellers*, o fenômeno descrito acima ocorre na primeira sílaba da palavra original:¹⁴⁷

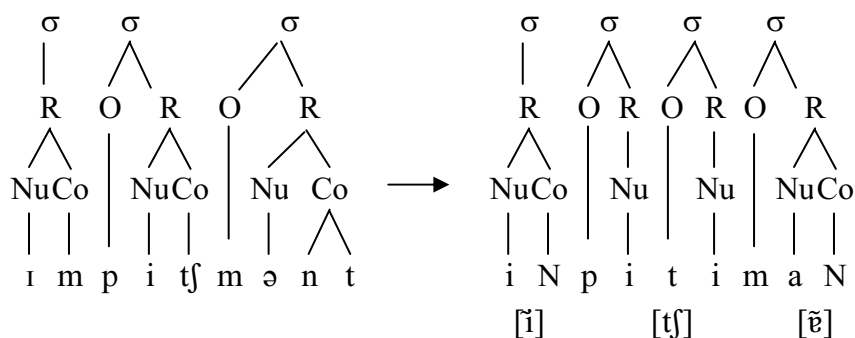
¹⁴⁷ Em (4.12) ambas as árvores referem-se a pronúncias alternativas dos sujeitos desta pesquisa para a palavra *best-sellers*.

(4.12)



Em (4.13) *impeachment*, a epêntese acontece no meio da palavra, mas não no final, em que ocorre o apagamento do segmento consonantal, como será em 4.2.6:

(4.13)

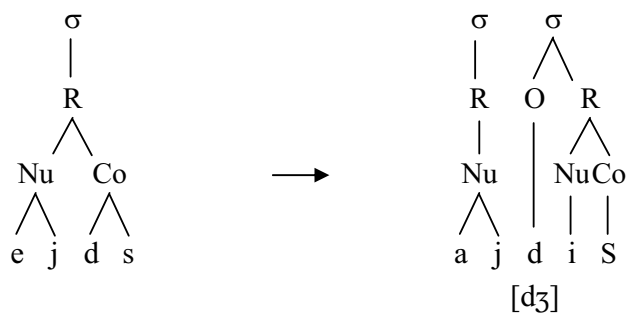


4.2.1.2.2 Consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ na coda da sílaba

Em (4.14) *AIDS*, há epêntese de /e/, realizado como [i], depois de /d/, consoante oclusiva alveolar vozeada, pois em português esta consoante não está licenciada para preencher a posição de coda silábica. Desta forma, há a ressilabação da palavra, a partir da qual a consoante oclusiva originalmente na coda passa a ser *onset* da segunda sílaba. A palavra passa, então, a ter duas sílabas na língua de chegada.

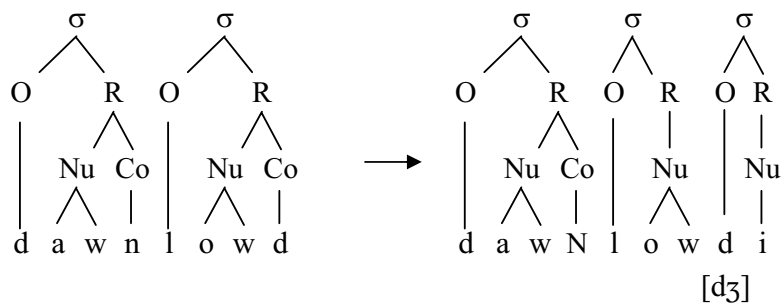
Na variedade analisada, percebe-se a palatalização do /d/, realizado como [dʒ], consoante africada alveopalatal vozeada, pois o contexto (seguido de /i/) favorece a ocorrência desse fenômeno no PB.

(4.14)



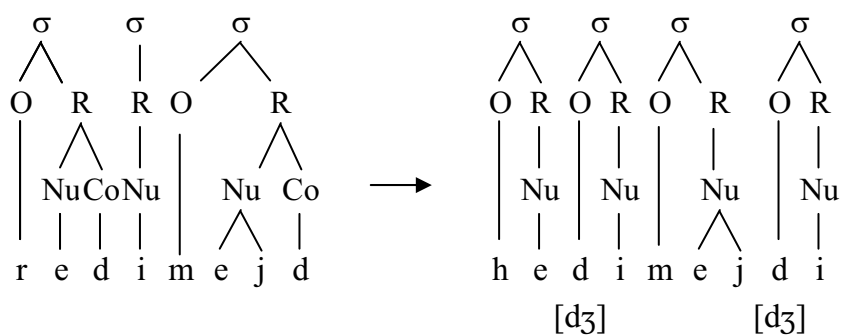
O mesmo ocorre em (4.15) *download*:

(4.15)



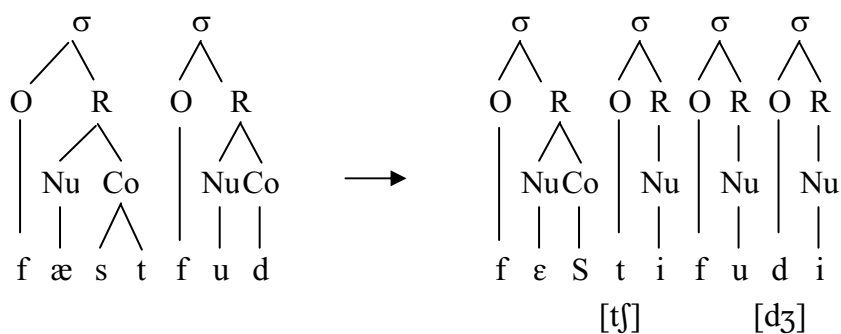
E em (4.16) *ready-made*:

(4.16)



Em (4.17) *fast-food* percebe-se a ocorrência de dois casos de epêntese: um após /t/ e outro após /d/, sendo que a palavra passa de duas sílabas na língua de partida a quatro sílabas na língua de chegada.

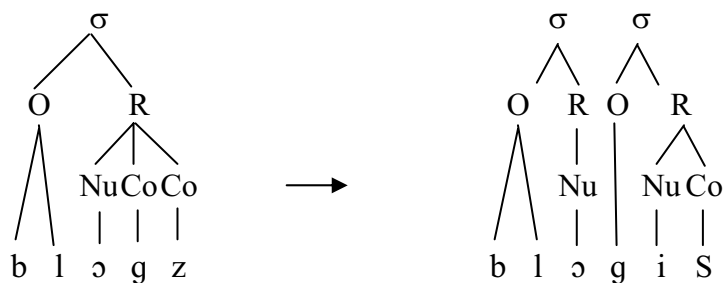
(4.17)



4.2.1.2.3 Consoante oclusiva velar vozeada /g/ na coda da sílaba

Em (4.18) *blogs*, ocorre epêntese no final da palavra, pois a última sílaba é travada por /g/, consoante oclusiva velar vozeada, que não ocorre na posição de coda em português. Ocorre o mesmo processo já descrito anteriormente e a palavra, que em IA era um monossílabo, passa a ser um dissílabo em PB.

(4.18)

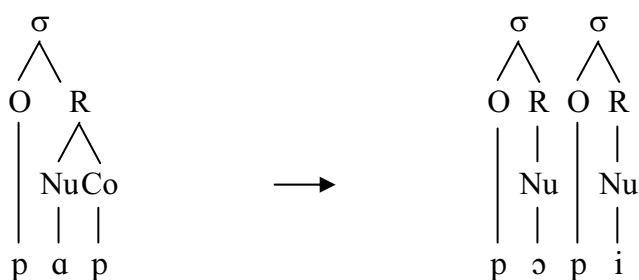


4.2.1.2.4 Consoante oclusiva bilabial desvozeada /p/ na coda da sílaba

Em português, diferentemente do inglês, a sílaba não pode ser travada por /p/, oclusiva bilabial desvozeada, devido à restrição de ocorrência de consoantes oclusivas em coda. Conseqüentemente, ocorre a inserção da vogal epentética, como descrito anteriormente.

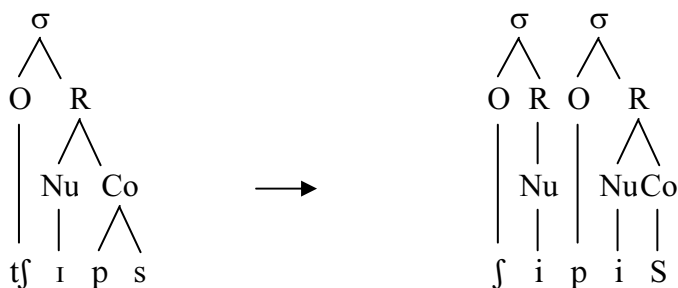
Um exemplo em que ocorre sílaba travada por /p/ é a palavra *pop*, em (4.19). Verifica-se a ocorrência de epêntese e o monossílabo em IA passa a ter duas sílabas em PB.

(4.19)



Outro caso de sílaba originalmente travada por /p/ observado no corpus é *chips* (4.20):

(4.20)

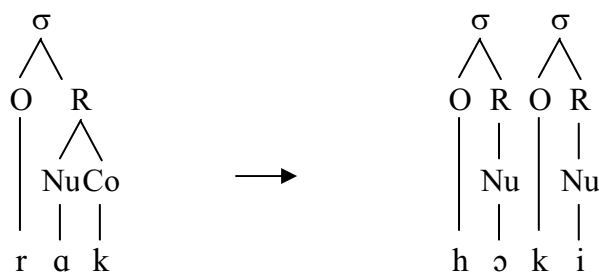


O caso da palavra *vip* será tratado na subseção sobre pronúncia de siglas, em 4.2.9.

4.2.1.2.5 Consoante oclusiva velar desvozeada /k/ na coda

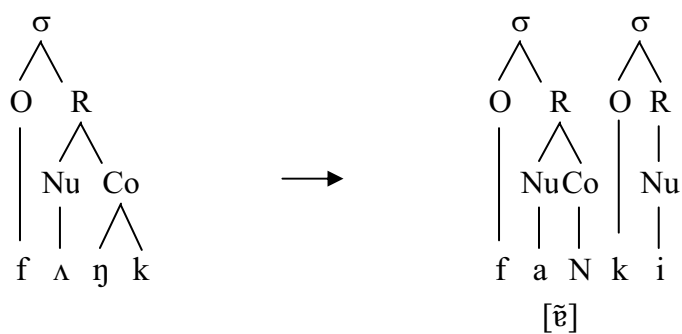
Considerando-se o vocábulo (4.21) *rock*, em inglês o /k/, consoante oclusiva velar desvozeada, pode aparecer na posição de coda silábica. O mesmo não acontece no português. Para solucionar o problema da consoante oclusiva na coda, há epêntese de /e/ no final da palavra, passando a consoante /k/ para o *onset* da nova sílaba:

(4.21)



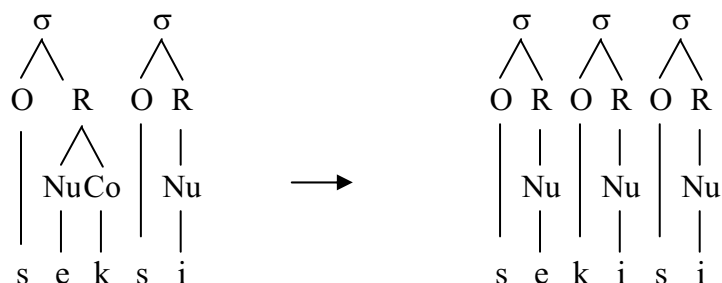
Outros casos semelhantes são *funk* (4.22):

(4.22)



E *sexy* (4.23):

(4.23)



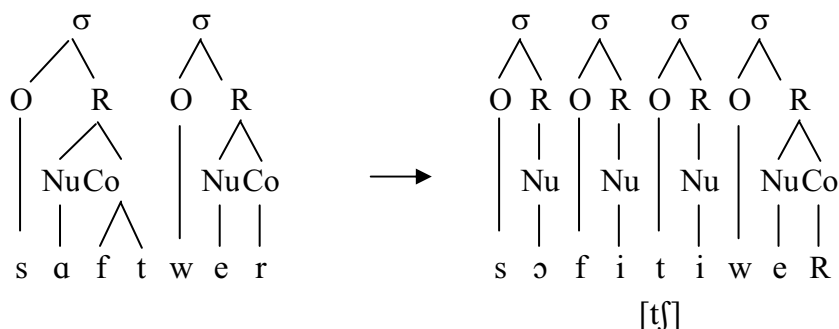
Como se pode observar, em todos os casos de oclusivas em posição de coda no inglês, que no PB não são licenciadas nesta posição, ocorre epêntese, e as consoantes são ressilabadas e passam a ocupar a posição de *onset* da nova sílaba que é formada.

4.2.1.3 Coda complexa não licenciada em PB

Como visto anteriormente na seção 2 deste trabalho, o PB tem muitas restrições à formação de codas complexas. Desta maneira, os casos de ocorrência de codas complexas no inglês sem equivalentes no PB sofrem adaptações.

Um desses casos é o da palavra inglesa *software*, em (4.24), que em inglês tem duas sílabas. Na passagem para o PB, ela sofre a inserção de duas vogais epentéticas e passa a ter quatro sílabas. Há epêntese após /f/, consoante fricativa labiodental desvozeada, para desfazer um padrão de coda complexa que não é permitido no português, a saber: CC, sendo as consoantes <ft>. A segunda epêntese ocorre após /t/ (consoante que não é licenciada na posição de coda no português, sobretudo como segunda posição de coda complexa). Assim, a sílaba que originalmente no IA é CVCC em PB se transforma em três sílabas do tipo CV.

(4.24)



4.2.2 Nasalização

De acordo com Silva (2002, p. 71), “se durante a articulação de uma vogal ocorrer o abaixamento do véu palatino, parte do fluxo de ar penetrará na cavidade nasal, sendo expelido pelas narinas e produzindo assim uma qualidade vocálica nasalizada”.

Como se sabe, em inglês as três consoantes nasais [m, n, ŋ] ocorrem, de maneira plena, em codas mediais e finais. Já em português, as consoantes nasais são sensíveis à estrutura silábica (cf. FREITAS, 1992). A consoante nasal em coda silábica geralmente não se realiza em PB, pois, do ponto de vista fonético, esta consoante é eliminada após transmitir o traço nasal para a vogal precedente.

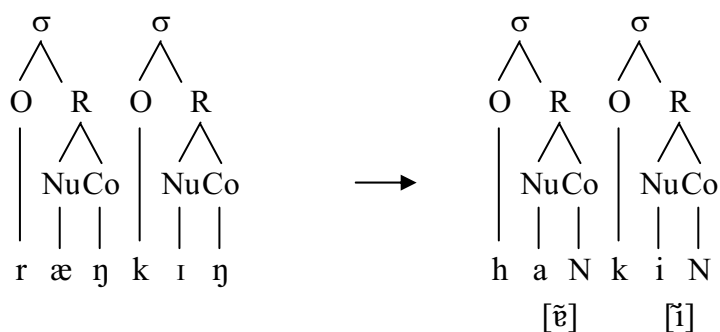
Em (4.6), na palavra *internet*, ocorre a nasalização da vogal /i/, pois há o espriamento do traço de nasalidade da consoante da coda, originalmente /n/, mas interpretada como /N/ não-especificado em PB, que se realiza no nível fonético como nasalização da vogal do núcleo e não como travamento da sílaba, na forma de consoante nasal. Em inglês as vogais não são nasalizadas nesse contexto, pois a seqüência vogal+consoante nasal se realiza como tal no nível fonético.

Em (4.13), *impeachment*, tem-se a nasalização de /i/ seguido de /m/ no início da palavra, a exemplo do que já foi anteriormente observado com relação à palavra *internet*.

Também ocorre a nasalização do /e/ da última sílaba seguido de /n/. O /t/ da última sílaba é apagado, procedimento que será explicado adiante, e a sílaba é travada pela nasal /N/, possível em português. Sílabas travadas por consoante nasal no PB no nível fonológico realizam-se no nível fonético preferencialmente através da nasalização da vogal do núcleo. Feita essa nasalização, a consoante, na maioria das vezes, não é realizada enquanto tal, como travamento da sílaba.

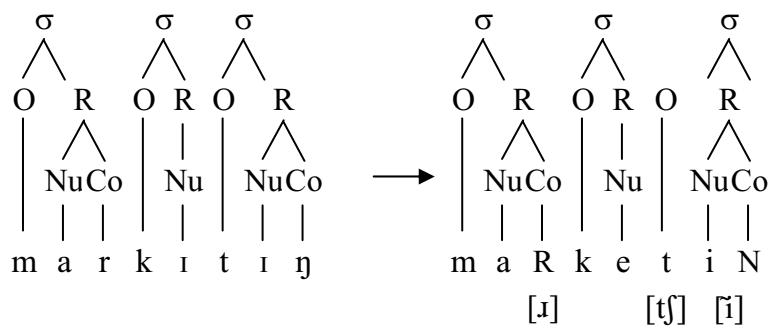
Em (4.25), abaixo, relativo à palavra *ranking*, a consoante nasal /ŋ/ do inglês não é pronunciada em português, porque não ocorre como fonema consonantal distinto de (isto é, em oposição a) /m/ e /n/; no entanto ocorre como uma das realizações possíveis do arquifonema nasal, como em ['bẽŋku]. Desta forma, na pronúncia da palavra *ranking* pelos sujeitos desta pesquisa, ocorre a nasalização do /i/, assim com em (4.6) *internet*, pois há o espraiamento do traço de nasalidade da consoante da coda, que se realiza no nível fonético como nasalização da vogal do núcleo e não como travamento da sílaba, na forma de consoante nasal. Em (4.25), muda-se a qualidade do fonema /æ/ para /a/ nasalizado [ẽ]:

(4.25)

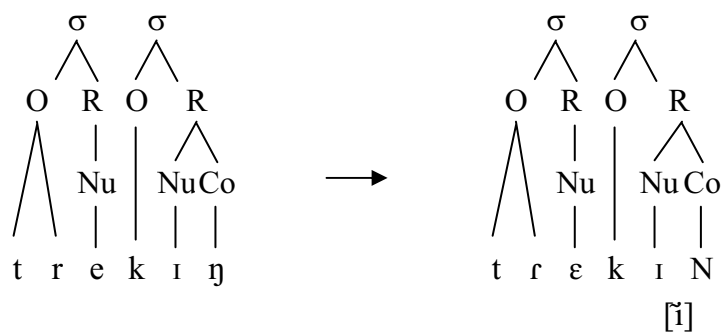


O mesmo fenômeno de nasalização devido à presença da consoante nasal /ŋ/ no final da palavra é observado em (4.26), na pronúncia da palavra *marketing*:

(4.26)

E em (4.27), *trekking*:

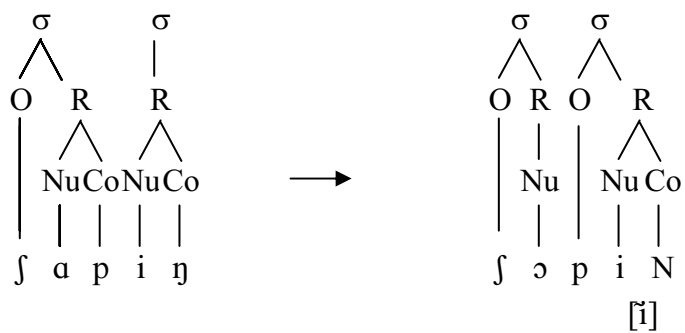
(4.27)



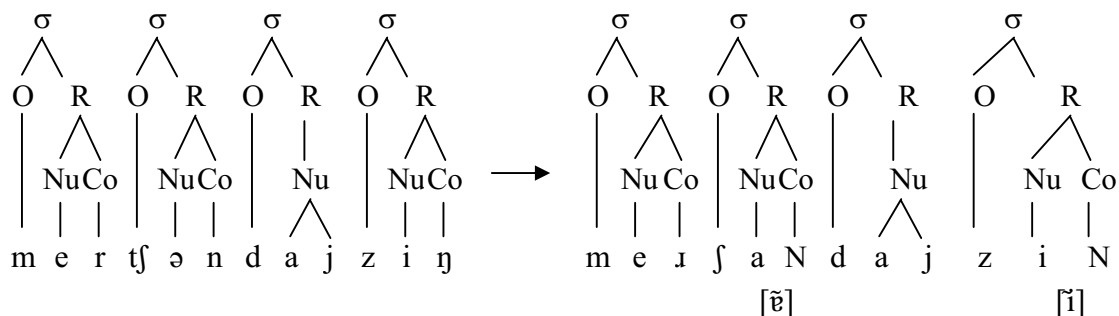
Outros exemplos em que ocorre o mesmo tipo de fenômeno estão apresentados em

(4.28) *shopping* e (4.29) *merchandising*:

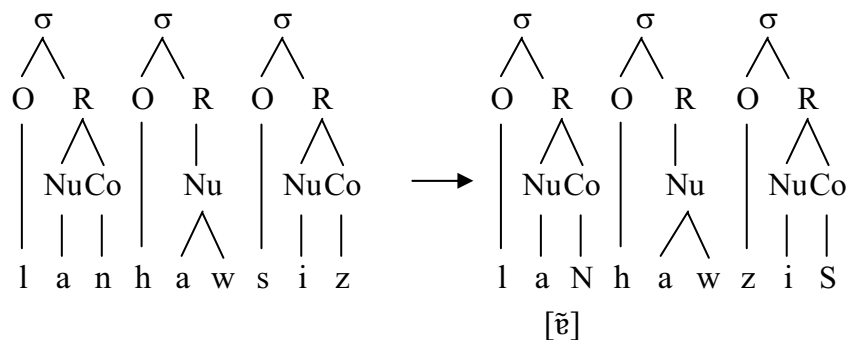
(4.28)



(4.29)

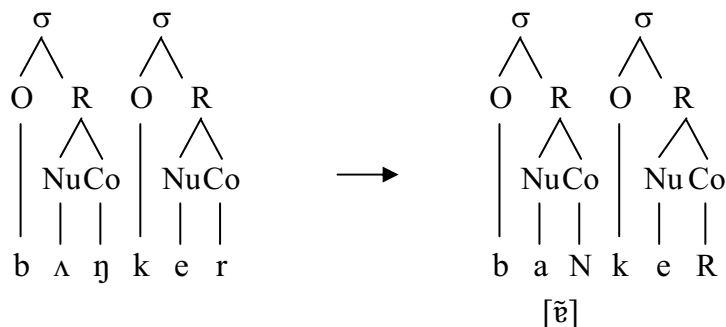


Em (4.5) *spam* (apresentado anteriormente) e (4.30) *lan houses*, abaixo, há a adaptação do fonema /æ/, que, por não existir em português com valor distintivo, é realizado como /a/, sendo nasalizado e realizado como [ɛ̃].

(4.30) *lan houses*

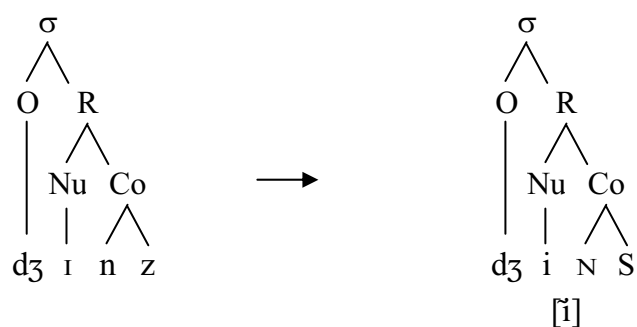
Em (4.22) *funk* e (4.31) *bunker*, há a substituição do fonema /ʌ/ por /a/ nasalizado (também realizado no nível fonético como [ɛ̃]).

(4.31)



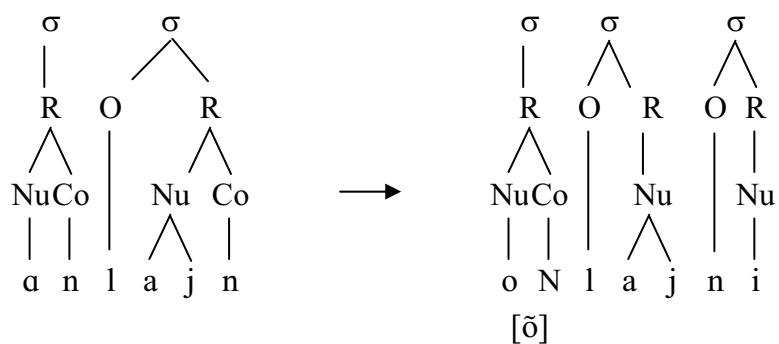
Em (4.32) *jeans*, ocorre a nasalização do /i/, pelos mesmos motivos já explicados anteriormente:

(4.32)



Em (4.33) *online*, ocorre a nasalização do /o/ no início da palavra, mas não do ditongo /aɪ/ (por motivos que serão explicitados adiante).

(4.33)



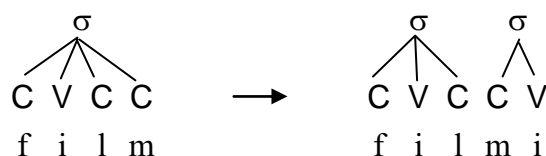
Na realização fonética dos sujeitos para a palavra (4.15) *download*, é possível observar a nasalização do ditongo /aw/ na passagem para o português.

4.2.2.1 Casos em que não ocorre nasalização da vogal diante de consoante nasal alveolar vozeada /n/ e da consoante nasal bilabial vozeada /m/ em posição de coda

Em (4.33) *online*, o /n/ (consoante nasal alveolar vozeada) localizado na coda da última sílaba do inglês não se nasaliza em português e torna-se um desencadeador da ocorrência de epêntese de /e/.

Para Freitas (1992, p. 76), a presença de um segmento ocupando uma terceira posição na rima da sílaba (o que contraria a restrição do português que estabelece um máximo de dois segmentos na rima) gera contexto para inserção vocálica. Assim, quando a consoante nasal não está em posição posvocálica na rima mas ocupa a terceira posição na mesma não há contexto para nasalização, mas sim para inserção de vogal. Veja-se o que ocorre em (4.34), exemplo que retrata a palavra *film*, citado por Freitas (1992, p. 77), mantendo sua forma de representação arbórea:

(4.34)



No entanto, a razão apontada por Freitas (1992) parece não ser motivo suficiente para a epêntese final em (4.33) /oN'lajni/ (apresentado anteriormente), uma vez que sílabas constituídas de consoante+ditongo+travamento silábico são possíveis em PB: “deus”, “mais”, “pais”. Note-se, porém, que, nesses casos, a única consoante possível na posição de coda é o arquifonema fricativo /S/. A restrição não recai, portanto, sobre a quantidade de elementos na rima (no máximo, três), mas sobre a natureza desse terceiro elemento.¹⁴⁸

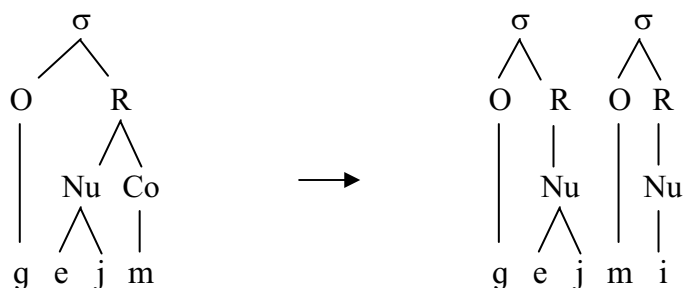
¹⁴⁸ Restrição de mesma natureza já foi observada para o Português Arcaico por Massini-Cagliari (2005). A este respeito, Wetzels (2000) mostra que nasais e laterais não podem ocorrer como travamento silábico depois de ditongos, no PB.

A restrição para que /n/ fique como travamento silábico, nasalizando o ditongo, está também no fato de essa consoante ser especificada quanto ao ponto de articulação (alveolar), o que retira dela o caráter subespecificado necessário ao *status* arquifonêmico e à ocorrência em coda. Dada a sua natureza especificada quanto ao ponto de articulação, a única possibilidade para a sua silabação no PB é a posição de *onset*. A partir daí, a restrição quanto à ocorrência de núcleos vazios desencadeia a epêntese.

Em (4.34) *film*, a consoante nasal /m/, que ocupa a terceira posição da rima, passa a *onset* da nova sílaba. Da mesma forma, no caso de (4.33) *online*, /n/ se realiza como *onset* da sílaba cujo núcleo é a vogal epentética. Assim, *online* em inglês tem apenas dois núcleos vocálicos (duas sílabas), enquanto em português passa a ter três núcleos vocálicos e, portanto, três sílabas.

Com relação à silabação de /m/ em (4.35) *game*, ocorre um fenômeno semelhante ao verificado com relação a (4.33) *online*, uma vez que a especificação de /m/ quanto à labialização impede a sua realização como arquifonema em coda. Há, portanto, mudança na quantidade de sílabas, como se pode observar na estrutura abaixo.

(4.35)

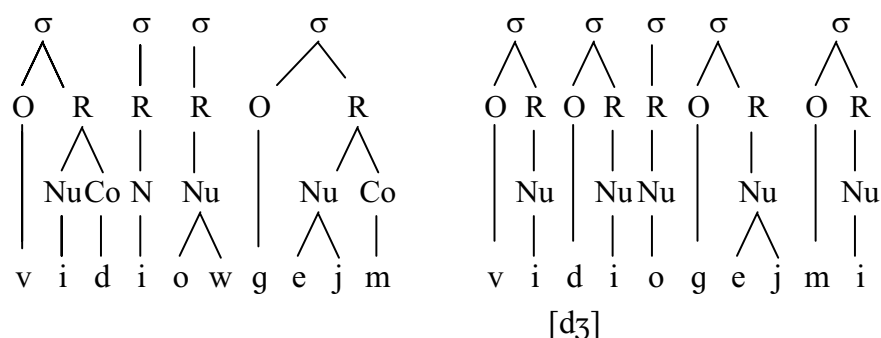


Este exemplo sugere que a adaptação pode vir da leitura da forma gráfica do inglês. Se viesse da pronúncia padrão do inglês unicamente, poderia ter ocorrido a nasalização do

ditongo no núcleo, porque o PB permite a formação de ditongos nasais finais. No entanto, ao invés de o traço da nasalidade espriar para o núcleo, como seria o esperado, acaba por realizar-se como consoante nasal plena, de traços especificados como labial (e não como sub-especificada, como a nasal flutuante). A informação da especificação do traço vem da forma gráfica do inglês: *game*.

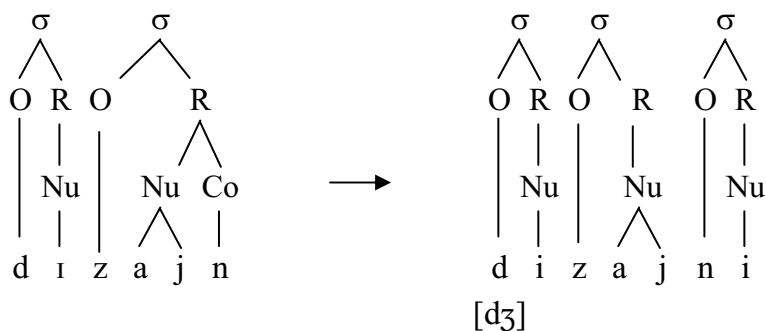
A mesma interpretação vale para (4.36) *videogame*:

(4.36)



E para (4.37) *design*:

(4.37)



No caso de (4.37) *design*, o /n/ no final da palavra não nasaliza as vogais anteriores na realização dos sujeitos em português. Trata-se de fenômeno semelhante ao que ocorreu nos exemplos explicitados acima. Há, portanto, contexto para a ocorrência de epêntese, mudando

a estrutura silábica da palavra: /n/ passa a ser *onset* da sílaba formada e a palavra passa a ter três sílabas em português.

4.2.3 Acento

Como já foi visto anteriormente na seção 2, os padrões acentuais do PB e do IA são diferentes. Este fato pode levar os falantes à adaptação do posicionamento do acento, no momento da pronúncia de estrangeirismos. No cópua analisado, foram observados vários casos de mudança da posição do acento na palavra ao passá-la para o sistema do PB. Em alguns casos, porém, o acento do IA foi mantido, mesmo sendo um padrão excepcional em PB.

4.2.3.1 Casos de adaptação da posição do acento

No exemplo (4.6) *internet*, apresentado anteriormente e repetido abaixo, em (4.6'), pode-se observar o deslocamento do acento, já que em IA ele recai na antepenúltima sílaba e no PB passa para a penúltima sílaba, ou seja, de uma proparoxítona passa a paroxítona, que é o padrão mais comum no português.

(4.6')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>internet</i>	/ˈɪn.tɚ.net/	VC.CVC.CVC	/iN.teR.'ne.ti/	VC.CVC.CV.CV

Percebe-se o deslocamento do acento também em (4.29'), relativo a *merchandising*, desencadeado pelo fato de que, em IA, o acento está na quarta última sílaba, padrão inexistente em português, que o passa para a penúltima sílaba.

(4.29')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>merchandising</i>	/ˈmɜr.tʃan.daj.ziŋ/	CVC.CVC.CVV.CVC	/meR.ʃaN.'daj.ziN/	CVC.CVC.CVC.CVC

Em (4.10') *megabytes*, o acento é deslocado e a palavra torna-se paroxítona em português. Este é o padrão *default* do português para palavras desse tipo (terminadas em vogal seguida da marca de número plural).

(4.10')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>megabytes</i>	/ˈmeg.ə.bajts/	CVC.V.CVVCC	/mɛ.ga.'baj.tis/	CV.CV.CVV.CVC

No caso de (4.11') *socialites*, em inglês a palavra tem três sílabas e o acento está na primeira sílaba. Já em em PB, a palavra passa a ter quatro sílabas e o acento recai na penúltima sílaba, correspondendo ao padrão acentual esperado na língua de chegada para palavras terminadas em sílaba contendo ditongo seguido de sílaba leve.

(4.11')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>socialite</i>	/ˈsow.ʃə.lajts/	CVV.CV.CVVCC	/so.si.a.'laj.ti/	CV.CV.V.CVV.CV

Em (4.38), abaixo, relativo à palavra *e-mail*, percebe-se o deslocamento do acento, que em inglês está na primeira sílaba e em português está na segunda. Isso se deve às regras de acento em português, segundo as quais sílabas pesadas na posição final de palavra atraem para si o acento (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a).

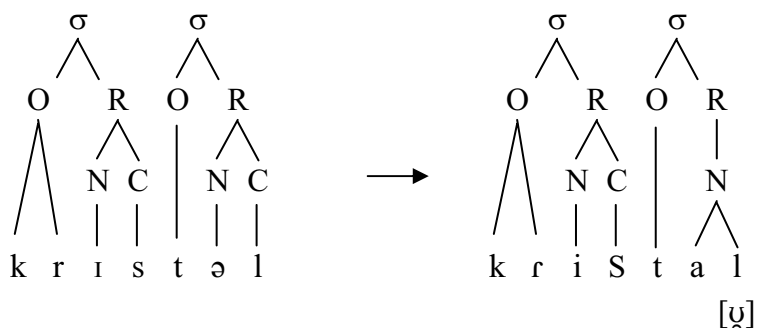
(4.38)

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>e-mail</i>	/i.mej/	V.CVVC	/i.'mej.u/	V.CVV.C

O mesmo é válido para o termo em (4.39), *crystal*. Aqui, percebe-se o deslocamento do acento para se adequar ao padrão esperado no português, que neste caso é oxítono, já que sílaba final pesada atrai o acento no PB, como no termo já existente em português com outro sentido, “cristal”.

(4.39)

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>crystal</i>	/kris.təl/	CCVC.CVC	/kriS.'tal/ [kristaɥ]	CCVC.CVV



4.2.3.2 O acento em palavras compostas

No inglês, o acento dos compostos recai sempre no primeiro elemento (cf. HOGG; McCULLY, 1991[1987]). No português, no caso dos compostos, o acento recai sempre no último elemento (cf. CÂMARA Jr., 2004[1970], p. 63 e MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 141).

Em (4.36') *videogame*, há deslocamento do acento, justificado por padrões de acento diferentes para compostos do português e do inglês. Além disso, pode ser que essa palavra, no PB, já tenha sido reanalisada quanto à sua estrutura morfológica como simples (e não composta).

(4.36')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>videogame</i>	/ˈvid.i.ow.ˌgejm/	CVC.V.VV.CVVC	/vi.di.o.'gej.mi/	CV.CV.V.CVV.CV

Quanto ao exemplo (4.15'), *download*, de acordo com a pronúncia registrada no dicionário Macmillan (2004, versão em CD-ROM), tanto para a forma substantiva, quanto para a forma verbal em IA, a sílaba tônica é ['daʊn].¹⁴⁹ Na pronúncia dos dois sujeitos desta pesquisa, o acento recai sobre a sílaba ['lou].

(4.15')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>download</i>	/ˈdawn.ˌlowd/	CVVC.CVVC	/dawN.'low.di/	CVCC.CVV.CV

¹⁴⁹ Para o IB, o dicionário Macmillan (2004, versão em CD-ROM) traz ['loʊd] como sendo a sílaba tônica quando a palavra é um verbo.

4.2.3.3 Acento não adaptado

Em alguns casos, verificou-se, na pronúncia dos estrangeirismos focalizados pelos sujeitos desta pesquisa, a manutenção do padrão original de acentuação, mesmo em situações em que esse padrão não era esperado no PB para aquela contexto específico.

Por exemplo, pode-se considerar que o acento em (4.26'), abaixo, para *marketing*, não é adaptado. Trata-se de um padrão acentual excepcional e raro no PB (proparoxítone terminada em sílaba pesada – por exemplo: “ínterim”), mas possível de ocorrer. Alguns padrões acentuais excepcionais já estão até lexicalizados em português, como o das paroxítonas terminadas em sílaba travada por /R/, como em “revólver” (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a).

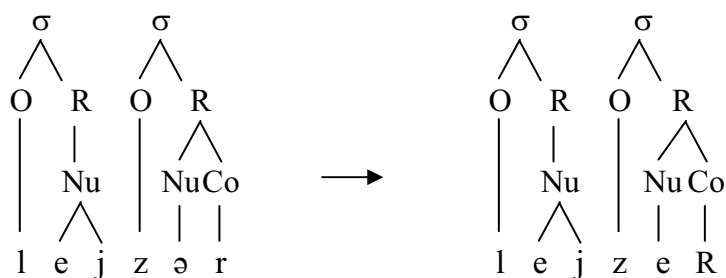
(4.26')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>marketing</i>	/ˈmar.ki.tɪŋ/	CVC.CV.CVC	/ˈmaR.ke.tɪN/	CVC.CV.CVC

Na pronúncia produzida pelos sujeitos para o vocábulo (4.40) *laser*, o acento mantém sua posição original. Em português, o esperado seria o acento recair sobre a última sílaba, como no termo “lazer”, já que essa sílaba é pesada e deveria atrair para si o acento.

(4.40)

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>laser</i>	/ˈlej.zəɾ/	CVV.CVC	/ˈlej.zəR/	CVV.CVC



Talvez a manutenção desse padrão excepcional de acentuação seja devida ao fato de já haver no PB muitas palavras (sobretudo de origem inglesa, como “revólver” e nomes próprios terminados em *-on*, como “Nilton”, mas também algumas de origem latina, que entraram há bastante tempo na língua, como “tórax”) que mantêm um padrão de acento excepcional, do ponto de vista da regra *default* de posicionamento do acento do PB. No entanto, analisando a questão do ponto de vista de uma abordagem não-linear do acento, que considera o léxico estratificado, por ser o acento do PB atual lexical (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a), os padrões canônicos podem conviver com padrões não-esperados, gerados em níveis lexicais mais profundos, próprios dos padrões excepcionais.

Em (4.12’), para *best-sellers*, ao contrário do esperado para a acentuação de palavras compostas no IA, o acento recai sobre o último termo do composto, na sílaba [’se]. Verificou-se, assim, a manutenção do posicionamento do acento (que já era excepcional em inglês) na realização fonética em PB.¹⁵⁰ O padrão excepcional de acento no IA se deve, neste caso, ao fato de a última palavra do composto (*sellers*) não ser um monossílabo, sendo constituída de duas sílabas; nesse contexto, constituintes ramificados atraem para si o acento, nos compostos (cf. HOGG; McCULLY, 1991[1987]).

¹⁵⁰ Macmillan (2004, versão em CD-ROM) e CEP (2003, versão em CD-ROM) trazem o acento em [’se].

(4.12')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>best-sellers</i>	/ ₁ best.'se.lərs/	CVCC.CV.CVCC	/ ₁ beS.ti.'se.leRS/	CVC.CV.CVV.CVCC/ CVC.CV.CV.CVCC

4.2.4 Palatalização¹⁵¹

Para Cagliari (2002b, p. 103), “um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tʃ]), ou africativizada (do tipo [tʃ]) ou um deslocamento articulatorio em direção ao lugar de articulação palatal (como uma velar anteriorizada [k])”.

No PB, as consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ tornam-se africadas alveopalatais: [tʃ] e [dʒ], respectivamente, quando se encontram diante de uma vogal anterior fechada [i] (cf. SILVA, 2002, p. 57).

Cagliari (2002b, p. 103) apresenta os seguintes exemplos de palatalização no PB:

(4.41)

/tia/	[tʃia]	(“tia”)
/dia/	[dʒia]	(“dia”)

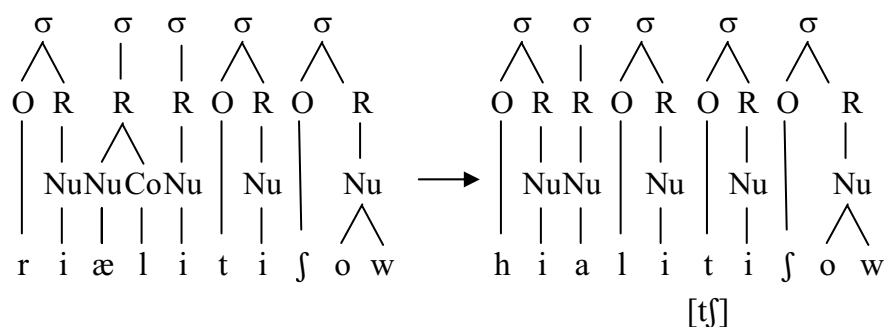
¹⁵¹ Câmara Jr. (2002[1973], p. 186) assim define o fenômeno de palatalização: “mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, em virtude de desdobramento da parte média da língua no palato médio. Na evolução da língua portuguesa, a palatalização criou quatro consoantes que não existiam no sistema de fonemas latino: na ordem construtiva uma chiante surda e uma chiante sonora; uma nasal palatalizada, uma líquida lateral palatalizada”.

A respeito do fenômeno de palatalização, vejam-se também os trabalhos de Monaretto et al. (2005[1996], p. 233), no qual se discute o fenômeno na visão linear e na visão autosegmental; Lee (1992), no qual a palatalização é tratada sob a perspectiva da fonologia lexical e é vista como um fenômeno pós-lexical; e Silva (2003), que aborda a variação dialetal do processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no PB.

Os sujeitos considerados nesta pesquisa falam uma variedade do PB em que é normal a ocorrência de palatalização de /t/ e /d/ quando há o contexto para desencadear esse fenômeno: /t/ e /d/ diante de vogal anterior fechada [i].

No corpúsculo analisado, foram mapeados diversos exemplos em que ocorreu a palatalização de /t/: (4.6) *internet*, (4.7) *light*, (4.8) *site*, (4.9) *hits*, (4.11) *socialite*, (4.12) *best-sellers*, (4.24) *software*, (4.26) *marketing*, (4.42) *reality show* (abaixo).

(4.42)



Os casos mapeados no corpúsculo em que ocorreu palatalização de /d/ são os seguintes:

(4.14) *AIDS* e (4.16) *ready made*. Em um único caso ocorreu palatalização de /d/ e de /t/: (4.17) *fast food*.

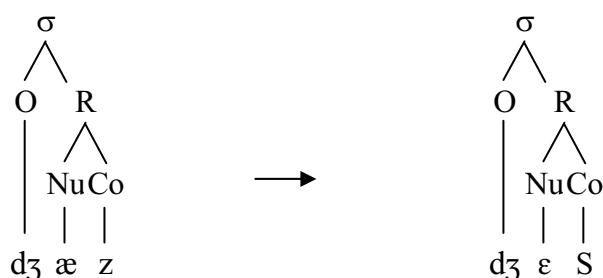
Em (4.13) *impeachment*, [tʃ], som inexistente como fonema em PB e que ocorre apenas como alofone de /t/, se mantém porque ocorre exatamente no contexto (diante do [i] epentético) em que pode ocorrer como alofone posicional de /t/ no PB. Pelo mesmo motivo, em (4.32), *jeans*, há a manutenção do som inexistente no português como fonema independente /dʒ/. Em português, [dʒ] é alofone posicional de /d/, que ocorre diante de /i/ (contexto verificado em *jeans*).

Em (4.43), relativo à palavra *jazz*, mantém-se o som inexistente no português como fonema independente /dʒ/. A manutenção de /dʒ/, neste caso, pode ocorrer por duas razões: (i)

a palavra continua a ser sentida como estrangeira; por isso, pode manter sons “alienígenas”;

(ii) houve uma reanálise da forma de base dessa palavra: de /dʒæs/ para /diəs/, que, foneticamente, se realiza como [dʒɛs].

(4.43)



4.2.5 Vocalização de /l/ em posição de coda silábica¹⁵²

De acordo com Silva (2002, p. 63), em posição final de sílaba (“cal”, “selva”), o fonema /l/ tem duas possibilidades de realização fonética: (i) o fonema /l/ pode ocorrer como uma lateral alveolar (ou dental) velarizada [ɫ] e, neste caso, a palavra “cal” é transcrita foneticamente como [ˈkaɫ]/ (pronúncia de variedades do Sul do Brasil e de Portugal); (ii) pode ocorrer a vocalização do fonema /l/, que é a pronúncia da maioria dos dialetos do PB. “Cal” seria então transcrita como [ˈkaʊ].¹⁵³ Câmara Jr (2004[1970], p. 51) também descreve o processo de vocalização e acrescenta que, como resultado, “mal” torna-se homônimo de “mau”.

¹⁵² Lee (1992) trata a vocalização como um fenômeno pós-lexical, de acordo com a fonologia lexical. Isto implica na aplicação deste fenômeno em todos os casos em que há contexto para a sua ocorrência, sem exceções. Silva e Oliveira (2001) comparam o fenômeno da vocalização de /l/ no final de palavras em PB e em PE, constatando que em PB há a ocorrência de vocalização de /l/, enquanto que em PE ela não ocorre.

¹⁵³ Bollela (2002, p.67) concluiu que devido a esse fenômeno de vocalização, há uma tendência a que os brasileiros não diferenciem palavras como goal [ˈgoʊl] e go [ˈgoʊ].

Freitas e Neiva (2006, p. 15) observam que ao aplicar esse processo “o falante estaria automaticamente simplificando o grupo consonantal das palavras que contêm uma lateral ou uma nasal em um grupo consonantal na posição de coda ao aplicar os processos fonológicos de sua língua materna que afetam tais segmentos e que são sensíveis à estruturação silábica”.

No cópús analisado, verificou-se, em (4.38') *e-mail* e (4.39') *crystal*, a vocalização do /l/ na coda da última sílaba. Trata-se da aplicação de um processo fonológico sem exceções no PB atual a uma palavra originariamente inglesa.

(4.38')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>e-mail</i>	/i.mejɫ/	V.CVVC	/i.'mej.u/	V.CVV.C

(4.39')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>crystal</i>	/kɾɪs.təl/	CCVC.CVC	/kɾiS.'tal/ [kɾistaɯ]	CCVC.CVV

4.2.6 Apagamento

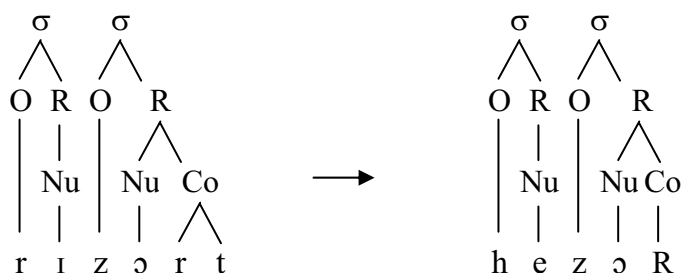
Apagamento ou eliminação, queda, truncamento, “ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema” (CAGLIARI, 2002b, p. 101). Assim como a epêntese, o apagamento ocorre para “resolver” sílabas anômalas. Esses dois processos, no

entanto, atuam em direções contrárias, uma vez que enquanto a epêntese acrescenta elementos o apagamento suprime.¹⁵⁴

Em (4.13) *impeachment*, percebe-se o apagamento do /t/ final na realização dos sujeitos desta pesquisa para esta palavra específica.¹⁵⁵ Desta forma, a sílaba final da palavra em questão, que antes era CVCC, um padrão possível no PB, mas não com os segmentos /Nt/ na posição de coda, é re-estruturada, tornando-se CVC, com a nasal /N/ na coda.

O apagamento do segmento consonantal oclusivo /t/ em posição de coda pode ser uma das possíveis explicações para a realização em (4.44), correspondente à palavra *resort*:

(4.44)



Uma outra possível explicação para o fenômeno observado acima seria a ocorrência de haplologia.¹⁵⁶ A haplologia é “um processo fonológico em que há a queda total de uma sílaba no encontro de duas sílabas semelhantes átonas em fronteiras de palavras” (PAVEZI,

¹⁵⁴ Freitas e Neiva (2006, 16-17), quanto à estratégia de supressão da obstruinte, verificaram que esta teve baixíssima produtividade na fala da informante por elas investigada. Os únicos exemplos de sua aplicação envolviam a mesma obstruinte, a alveolar surda /t/ em final absoluto ou em sândi externo.

¹⁵⁵ Este processo talvez indique a entrada desse estrangeirismo no PB via oral, uma vez que, por via escrita, talvez ocorresse uma epêntese vocálica final e o deslocamento de /t/ para o *onset*.

¹⁵⁶ No *Dicionário de Lingüística*, de Jean Dubois et al. (1973), encontra-se a seguinte definição para o fenômeno de haplologia: “É um caso particular de síncope por dissimilação que consiste em supressão de uma sílaba quando na mesma palavra aparecem contíguas duas sílabas iniciadas pela mesma consoante. Ex: *trágico-cômico* por *trágico-cômico*, *idolatria* por *ídolo-latria*, *bondoso* por *bondadoso*, *morfonologia* por *morfofonologia*.” (DUBOIS et al., 1973, p. 321).

Uma outra definição encontrada para esse processo é a de Crystal (1985, p. 162), segundo a qual a haplologia é um termo usado na Fonologia, em estudos sincrônicos e diacrônicos, para se referir ao apagamento de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência com articulações semelhantes.

2006, p. 1947). Como exemplos, podem-se citar: “Faculda(de) de Letras”; “lei(te) de côco”.¹⁵⁷

No contexto estudado, “O resort de Florianópolis tem oito quadras de saibro, com instrutores, e aluga equipamento” (P10), é possível que os sujeitos desta pesquisa tenham interpretado a palavra *resort* como [ri'zɔɪtʃi] e, devido ao contexto (“resort de”), tenham realizado a haplologia, apagando a última sílaba /ti/ pela semelhança com a sílaba da palavra seguinte /di/: /ri'zɔɪdʒi/.¹⁵⁸

4.2.7 Ambissilabidade

Segundo Hogg e McCully (1991[1987], p. 50-59), um segmento é ambissilábico quando pertence a duas sílabas ao mesmo tempo. De acordo com Hogg e McCully (1991 [1987], p. 51), os falantes nativos de inglês não conseguem saber ao certo se o /n/ na palavra *honest* pertence à primeira ou à segunda sílaba. De acordo com os autores (HOGG; McCULLY, 1991[1987], p. 52-53), uma solução para o problema seria

to accept the Principle of Maximal Onsets in the underlying syllabification of the structure of the language, and then have a rule which, wherever possible according to rules of syllable structure, make intervocalic consonants members of both syllables, or, to use the technical term, ambysyllabic.

¹⁵⁷ Tenani (2002, p. 138) concluiu, em seu estudo, que a haplologia não ocorre quando a sequência candidata for /ti + di/, e tende a ocorrer quando são /di + ti/, /ti + ti/ e /di + di/. Isso foi posteriormente confirmado por Pavezi (2006).

¹⁵⁸ A sílaba que vem depois de *resort* é *de*, realizada como [dʒi]. As sílabas /ti/ e /di/ são semelhantes porque /t/ e /d/ têm todos os traços em comum, com exceção do de vozeamento; é por isso que o fenômeno é possível no contexto estudado.

Comparando os casos de *petrol* e *patrol*, nos quais no primeiro o /t/ parece ser ambissilábico e no segundo, não, os autores apontam o acento tônico da primeira sílaba como crucial para demonstrar a ambissilabidade em *petrol*:

The reason for this goes back to the structure of stressed and stressless syllables. In unstressed syllables, amongst other features, there will only be an obligation for one mora to be present, that is to say, one crucial difference between a stressed and an unstressed syllable will be that whereas a stressed syllable must contain either a long vowel (or diphthong) or short vowel plus a consonant, an unstressed syllable need only contain a short vowel or syllabic consonant, e.g. the second syllables of happy and bottle (HOGG; McCULLY, 1991 [1987], p. 53-54).

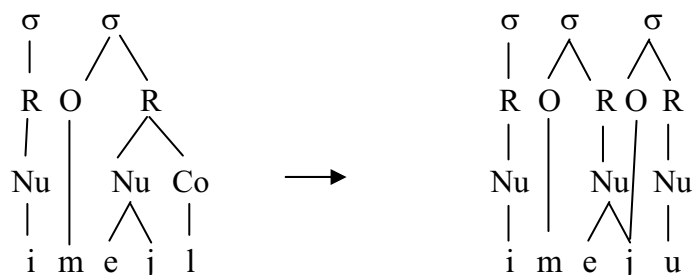
Hogg e McCully (1991[1987], p. 54) argumentam que, se se considerar a estrutura silábica de *petrol* e *patrol* como sendo a mesma, *petrol* viola o modelo de estrutura do acento, pois a sílaba /pe/ é tônica e contém na rima apenas uma vogal breve. Assim, somente a ressilabificação de /t/ faz com que essa consoante se torne ambissilábica, tornando o padrão silábico desta palavra condizente com o posicionamento do acento que apresenta.¹⁵⁹

Segundo Mateus e d'Andrade (2000, p. 63-64), a única possibilidade de ambissilabidade em português diz respeito à vogal /i/, quando esta ocorre em contexto intervocálico, em palavras como *saia*, *areia*. No corpus analisado neste trabalho, ocorre o contexto para a ocorrência de ambissilabidade na palavra (39) *e-mail*. Com relação a esta palavra, em inglês, o ditongo está no núcleo da sílaba, seguido da lateral na coda. No PB, a lateral se vocalizou em [u], deslocando-se para o núcleo silábico; assim, a semivogal /i/ do

¹⁵⁹ Nem todos os autores concordam com a ocorrência do fenômeno. Blevins (1995, p. 232) acredita que a ambissilabidade não ocorre: “*extending syllable theory to incorporate ambisyllabicity allows for systems in which a minimal three-way phonological distinction in intervocalic consonants is possible: these segments may belong exclusively to the second syllable (typical output of the CV-rule); exclusively to the first syllable; or to both syllables. However, [...] ambisyllabic representations are unnecessary when rules of resyllabification are invoked. One is led to conclude that until such minimal three-way phonological contrast are demonstrated, a theory without access to ambisyllabic representations is to be preferred on grounds of restrictiveness*”.

ditongo decrescente /ej/ passa a ocupar também a posição de ataque silábico do ditongo crescente /ju/.

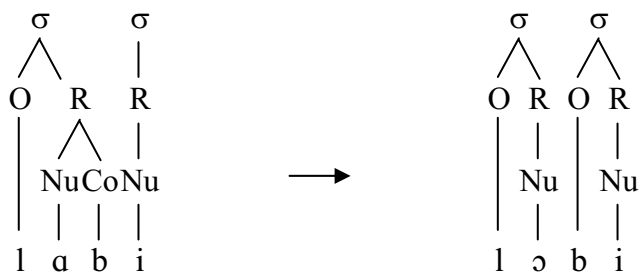
(4.38'')



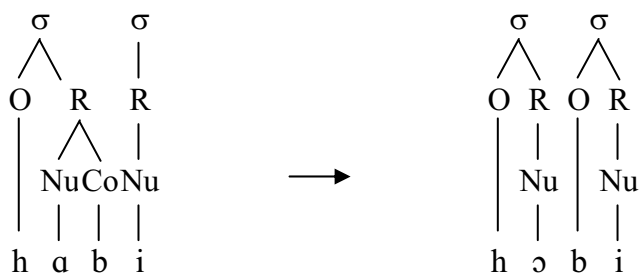
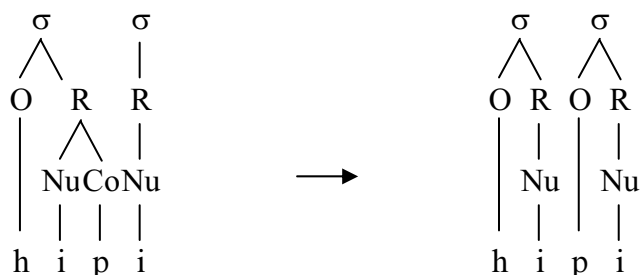
Devido às diferenças entre IA e PB quanto às consoantes que podem aparecer em posição de coda, observa-se a mudança da estrutura silábica sem que haja necessidade de apagamento consonantal ou inserção vocálica. Isso foi observado no córpus quando consoantes oclusivas ou laterais ocupavam a posição de coda silábica, seguida de uma outra sílaba constituída por V, em estruturas do tipo CVC.V. Esse tipo de estrutura não é possível no PB. Nesses casos, as consoantes em posição de coda são transferidas para o *onset* vazio posterior, gerando sílabas CV.CV.

Seguem-se os exemplos em que isso foi observado¹⁶⁰:

(4.45) *lobby*



¹⁶⁰ Casos como os citados, poderiam, na visão de Hogg e McCully (1991[1987]), ser representados através de árvores nas quais a consoante da coda fosse ambissilábica.

(4.46) *hobby*(4.47) *hippie*

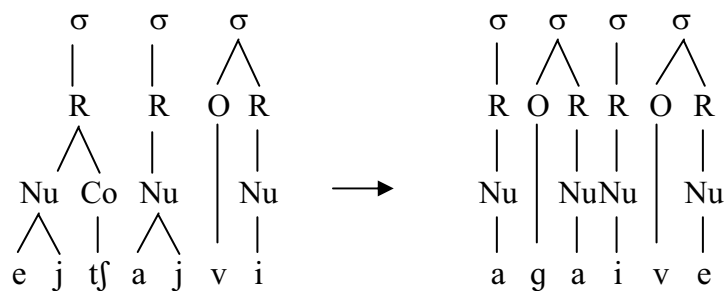
Vejam-se também os exemplos já mencionados anteriormente: (4.10) *megabytes*, (4.28) *shopping*, (4.36) *videogame*, (4.42) *reality show*.

4.2.8 A pronúncia de siglas

Conforme visto em 3.4, há duas maneiras possíveis de se ler siglas em PB. Elas podem ser lidas como seqüências de consoantes e vogais, de acordo com as regras do PB, caso tenham uma estrutura do tipo CV ou semelhante (“FEBEM”); ou podem ser lidas pronunciando-se os nomes das letras que a formam (“INPS”, “OAB”) (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1992b, p. 130). No cópua analisado, percebeu-se que os sujeitos aplicaram essas regras também à pronúncia de siglas estrangeiras.

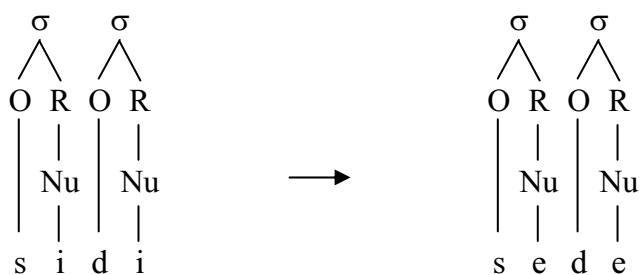
Em (4.48) *HIV*, tanto em PB como em IA, são pronunciados os nomes das letras que formam a sigla. Isto se dá a partir das regras de decifração da escrita próprias de cada uma das duas línguas.

(4.48)



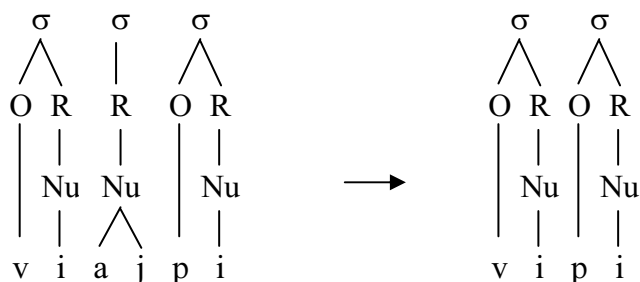
No caso de (4.49), para a pronúncia da sigla *CD*, tanto em PB quanto em IA, são pronunciados os nomes das letras que formam a sigla.

(4.49)



Quanto a (4.50) *Vip*, em inglês pronuncia-se essa sigla através do nome das letras e em PB, como se fosse uma única palavra. A forma original sofre epêntese no final, para resolver a situação anômala no PB da ocorrência de /p/ em posição de coda (vejam-se outros exemplos em que isso ocorre em 4.2.1.2.4), e a sigla passa a ter a estrutura CVCV.

(4.50)



4.3 Levantamento das adaptações segmentais sofridas pelos 50 anglicismos considerados para análise na passagem do sistema fonológico do IA para o sistema fonológico do PB

As adaptações segmentais verificadas acontecem quando em PB não ocorre com função fonêmica (distintiva) o mesmo som utilizado em IA, havendo a necessidade de os falantes de PB buscarem em seu inventário de sons aquele que mais se assemelha ao som da língua de partida.

4.3.1 /ɑ/

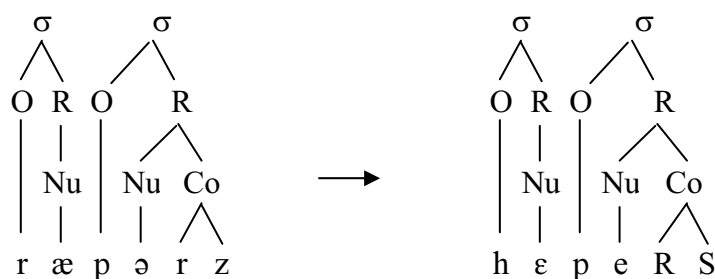
Como o som /ɑ/ (vogal posterior baixa) não existe no sistema de vogais do português como um fonema distinto, mas apenas como fone possível em alguns contextos específicos (como, por exemplo, no ditongo “maus”, diante de semivogal alta posterior), os sujeitos da pesquisa utilizam o som do /ɔ/ (vogal posterior média-baixa) no seu lugar, por ser o fonema mais próximo desse no sistema do português, o que configura uma adaptação segmental.

Na palavra (4.19) *pop*, por exemplo, além da epêntese já explicitada anteriormente, o som /ɑ/, grafado por <o>, é substituído pelo som /ɔ/ ([^hpaɔ] – [^hpɔp]). Outros exemplos em que essa adaptação ocorre são: (4.21) *rock*, (4.24) *software*, (4.45) *lobby*, (4.46) *hobby*.

4.3.2 /æ/

Observou-se a substituição do som /æ/, devida ao fato de inexistir esse som como fonema independente em português, pelo som semelhante /ɛ/ - exemplos: (4.17) *fast food*, (4.42) *reality show*, (4.43) *jazz*, (4.51) *rappers*.

(4.51)

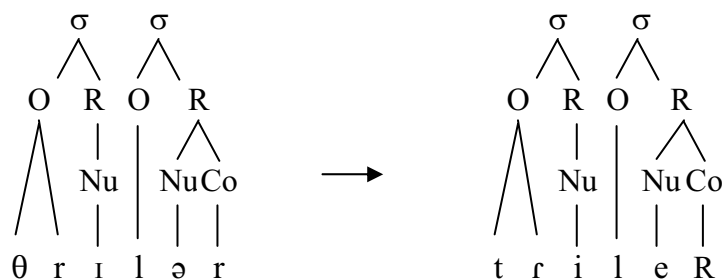


Em (4.5) *spam* e (4.30) *lan houses*, há o levantamento de /æ/, som inexistente no português enquanto fonema distinto, seguido de nasalização, que passa a ser realizado como [ẽ], a partir da projeção das regras de decifração da ortografia do português sobre a forma ortográfica do inglês.

4.3.3 /θ/

O som do *th* em inglês /θ/, fricativa dental desvozeada, não existe em português como fonema; por isso, é um som difícil de ser imitado pelos falantes de PB. Desta forma, os falantes tendem a substituí-lo por um som semelhante próprio do PB. No caso de (4.52) *thriller*, na pronúncia produzida pelos sujeitos desta pesquisa, a substituição é feita por /t/ (oclusiva alveolar desvozeada).

(4.52)



Há casos em que /θ/ pode ser substituído em PB por /f/ (fricativa labiodental desvozeada) ou /s/ fricativa alveolar desvozada, principalmente quando /θ/ ocorre em final de palavra, como em *bluetooth*.

4.3.4 Substituição de /tʃ/ por /ʃ/

No exemplo (4.20) *chips*, apresentado anteriormente, substitui-se o som do /tʃ/ por /ʃ/, isto é, a africada torna-se fricativa. Isto ocorre não porque o som /tʃ/ não exista no português - pois [tʃ] existe em português como alofone posicional de /t/ em algumas variedades, nas quais /t/ realiza-se como [tʃ] diante de /i/ (depois de /i/, na variedade sergipana) -, mas porque não tem *status* distintivo (fonêmico) nesta língua. Desta forma, há perda da porção oclusiva da consoante africada: [ˈtʃips] – [ˈʃips].

A explicação tem a ver também com a questão da ortografia. [tʃ] corresponde a uma das realizações fonéticas possíveis ligadas ao grafema <t> e não ao grafema <ch> que, de acordo com as regras de decifração do sistema de escrita do português, corresponde unicamente a [ʃ]. A mesma adaptação é verificada em *merchandising*: a africada /tʃ/ realiza-se como fricativa /ʃ/.

4.3.5 /ɪ/

Em (4.20) *chips*, quanto ao som da vogal grafada como <i>, ocorre um levantamento: o fonema /ɪ/ do IA passa a ser realizado como /i/ em PB, já que, ao contrário do que acontece no inglês, em que /ɪ/ e /i/ estão em oposição (isto é, são fonemas distintos), no PB [i] é uma das realizações possíveis do fonema /i/, ou seja, um alofone posicional deste (acontece apenas em posição átona final de palavra). Neste sentido, o som de [ɪ] não pode ocorrer em posição tônica no PB. Outros exemplos semelhantes mapeados no córpus são: (4.4) *miss*, (4.9) *hits*, (4.37) *design* e (4.52) *thriller*.

4.3.6 Schwa (/ə/)

Segundo Houaiss (2004, versão em CD-ROM), o *schwa* é “vogal central, média, não arredondada, de timbre indistinto e que é representada em fonética pelo e invertido (p.ex., o xevá ocorre no francês e é denominado "e mudo", como no final de *montaigne*; em português, na pronúncia de Portugal, o segundo e de *bebe*); *schwa*, *shwa*, *xuá*”.

Celce-Murcia et al. (2002, p. 108) fornecem a seguinte definição de *schwa*:

At the word level, the mid-central reduced vowel /ə/, which is often called schwa, is by far the most common reduced NAE vowel sounds, especially if one includes with schwa reduced vowels with a postvocalic /r/ as in father or brother. Schwa, which is closest in position to the stressed vowel /ʌ/, is produced with the muscles relaxed, the tongue in mid-position in the mouth, and the jaw slightly open.

O PB não tem *schwa* como vogal reduzida em posições átonas.¹⁶¹ Assim sendo, este som terá de ser substituído por uma das três vogais que aparecem em posição átona final no PB: /i, a, u/.

Nas posições tônica e pré-tônica, /e/ é o candidato mais natural a substituir o *schwa* no PB. A substituição de *schwa* por /e/ se dar pelo fato de /e/ ser a vogal pré-tônica do PB com a configuração de traços mais próxima do *schwa*. Além disso, enquanto o *schwa* é a vogal “neutra” – isto é, subespecificada - do inglês, para o PB a vogal “neutra” é o /e/, justamente a vogal que ocorre na epêntese (cf. LEE, 1993).

O som /ə/, nas palavras (4.6) *internet*, (4.12) *best-sellers*, (4.29) *merchandising*, (4.31) *bunker*, (4.40) *laser*, (4.51) *rappers* e (4.52) *thriller*, é substituído pelo som /e/ pelos falantes de PB. Já em (4.10) *megabytes*, (4.11) *socialites* e (4.39) *crystal*, talvez por influência da letra <a> na forma gráfica, a pronúncia é realizada como /a/. O /ə/ de (4.13) *impeachment* é realizado como a vogal nasal, [ẽ], devido ao processo de nasalização já descrito anteriormente.

4.3.7 /ʌ/

O som /ʌ/, vogal média-baixa posterior, usado nas transcrições dos dicionários considerados, tem as mesmas características do *schwa*, mas diferentemente deste, é tônico. Esse som não existe em português enquanto um fonema distinto e por isso costuma ser adaptado para /a/, vogal baixa anterior, por falantes de português aprendizes de inglês. Nos exemplos (4.22) *funk* e (4.31) *bunker*, o /a/ que ocorre em substituição a /ʌ/ sofre nasalização

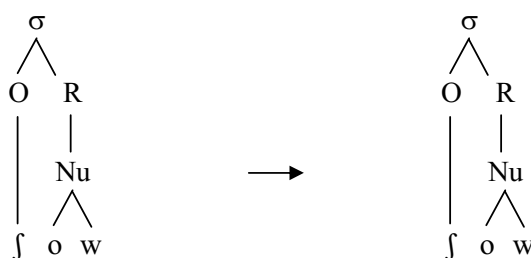
¹⁶¹ Bollela (2002, p. 70) afirma que “o *schwa* ocorre no PE e não ocorre no PB”.

diante de consoante nasal em posição de coda e é realizado como [ẽ], como descrito previamente.

4.3.8 Fechamento de /o/

No exemplo (4.53), abaixo, relativo à palavra *show*, apesar de ser representada na escrita pelo mesmo grafema tanto na língua de partida como na língua de chegada, a vogal /o/ do IA nesse contexto é um pouco mais aberta do que a do PB. Para um falante do PB, ela soa mais próxima de /o/ do que de /ɔ/; é por isso que a vogal fecha, ao invés de abrir.

(4.49)



A palavra *show*, em (4.53) é constituída de uma sílaba CVV (consoante + ditongo decrescente). No português, língua de chegada, existem palavras com a mesma estrutura: “vou”, “sou”, “dou”. Desta forma, trata-se de uma sílaba possível no português, não sendo necessárias adaptações quanto à sua estrutura.

4.3.9 Grafema <R>

A consoante grafada como <r> na palavra (4.27), *trekking*, em inglês, é realizada como uma retroflexa [ɻ] na língua original (nas transcrições fonológicas relativas à pronúncia padrão do IA utilizadas neste trabalho manteve-se o símbolo tradicionalmente utilizado pelos dicionários de língua inglesa para esse som: [ɻ]). Nas realizações fonéticas dos sujeitos desta

pesquisa para *trekking*, a consoante /r/ da sílaba *tre* (do inglês) realiza-se como [r] no PB, já que, ao lado de [l], é uma das únicas consoantes possíveis na segunda posição do *onset*, nesta língua, sendo a mais próxima de [ɹ], em termos de configuração de traços articulatorios.

4.3.10 Fricativização de <R>

O fonema /r/, no inglês, em início de palavra, realiza-se foneticamente como [ɹ], ou seja, uma retroflexa. Já no português, o som representado pelo grafema <r> em início de palavra pode ter diversas realizações, na sua maioria fricativas, mas nunca a retroflexa, que, no PB, ocorre apenas em posição de coda, conforme Cagliari (1982, p. 33):

O que se escreve com R ou RR, seguindo o sistema ortográfico do Brasil, pode ter muitas pronúncias diferentes, dependendo do contexto lingüístico e do dialeto. Assim, o que se escreve com RR pode ter como pronúncia [r, R, x, ʁ, ʁ, h, fi], eo que se escreve com R pode ter como pronúncia [r, ɾ, R, R, R, ɹ, ɹ, ɹ, x, ʁ, ʁ, h, fi].

Em (4.16) *ready made*, (4.25) *ranking*, (4.44) *resort*, (4.21) *rock*, (4.51) *rappers* e (4.42) *reality show*, há fricativização do /r/: de [r] para [h]. Os sujeitos desta pesquisa, dentre todas as realizações fonéticas do fonema /r/ em início de palavra em PB, optam por [h].

4.3.11 Influência da grafia na leitura

Muitas vezes, nas produções fonéticas dos sujeitos considerados nesta pesquisa, verificou-se a influência da forma ortográfica da palavra original inglesa como fator direcionador da sua pronúncia no contexto de PB.

Por exemplo, em (4.36) *videogame*, o ditongo /ow/ do inglês não é realizado em português. Isso se deve à transposição das regras de decifração da escrita do português para a leitura da escrita do inglês. Em inglês o grafema <o> pode ter som de /ow/. Em português isso não acontece. Pode haver ditongação, desfazendo o hiato entre /i/ e /o/. Dado o contexto para a palatalização, esta pode ocorrer, seguida ou não do apagamento de [ɪ]: [vidʒɪo'geɪmɪ] ou [vidʒo'geɪmɪ].

Já com relação à palavra (4.14), *Aids*, primeiramente, observa-se a mudança da qualidade (timbre) da vogal do núcleo. Esta alteração é devida não à impossibilidade de ocorrência do ditongo [eɪ] (/ej/), que efetivamente existe em PB, mas à transposição das regras de decifração da escrita do português sobre a escrita do inglês. Assim, no inglês, os grafemas <ai> podem corresponder a [eɪ] (/ej/), mas, em português, correspondem a [aɪ] (/aj/).

Outros casos em que se pode considerar que houve a influência da grafia na produção fonética das palavras focalizadas pelos sujeitos desta pesquisa são os seguintes:

- Na palavra (4.11) *socialites* o ditongo /ow/ do inglês não é pronunciado em PB e o grafema <c> é lido como /s/ diante de <i>, de acordo com as regras de decifração da escrita do português, enquanto no inglês tem-se /ʃ/.
- Em (4.44) *resort*, a vogal /i/ grafada por <e> foi realizada como /e/, talvez por influência da forma gráfica.
- Há mudança de /s/ para /z/ no caso de (4.30) *lan houses*, devido à transposição das regras de decifração da escrita do português sobre a forma original inglesa. Nessa posição, entre ditongo e vogal, o <s> ortográfico é lido como /z/ no PB.

4.3.12 Formas plurais

Segundo Câmara Jr. (2004[1970], p. 93), o morfema flexional de plural do português é fonologicamente o arquifonema /S/ das quatro fricativas não-labiais (sibilantes: /s/-/z/; chiantes: /ʃ/-/ʒ/) em posição posvocálica final. Segundo o autor (cf. CÂMARA Jr. 2004[1970], p. 94-95), os substantivos terminados por consoantes no singular, como “mar”, “correspondem a uma forma teórica com um tema de vogal *e* (/i/ átono final)”, ou seja, “mare”. Assim, a forma de plural para “mar” é “mares”.

As palavras (4.12) *best-sellers* e (4.47) *rappers* foram analisadas em sua forma plural, que seguindo o padrão do PB, deveriam ser produzidas como “selleres” (e não “sellers”), “rapperes” (e não “rappers”). No entanto, as formas efetivamente produzidas pelos sujeitos desta pesquisa são excepcionais para o português, embora possam ser verificadas em algumas variedades do PB, nas quais ocorrem plurais como “júnioris” e “sênioris”, padrão não-esperado (o esperado, segundo o padrão das gramáticas escolares, é “juniôres” e “seniôres”). Desta forma, pode-se afirmar que, apesar de não-esperados do ponto de vista da regra mais geral de formação do plural dos nomes no PB, as pronúncias realizadas para (4.12’) *best-sellers* e (4.51’) *rappers* correspondem a padrões marginais, porém existentes nesta língua.

(4.12’)

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>best-sellers</i>	/ best.'se.lərz/	CVCC.CV.CVCC	/ beS.ti.'se.leRS/	CVC.CV.CVV.CVCC/ CVC.CV.CV.CVCC

(4.51')

Item lexical	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>rappers</i>	/ˈræ.pərz/	CV.CVCC	/ˈhæ.peRS/	CV.CVCC

4.4 Considerações finais

Nesta seção, descreveram-se os processos fonológicos responsáveis pelas adaptações na pronúncia sofridas pelos anglicismos considerados na passagem do IA para o PB, a partir da realização fonética produzida pelos sujeitos desta pesquisa.

A partir do que foi observado nesta seção, pode-se afirmar, com certeza, que a estrutura fonológica das realizações fonéticas produzidas pelos sujeitos desta pesquisa para os anglicismos considerados em nada foge à gramática fonológica da língua de destino, o PB. Desta forma, pode-se afirmar o *status* fonológico nativo de tais palavras, ou seja, sua pronúncia já se adaptou à estrutura fonológica do PB, apesar de manterem suas grafias estrangeiras. Desta forma, a partir dos dados coletados e analisados nesta dissertação, não é possível afirmar que existem anglicismos não-adaptados; do ponto de vista fonológico, todos os anglicismos observados já se encontram plenamente adaptados.

Conclusão

Como foi visto na subseção 1.3 desta dissertação, os estrangeirismos, de diversas origens, sempre tiveram influência na formação do léxico do PB. A escolha da língua que mais contribui como fonte de estrangeirismos para outra língua em uma determinada época está sempre relacionada com situações políticas, econômicas e culturais. Isso faz com que termos estrangeiros sejam facilmente adotados por grupos específicos, que os sentem como um indicador de *status*, de moda ou de novidades tecnológicas, e que, ao mesmo tempo sejam odiados por aqueles que se sentem ameaçados pelo domínio e pela influência de outras nações - que se faz sentir também através da língua.

Conforme foi apresentado na subseção 1.1 desta dissertação, os estrangeirismos são um mecanismo de formação de neologismos reconhecido por diversos autores (GUILBERT, 1975; BOULANGER, 1979; CARVALHO, 1989; SANDMANN, 1997, BIDERMAN, 2001, ALVES, 2004). Sua relevância para a formação do léxico do PB atual fica evidenciada pelo *cópus* coletado para esta pesquisa, composto de 290 termos, totalizando 1326 ocorrências. É preciso considerar também que muitas palavras estrangeiras dão origem a outras, por derivação ou composição, como “boxe” (do inglês *box*) que forma “boxear”, “boxeador”; e “nocaute” (do inglês *knockout*), que forma “nocautear”, para citar apenas alguns exemplos. Fica, assim, evidente que as palavras de origem estrangeira contribuem para a formação do léxico do PB, direta ou indiretamente.

Dos termos coletados, 200 já estão dicionarizados com a grafia estrangeira, e 90 ainda não estão dicionarizados, de acordo com os dicionários de língua portuguesa consultados (HOUAISS, 2004; DUNESP, 2004, AURÉLIO, 1998). Alves et al. (2004, p. 121) consideraram como sendo casos de neologismos por estrangeirismo no *cópus* por eles coletados apenas as palavras ainda não dicionarizadas. Se esse mesmo critério for adotado

para o presente trabalho, conclui-se que 90 termos dentro do *córpus* aqui coletado podem ser considerados neológicos, mas os outros 200 já foram neológicos em algum momento no passado, mas não o são mais, porque atualmente encontram-se registrados em dicionários de língua portuguesa. Para os termos ainda não dicionarizados, pode haver diferentes soluções, no decorrer da história da língua: em caso de continuarem como termos de uso comum, pode ser que os termos não dicionarizados entrem para os dicionários de PB com suas grafias de origem ou que suas grafias sejam adaptadas aos padrões do PB e que eles sejam dicionarizados com grafia aportuguesada; por outro lado, pode ser que caiam em desuso e não cheguem nunca a ser dicionarizados.¹⁶²

No entanto, independentemente de constarem dos dicionários de PB ou não, ou de terem sua grafia adaptada ou não a essa língua, os estrangeirismos são compreendidos e utilizados pelos falantes que têm o relevante conhecimento de mundo (e não necessariamente conhecimento da língua estrangeira), o que fica evidenciado pela sua frequência de uso no *córpus* coletado. Desta forma, dadas a sua frequência e a naturalidade com que são empregados pelos falantes desta língua, especialmente na fala, acredita-se que essas palavras já estejam incorporadas ao léxico dos falantes (independentemente de sua dicionarização) e com pronúncia já adaptada ao PB.

De acordo com Houaiss (2004, versão em CD-ROM), “*adaptação*” pode ser definida como “ajuste de uma coisa a outra”. Assim, a “*adaptação*” de um estrangeirismo à língua de destino pode ser definida como qualquer alteração em relação à forma da língua de partida para adequar a palavra às estruturas da língua de chegada. Como já foi discutido anteriormente na seção 1.4, as adaptações podem ocorrer em diferentes níveis: fonético-

¹⁶² Sobre o tratamento dado por dicionaristas aos estrangeirismos em PE, veja-se o trabalho de Rebello d’Andrade e Lopes (2003), no qual os autores concluem que há hesitações por parte dos dicionaristas em relação ao seu tratamento.

fonológico, morfológico, gráfico, sintático, semântico (cf. DERROY, 1956; GUILBERT, 1975; CARVALHO, 1989; ALVES, 2004; FREITAS et al., 2003).

Nesta dissertação, foram investigadas as adaptações dos anglicismos mapeados no corpus coletado no nível fonético-fonológico. A partir da análise desenvolvida na seção 4, foi possível observar que os anglicismos considerados, quando pronunciados em contexto de PB, sofrem uma série de adaptações fonológicas para se adequarem à estrutura sonora desta língua.

Desta forma, esta dissertação aponta indícios para a comprovação da tese de que a adaptação dos estrangeirismos começa pelo nível fonético-fonológico, que é, ao mesmo tempo, uma adaptação em si mesma e pré-requisito para os demais tipos de adaptação, pois, embora tenham sido estudados apenas os anglicismos graficamente “alienígenas” (isto é, ainda não adaptados à ortografia do PB), mesmo estes já apresentam adaptações em sua pronúncia por falantes brasileiros.

Com base na análise apresentada, foi possível observar que as adaptações sofridas pelos anglicismos ao serem pronunciados em PB são motivadas pelas diferenças entre as estruturas fonológicas do PB e do IA, sendo que em uma mesma palavra podem ocorrer mais de um processo fonológico em direção à adaptação da pronúncia dessa palavra específica. Isto está de acordo com o que afirmam Freitas e Neiva (2006, p. 25):

Tudo indica que o molde silábico da língua nativa é o primeiro fator a se impor quando o falante se depara com formas estrangeiras. Uma vez tendo identificado os núcleos silábicos nas formas não nativas, o falante inicia um procedimento de silabação que parte de uma escala universal de sonoridade que se ajusta, porém, às restrições fonotáticas específicas de sua língua. Para contornar a impossibilidade de associar determinados segmentos a um dado constituinte silábico é que o falante irá recorrer às estratégias de inserção ou supressão já mencionadas. Desta maneira busca alcançar, como resultado, uma estruturação silábica condizente com os cânones de sua língua, não só no que se refere ao molde silábico em si, como também à projeção máxima de cada constituinte da sílaba e aos segmentos que podem preencher cada uma dessas posições.

Mas não só o molde silábico é importante, como afirmam as autoras acima, mas também a estrutura fonêmica e os padrões acentuais da língua de chegada.

Freitas (1992, p. 80) concluiu, e neste trabalho comprovou-se, que os procedimentos fonológicos instanciados quando da nativização de empréstimos do inglês são aqueles já usuais no sistema do português. Não há nenhuma estratégia exclusiva à nativização.

Os processos fonológicos utilizados pelos dois sujeitos desta pesquisa, falantes de PB, para adaptar a pronúncia dos anglicismos analisados na seção 4 deste trabalho podem ser resumidos no Quadro 5.1 a seguir:

Processo Fonológico	Exemplo
Epêntese e ressilabação motivadas por onsets complexos não licenciados no PB	<i>stress</i> → [is'tres]
Epêntese e ressilabação motivadas por codas complexas não licenciadas no PB	<i>software</i> → ['sɔfitʃweɪ]
Epêntese e ressilabação motivadas por consoantes oclusivas em posição de coda	<i>internet</i> → [ĩteɪ'netʃi]
Nasalização de vogais seguidas de consoante nasal	<i>ranking</i> → ['hẽkĩ]
Realização da consoante nasal plena em posição de coda, deslocamento da nasal pra a posição de onset	<i>game</i> → ['geĩmĩ]
Adaptação da posição do acento, em palavras simples e compostas	<i>crystal</i> → [kris'taũ] <i>videogame</i> → [vidʒɔ'geĩmĩ]
Palatalização de /t/ e /d/	<i>site</i> → ['sai̯tʃi]
Vocalização da lateral alveolar vozeada /l/ em posição de coda silábica	<i>e-mail</i> → [i'meũ]
Apagamento da consoante oclusiva em posição de coda em final de palavra	<i>impeachment</i> → [ĩ'pitʃimẽ̃]

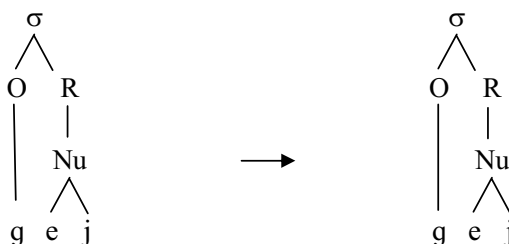
Quadro 5.1. Resumo dos processos fonológicos desencadeados pelos sujeitos ao pronunciarem os anglicismos.

As adaptações observadas no nível segmental ocorreram através da substituição de fonemas inexistentes no PB por fonemas semelhantes existentes nesta língua. Os principais casos de adaptações segmentais incidiram sobre a realização dos seguintes fonemas do IA: /ɑ/ (*blogs*); /æ/ (*jazz*; *spam*); /θ/ (*thriller*); /ɪ/ (*hits*); /ə/ (*bunker*); /ʌ/ (*funk*); fricativização de <R> (*rock*); /ɹ/ (*trekking*). Observou-se uma realização diferenciada para um mesmo fonema, como o fechamento de /o/ em *show*. Puderam ser verificados casos em que as adaptações não foram motivadas pelas diferenças fonêmicas entre as línguas de partida e de chegada, mas por influência dos padrões ortográficos da língua de chegada na leitura de termos de origem estrangeira, o que leva os falantes a realizarem na leitura a pronúncia de grafemas de acordo com o sistema de decifração da escrita do PB, como por exemplo o /tʃ/ de *chips*, que é lido /ʃ/; *Aids*, em que o ditongo /eɪ/ é decifrado como /aɪ/, de acordo com a ortografia do PB.

É importante retomar, à luz da análise desenvolvida na seção 4 desta dissertação, a citação de Carvalho (1989, p. 45), já apresentada na seção 1: “enquanto fonologicamente é difícil provar a adaptação de um termo, o mesmo não ocorre em relação à morfologia, pois neste caso a adaptação reflete-se na grafia e o termo passa a integrar a língua”. A análise desenvolvida na seção 4 comprova que a afirmação de Carvalho é equivocada, uma vez que, como foi comprovado neste e em trabalhos anteriores (FREITAS, 1992; FREITAS; NEIVA, 2006), a adaptação fonológica não é difícil de ser provada a partir da análise de dados orais. Além disso, as posteriores adaptações gráficas vêm apenas comprovar que a adaptação no nível fonológico já está consolidada, como no caso da forma gráfica aportuguesada adotada para a palavra *rock*: “roque”. Na grafia adaptada fica evidenciada a ocorrência do processo fonológico de epêntese vocálica no final da palavra, que transforma uma sílaba do tipo CVC, com uma consoante oclusiva na coda (caso não licenciado em PB), em duas sílabas do tipo CV, padrão silábico canônico nesta língua.

Em algumas palavras, apesar de adaptações segmentais (às vezes mínimas) terem sido observadas, a estrutura silábica foi mantida. Isso se deve ao fato de a estrutura silábica do anglicismo ser possível também em PB. É o que ocorre com relação à palavra *gay*, em (5.1), constituída de uma sílaba formada por consoante seguida de núcleo contendo um ditongo, um padrão silábico perfeitamente possível no PB, semelhante ao das palavras “sei”, “dei” e “rei”. Por se tratar de uma sílaba prevista pelos padrões do português, não há necessidade de adaptações quanto ao padrão silábico. Foneticamente, é perceptível uma pequena adaptação da forma como os falantes de PB pronunciam o ditongo /ej/ (um pouco mais fechado, quanto à vogal do núcleo, do que o original inglês).

(5.1)

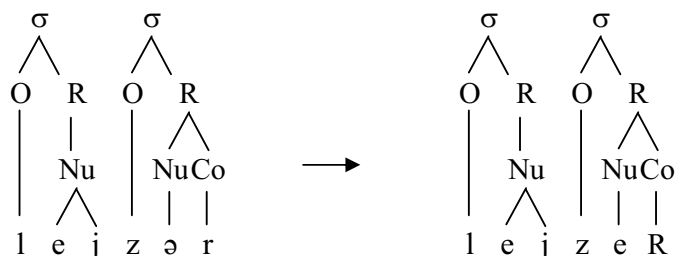


Apesar de alguns poucos casos não apresentarem adaptações significativas (justamente porque possuem na língua de origem estruturas silábica e segmental existentes também no PB), quase todos os estrangeirismos analisados apresentaram algum tipo de adaptação fonológica, estando integrados aos padrões do PB, distanciando-se, em maior ou menor grau, dos padrões da língua de partida.

Um outro caso no qual não há necessidade de adaptação da estrutura silábica é *laser*, em (5.1). As sílabas do tipo consoante+ditongo e consoante+vogal+consoante ([+soante] ou [+estridente], no caso /R/) da palavra *laser* são possíveis em português; logo não há necessidade de mudanças em sua estrutura silábica. No entanto, a palavra *laser* mantém o padrão acentual do inglês, como foi discutido anteriormente na subseção 4.2.3.3, pois o

sistema do português permite a existência de padrões paroxítonos excepcionais marginais, com o acento na penúltima sílaba e a última sílaba pesada, como em “revólver”.

(5.2)



Às vezes as diferenças entre as pronúncias nas duas línguas, a de partida e a de chegada, são tantas, que os falantes nativos da língua de partida já não são mais capazes de reconhecer como palavras da sua língua as realizações fonéticas dos falantes da língua de chegada. Por exemplo, a realização fonética dos sujeitos desta pesquisa para a palavra *internet* pode até não ser mais reconhecida como pertencente à língua inglesa por um falante nativo daquela língua: houve mudança na quantidade de sílabas, na posição do acento, além da aplicação de processos fonológicos como a nasalização da vogal inicial seguida de consoante nasal, a palatalização de /t/, a substituição do som /ə/ (inexistente em PB) por /e/. Ou seja, é impossível afirmar que uma palavra como *internet* ainda seja estrangeira em sua pronúncia; afirmações dessa natureza só são possíveis quando se toma por base apenas a grafia da palavra e não se levam em consideração os aspectos fonológicos, que governam a sua realização fonética.

Da forma como foi pronunciada pelos sujeitos desta pesquisa, falantes de PB, a palavra *chips* (realizada como [ˈʃipis]), se realizada no contexto de IA, pode inclusive causar mal-entendidos ou ter resultados cômicos, como o mencionado por Câmara Jr. (2004[1970], p. 35), já que um falante nativo de inglês pode confundi-la com o plural de *sheep* [ʃip] (“ovelha”).

Em relação à questão de naturalidade dos termos ingleses usados em contexto de PB, pode-se dizer que, do ponto de vista fonético-fonológico, os anglicismos analisados perderam muitas das características da língua de partida, o IA, incorporando os padrões fonológicos da língua de chegada, o PB. As possíveis adaptações morfológicas e gráficas (Quadro 3.1) posteriormente sofridas pelas palavras estrangeiras e que supostamente representam a pronúncia aportuguesada dessas palavras vêm apenas confirmar este argumento.

Bagno (2004, p. 75) considera que a pronúncia das palavras estrangeiras “se faz de acordo com as características fonético-fonológicas do português brasileiro, ou seja, elas são tratadas foneticamente como se não fossem estrangeiras”. Foi exatamente isso o que foi comprovado através da análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Desta forma, uma das questões que se coloca é: faz sentido, do ponto de vista fonético-fonológico, estabelecer a distinção dos termos “estrangeirismo” e “empréstimo”? Da forma como a maioria dos autores consultados (CÂMARA Jr., 2002[1973]; CAMPOS, 1986; HOUAISS, 2004) definem e diferenciam estes termos, não. Segundo os referidos autores, empréstimo é aquele termo ou palavra que já foi adaptado de alguma forma à língua tomadora, enquanto o estrangeirismo ainda mantém seu aspecto alienígena e não se adequou ao padrão da língua tomadora. A distinção dos termos estabelecida desta maneira só é possível porque, de modo geral, é possível concluir, da leitura dos textos, que seus autores consideram apenas (ou, pelo menos, principalmente) o aspecto gráfico para estabelecer o grau de adaptação da palavra em termos de pronúncia.

Para que a distinção entre os termos “estrangeirismo” e “empréstimo” tivesse funcionalidade para a totalidade dos níveis lingüísticos, seria necessário incorporar também o aspecto fonético-fonológico. Em outras palavras, para que um “estrangeirismo” fosse considerado como tal, seria necessário que o termo conservasse todos os aspectos da língua de partida (a pronúncia, a grafia, o sentido). Mas isso leva a um outro problema: haveria

estrangeirismos não-adaptados à língua de chegada do ponto de vista fonético-fonológico? Retomemos a idéia de Alves (1984, p. 124) de que “nem sempre a expressão estrangeira empregada na língua portuguesa adapta-se a sua fonologia e ortografia. Em alguns casos, a forma original permanece”. Do ponto de vista da realização fonética dos chamados estrangeirismos, a possibilidade de permanência da forma original é questionável, já que a forma gráfica da língua de partida pode até ser mantida, mas, em maior ou menor grau, todos os anglicismos sofrem adaptações na pronúncia (nível fonético-fonológico). Isso está de acordo com o que afirma Rebello d’Andrade (1995), para quem, no nível fonético, não se pode falar em estrangeirismos, uma vez que existe sempre adaptação de sons.

Pode ser que falantes que tenham um certo conhecimento da língua estrangeira tentem pronunciar os termos em contexto de PB da forma mais fiel possível à língua de partida. Isso, no entanto, nem sempre é conseguido (por razões de sotaque ou de interferências da língua materna na aquisição de uma segunda língua). Ocorre que a grande maioria dos falantes, sobretudo aqueles que não têm conhecimento da língua de partida, adapta os estrangeirismos, no nível da pronúncia.

Algumas pessoas acreditam que há um jeito “certo” de pronunciar os estrangeirismos, que seria imitando os padrões estrangeiros. Talvez seja por causa dessa tentativa de imitar os padrões da língua de origem que alguns autores (CARVALHO, 1989; FREITAS et al., 2006; REBELLO d’ANDRADE; LOPES, 2003) tentam estabelecer diferentes níveis ou fases para a adaptação dos estrangeirismos, que podem ser verificados especialmente quando o uso de determinado anglicismo está restrito a um grupo seletivo de falantes. Com relação a alguns níveis lingüísticos específicos, como o semântico e o morfossintático, essa classificação em diferentes fases pode fazer sentido, mas não é o que normalmente ocorre no nível fonológico, já que os sujeitos já fazem a adaptação no momento primeiro em que pronunciam o termo em

questão em contexto de português (e não apenas em contexto de citação em língua estrangeira).

Assim, se forem consideradas como pertencentes ao léxico do português aquelas palavras que já estão “adaptadas” às estruturas do PB, assume-se, por conseqüência, que os estrangeirismos já fazem parte do léxico desta língua, pois, do ponto de vista fonético-fonológico, pode-se dizer que os anglicismos considerados estão plenamente adaptados ao padrão fonológico do PB. Isso traz conseqüências para questões de política lingüística e de estruturação da gramática e do léxico da língua, já que a grafia estrangeira deixa de ser o critério principal para definir a natividade de uma palavra. A consideração de que a pronúncia dos estrangeirismos já é “portuguesa” (ou melhor, “brasileira”) torna sem sentido os argumentos dos projetos de lei (cf. seção 1.5) que visam a proibir o uso de palavras estrangeiras, considerando-as como sendo “estranhas aos padrões do PB”. Levando-se em conta que a língua é recebida sobretudo a partir da fala (e exclusivamente a partir da fala, para usuários analfabetos), a pronúncia é o aspecto mais importante a ser considerado em um primeiro momento, e, deste ponto de vista, os tão criticados estrangeirismos já são palavras portuguesas (ou melhor, do PB).

A grafia aportuguesada não é, pois, o melhor critério para considerar se uma palavra estrangeira já está adaptada à língua de chegada, mesmo porque, embora a ortografia nativizada ateste a existência prévia de uma pronúncia adaptada, sua não-existência não acarreta a não-adaptação fonético-fonológica do estrangeirismo. O processo de adaptação fonológica ocorre bem antes da fixação da grafia, no exato momento em que os falantes que operam o empréstimo começam a utilizar o termo da língua estrangeira no contexto da sua própria língua.

Mesmo que leis pudessem regulamentar a ortografia das palavras estrangeiras, a padronização da forma escrita não garantiria que os estrangeirismos (anglicismos, no caso)

fossem pronunciados por todos os falantes de PB da mesma forma e nem faria com que essas palavras, ao serem pronunciadas, soassem mais “aportuguesadas”, uma vez que pronúncia é estabelecida pelos falantes antes do processo de aportuguesamento gráfico. Além do mais, apesar de a escrita do PB ser de base fonográfica, ela não é uma transcrição fonética, ou seja, não representa os sons da fala exatamente conforme eles devem ser pronunciados (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999c). De acordo com Massini-Cagliari (1999c) é falsa a crença de que a ortografia das palavras reflete a pronúncia “correta” das palavras. Isso é um preconceito, já que a ortografia não representa a fala de ninguém, pois tem justamente a função de anular, na escrita, a variação lingüística no nível da pronúncia das palavras.

É importante lembrar, também, que muitos estrangeirismos entram para a língua (são dicionarizados) com suas grafias estrangeiras, e, ainda assim, são alvo de adaptação de sua pronúncia ao PB. É o caso de *internet, shopping, pop*, etc. Só porque estes termos continuarão a ser escritos conforme a ortografia do inglês, isso não significa que os falantes de PB vão pronunciá-los conforme as regras fonológicas da língua inglesa. Isso acontece porque “[...] apesar de a ortografia ser uma forma de se grafarem as palavras, isto não significa que se tem, ao mesmo tempo, uma forma fixa de ler” (CAGLIARI, 1999c, p. 68). Como foi observado na seção 4.3.11, os falantes de PB, na decifração da escrita dos anglicismos no processo de leitura, guiam-se pelo sistema ortográfico desta língua (e não daquela).

Um outro aspecto importante digno de nota é o fato de os estrangeirismos terem sido observados em diversas áreas de conhecimento (cf. 3.4.1), contrariando os argumentos de que seriam privilégio de alguns poucos falantes e confirmando o argumento usado por Possenti (2004, p. 166) de que, se uma pessoa não entende um determinado termo estrangeiro, isto não é devido ao fato de ele ser estrangeiro em si, mas ao fato de o termo não fazer parte do léxico de uso desse falante. Por outro lado, a impossibilidade de compreensão pode ocorrer dentro da própria língua materna do falante, em relação a jargões, termos técnicos e gírias, por exemplo,

que só são entendidos por grupos específicos de falantes. Desta forma, o fato de os estrangeirismos não serem adaptados graficamente ao PB não exclui necessariamente os falantes que não sabem a língua estrangeira, uma vez que na fala esses termos já estão plenamente adaptados ao PB. De acordo com Freitas e Neiva (2006, p. 17), o empréstimo plenamente nativizado é justamente aquele que já foi incorporado ao léxico do falante comum (independentemente da sua grafia alienígena ou nativizada).

Nesta dissertação, puderam ser comprovadas as adaptações fonológicas dos anglicismos utilizados no contexto de PB, já apontadas por outros trabalhos (FREITAS, 1992; FREITAS; NEIVA, 2006). Foi possível, por outro lado, ampliar o escopo dos trabalhos anteriores, discutindo a questão da identidade fonológica dos estrangeirismos e afirmando que o nível fonológico é o primeiro nível de adaptação por que passam os anglicismos ao serem usados em contexto de PB. Enfim, pode-se concluir que a representação escrita alienígena não implica em as palavras serem pronunciadas de forma “estrangeira”.

Referências

- ALI, M. S. *Grammatica Secundaria da Lingua Portugeteza*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico do português. *Alfa*: São Paulo, v.28 (supl.), p. 119-126, 1984.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. Ática: São Paulo, 2004.
- ALVES, I. M. et al. Estrangeirismos no português brasileiro: do mito à realidade. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*. 2004. p. 116-123. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdef-grupos/estrangeirismos-portugues.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2007.
- ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*: São Paulo, v.42 (n.esp.), p. 121-145, 1998.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Loyola: 28. ed. São Paulo, 2004a.
- BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros Mitos. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004b. p. 49-83.
- BAKER, A. *Ship or sheep? An intermediate pronunciation course*. 13. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989. Série Princípios.
- BATISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005a. p. 171-206. [1. ed. em 1996].
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BIDERMAN, M. T. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, p. 69-80. 1992.
- BLEVINS, J. The Syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge MA, Oxford UK. Blackwell, 1995. p. 206-244.

- BOLLELA, M. F. de F. P. *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística). Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2002.
- BORBA, F. S. (Org.) *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BORCEDA, M. F. *A incorporação de empréstimos ingleses no português do Brasil: processos de adaptação ortográfica*. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2006.
- BOULANGER, J.C. (Org) *Néologie en marche*. Montreal: Office de la Langue Française, série b, n. 4, 1979.
- CAGLIARI, L. C. *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. Tese (Ph.D. in Phonetics). University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1982. Tese (Livre Docência em Lingüística). UNICAMP, Campinas, 1982.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do português: Análise pela Geometria de Traços (Parte II)*. Campinas: edição do autor, 1999a.
- CAGLIARI, L. C. *Acento em português*. Campinas: edição do autor, 1999b.
- CAGLIARI, L. C. A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999(c), p. 61-96.
- CAGLIARI, L. C. *Questões de morfologia e fonologia*. Campinas: edição do autor, 2002a.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002b.
- CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. Quantidade e duração silábicas em português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 47-59, 1998.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CÂMARA, JR., J. Problemas de lingüística descritiva. Petrópolis: Vozes, 1984. [1. ed. em 1969].
- CÂMARA, JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. [1. ed. 1973, *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*].
- CÂMARA, JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. [1. ed. em 1970].
- CAMBRIDGE International Dictionary of English*. Cambridge: Cambridge University Press: 1996.

CAMBRIDGE English Pronouncing Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. CD-ROM. [Não paginado].

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, N. *Empréstimo lingüístico*. São Paulo: Ática, 1989.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CELCE-MURCIA, M. et al. *Teaching pronunciation: a reference for teachers of English to speakers of other languages*. 7. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV phonology: a generative theory of the syllable. *Linguistic Inquiry Monograph*. Cambridge (MA): MIT Press, n. 9, 1983.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005a. p. 101-133. [1. ed. em 1996].

COLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005b. p. 135-169. [1. ed. em 1996]

CRYSTAL, D. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. 3 ed. London: Blackwell Publishers, 1985.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. CD-ROM. [Não paginado].

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

FARACO, C. A. Guerras em torno da língua – Questões de política lingüística. In FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 9-14.

- FIORIN, J. L. Considerações em torno do Projeto de Lei nº 1676/99. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 107-125.
- FERREIRA, A. B. de H. et al. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FREITAS, M. A. de. Empréstimos, teoria auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: 1992, p. 71-81.
- FREITAS, M. A. de; NEIVA, A. M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>>. Acesso em 30 jan. 2007. p. 1-27.
- FREITAS, T. et al. Processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, Portugal. 2003. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-redip-estrangeirismos.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2007. [Não paginado].
- GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-36.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental Phonology*. Doctoral Dissertation. Cambridge, MA.: Department of Linguistics, MIT, 1976.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*, Oxford: Basil & Blackwell, 1990.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J.-R. *An essay on stress*. Cambridge, Ma.: MIT Press, 1987.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: Principles and case studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- HEWINGS, M. *Pronunciation Tasks: a course for pre-intermediate learners*. 10. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- HOGG, R; McCULLY, C.B. *Metrical phonology: a course book*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press: 1991. [1. ed. em 1987].
- HOOPER, J. *An introduction to natural generative phonology*. New York, Academic Press, 1976.
- ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- INTERNATIONAL Phonetic Alphabet*. Disponível em: <[http://www.arts.gla.ac.uk/IPA/IPA_chart_\(C\)2005.pdf](http://www.arts.gla.ac.uk/IPA/IPA_chart_(C)2005.pdf)>. Acesso em: 04 fev. 2007.

KAGER, R. *A metrical theory of stress and desestressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

KAHN, D. *Syllble-based generalisations in English Phonology*. 1976. Tese (Phd). Cambridge (MA): MIT, 1976.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 7-11.

LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1973.

LEE, S.-H. Fonologia lexical do português. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (23), Jul./Dez, 1992. p. 103-120.

LEE, S.-H. Epêntese no Português. *Estudos Lingüísticos XXII – Anais de Seminários do GEL*, Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda, v. II, p. 847-854, 1993.

LEE, S.-H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*. 8. Cambridge (MA): The MIT Press, 1977. p. 249-336.

MACMILLAN English Dictionary for advanced learners. Oxford: Macmillan Publishers, 2004. CD-ROM. [Não paginado].

MASCHERPE, M. *Análise Comparativa dos Sistemas Fonológicos do Inglês e do Português*. 1970. Tese de doutoramento. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992a.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o lugar do acento de palavra em uma teoria fonológica. *Caderno de Estudos lingüísticos*. Campinas: 1992b, p. 121-136.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

MASSINI-CAGLIARI, G. Decifração da escrita: um pré-requisito ou uma primeira leitura? In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999b. p. 113-119.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita ideográfica e escrita fonográfica. In: MASSINI-CAGLIARI, G. CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999c. p. 21-31.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, E. M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999d.

MASSINI-CAGLIARI, G. Language policy in Brazil: Monolingualism and Linguistic prejudice. *Language Policy*, n. 3, 2004, p. 3-32.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos torvadores: estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre-docência em Fonologia). Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. vol. 1, p. 105-146. [1. ed. em 2001].

MATEUS, M. H. M. O acento de palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1983. p. 211-229.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford Universtiy Press, 2000.

MICHAELIS Dicionário Moderno da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2006. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 10 dez. 2006.

MONARETTO, V. N. O. et al. As consoantes do português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005. p. 207-241. [1. ed. 1996].

MOTTER, R. M. B. *A pronúncia do professor de inglês nas escolas públicas: implicações em seu desempenho na sala de aula*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2001.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 1999.

NEVES, M. H. de M. *Guia de uso do Português. Confrontando regras e usos*. São Paulo: Unesp, 2003.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, F. L. da M.; HERONIDES M. de M. (orgs.) *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 83-92.

PAVEZI, V. C. *Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológicas. Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1945-1951, 2006. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/417.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

POEDJOSOEDARMO, G. *O ensino da pronúncia: por quê, o quê, quando e como*. São Paulo: SBS, 2004.

POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 164-176.

PRINCE, A. S. Relating to the grid. *Linguistic inquiry* 14: 19-100, 1983.

PROJETO de lei nº 1676 de 1999. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 177-185.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

REBELLO D'ANDRADE, A. *As palavras importadas no léxico da decoração*. Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

REBELLO D'ANDRADE, A; LOPES, A. L. O tratamento dos estrangeirismos nas duas últimas edições do Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora. In: *Revista de Lexicografia*. vol. 9. Coruña: Universidade da Coruña, 2003. p. 7-28. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-amineiro-estrang-discs.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2007.

ROACH, P. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do Português*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROUANET, S. P. O nacional-burrismo. *Veja*. 1886 ed. São Paulo: Abril, ano 38, n.1, 05 jan. p. 79.

RUZZA, C. Language and nationalism in Italy: Language as a weak marker of identity. In: BARBOUR, S.; CARMICHAEL, C. (Eds.). *Language and Nationalism in Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 168-182.

SANDMANN, A. J. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

SANT'ANA, M. R. de. As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português do Brasil. *Dialogia* (UNINOVE), v. 2, , 2003, p. 57-70.

SCHMITZ, J. R. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 85-106.

SCHOLES, J. *Ok! Curiosidades divertidas do inglês*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SCHUMACHER, C. et al. *Guia de pronúncia para brasileiros: soluções práticas para falar com clareza*. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: IULC, 1980.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, T. C. Palatalisation in Brazilian Portuguese. In: PLOCH, S. (Ed.). *Living on the edge: 28 papers honour of Johnathan Kaye*. Studies in Generative Grammar 62. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, p. 243-247, 2003. Disponível em: <<http://projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/2004kaye.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

SILVA, T. C. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro: os sons*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2005.

SILVA, T. C.; OLIVEIRA, M. A. de. *Lateral vocalization in Brazilian Portuguese*. Paper presented at the 3rd UKLVC – University of York, England. July 2001. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/2001lateralvocalization.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2007

SILVA, A. S.; SILVA, T. C. *Contribuição da fonética e da fonologia ao ensino de língua estrangeira: o caso das vogais altas frontais e do glide /j/ no inglês e no português brasileiro*. 2003. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/2003goiania.pdf>>. Acesso em : 27 mar. 2007.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Campinas, SP, 2002. Tese (Doutorado) - IEL, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP.

WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (23): 19-55, jul./dez. 1992.

WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.9, n°2, p.5-15; jul./dez. 2000.

YAGUELLO, M. Não mexe com a minha língua!, In: BAGNO (Org.). *A norma lingüística*, São Paulo: Loyola, 2001. p. 279-283.

ZILLES, A. M. S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 143-161.

ZUCARELLI, F. E. *Ditongos e hiatos nas cantigas medievais galego-portuguesas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)-FCL/UNESP, Araraquara, 2002.

Referências do corpú

A – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.1, 05 jan. 2005.

- A1 – CARNEIRO, Marcelo. Entrevista: Daniel Vasella. p.11-15.
 A2 – JARDIM, Lauro. A febre dos ringtones. p.37.
 A3 – FONTENELLE, André. A corrida para o abismo. p.88-89.
 A4 – HAJA fôlego. p.92-95.
 A5 – VALLADARES, Ricardo. Um programa bem maduro. p.102-105.
 A6 – BOSCOV, Isabela. Sustos orientais. p.106-107.
 A7 – MARTINS, Sérgio. Botox musical. p.108.

B – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.2, 12 jan. 2005.

- B1 – BARROS, Julio César de. Veja essa. p.42-43.
 B2 – MENEZES, Cynara. Turma do barulho. p.48-49.
 B3 – MARTINS, Sérgio. Noivo enrolado, noiva mais ainda. p.52-53.
 B4 – BARELLA, José Eduardo. Ricos, famosos e generosos. p.70-71.
 B5 – SALOMONE, Roberta. O rei do game. p.84-85.
 B6 – FONTENELLE, André. A caça ao emprego. p.98-99.
 B7 – MARTINS, Sérgio. O homem-bomba. p.110.

C – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.3, 19 jan. 2005.

- C1 – JARDIM, Lauro. Radar. p.44-45.
 C2 – SOARES, Lucila. Um mau negócio chamado calote. p.52-53.
 C3 – GASPAR, Malu. Uma cena raríssima. p.54-55.
 C4 – ZAKABI, Rosana. O mac para as massas. p.66-67.
 C5 – ESTE é para valer. p.86.
 C6 – MOHERDAUI, Bel. Viu, gostou, rasgou. p.90-91.
 C7 – SILVA, Chrystiane. A última do avestruz. p.96.
 C8 – MARTINS, Sérgio. Toque de midas. p.107.
 C9 – VALLADARES, Ricardo. Fora do padrão. p.108-109.

D – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.4, 26 jan. 2005.

- D1 – PETRY, André. O risco da involução. p.46-47.
 D2 – KOSTMAN, Ariel. A aposta no super-jumbo. p.66-69.
 D3 – O ataque do sanduba assassino. p.70-71.
 D4 – NEIVA, Paula. A guerra invisível contra as rugas. p.72-73.
 D5 – SILVA, Chrystiane. A cozinha deles. p.74-75.
 D6 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.76-77.
 D7 – TEIXEIRA, Jerônimo. Gay nem que seja a força. p.78-79.
 D8 – SOARES, Lucila. Nadando contra a corrente. p.80-81.
 D9 – SOUZA, Okky de. Um ataque a pobreza. p.82-83.
 D10 – RYDLEWSKI, Carlos. Auto-retrato. p.87.
 D11 – ZAKABI, Rosana. Pai pra toda hora. p.88-90.
 D12 – FEITA por quem quiser. p.92.
 D13 – RIZEK, André. Donos da natureza. p.94-99.
 D14 – BURCKHARDT, Eduardo. Dinheiro via internet. p.102.
 D15 – BOSCOV, Isabela. O clube dos veteranos. p.104-105.
 D16 – MARTINS, Sérgio. Entre o divã e as guitarras. p.106-107.
 D17 – MARTHE, Marcelo. Os picolés de chuchu culturais. p.108-109.

E – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.5, 02 fev. 2005.

- E1 – POLONI, Gustavo. Entrevista: Roger Federer. p.11-15.
 E2 – CABRAL, Otávio. Elo entre dois mundos. p.44-47.
 E3 – NEIVA, Paula. Estamos tomando remédio demais? p.62-64.
 E4 – NEIVA, Paula. Quem vigia os vigilantes. p.74-75.
 E5 – RYDLEWSKI, Carlos. A nova gigante do consumo. p.80-81.
 E6 – O game que faz suar. p.90-91.
 E7 – VARELLA, Flávia. O rococó que faltava. p.92-93.
 E8 – TEIXEIRA, Jerônimo. Simples e letal. p.96-97.
 E9 – FONTENELLE, André. Os rivais do iPod. p.98.
 E10 – FONTENELLE, André. E-mails no celular. p.99.
 E11 – RIBEIRO, Bianca; PEREZ, Luís. Como se tornar um cliente vip. p.100.
 E12 – RIBEIRO, Bianca; PEREZ, Luís. Ações sem sair de casa. p.100.
 E13 – O pai de todos. p.101.
 E14 – FONTENELLE, André. O novo dono do Corinthians. p.102-103.
 E15 – BOSCOV, Isabela. Todos amam Ray. p.104-106.

F – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.6, 09 fev. 2005.

- F1 – PINHEIRO, Daniela. Entrevista: Philippe Gobet. p.11-15.
 F2 – JARDIM, Lauro. Radar. p.32-33.
 F3 – MING, Laura. A preço de ouro. p.54-55.
 F4 – VALLADARES, Ricardo. Acima do bem e do mal. p.58-65.
 F5 – CARNEIRO, Marcelo. Sob a pressão do sucesso. p.66-68.
 F6 – RYDLEWSKI, Carlos. Era uma vez a maior empresa. p.76-79.
 F7 – ACUSAÇÃO: pedófilo. p.80-81.
 F8 – FRANÇA, Ronaldo. A revolução verde. p.84-89.
 F9 – FONTENELLE, André. Guia. p.92.

G – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.7, 16 fev. 2005.

- G1 – A vitória do amor. p.52-53.
 G2 – NEIVA, Paula. A paixão machuca. p.55.
 G3 – WEINBERG, Mônica. 7 lições da Coréia. p.60-69.
 G4 – VALLADARES, Ricardo. O médico e o monstro. p.96-97.
 G5 – AOYAGUI, Paula. Rap do além. p.98.
 G6 – TEIXEIRA, Jerônimo. Decifra-me ou devoro-te. p.100-101.

H – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.8, 23 fev. 2005.

- H1 – VARELLA, Flávia. Entrevista: Luc Montagnier. p.11-15.
 H2 – PERES, Leandra. O primeiro round. p.46.
 H3 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.70-71.
 H4 – NEIVA, Paula. Alerta contra gorduras trans. p.72-73.
 H5 – BUCHALLA, Anna Paula. Liberou geral para a Aids. p.74-75.
 H6 – NUCCI, Carina. Eles dançaram no “tango bonds”. p.78-81
 H7 – CARNEIRO, Marcelo. Auto-retrato: Pablo Paulino. p.89.
 H8 – VALLADARES, Ricardo. O chá das tardes na TV. p.106-107.

I – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.9, 02 mar. 2005.

- I1 – OYAMA, Thais. Entrevista: Clarisse Muxfeldt Gularte. p.11-15.
 I2 – FRANÇA, Ronaldo; Carneiro, Marcelo. Vidão de sindicalista. p.48-50.

- I3 – PIOROU com a proibição. p.57.
- I4 – BARELLA, José Eduardo. Paraísos artificiais. p.60-62.
- I5 – MOHERDAUI, Bel. De gole em gole. p.68-69.
- I6 – A estrela teve um chilique. p.100.
- I7 – FONTENELLE, André. As diferenças do caféinado. p.103
- I8 – FONTENELLE, André. Expressos no capricho. p.104
- I9 – MARTINS, Sérgio. A nova era do rádio. p.106-109.
- I10 – BOSCOV, Isabela. Desejo monstruoso. p.111.
- I11 – VALLADARES, Ricardo. Uma farsa de A a Z. p.112-113.
- I12 – TEIXEIRA, Jerônimo. Crítica da razão pop. p.114-115.

J – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.10, 09 mar. 2005.

- J1 – SUCESSO a álcool. p.A.
- J2 – NEIVA, Paula. A nova química do sangue. p.86-93.
- J3 – NUCCI, Carina. A maior moratória. p.96-97.
- J4 – FONTENELLE, André. As manobras e seus objetivos. p.111.
- J5 – FONTENELLE, André. As lições de um piloto. p.112.
- J6 – BOSCOV, Isabela. O horror e a glória em cores. p.114-115.

K – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.11, 16 mar. 2005.

- K1 – Linhares, Juliana. O trágico segredo de M. p.53-55.
- K2 – FRENTE a frente. p.56.
- K3 – VENTUROLI, Thereza. Essa é de doer. p.57.
- K4 – PARA ouvir e até falar. p.67-68.
- K5 – O tênis que sabe onde pisa. p.69.
- K6 – ROGAR, Silvia. A tribo do boné falsificado. p.74-75.
- K7 – NISSO eles são bons. p.80.
- K8 – SOU quériouca. p.81.
- K9 – CARELLI, Gabriela. O big brother dos games. p.96-101.
- K10 – AS novas rotas do lucro. p.104-106.
- K11 – FONTENELLE, André. É seguro comprar pela internet? p.118.
- K12 – VALLADARES, Ricardo. Fatuuura, peão! p.130-131.

L – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.12, 23 mar. 2005.

- L1 – JARDIM, Lauro. Radar. p.32-33.
- L2 – NEIVA, Paula. Baforadas sem prazer. p.64.
- L3 – PERUZZO, Fernanda; SORG, Letícia. A guerra das estradas. p.65-66.
- L4 – UM arsenal elétrico. p.70-71.
- L5 – MOHERDAUI, Bel. Como as estrelas. p.72-73.
- L6 – VENTUROLI, Thereza. Mulher é um bicho complicado. p.82-83.
- L7 – BRASIL, Sandra. 1 bilhão de reais em dois anos. p.98-101.
- L8 – O vírus do celular. p.103.
- L9 – FONTENELLE, André. Como tirar proveito do test-drive. p.105.
- L10 – STIVANIN, Taisa. O máximo em chocolate. p.106.
- L11 – LIMA, João Gabriel de; RIBEIRO, Antonio. Paulo Coelho no topo do mundo. p.108-115.
- L12 – VALLADARES, Ricardo. Tribunal clonado. p.121.

M – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.13, 30 mar. 2005.

- M1 – WEIBERG, Mônica. Entrevista: Stephen Covey. p.13-15.
 M2 – JARDIM, Lauro. Radar. p.34-35.
 M3 – BUCHALLA, Anna Paula. Café-da-manhã emagrece. p.64-65.
 M4 – NEIVA, Paula. Menos stress no ar. p.68-69.
 M5 – PINHEIRO, Daniela. Um milhão de amigos. p.74-76.
 M6 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.82-83.
 M7 – RYDLEWSKI, Carlos. Uma máquina de fazer lucros. p.84-88.
 M8 – RIZEK, André. Os craques chutam o racismo. p.100-101.
 M9 – GRYZINSKI, Vilma. A maré da democracia. p.106-115.
 M10 – MARTINS, Sérgio. Orquestras em fúria. p.122-123.
 M11 – MARTINS, Sérgio; SALOMONE, Roberta. A reinvenção sertaneja. p.124-127.

N – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.14, 06 abr. 2005.

- N1 – BARELLA, José Eduardo. Entrevista: Jeffrey Sachs. p.13-17.
 N2 – COSTAS, Ruth. Exportar mão-de-obra é bom negócio. p.70-71.
 N3 – NA casa dos bilhões. p.73.
 N4 – SALOMONE, Roberta. Botinhas de fora. p.78.
 N5 – BERGAMO, Giuliana. Fé no punho. p.79.
 N6 – COSTAS, Ruth. Café e liberdade. p.82.
 N7 – CARELLI, Gabriela. Terror dos cartolas. p.120-121.
 N8 – MARTINS, Sérgio. Novas armas contra satã. p.122-123.
 N9 – FONTENELLE, André. Boa forma pelo telefone. p.127.
 N10 – LASER contra olheiras. p.128.
 N11 – TEIXEIRA, Jerônimo. O grande moleque modernista. p.130-131.
 N12 – MENAI, Tânia. Retratos de família. p.132-135.
 N13 – VALLADARES, Ricardo. O embaixador gay. p.136-137.

O – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.15, 13 abr. 2005.

- O1 – COSTAS, Ruth. Vigias no deserto. p.109.
 O2 – LIMA, João Gabriel de. Vietnã na Amazônia. p.112-119.
 O3 – VENTUROLI, Thereza. A ameaça do novo vírus. p.120-124.
 O4 – NEIVA, Paula. Inimigo íntimo. p.126-128.
 O5 – SORG, Letícia. Nove anos, contrato assinado. p.134-135.
 O6 – OLTRAMARI, Alexandre. Cabeças pensando. p.142-143.
 O7 – TEIXEIRA, Jerônimo. O mundo cabe no gramado. p.144-145.
 O8 – VALLADARES, Ricardo. Vôo cancelado. p.148.
 O9 – MARTINS, Sérgio. Escapismo musical. p.150-151.
 O10 – BOSCOV. Isabela. Cartas marcadas. p.151.

P – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.16, 20 abr. 2005.

- P1 – BOSCOV, Isabela. Entrevista: Jane Fonda. p.11-15.
 P2 – O efeito América. p.48.
 P3 – LINHARES, Juliana. Obrigada, papai. p.54-55.
 P4 – OLTRAMARI, Alexandre. Pecados da carne. p.56-57.
 P5 – LIMA, João Gabriel de; EDWARD, José. Tancredo barrou o golpe. p.62-68.
 P6 – SABINO, Mario. A dança dos cardeais. p.70-73.
 P7 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.76-77.
 P8 – AITH, Marcio. CARNEIRO, Marcelo. Dantas visita o inferno. p.78-82.
 P9 – FONTENELLE, André. Guia. p.118-119.

P10 – TEIXEIRA, Jerônimo; VALLADARES, Ricardo. A educação da elite. p.122-124.

P11 – VALLADARES, Ricardo. O piloto sumiu. p.128-129.

P12 – BOSCOV, Isabela. Ela erra, mas com classe. p.130-131.

R – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.18, 04 ma. 2005.

R1 – NEIVA, Paula. Entre a saúde e a doença. p.86-92.

R2 – SILVA, Chrystiane. O tamanho da rosa. p.110-111.

R3 – ENTENDEU, valeu. p.124-125.

R4 – O legado da II Guerra p.128-146.

R5 – RYDLEWSKI, Carlos. o jato popular. p.170-171.

R6 – SORG, Letícia. O movimento dos sem-fio. p.178-179

R8 – TEIXEIRA, Jerônimo. Gracejos de fardão. p.192-193.

S – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.19, 11 ma. 2005.

S1 – TEIXEIRA, Jerônimo. Entrevista: Tom Wolfe. p.11-15.

S2 – JARDIM, Lauro. Radar. p.38-39.

S3 – WEINBERG, Mônica; CARNEIRO, Marcelo. Sinal Verde para a corrupção. p.48-50.

S4 – TEIXEIRA, Jerônimo. É de bolso mesmo. p.68.

S5 – SALOMONE, Roberta. Nada de ilusões, meninas. p.76-77.

S6 – LINHARES, Juliana; RIZEK, André. MIZUTA, Erin. Geração vaidade. p.84-90.

S7 – MARTINS, Sérgio. Sob o domínio da força. p.98-99.

S8 – FRANÇA, Ronaldo. A tigresa e o leãozinho. p.104-105.

S9 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.108-109.

S10 – DATAS. p.122-123.

S11 – NUCCI, Carina. Um jogo para gigantes. p.124-125.

S12 – LIMA, João Gabriel de. Namoro com o precipício. p.126-127.

S13 – KOSTMAN, Ariel. Auto-retrato. p.131.

S14 – BURCKHARDT. Guia. p.138-140.

S15 – NÃO é o Gugu. p.151.

T - VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.20, 18 ma. 2005.

T1 – LIMA, João Gabriel de. Entrevista: João Ubaldo Ribeiro. p.11-15.

T2 – JARDIM, Lauro. Radar. p.46-47.

T3 – JUNIOR, Policarpo. O homem-chave do PTB. p.54-61.

T4 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.72-73.

T5 – MOHERDAUI, Bel. Ele para lá, ela para cá. p.74-75.

T6 – VALLADARES, Ricardo; BERGAMO, Giuliana. O fim dos mitos sobre o câncer. p. 78-85.

T7 – DATAS. p.88-89.

T8 – ZAKABI, Rosana. A atração está no cheiro. p. 100-101.

T9 – NEIVA, Paula. Cada um é... cada um. p.110-111.

T10 – FONTENELLE, André. O peso é só um detalhe. p.114-115.

T11 – BURCKHARDT, Eduardo. Guia. p.118-120.

T12 – MARTINS, Sérgio. O lado amargo da fama. p.128-129.

T13 – MARTINS, Sérgio. O fino do brega. p.130-131.

U – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.21, 25 ma. 2005.

U1 – PATURY, Felipe. Holofote. p.30.

U2 – JARDIM, Lauro. Radar. p.32-33.

U3 – BARROS, Julio Cesar. Veja essa. p.36-37.

- U4 – JUNIIOR, Policarpo; FRANÇA, Ronaldo. Mesada de 400 000 reais para o PTB. p.40-43.
 U5 – CABRAL, Otávio. A maior crise de Lula. p.44-45.
 U6 – CARNEIRO, Marcelo; LINHARES, Juliana. Temporada de caça aos ratos. p.46-53.
 U7 – SILVA, Chrystiane. Efeito aventura. p.58-60.
 U8 – O provador eletrônico. p.70.
 U9 – BERGAMO, Giuliana. O segredo dos sobreviventes. p.78-80.
 U10 – MOHERDAUI, Bel. A dieta dos iniciantes. p.86-88.
 U11 – NUCCI, Carina. Vale a pena encurtar o gol? p.114-116.
 U12 – NAUM tow intndndu nd. p.128-129.
 U13 – BURCKHARDT, Eduardo. Guia. p.130-132.
 U14 – TEIXEIRA, Jerônimo. Um escritor, um país. p.134-137.

V – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.22, 01 jun. 2005.

- V1 – PATURY, Felipe; PORTELA, Fábio. O líder por testemunha. p.52-53.
 V2 – INDAIATUBA, 24 de maio. p.65.
 V3 – SCHELP, Diogo. Por que o Chile dá certo. p.68-72.
 V4 – MOHERDAUI, Bel. Gente. p.80-81.
 V5 – DATAS. p.84-85.
 V6 – MARTHE, Marcelo. Blog é coisa séria. p.86-92.
 V7 – SUANDO o biquíni. p.93.
 V8 – BRASIL, Sandra. Meu casamento é um show. p.94-95.
 V9 – SALOMONE, Roberta. Separados no divã. p.100-102.
 V10 – BARELLA, José Eduardo. 40 novas espécies por dia. p.106-107.
 V11 – BOSCOV, Isabela. Socorro! O planeta sumiu. p.114-115.
 V12 – VALLADARES, Ricardo. Síndrome do *Pânico*. p.120-121.
 V13 – MARTINS, Sérgio. Decadente, eu? p.122.

W – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.23, 08 jun. 2005.

- W1 – COSTAS, Ruth. Sou garganta profunda. p.50-51.
 W2 – BONITINHA e rapidinha. p.62.
 W3 – MOHERDAUI, Bel. Um laser no fim do túnel. p.70-71.
 W4 – SOCORRO, o casaco encolheu. p.72-73.
 W5 – DATAS. p.116-117.
 W6 – CARNEIRO, Marcelo. Lutar contra a corrupção já é uma vitória. p.118-124.
 W7 – CABRAL, Otávio. Operação de guerra. p.132-134.
 W8 – NUCCI, Carina. O mouse contra os ratos. p.136-137.
 W9 – BIOCMBUSTÍVEL. p.140-142.
 W10 – BURCKHARDT, Eduardo. Guia. p.144-148.
 W11 – S.M. o guardião do jazz. p.149.
 W12 – MARTINS, Sérgio. A melancolia é pop. p.150-151.
 W13 – TEIXEIRA, Jerônimo. Abaixo da crítica. p.156-157.

X – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.24, 15 jun. 2005.

- X1 – PATURY, Felipe. Holofote. p.42.
 X2 – CABRAL, Otávio. O PT assombra o planalto. p.52-63.
 X3 – MARTINS, Sérgio. O Mac perde a pose. p.86-89.
 X4 – DATAS. p.90-91.
 X5 – LINHARES, Juliana. MIZUTA, Erin. A triste trajetória do filho de Pelé. p.94-96.
 X6 – MING, Laura. Amiguinhos de bolso. p.104-105.

- X7 – MOHERDAUI, Bel. Força da natureza. p.110-111.
 X8 – BERGAMO, Giuliana. Um novo gatilho. p.112-113.
 X9 – NEIVA, Paula. Pra prevenir e remediar. p.114-115.
 X10 – PINHEIRO, Daniela. O mel do “guitarra doce”. p.122-123.
 X11 – BOSCOV, Isabela. Ele voltou – e agora é a sério. p.124-125.
 X12 – VALLADARES, Ricardo. A novela GLS. p.127.

Y – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.25, 22 jun. 2005.

- Y1 – JARDIM, Lauro. Radar. p.38-39.
 Y2 – EDWARD, José. PATURY, Felipe. O pagador do mensalão. p.56-63.
 Y3 – A ópera do malandro. p.64-67.
 Y4 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.70-71.
 Y5 – NÃO sou pior que os outros. p.76-77.
 Y6 – BERGAMO, Giuliana. Só mais cinco minutos. p.88-90.
 Y7 – FONTENELLE, André. Guia. p.96-100.
 Y8 – MARTINS, Sérgio. Absolvido, mas enrascado. p.102-103.
 Y9 – MARTINS, Sérgio. Roqueiro de alma brega. p.108-109.
 Y10 – TEIXEIRA, Jerônimo. Sushi com ketchup. p.110-11.

Z – VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n.26, 29 jun. 2005.

- Z1 – GRAIEB, Carlos. Entrevista: John Le Carré. p.11-15.
 Z2 – BARROS, Julio César. p.52-53.
 Z3 – CABRAL, Otávio. O assalto ao estado. p.58-67.
 Z4 – O homem do dinheiro vivo. p.70-75.
 Z5 – PATURY, Felipe. Os cofrões do “Freddy Krueger”.p.78.
 Z6 – GRYZINSKI, Vilma. O dicionário da crise. p.84-85.
 Z7 – BYDLOWSKI, Lizia. Gente. p.88-89.
 Z8 – DATAS. p.92-93.
 Z9 – COSTAS, Ruth. En la tierra de bambi. p.94-95.
 Z10 – BARELLA, José Eduardo. Ele quer ser Hill Gates. p.104-107.
 Z11 – MOHERDAUI, Bel. Exuberância chique. p.108-109.
 Z12 – BUCHALLA, Anna Paula. Fumaça rima com ameaça. p.110-113.
 Z13 – O palco da Copa. p.116-117.
 Z14 – EDWARD, José. Guia. p.118-120.
 Z15 – costas, Ruth. Beleza russa, tipo exportação. p.122-123.
 Z16 – BOSCOV, Isabela. Fórmula de vanguarda. p.130-131.

APÊNDICE A

FRASES PARA GRAVAÇÃO

- (1) “Na semana passada havia 22.532 atalhos para seu endereço em outras páginas da internet” (V5).¹⁶³
- (2) “Os blogs revelam-se uma forma de expressão extraordinária também em outras situações” (V5).
- (3) “É quando outros artistas em melhor situação lhes estendem a mão amiga, como verdadeiros samaritanos do pop” (A7).
- (4) “Mãe sempre sabe quando o filho é gay” (N13).
- (5) “A falta desse detalhe não significa que o site seja inseguro, mas é uma garantia a menos” (K11).
- (6) “Eles querem um espetáculo, um show, um evento inesquecível” (V7).
- (7) “Por sua vez, o pai apresenta menos stress no dia-a-dia” (D11).
- (8) “Em 2001, protagonizou uma polêmica com o governo brasileiro por causa da ameaça de quebra de patentes de medicamentos contra aids” (A1).
- (9) “É um ranking desalentador, em que a colocação dos países é determinada pela falta de oportunidade” (D8).
- (10) “Duzentos exemplares de arara-azul já sobrevoavam a região identificados por chips e há um ano uma equipe de biólogos contratada pelo Sesc monitora por meio de transmissores, os hábitos de mamíferos da região ameaçados de extinção” (D13).
- (11) “Em breve, teremos o equivalente a uma lista telefônica online de todas as espécies já catalogadas no mundo” (V9).
- (12) “Primeiro, o jogador coloca no console um game do tipo corrida de carros ou esportes com bola” (E6).
- (13) “As empresas investem pesado em marketing” (E3).
- (14) “Atualmente, *Malhação* é o programa com a maior carga de campanhas de merchandising social da TV brasileira” (A5).
- (15) “O resort de Florianópolis tem oito quadras de saibro, com instrutores, e aluga equipamento” (P10).
- (16) “É um defensor intransigente da qualidade do velho e bom jazz diante da música atual” (W11).

¹⁶³ As palavras estrangeiras encontram-se sem itálico nas frases selecionadas para gravação para que os sujeitos não fossem influenciados no momento da leitura. É também sem itálico a maneira como os estrangeirismos são grafados, na grande maioria das vezes, na revista *Veja*.

- (17) “Ao atuar nas proteínas encontradas na superfície das células que servem de entrada para o HIV, esses remédios prometem bloquear o vírus” (U9).
- (18) “Na prática, quem informa não querer mais receber lixo eletrônico acaba por confirmar que seu endereço de e-mail é válido” (I3).
- (19) “Da idéia até o último rasgo foram 1000 quilos de papel, 700 horas de trabalho e 300 mãos - máquinas, só nos desenhos das rendas (cortados a laser) e na impressão do relevo do papel” (C6).
- (20) “Anda de jeans, tênis e camiseta e sua maior extravagância foi ter gastado 800 reais em um só mês com gibis” (B5).
- (21) “Banda de rock é como casamento: os integrantes têm de discutir a relação” (D16).
- (22) “Em geral, os grandes best-sellers trabalham com grandes agências” (L11).
- (23) “Ele ajudou a produzir o disco que catapultaria a moça para o sucesso e alega ser o autor da maioria de seus hits” (B7).
- (24) “Outra forma de praticar o trekking é participar de competições conhecidas como enduro a pé” (W10).
- (25) “Videogame e televisão devem ser desligados, no mínimo, duas horas antes de dormir” (Y6).
- (26) “Quem é que assiste, hoje em dia, a concursos de miss?” (V6).
- (27) “Esse crescimento inclui empresas especializadas na entrega em domicílio de comida light, com cardápios elaborados por nutricionistas” (N9).
- (28) “Alguns gastam 70000 reais para lançar um CD” (Z2).
- (29) “Na maioria das vezes, estava sem proteção e sob os efeitos do estimulante crystal” (H5).
- (30) “Chegou a ser preso por assédio sexual e foi um incitador da rivalidade sangrenta entre os rappers da costa leste e oeste dos Estados Unidos – provável razão de seu assassinato, ainda não desvendado” (G5).
- (31) “O download das músicas é feito pelo sistema MP3, pelo computador, como sabem muito bem os jovens que passam a tarde inteira fazendo isso” (K4).
- (32) “Sim, falou-se na palavra impeachment, uma possibilidade que passou a ser discutida não apenas nas rodas da oposição, mas também no principal gabinete do palácio do Planalto” (X2).
- (33) “O problema é que as autoridades, quase sempre que se debruçam sobre o assunto, parecem mais interessadas em satisfazer o lobby de empresas que atuam no setor do que em civilizar o trânsito – como aconteceu em 1999, quando inventaram de obrigar os motoristas a comprar um kit de primeiros socorros” (C3).

- (34) “O programa da Rede Globo vem obtendo as maiores audiências de um reality show no país até hoje, com médias que chegam a 50 pontos” (G4).
- (35) “A tentativa aloprada de transformar o software livre em obrigatório nas declarações de imposto de renda foi morta a pau pelo ministério da Fazenda” (U2).
- (36) “Se o negócio continua crescendo é porque, ainda que todo mundo odeie, o spam funciona” (I3).
- (37) “Um dos livros mais difíceis de que se tem notícia é o tema do thriller *O enigma do Quatro*” (G6).
- (38) “Entre os conceitos que ele colocou em circulação estava o da “obsolescência planejada” – as pequenas mudanças de design que levariam os consumidores a trocar de modelo com frequência” (S12).
- (39) “Em 2000, apadrinhou o grupo de funk Bonde do Tigrão” (B7).
- (40) “Duda foi preso numa rinha de galos e admitiu que esse é seu hobby” (U1).
- (41) “Com 29 anos e aparência de 18, filho de imigrantes coreano é o dono da maior rede de lan houses do Brasil” (B5).
- (42) “Ten 128 megabytes de memória, que podem ser aumentados” (E9).
- (43) “Eu estava fazendo compras no shopping quando minha filha ligou [...]” (I1).
- (44) “O sistema de valores e as instituições financeiras que levaram à vitória final da democracia e da economia de mercado começaram a ser criados antes mesmo de Adolf Hitler estourar os miolos em ser bunker” (R4).
- (45) “Esse entrave foi o que fez com que a maior rede de fast-food do mundo fosse condenada pela Justiça dos Estados Unidos” (H4).
- (46) “Esse tipo de acessório virou mania nos anos 70, com o movimento hippie” (N5).
- (48) “No ano seguinte, surgia o primeiro ready-made, uma roda de bicicleta incorporada a um banco” (N11).
- (49) “Ele é o homem mais sexy que existe” (U3).
- (50) “Na maioria, ela é composta de empresários, profissionais liberais e socialites com mais de 30 anos de idade” (P11).
- (51) “A possibilidade de contar com um dinheirinho extra para ajustar o balanço de fim de ano foi tratamento vip dado à correligionária” (Q2).

APÊNDICE B

CÓRPUS

	VEJA - 05/01/05	O mar dos mortos			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
A1	Entrevista: Daniel Vasella	011-15	<i>aids</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
A2	A febre dos ringtones	37	<i>ringtone</i>	2	NÃO
			<i>download</i>	1	SIM
A3	A corrida para o abismo	88-89	<i>doping</i>	2	SIM
			<i>top ten</i>	1	NÃO
A4	Haja fôlego	92-95	<i>trekking</i>	1	SIM
A5	Um programa bem maduro	102-105	<i>merchandising</i>	1	SIM
			<i>aids</i>	1	SIM
A6	Sustos orientais	106-107	<i>marketing</i>	1	SIM
A7	Botox musical	108	<i>jazz</i>	1	SIM
			<i>pop</i>	3	SIM
			<i>botox</i>	1	NÃO

VEJA - 12/01/05		A guerra mundial pela vida			
REF.	ARTIGO	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
B1	Veja essa	42-43	<i>sexy</i>	1	SIM
			<i>bootylicious</i>	1	NÃO
B2	Turma do barulho	48-49	<i>heavy metal</i>	2	SIM
B3	Noivo enrolado, noiva mais	52-53	<i>short</i>	1	SIM
B4	Ricos, famosos e generosos	70-71	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>apartheid</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM
			<i>showbiz</i>	1	SIM
B5	O rei do game	84-85	<i>game</i>	3	SIM
			<i>stress</i>	1	SIM
			<i>lan house</i>	5	NÃO
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>videogame</i>	1	SIM
			<i>jeans</i>	1	SIM
B6	A caça ao emprego	98-99	<i>stress</i>	1	SIM
			<i>reality show</i>	1	NÃO
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>feeling</i>	1	SIM
B7	O homem-bomba	110	<i>pop</i>	2	SIM
			<i>hit</i>	3	SIM
			<i>dance music</i>	1	NÃO
			<i>funk</i>	2	SIM
			<i>playboy</i>	1	SIM

VEJA - 19/01/05		Saúde sexual			
REF.	ARTIGO	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
C1	Radar	44-45	<i>staff</i>	1	SIM
			<i>download</i>	1	SIM
C2	Um mau negócio chamado calote	52-53	default	1	SIM
C3	Uma cena raríssima	54	<i>lobby</i>	1	SIM
			<i>kit</i>	1	SIM
C4	O mac para as massas	66-67	<i>design</i>	1	SIM
			<i>game</i>	1	SIM
			<i>megabyte</i>	2	SIM
			<i>wi-fi</i>	1	NÃO
C5	Este é para valer	86	<i>fuel cell</i>	1	NÃO
C6	Viu, gostou, rasgou	90-91	<i>laser</i>	2	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
C7	A última do avestruz	96	<i>chip</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
C8	Toques de midas	107	<i>ringtone</i>	3	NÃO
			<i>ranking</i>	1	SIM
C9	Fora do padrão	108-109	<i>workshop</i>	1	SIM

	VEJA - 26/01/05	O PT deixou o Brasil mais burro?			
REF.	ARTIGO	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
D1	O risco da involução	46-47	<i>cowboys</i>	1	SIM
D2	A aposta no super jumbo	66-69	<i>jumbo</i>	3	NÃO
			<i>low fare</i>	2	NÃO
			<i>show</i>	1	SIM
			<i>duty-free</i>	2	SIM
D3	O ataque do sanduba assassino	70-71	<i>light</i>	1	SIM
			<i>sexy</i>	2	SIM
D4	A guerra invisível contra as rugas	72-73	<i>high-tech</i>	1	SIM
D5	A cozinha deles	74-75	<i>design</i>	1	SIM
			<i>hobby</i>	1	SIM
			<i>foodies</i>	1	NÃO
D6	Gente	76-77	<i>business</i>	1	NÃO
			<i>plus</i>	1	NÃO
			<i>rapper</i>	2	SIM
			<i>vip</i>	1	SIM
D7	Gay nem que seja à força	78-79	<i>gay</i>	11	SIM
			<i>outing</i>	1	NÃO
D8	Nadando contra a corrente	80-81	<i>ranking</i>	2	SIM
D9	Um ataque à pobreza	82-83	<i>aids</i>	4	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
D10	Auto-retrato	87	<i>bits</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>high-tech</i>	1	SIM
			<i>home theater</i>	2	NÃO
D11	Pai pra toda hora	88-90	<i>shopping center</i>	1	SIM
			<i>stress</i>	2	SIM
D12	Feita por quem quiser	92	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
D13	Donos da natureza	94-99	<i>chips</i>	2	SIM
			<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>pool</i>	1	SIM
D14	Dinheiro via internet	102	<i>internet</i>	2	SIM
			<i>site</i>	2	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>online</i>	2	SIM
D15	O clube dos veteranos	104-105	<i>hippies</i>	1	SIM
			<i>trailer</i>	1	SIM
D16	Entre o divã e as guitarras	106-107	<i>rock</i>	5	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
D17	Os picolés de chuchu culturais	108-109	<i>best-seller</i>	1	SIM
			<i>show</i>	2	SIM
			<i>hits</i>	1	SIM
			<i>pop</i>	1	SIM

VEJA - 02/02/05		A verdade sobre os remédios			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
E1	Entrevista: Roger Federer	011-15	<i>ranking</i>	5	SIM
			<i>squash</i>	1	SIM
E2	Elo entre dois mundos	44-47	<i>showbiz</i>	2	SIM
E3	Estamos tomando remédio demais?	62-64	<i>stress</i>	2	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
E4	Quem vigia os vigilantes	74-75	<i>fast track</i>	2	NÃO
E5	A nova gigante do consumo	80-81	<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
E6	O game que faz suar	90-91	<i>game</i>	9	SIM
			<i>videogame</i>	3	SIM
			<i>joystick</i>	1	SIM
E7	O rococó que faltava	92-93	<i>designers</i>	1	SIM
			<i>gay</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM
E8	Simples e letal	96-97	<i>royalties</i>	1	SIM
E9	Os rivais do iPod	98	<i>megabyte</i>	4	SIM
			<i>gigabyte</i>	2	SIM
			<i>flash</i>	2	SIM
			<i>hard drive</i>	1	NÃO
			<i>flash player</i>	1	NÃO
E10	E-mails no celular	99	<i>e-mail</i>	2	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>roaming</i>	1	NÃO
E11	Como se tornar um vip	100	<i>vip</i>	1	SIM
			<i>premium</i>	1	SIM
E12	Ações sem sair de casa	100	<i>internet</i>	2	SIM
			<i>home broker</i>	2	NÃO
E13	O pai de todos	101	<i>talk show</i>	2	SIM
E14	O novo dono do Corinthians	102-103	<i>playboy</i>	1	SIM
E15	Todos amam Ray	104-106	<i>soul</i>	3	SIM
			<i>gospel</i>	1	SIM
			<i>rhythm'n'blues</i>	1	SIM

	VEJA - 09/02/05	O duelo das oito			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
F1	Entrevista: Phillipe Gobet	011-15	<i>cheesecake</i>	1	NÃO
			<i>marketing</i>	1	SIM
F2	Radar	32-33	<i>software</i>	1	SIM
			<i>gadget</i>	1	SIM
F3	A preço de ouro	54-55	<i>jeans</i>	8	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
F4	Acima do bem e do mal	58-65	<i>merchandising</i>	5	SIM
			<i>smoking</i>	1	SIM
F5	Sob a pressão do sucesso	66-68	<i>merchandising</i>	1	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>real-time</i>	1	NÃO
F6	Era uma vez a maior empresa	76-79	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>laser</i>	2	SIM
			<i>software</i>	1	SIM
			<i>highdefinition TV</i>	1	NÃO
			<i>internet</i>	7	SIM
			<i>laptop</i>	1	SIM
			<i>web</i>	1	SIM
F7	Acusação: pedófilo	80-81	<i>show business</i>	1	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
F8	A revolução verde	84-89	<i>commodities</i>	1	SIM
			<i>ranking</i>	1	SIM
F9	Guia	92	<i>check list</i>	1	SIM
			<i>combo</i>	1	SIM
			<i>videocassette</i>	1	SIM

	VEJA - 16/02/05	Revolução pela educação			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
G1	A vitória do amor	52-53	<i>pub</i>	1	SIM
G2	A paixão machuca	55	<i>stress</i>	4	SIM
G3	7 lições da Coréia	60- 69	<i>ranking</i>	3	SIM
			<i>internet</i>	6	SIM
			<i>high-tech</i>	2	SIM
			<i>show</i>	2	SIM
			<i>game</i>	10	SIM
			<i>shopping</i>	1	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>hit</i>	1	SIM
			<i>stress</i>	1	SIM
G4	O médico e o monstro	96-97	<i>lan house</i>	1	NÃO
			<i>reality show</i>	2	NÃO
G5	Rap do além	98	<i>gay</i>	2	SIM
			<i>rap</i>	2	SIM
G6	Decifra-me ou devoro-te	100-101	<i>rapper</i>	2	SIM
			<i>gangsta</i>	1	NÃO
			<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>best-seller</i>	1	SIM
G6	Decifra-me ou devoro-te	100-101	<i>thriller</i>	4	SIM
			<i>designer</i>	1	SIM
			<i>videogame</i>	1	SIM

VEJA - 23/02/05		O susto Severino			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
H1	Entrevista: Luc Montagnier	011-15	<i>aids</i>	6	SIM
			<i>royalties</i>	1	SIM
			<i>stress</i>	7	SIM
			<i>marketing</i>	3	SIM
			<i>check-up</i>	1	SIM
H2	O primeiro round	46	<i>round</i>	1	SIM
H3	Gente	70-71	<i>show</i>	1	SIM
			<i>replay</i>	1	SIM
H4	Alerta contra a gordura trans	72-73	<i>trans free</i>	3	NÃO
			<i>nugget</i>	2	NÃO
			<i>donut</i>	2	NÃO
			<i>fast-food</i>	4	SIM
H5	Liberou geral para a aids	74-75	<i>gay</i>	9	SIM
			<i>crystal</i>	8	NÃO
			<i>aids</i>	6	SIM
			<i>ecstasy</i>	1	SIM
H6	Eles dançaram no tango bonds	78-81	<i>bonds</i>	1	NÃO
			<i>pool</i>	1	SIM
H7	Auto-retrato	89	<i>shaper</i>	1	NÃO
H8	O chá das tardes na TV	106-107	<i>personal trainer</i>	1	NÃO
			<i>merchandising</i>	1	SIM

VEJA - 02/03/05		Homem e mulher			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
I1	Entrevista: Clarisse Muxfeldt Gularte	011-15	shopping	2	SIM
I2	Vidão de sindicalista	48-50	<i>off-road</i>	1	SIM
I3	Piorou com a proibição	57	<i>spam</i>	7	NÃO
			<i>e-mail</i>	3	SIM
			<i>internet</i>	4	SIM
I4	Paraísos artificiais	60-62	<i>resort</i>	12	SIM
			<i>indoor</i>	2	SIM
			<i>kart</i>	1	SIM
I5	De gole em gole	68-69	<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>barmen</i>	1	SIM
			<i>barman</i>	1	SIM
			<i>bartender</i>	1	NÃO
I6	A estrela teve um chilique	100	<i>flash</i>	1	SIM
I7	As diferenças do descafeinado	103	<i>coffee shop</i>	1	NÃO
I8	Expressos no capricho	104	<i>coffee shop</i>	2	NÃO
			<i>blends</i>	1	SIM
I9	A nova era do rádio	106-109	<i>jazz</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>hit</i>	1	SIM
			<i>dial</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>showbiz</i>	1	SIM
			<i>lounge</i>	1	NÃO
<i>pop</i>	2	SIM			
I10	Desejo monstruoso	111	<i>playground</i>	1	SIM
I11	Uma farsa de A a Z	112-113	<i>best-seller</i>	1	SIM
			<i>pool</i>	1	SIM
I12	Crítica da razão pop	114-115	<i>pop</i>	19	SIM
			<i>slogan</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>rockstar</i>	1	NÃO
			<i>light</i>	1	SIM
			<i>punk</i>	1	SIM
<i>jazz</i>	1	SIM			

	VEJA - 09/03/05	A ciência do sangue			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
J1	Sucesso a álcool	A	<i>boom</i>	1	SIM
J2	A nova química do sangue	86-93	<i>hippie</i>	1	SIM
			<i>aids</i>	2	SIM
J3	A maior moratória...	96-97	<i>shopping center</i>	1	SIM
J4	As manobras e seus objetivos	111	slalom	1	SIM
J5	As lições de um piloto	112	<i>stock car</i>	1	SIM
J6	O horror e a glória em cores	114-115	<i>magazine</i>	2	SIM
			<i>technicolor</i>	1	SIM
			<i>cameraman</i>	1	SIM

VEJA - 16/03/05		Tentáculos das FARC no Brasil			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
K1	O trágico segredo de M.	53-55	<i>internet</i>	1	SIM
			<i>shopping</i>	1	SIM
K2	Frente a frente	56	<i>internet</i>	2	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
K3	Essa é de doer	57	<i>laser</i>	3	SIM
			<i>stress</i>	1	SIM
K4	Para ver, ouvir e até falar	67-68	<i>videogame</i>	1	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>trailer</i>	1	SIM
			<i>download</i>	2	SIM
			<i>wireless</i>	1	NÃO
			<i>sexy</i>	1	SIM
			<i>piercing</i>	1	SIM
K5	O tênis que sabe onde pisa	69	<i>internet</i>	1	SIM
K6	A tribo do boné falsificado	74-75	<i>chip</i>	5	SIM
			<i>chav</i>	10	NÃO
			<i>lifting</i>	1	SIM
			<i>pub</i>	1	SIM
			<i>shopping</i>	1	SIM
			<i>shpping center</i>	1	SIM
K7	Nisso eles são bons	80	<i>reality show</i>	1	NÃO
			<i>site</i>	3	SIM
			<i>design</i>	1	SIM
K8	Sou Quériouca	81	<i>intenet</i>	7	SIM
			<i>shopping</i>	1	SIM
K9	O big brother dos games	96-101	<i>game</i>	9	SIM
			<i>download</i>	1	SIM
			<i>site</i>	3	SIM
			<i>videogame</i>	2	SIM
			<i>internet</i>	2	SIM
			<i>online</i>	3	SIM
			<i>personal trainer</i>	1	NÃO
K10	As novas rotas do lucro	104-106	<i>site</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	3	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>website</i>	1	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>low cost</i>	1	NÃO
			<i>low fare</i>	1	NÃO
K11	É seguro comprar pela internet?	118	<i>online</i>	4	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>e-bit</i>	1	NÃO
			<i>site</i>	6	SIM
			<i>link</i>	2	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>banner</i>	1	SIM
K12	Fatuuurra peão!	130-131	<i>merchandising</i>	14	SIM
			<i>fast-food</i>	1	SIM
			<i>jeans</i>	1	SIM

VEJA - 23/03/05			Paulo Coelho		
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
L1	Radar	32-33	<i>holding</i>	1	SIM
			<i>reality show</i>	1	NÃO
			<i>CEO</i>	1	NÃO
L2	Baforadas sem prazer	64	<i>spray</i>	1	SIM
L3	A guerra das estradas	65-66	<i>rankings</i>	1	SIM
L4	Um arsenal elétrico	70-71	<i>chip</i>	1	SIM
L5	Como as estrelas	72-73	<i>online</i>	1	SIM
L6	Mulher é um bichocomplicado	82-83	<i>overdose</i>	1	SIM
			<i>personal stylist</i>	1	NÃO
L7	1 Bilhão de reais em dois anos	98-101	<i>resort</i>	8	SIM
			<i>spa</i>	1	SIM
L8	O vírus do celular	103	<i>socialite</i>	1	SIM
			<i>bluetooth</i>	3	NÃO
			<i>internet</i>	3	SIM
			<i>hacker</i>	1	SIM
			<i>rapper</i>	1	SIM
			<i>socialite</i>	1	SIM
			<i>smartphone</i>	2	NÃO
L9	Como tirar proveito do test-drive	105	<i>test-drive</i>	3	NÃO
			<i>check-list</i>	1	SIM
L10	O máximo em chocolate	106	<i>dark chocolate</i>	1	NÃO
L11	Paulo Coelho no topo do mundo	108-115	<i>pop star</i>	3	NÃO
			<i>pop</i>	2	SIM
			<i>best-seller</i>	2	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>spot</i>	1	SIM
L12	Tribunal clonado	121	<i>best-seller</i>	1	SIM
			<i>slogan</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM

VEJA - 30/03/05		Democracia no mundo árabe			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
M1	Entrevista: Stephen Covey	13- 15	<i>best-seller</i>	1	SIM
			<i>CEO</i>	2	NÃO
			<i>chip</i>	1	SIM
M2	Radar	34-35	<i>show</i>	2	SIM
			<i>outdoor</i>	1	SIM
			<i>twist</i>	2	SIM
			<i>ranking</i>	1	SIM
M4	Café-da-manhã emagrece	64-65	<i>bagel</i>	1	SIM
M5	Menos stress no ar	68-69	<i>stress</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	3	SIM
			<i>check-in</i>	3	SIM
			<i>web</i>	1	SIM
			<i>microchip</i>	1	SIM
			<i>scanner</i>	2	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
M6	Um milhão de amigos	74-76	<i>show</i>	1	SIM
			<i>success fees</i>	1	NÃO
			<i>milkshake</i>	1	SIM
M7	Gente	82-83	<i>playboy</i>	1	SIM
			<i>stripper</i>	1	SIM
			<i>strip-tease</i>	1	SIM
			<i>spa</i>	1	SIM
M8	Uma máquina de fazer lucros	84-88	<i>cover</i>	1	NÃO
			<i>boom</i>	1	SIM
M9	Os craques chutam o racismo	100-101	<i>hooligans</i>	1	SIM
M10	A maré da democracia	106-115	<i>high society</i>	1	NÃO
			<i>jeans</i>	1	SIM
			<i>top</i>	1	SIM
M11	Orquestra em fúria	122-123	<i>heavy metal</i>	1	SIM
M12	A reinvenção sertaneja	124-127	<i>funk</i>	1	SIM
			<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>show</i>	4	SIM
			<i>country</i>	2	SIM
			<i>hit</i>	2	SIM
			<i>marketing</i>	2	SIM
			<i>personal stylist</i>	1	NÃO

VEJA - 06/04/05		A grandeza da fé			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
N1	Entrevista: Jeffrey Sachs	13-17	<i>AIDS</i>	2	SIM
N2	Exportar mão-de-obra é bom negócio	70-71	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
N3	Na casa de bilhões	73	<i>spray</i>	1	SIM
			<i>shows</i>	1	SIM
N4	Botinhas de fora	78	<i>internet</i>	1	SIM
			<i>fashion</i>	2	NÃO
			<i>jeans</i>	2	SIM
			<i>shorts</i>	1	SIM
N5	Fé no punho	79	<i>bottons</i>	3	NÃO
			<i>hippie</i>	1	SIM
N6	Café e liberdade	82	<i>internet</i>	8	SIM
			<i>chip</i>	1	SIM
			<i>blog</i>	2	NÃO
			<i>site</i>	1	SIM
			<i>hacker</i>	1	SIM
N7	Terror dos cartolas	120-121	<i>personal stylist</i>	1	NÃO
			<i>marketing</i>	2	SIM
N8	Novas armas contra satã	122-123	<i>free lancer</i>	1	SIM
N9	Boa forma pelo telefone	127	<i>light</i>	4	SIM
			<i>spa</i>	1	SIM
			<i>wrap</i>	1	SIM
N10	Laser contra olheiras	128	<i>laser</i>	2	SIM
			<i>peeling</i>	1	SIM
N11	O grande moleque modernista	130-131	<i>ready-made</i>	5	SIM
			<i>happenings</i>	1	SIM
N12	Retratos de família	132-135	<i>new age</i>	1	SIM
N13	O embaixador gay	136-137	<i>lobby</i>	2	SIM
			<i>gay</i>	11	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM

VEJA - 13/04/05		Quem?			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
O1	Vigias no deserto	109	<i>internet</i>	1	SIM
O2	Vietnã na Amazônia	112-119	<i>internet</i>	1	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
O3	A ameaça do novo vírus	120-124	<i>sars</i>	4	NÃO
			<i>aids</i>	4	SIM
			<i>stress</i>	1	SIM
O4	Inimigo íntimo	126-128	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>aids</i>	1	SIM
			<i>laser</i>	2	SIM
O5	Nove anos, contrato assinado	134-135	<i>stress</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
O6	Cabeças pensando	142-143	<i>swap</i>	2	SIM
O7	O mundo cabe no gramado	144-145	<i>superstars</i>	1	SIM
			<i>hooligans</i>	2	SIM
O8	Vôo cancelado	148	<i>trash</i>	1	SIM
O9	Escapismo musical	150-151	<i>raggae</i>	2	SIM
			<i>new age</i>	2	SIM
			<i>heavy metal</i>	1	SIM
O10	Cartas marcadas	151	<i>rapper</i>	2	SIM
			<i>gay</i>	1	SIM
			<i>cool</i>	1	SIM

VEJA – 20/04/05		Saudades do Rio...			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
P1	Entrevista: Jane Fonda	11 – 015	<i>sexy</i>	1	SIM
			<i>fitness</i>	1	NÃO
P2	O efeito América	48	<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>pay-per-view</i>	1	SIM
P3	Obrigado, papai	54-55	<i>MBA</i>	1	NÃO
P4	Pecados da carne	56-57	<i>socialite</i>	1	SIM
			<i>show</i>	2	SIM
P5	Tancredo barrou o golpe	62-68	<i>slide</i>	2	SIM
P6	A dança dos cardeais	70-73	<i>outsider</i>	2	SIM
P7	Gente	76-77	<i>rapper</i>	2	SIM
			<i>shows</i>	2	SIM
			<i>personal stylist</i>	1	NÃO
P8	Dantas visita o inferno	78-82	<i>off-shore</i>	1	SIM
			<i>kick-back</i>	1	NÃO
			<i>board</i>	1	NÃO
			<i>hobby</i>	1	SIM
			<i>windsurf</i>	1	SIM
P9	Guia	118-119	<i>internet</i>	5	SIM
			<i>download</i>	2	SIM
			<i>software</i>	2	SIM
			<i>wi-fi</i>	1	NÃO
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>notebook</i>	1	SIM
			<i>resort</i>	1	SIM
			<i>society</i>	1	NÃO
P10	A educação da elite	122-124	<i>pop</i>	1	SIM
			<i>socialite</i>	2	SIM
			<i>lounge</i>	1	NÃO
			<i>best-seller</i>	1	SIM
P11	O piloto sumiu	128-129	<i>script</i>	1	SIM
			<i>lobby</i>	1	SIM
			<i>cover</i>	1	NÃO
P12	Ela erra, mas com classe	130-131	<i>thriller</i>	1	SIM

VEJA - 27/04/05		A igreja congelada			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
Q1	Holofote	52	<i>aids</i>	1	SIM
			<i>miss</i>	2	SIM
			<i>gay</i>	4	SIM
Q2	Tratamento vip	97	<i>vip</i>	2	SIM
Q3	Gente	102-103	<i>reality show</i>	1	NÃO
			<i>set</i>	1	SIM
			<i>freelance</i>	1	SIM
			<i>o.k.</i>	1	SIM
			<i>jet ski</i>	1	SIM
Q4	Células que dormem	106	<i>stress</i>	2	SIM
Q5	Sintonia fina à mesa	118-120	<i>net carbs</i>	1	NÃO
Q6	Capitais da solidão	126-128	<i>ranking</i>	1	SIM
Q7	Centros de cara nova	129-130	<i>shoppings</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM
Q8	A memória deles é um prodígio	132-133	<i>bridge</i>	1	SIM
Q9	Calvin Klein no paraíso	134-135	<i>gay</i>	2	SIM
			<i>go-go boys</i>	1	NÃO
			<i>jeans</i>	1	SIM
			<i>personal trainer</i>	1	NÃO
			<i>flashes</i>	1	SIM
			<i>leg-press</i>	1	SIM
Q10	O eterno doutor tabu	145	<i>best-seller</i>	1	SIM
Q11	Os sobreviventes	150	<i>pop</i>	1	SIM
			<i>CD</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM

VEJA – 04/05/05		Quem precisa de um novo Fidel			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
R1	Entre a saúde e a doença	86-92	<i>stress</i>	2	SIM
R2	O tamanho da rosa	110-111	<i>ranking</i>	1	SIM
R3	Entendeu, vale	124-125	<i>site</i>	2	SIM
			<i>jazz</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
R4	O legado da II Guerra	128-146	<i>bunker</i>	2	SIM
R5	O jato popular	171-172	<i>cockpit</i>	1	SIM
R6	Movimento dos sem-fio	178-179	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>kit</i>	1	SIM
			<i>notebook</i>	1	SIM
			<i>wi-fi</i>	2	NÃO
			<i>wimax</i>	2	NÃO
R7	Gracejos de fardão	192-193	<i>serial killer</i>	1	SIM

VEJA – 11/05/05			Vida após a morte		
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
S1	Entrevista: Tom Wolfe	011-15	<i>LSD</i>	1	NÃO
			<i>microchip</i>	1	SIM
S2	Radar	38-39	<i>o.k.</i>	1	SIM
S3	Sinal verde para a corrupção	48-50	<i>pool</i>	3	SIM
			<i>radar</i>	1	SIM
S4	É de bolso mesmo	68	<i>scanner</i>	2	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>chip</i>	1	SIM
S5	Nada de ilusões, meninas	76-77	<i>CD-ROM</i>	1	SIM
			<i>set</i>	1	SIM
S6	Geração vaidade	84-90	<i>diet</i>	1	SIM
			<i>jeans</i>	2	SIM
			<i>ranking</i>	2	SIM
			<i>reality shows</i>	1	NÃO
			<i>shopping center</i>	1	SIM
S7	Sob o domínio da força	98-99	<i>merchandising</i>	1	SIM
S8	A tigresa e o leãozinho	104-105	<i>shows</i>	1	SIM
			<i>rapper</i>	1	SIM
S9	Gente	108-109	<i>jazz</i>	1	SIM
S10	Datas	122-123	<i>cheerleaders</i>	1	NÃO
S11	Um jogo para gigantes	124-125	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>slogan</i>	1	SIM
S12	Namoro com o precipício	126-127	<i>design</i>	1	SIM
			<i>SUV</i>	1	NÃO
S13	Auto-retrato	131	<i>kart</i>	1	SIM
S14	Guia	138-140	<i>coopér</i>	1	SIM
			<i>personal trainer</i>	1	NÃO
			<i>hall</i>	1	SIM
S15	Não é o Gugu	151	<i>gay</i>	3	SIM
			<i>reality shows</i>	1	NÃO
			<i>internet</i>	1	SIM

VEJA – 18/05/05			Câncer		
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
T1	Entrevista: João Ubaldo Ribeiro	011-15	<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>best-seller</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
			<i>hobby</i>	1	SIM
			<i>expert</i>	1	SIM
T2	Radar	46-47	<i>bunker</i>	2	SIM
T3	O homem-chave do PTB	54-61	<i>impeachment</i>	1	SIM
T4	Gente	72-73	<i>top</i>	1	SIM
T5	Ele para lá, ela para cá	74-75	<i>vip</i>	1	SIM
			<i>show</i>	2	SIM
T6	O fim dos mitos sobre o câncer	78-85	<i>internet</i>	2	SIM
T7	Datar	88-89	<i>site</i>	1	SIM
			<i>overdose</i>	1	SIM
			<i>ecstasy</i>	1	SIM
			<i>bunker</i>	1	SIM
T8	A atração está no cheiro	100-101	<i>gay</i>	1	SIM
T9	Cada um é... Cada um	110-113	<i>stress</i>	3	SIM
T10	O peso é só um detalhe	114-115	<i>design</i>	1	SIM
T11	Guia	118-120	<i>hobby</i>	1	SIM
			<i>trekking</i>	1	SIM
			<i>workshop</i>	1	SIM
T12	O lado amargo da fama	128-129	<i>pop</i>	4	SIM
			<i>songbook</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>rafting</i>	1	SIM
T13	O fino do brega	130-131	<i>funk</i>	1	SIM
			<i>show</i>	4	SIM
			<i>hit</i>	1	SIM
			<i>CD</i>	1	SIM
			<i>van</i>	1	SIM

VEJA – 25/05/05			Corruptos		
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
U1	Holofote	30	<i>hobby</i>	1	SIM
U2	Radar	32	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>software</i>	2	SIM
			<i>chat</i>	1	SIM
U3	Veja essa	36-37	<i>sexy</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	2	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
			<i>radar</i>	1	SIM
U4	Mesada de 400000 reais para o PTB	40-43	<i>light</i>	2	SIM
U5	A maior crise do Lula	44-45	<i>impeachment</i>	1	SIM
U6	Temporada de caça aos ratos	46-53	<i>know-how</i>	1	SIM
			<i>ranking</i>	2	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
U7	Efeito aventura	58-60	<i>airbag</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>hatch</i>	1	NÃO
			<i>rack</i>	1	SIM
			<i>sport utilities</i>	1	NÃO
U8	O provador eletrônico	70	<i>scanner</i>	1	SIM
U9	O segredo dos sobreviventes	78-80	<i>HIV</i>	15	SIM
			<i>aids</i>	3	SIM
U10	A dieta dos iniciantes	86-88	<i>light</i>	2	SIM
U11	Vale a pena encurtar o gol?	114-116	<i>commodities</i>	1	SIM
U12	Naum tow intndndu nd	128-129	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>online</i>	2	SIM
			<i>blog</i>	1	NÃO
			<i>e-mail</i>	1	SIM
U13	Guia	130-132	<i>site</i>	3	SIM
U14	Um escritor, um país	134-137	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>blog</i>	10	NÃO
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>online</i>	1	SIM
			<i>network</i>	1	SIM
			<i>overdose</i>	1	SIM

	VEJA – 01/06/05	O homem bomba			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
V1	O líder por testemunha	52-53	<i>kit</i>	2	SIM
V2	Indaiatuba, 24 de maio	65	<i>radar</i>	1	SIM
V3	Por que o Chile dá certo	68-72	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
V4	Gente	80-81	<i>flashes</i>	1	SIM
V5	Datas	84-85	<i>funk</i>	1	SIM
V6	Blog é coisa séria	86-92	<i>blog</i>	50	NÃO
			<i>internet</i>	11	SIM
			<i>fotoblog</i>	2	NÃO
			<i>blogger</i>	2	NÃO
			<i>site</i>	2	SIM
			<i>freelancer</i>	1	SIM
			<i>thinker</i>	1	NÃO
			<i>flog</i>	1	NÃO
			<i>clipping</i>	1	SIM
			<i>notebook</i>	1	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>pop</i>	1	SIM
V7	Suando o biquini	93	<i>miss</i>	5	SIM
			<i>aids</i>	1	SIM
V8	Meu casamento é show	94-95	<i>show</i>	5	SIM
			<i>cover</i>	2	NÃO
			<i>playback</i>	1	SIM
V9	Separados no divã	100-102	<i>check-up</i>	2	SIM
V10	40 novas espécies por dia	106-107	<i>internet</i>	3	SIM
			<i>online</i>	2	SIM
			<i>DNA</i>	1	SIM
V11	Socorro! O planeta sumiu	114-115	<i>nonsense</i>	2	SIM
			<i>best-seller</i>	1	SIM
V12	Síndrome do Pânico	120-121	<i>nonsense</i>	1	SIM
V13	Decadente, eu?	122	<i>pop</i>	1	SIM
			<i>hobby</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM

	VEJA – 08/06/05	Amazônia à venda			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
W1	"Sou garganta profunda"	50-51	<i>impeachment</i>	1	SIM
W2	Bonitinha e rapidinha	62	<i>motocross</i>	1	SIM
			<i>snowmobile</i>	1	NÃO
			<i>kart</i>	1	SIM
W3	Um laser no fim do túnel	70-71	<i>laser</i>	5	SIM
			<i>flap</i>	2	SIM
W4	Socorro, o casaco encolheu	72-73	<i>hippies</i>	1	SIM
			<i>jeans</i>	1	SIM
			<i>plush</i>	1	SIM
			<i>look</i>	1	SIM
W5	Datas	116-117	<i>miss</i>	3	SIM
W6	Lutar contra a corrupção já é uma vitória	118-124	<i>cash</i>	1	SIM
			<i>napalm</i>	1	SIM
W7	Operação de guerra	132-134	<i>slogan</i>	1	SIM
W8	O mouse contra ratos	136-137	<i>mouse</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	5	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
W9	Biocombustível	140-142	<i>flex fuel</i>	5	NÃO
			<i>diesel</i>	4	NÃO
W10	Guia	144-148	<i>trekking</i>	10	SIM
			<i>leggings</i>	1	SIM
			<i>camping</i>	1	SIM
			<i>trekkers</i>	1	NÃO
W11	O guardião do jazz	149	<i>hip hop</i>	3	SIM
			<i>jazz</i>	14	SIM
			<i>pop</i>	1	SIM
W12	A melancolia é pop	150-151	<i>pop</i>	3	SIM
			<i>rock</i>	2	SIM
			<i>single</i>	1	NÃO
			<i>cool</i>	1	SIM
			<i>cold</i>	1	NÃO
			<i>hits</i>	1	SIM
W13	Abaixo da crítica	156-157	<i>DNA</i>	1	SIM

VEJA – 15/06/05		Quem mais?			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
X1	Holofote	42	<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>gay</i>	2	SIM
			<i>trashes</i>	1	?
			<i>personal stylist</i>	1	NÃO
X2	O PT assombra o planalto	52-63	<i>impeachment</i>	2	SIM
X3	O mac perde a pose	86-89	<i>chip</i>	17	SIM
			<i>design</i>	1	SIM
			<i>videogame</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>MP3</i>	2	NÃO
			<i>megastore</i>	1	NÃO
			<i>laptops</i>	1	SIM
X4	Datas	90-91	<i>hackers</i>	1	SIM
X5	A triste trajetória do filho de Pelé	94-96	<i>motocross</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
			<i>trade</i>	1	SIM
X6	Amiguinhos de bolso	104-105	<i>socialite</i>	1	SIM
X7	Força da natureza	110-111	<i>designer</i>	1	SIM
X8	Um novo gatilho	112-113	<i>stress</i>	4	SIM
X9	Para prevenir e remediar	114-115	<i>HIV</i>	3	SIM
X10	O mel do guitarra doce	122-123	<i>CDs</i>	1	SIM
			<i>reggae</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>funk</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM
			<i>marketing</i>	1	SIM
X11	Ele voltou - e agora é a sério	124-125	<i>playboy</i>	1	SIM
			<i>yuppie</i>	1	SIM
X12	A novela GLS	127	<i>gay</i>	4	SIM
			<i>camp</i>	1	NÃO
			<i>nonsense</i>	1	SIM
			<i>dance music</i>	1	NÃO
			<i>internet</i>	1	SIM

VEJA - 22/06/05		Tem concerto?			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
Y1	Radar	38-39	<i>radar</i>	1	SIM
			<i>media-training</i>	1	NÃO
Y2	O pagador do mensalão	56-63	<i>voucher</i>	1	SIM
			<i>boy</i>	1	SIM
			<i>e-mail</i>	1	SIM
Y3	A ópera do malandro	64-67	<i>brokers</i>	1	SIM
Y4	Gente	70-71	<i>high society</i>	1	NÃO
Y5	Não sou pior que os outros	76-77	<i>MBA</i>	1	NÃO
Y6	Só mais cinco minutos.	88-90	<i>videogame</i>	3	SIM
			<i>REM</i>	3	NÃO
			<i>internet</i>	3	SIM
Y7	Guia	96-100	<i>home stay</i>	1	NÃO
			<i>hostels</i>	1	NÃO
			<i>halls of residence</i>	1	NÃO
			<i>self-catering</i>	1	NÃO
			<i>hostels</i>	1	NÃO
Y8	Absolvido, mas enrascado	102-103	<i>pop</i>	1	SIM
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>rap</i>	1	SIM
			<i>show</i>	1	SIM
Y9	Roqueiro de alma brega	108-109	<i>showbiz</i>	1	SIM
			<i>hits</i>	2	SIM
			<i>rocks</i>	1	?
Y10	Sushi com ketchup	110-111	<i>ketchup</i>	1	SIM
			<i>pop</i>	2	SIM
			<i>popstar</i>	1	NÃO
			<i>rock</i>	1	SIM
			<i>jazz</i>	1	SIM
			<i>hippies</i>	1	SIM

VEJA - 29/06/05		O grande erro			
REF.	ARTIGOS	PÁGINAS	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	DIC.
Z1	Entrevista: John Le Carré	011-15	<i>CIA</i>	1	NÃO
			<i>best-sellers</i>	1	SIM
			<i>thrillers</i>	1	SIM
Z2	Veja essa	52-53	<i>site</i>	2	SIM
			<i>CD</i>	4	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM
Z3	Ao assalto ao estado	58-67	<i>impeachment</i>	1	SIM
Z4	O homem do dinheiro vivo	70-75	<i>vouchers</i>	1	SIM
Z5	Os cofrões do "Freddy Krueger"	78	<i>socialite</i>	2	SIM
Z6	O dicionário da crise	84-85	<i>impeachment</i>	1	SIM
			<i>lobby</i>	2	SIM
			<i>reality show</i>	1	NÃO
Z7	Gente	88-89	<i>street dance</i>	1	NÃO
			<i>ex-reality shows</i>	1	NÃO
Z8	Datas	92-93	<i>microship</i>	1	SIM
Z9	En la terra de Bambi	94-95	<i>gay</i>	4	SIM
Z10	Ele quer ser Bill Gates	104-107	<i>internet</i>	15	SIM
			<i>CD</i>	2	SIM
			<i>download</i>	1	SIM
			<i>online</i>	4	SIM
			<i>e-mails</i>	1	SIM
			<i>smartphone</i>	1	NÃO
			<i>hand-held</i>	1	NÃO
			<i>palmtop</i>	1	SIM
			<i>wi-fi</i>	2	NÃO
			<i>site</i>	3	SIM
			<i>peer-to-peer</i>	1	NÃO
			<i>software</i>	1	SIM
			<i>DVD</i>	1	SIM
			<i>pager</i>	2	SIM
			<i>long-play</i>	1	SIM
Z11	Exuberância chique	108-109	<i>PC</i>	1	SIM
			<i>VoIP</i>	4	?
			<i>fax</i>	1	SIM
Z12	Fumaça rima com ameaça	110-113	<i>socialite</i>	1	SIM
			<i>closet</i>	1	SIM
			<i>fax</i>	1	SIM
Z13	O palco da Copa	116-117	<i>ranking</i>	1	SIM
			<i>chip</i>	1	SIM
Z14	Guia	118-120	<i>subwoofers</i>	1	?
			<i>MBA</i>	2	NÃO
			<i>lobby</i>	1	SIM
			<i>mix</i>	1	SIM
			<i>wakeboarding</i>	1	NÃO
Z15	Beleza russa, tipo exportação	122-123	<i>jet ski</i>	2	SIM
			<i>miss</i>	1	SIM
			<i>site</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM

Z16	Fórmula de vanguarda	130-131	<i>reality show</i>	1	NÃO
			<i>thrillers</i>	1	SIM
			<i>internet</i>	1	SIM

APÊNDICE C

ESTRANGEIRISMOS DISTRIBUÍDOS POR DIFERENTES ÁREAS DE CONHECIMENTO

As tabelas abaixo relacionam os anglicismos encontrados em cada uma das áreas selecionadas. Apresenta-se o número de ocorrências dos termos, bem como sua porcentagem de ocorrência em relação ao total (1326).

Tabela 1. Anglicismos da área de tecnologia.

	TECNOLOGIA	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>bits</i>	1	SIM	0,08
2	<i>blog</i>	3	NÃO	0,23
3	<i>blogger</i>	2	NÃO	0,15
4	<i>bluetooth</i>	3	NÃO	0,23
5	<i>CD-Rom</i>	1	SIM	0,08
6	<i>chip</i>	11	SIM	0,83
7	<i>download</i>	5	SIM	0,38
8	<i>DVD</i>	1	SIM	0,08
9	<i>e-bit</i>	1	SIM	0,08
10	<i>e-mail</i>	26	SIM	1,96
11	<i>fax</i>	2	SIM	0,15
12	<i>flog</i>	1	NÃO	0,08
13	<i>fotoblog</i>	1	NÃO	0,08
14	<i>gadget</i>	1	SIM	0,08
15	<i>game</i>	4	SIM	0,30
16	<i>gigabyte</i>	2	SIM	0,15
17	<i>hacker</i>	3	SIM	0,23
18	<i>hand-held</i>	1	NÃO	0,08
19	<i>hard drive</i>	1	NÃO	0,08
20	<i>high-definition TV</i>	1	NÃO	0,08
21	<i>high-tech</i>	4	SIM	0,30
22	<i>home-theater</i>	2	NÃO	0,15
23	<i>internet</i>	138	SIM	10,38
24	<i>joystick</i>	1	SIM	0,08
25	<i>lan house</i>	6	NÃO	0,45
26	<i>laptop</i>	2	SIM	0,15
27	<i>laser</i>	7	SIM	0,53
28	<i>link</i>	3	SIM	0,23
29	<i>linker</i>	1	NÃO	0,08
30	<i>megabyte</i>	6	SIM	0,45
31	<i>mouse</i>	1	SIM	0,08
32	<i>MP3</i>	2	NÃO	0,15
33	<i>notebook</i>	3	SIM	0,23

34	<i>online</i>	28	SIM	2,11
35	<i>pager</i>	2	SIM	0,15
36	<i>palmtop</i>	1	NÃO	0,08
37	<i>PC</i>	1	SIM	0,08
38	<i>radar</i>	2	SIM	0,15
39	<i>ringtone</i>	5	NÃO	0,38
40	<i>roaming</i>	1	NÃO	0,08
41	<i>scanner</i>	3	SIM	0,23
42	<i>site</i>	37	SIM	2,78
43	<i>smartphone</i>	2	NÃO	0,15
44	<i>software</i>	7	SIM	0,53
45	<i>spam</i>	7	NÃO	0,53
46	<i>videocassette</i>	1	SIM	0,08
47	<i>videogame</i>	12	SIM	0,90
48	<i>VoIP</i>	1	NÃO	0,08
49	<i>web</i>	2	SIM	0,15
50	<i>website</i>	1	SIM	0,08
51	<i>wi-fi</i>	6	NÃO	0,45
52	<i>wimax</i>	2	NÃO	0,15
53	<i>wireless</i>	3	NÃO	0,23

Tabela 2. Anglicismos da área de música.

	MÚSICA	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>CD</i>	9	SIM	0,68
2	<i>country</i>	2	SIM	0,15
3	<i>dance music</i>	2	NÃO	0,15
4	<i>funk</i>	6	SIM	0,45
5	<i>gospel</i>	1	SIM	0,08
6	<i>heavy metal</i>	4	SIM	0,30
7	<i>hip hop</i>	3	SIM	0,23
8	<i>hit</i>	12	SIM	0,90
9	<i>jazz</i>	20	SIM	1,50
10	<i>long-play</i>	1	SIM	0,08
11	<i>MP3</i>	2	NÃO	0,15
12	<i>new age</i>	3	SIM	0,23
13	<i>playback</i>	1	SIM	0,08
14	<i>pop</i>	44	SIM	3,31
15	<i>pop star</i>	4	NÃO	0,30
16	<i>punk</i>	1	SIM	0,08
17	<i>rap</i>	2	SIM	0,15
18	<i>rapper</i>	8	SIM	0,60
19	<i>reggae</i>	2	SIM	0,15
20	<i>rhythm'n'blues</i>	1	SIM	0,08
21	<i>rock/rocks</i>	16	SIM	1,20
22	<i>rockstar</i>	1	NÃO	0,08
23	<i>show</i>	33	SIM	2,48
24	<i>single</i>	1	NÃO	0,08
25	<i>soul</i>	3	SIM	0,23
26	<i>street dance</i>	1	NÃO	0,08
27	<i>top ten</i>	1	NÃO	0,08

Tabela 3. Anglicismos da área de esportes.

	ESPORTES	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>cheerleaders</i>	1	NÃO	0,08
2	<i>cooper</i>	1	SIM	0,08
3	<i>doping</i>	2	SIM	0,15
4	<i>fitness</i>	1	NÃO	0,08
5	<i>hoolignas</i>	3	SIM	0,23
6	<i>jet ski</i>	3	SIM	0,23
7	<i>kart</i>	3	SIM	0,23
8	<i>leg-press</i>	1	SIM	0,08
9	<i>motocross</i>	2	SIM	0,15
10	<i>personal trainer</i>	3	NÃO	0,23
11	<i>rafting</i>	1	SIM	0,08
12	<i>ranking</i>	31	SIM	2,33
13	<i>replay</i>	1	SIM	0,08
14	<i>shaper</i>	1	NÃO	0,08
15	<i>slalom</i>	1	SIM	0,08
16	<i>squash</i>	1	SIM	0,08
17	<i>stock car</i>	1	SIM	0,08
18	<i>trekker</i>	1	NÃO	0,08
19	<i>trekking</i>	12	SIM	0,90
20	<i>wakeboarding</i>	1	NÃO	0,08
21	<i>windsurf</i>	1	SIM	0,08

Tabela 4. Anglicismos da área de negócios.

	NEGÓCIOS	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>bonds</i>	1	NÃO	0,08
2	<i>broker</i>	1	SIM	0,08
3	<i>business</i>	1	NÃO	0,08
4	<i>cash</i>	1	SIM	0,08
5	<i>CEO</i>	3	NÃO	0,23
6	<i>commodities</i>	2	SIM	0,15
7	<i>holding</i>	1	SIM	0,08
8	<i>marketing</i>	23	SIM	1,73
9	<i>MBA</i>	4	NÃO	0,30
10	<i>merchandising</i>	22	SIM	1,66
11	<i>royalties</i>	2	SIM	0,15
12	<i>staff</i>	1	SIM	0,08
13	<i>trade</i>	1	SIM	0,08

Tabela 5. Anglicismos da área de comida.

	COMIDA	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>bagel</i>	1	SIM	0,08
2	<i>cheesecake</i>	1	NÃO	0,08
3	<i>dark chocolate</i>	1	NÃO	0,08
4	<i>diet</i>	2	SIM	0,15
5	<i>donut</i>	2	NÃO	0,15
6	<i>fast-food</i>	5	SIM	0,38
7	<i>ketchup</i>	1	SIM	0,08
8	<i>light</i>	10	SIM	0,75
9	<i>milkshake</i>	1	SIM	0,08
10	<i>net carbs</i>	1	NÃO	0,08
11	<i>nugget</i>	2	NÃO	0,15
12	<i>trans free</i>	3	NÃO	0,23

Tabela 6. Anglicismos da área de entretenimento.

	ENTRETENIMENTO	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>best-seller</i>	12	SIM	0,90
2	<i>pay-per-view</i>	1	NÃO	0,08
3	<i>pub</i>	2	SIM	0,15
4	<i>reality show</i>	7	NÃO	0,53
5	<i>shopping /shoppings</i>	7	SIM	0,53
6	<i>shopping center</i>	3	SIM	0,23
7	<i>showbiz</i>	4	SIM	0,30
8	<i>show business</i>	1	SIM	0,08
9	<i>talk show</i>	2	SIM	0,15
10	<i>thriller</i>	7	SIM	0,53
11	<i>trailer</i>	2	SIM	0,15

Tabela 7. Anglicismos da área de transportes.

	TRANSPORTES (carro, avião, etc.)	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>airbag</i>	1	SIM	0,08
2	<i>cockpit</i>	1	SIM	0,08
3	<i>diesel</i>	4	SIM	0,30
4	<i>jumbo</i>	3	NÃO	0,23
5	<i>low fare</i>	3	NÃO	0,23
6	<i>off-road</i>	1	SIM	0,08
7	<i>snowmobile</i>	1	NÃO	0,08
8	<i>sport utilities</i>	1	NÃO	0,08
9	<i>SUV</i>	1	NÃO	0,08
10	<i>test-drive</i>	3	NÃO	0,23
11	<i>van</i>	1	SIM	0,08

Tabela 8. Anglicismos da área de moda.

	MODA	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>designer</i>	2	SIM	0,15
2	<i>fashion</i>	2	NÃO	0,15
3	<i>jeans</i>	15	SIM	1,13
4	<i>leggings</i>	1	SIM	0,08
5	<i>look</i>	1	SIM	0,08
6	<i>personal stylist</i>	5	NÃO	0,38
7	<i>plush</i>	1	SIM	0,08
8	<i>short/shorts</i>	2	SIM	0,15

Tabela 9. Anglicismos da área de saúde.

	SAÚDE	OCORRÊNCIAS	DICIONÁRIO	%
1	<i>aids</i>	32	SIM	2,41
2	<i>check-up</i>	3	SIM	0,23
3	<i>DNA</i>	2	SIM	0,15
4	<i>HIV</i>	18	SIM	1,35
5	<i>SARS</i>	4	NÃO	0,30
6	<i>stress</i>	33	SIM	2,48

ANEXO

ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (IPA)

